

EX LIBRIS



BORBA
MORAES

RUBENS BORBA
ALVES DE MORAES

W.



I. Barros Ferr. inv.

G. F. A. Quiroz Sculp. Lx.

ALMANAK
DAS
MUSAS,
OFFERECIDO
AO GENIO PORTUGUEZ.
PARTE I.



LISBOA: *Philipp*

Na Officina de FILIPPE JOZE DE FRANÇA,
ANNO M. DCC. XCIII.

Com licença da Real Meza da Commissão Geral, so-
bre o Exame, e Censura dos Livros.

*Nem sempre haõ de occupar serios cuidados
Da nossa vida os dias pressurozos
Hajaõ tambem prazeres misturados.*



ALMANAK DAS MUZAS. SONETO.



VERSOS, q' Amor, e q' a Razaõ dictára,
A ternos Vates, q' a Amizade unia,
Hede girar por onde livre gira
Prole, a q' a vida o prelo dilatára :

Crimina Apollo aquella Muza avara,
Q' enthezoirando os dons, q' elle lhe inspira,
O seu fogo vaãmente consummira,
Quando a luz recebida suffocára :

O Público vos chama, e vos espera,
Ah! naõ temais a lingua detraçlora,
Que mal diz o q' em fim naõ entendera :

Em amiga uniaõ sahi- embera,
E ensinai, a quem inda naõ soubera,
Como se ri de Amor, como se chora.

Lereno Selinuntino da Arcadia de Roma.



S O N E T O.

O Matutino Sol , claro , e formoso
Vem no accezo Horizonte despontandó ;
Mastiga o freyo aurifero escumando ,
E alegres rinchos dá Piróes fogoso.

As Estrellas no Téjo saúdofo ,
As luminosas frontes vão banhando ;
E estaõ as pardas terras rutilando ,
Co cristalino aljofar orvalhofo.

Cantaõ as brandas Aves ; os Pastores
Guiaõ as Ovelhinhás pelos prados ,
Que a primavera borda de mil flores.

Formosos olhos , olhos suspirados ,
A quem longe de vós morre de amores ,
Os mais alegres dias faõ pezados.

Euvindo Nunacriense.



S O N E T O.

N Aõ fuzpirada Marcia , naõ , naõ leias
Da trlfte Dona Ignez a infausta hiltória ,
Que de feus infortunios a memoria
Te hade o fangue gelar dentro das veias ;

Chamam por ella os troncos , e as areias ,
Só o maligno Amor cheio de gloria ,
Inda em fignal conserva da victoria
As tranças da infeliz de fangue cheias :

Ah ! linda Ignez , e aonde fe efcondia
Aos terniffimos ais , que eftavas dando ,
O teu Pedro , o teu bem que os naõ ouvia ?

Mas tu , formofa Marcia , eftás chorando ,
Se Ignez choraffe affim , quem poderia
Trafpaffar-lhe cruel , feo peito brando.

Eurizdo Nunaerlenfe.



S O N E T O.

A Mor , de Amores mil vi rodeado ,
 Q' o seu senhor armavam á porfia ,
 Qual a brilhante malha lhe vestia ,
 Qual lhe ajustava a espada de oiro ao lado :

Este o elmo de plumas variado ,
 Sobre os loiros cabellos lhe cingia :
 Aquelle a grossa lança lhe trazia ,
 Quem dá o escudo , quem o arnez pezado :

Chameja o rosto a Amor , a Ira , a Guerra
 Voam-lhe em torno : tremem de medrosos
 No Olimpo os Deozes , e os mortais na terra :

Fugi do seu furor , olhos formozos ,
 Que se o golpe Cupido hoje não erra ,
 Vingal-os ficarão tantos queixozos.

Eurindo Nonacriense.



S O N E T O .

T Irar Ignez ao mundo determina
 O velho Affonço de vingança armado ;
 E trez monstros crueis co'a morte ao lado ;
 Lá correm , lá se cumpre a ley ferua.

Da bella Ignez a face peregrina ,
 Eis como o Sol de nuvens affrontado ;
 Ou qual porque a ferio bicudo arado
 Debruça o collo a candida bonina.

Do auzente Espozo em vaõ soccorro implora :
 Os olhos lhe embaceya a Parca dura ;
 Foge carpindo Amor , que nelles mora.

E em Echo transformadas na espessura ,
 Costumaõ prantear ainda agora
 As Filhas do Mondego a morte escura.

*O primeiro , e ultimo Verso deste Soneto , são
 tirados de Camoës , por dois Autores.*



S O N E T O.

E Ntre as vagas azues do mar dourado ,
A Lacia terra Eneas demandava ,
Em quanto Elisa o peito atraveçava
C'ò lizo Teucro ferro affacallado.

Barbaro Esposo-, Esposo refalsado ,
Nadando em fangue a misera exclamava ,
Permitta de Neptuno a furia brava ,
Que expires entre as ondas affogado.

Disse : e de Jove a divinal conforte ,
Nas dolorosas preces attentanlo ,
Iris manda baixar da etherea corte.

Desce : corta-lhe à vida o fio brando ,
E eis o espirito vai nas mãos da morte
Pelas aureas abobedas voando.

*O primeiro , e ultimo Verso são da Cantata de
Garçaõ : por dois Autores.*



S O N E T O.

C Om a terna Amizade , Amor luçtava ,
Fóra a primeira vez , que vira a terra
Destes meigos Irmaõs a usada guerra ,
E affustada tremia , e vacillava :

Longa trança da Deosa ao ar ondeava
Entre o fendal , que defatado erra ,
E o véo fatal , que ao Nume os olhos cerra ,
Em pedaços ao vento volteava :

Desce dos Ceos fatidico Destino ;
Ouve da boca de ambos a verdade ;
Marfida os move a este defatino :

Decretou a infallivel Divindade ;
Parta-se o coração , de ambos he dino ;
Dê-se hũa parte a Amor , outra á Amizade.

Lereno. Selinuntino.



S O N E T O.

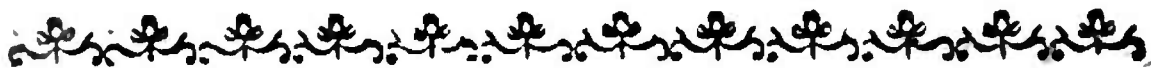
N Egras nocturnas aves agoiraram
Este funesto , mal fadado dia ;
Dia em q' a triste idade principia
De hũ triste , q' as Desgraças bafejaram :

Quanto ha de máu , em duros nós ataram
Atropos , Cloto , e Láchezis impia ,
Q' esta nodoza vida , estende , e fia
Para males , q' ainda não chegaram :

Tocou-me o berço a mão cruel , e dura
Da céga , e inconstante Potestade ,
Que enche meus pobres dias de amargura :

Magoas , disgoftos , marcam minha idade ;
Mas esqueceu á minha má Ventura ,
Tirar-me o refrigerio da amizade.

Leveno Selinuntino.



S O N E T O.

N Este Dia fatal , infausto Dia ,
Nascêo ao Mundo mais hũ desgraçado ;
E bem , que pelas Muzas embalado ,
Só para Melpoméne he que nascia ;

Quando a funesta aurora refurgia ,
O lucido caminho achou turbado ,
Negro vapor da terra aos Ceos alçado ,
Veio empecer-lhe a alegre louçania ;

Tres vezes trôa o Ceo , e do Coccyto
Soltou a Inveja as viperinas tranças ,
Soou da parte esquerda hũ rouco grito :

Ah ! nasceste infeliz , e em vaõ te canças ;
Lereno , já teu fado estava escrito ,
Seráõ teu maior bem vaãs esperanças.

Lereno Selinuntino.



SONETO.

Todos querem saber quem seja Arminda ,
 Por quem vivo gostoso , e satisfeito ;
 E por mais diligencias que tem feito ,
 Graças a Amor , que não se sabe ainda :

C'os seus cazos de amar talvez me brinda
 Pastor que de enganar tem uso , e geito ;
 E ferrana de gesto ao dolo affeito ,
 Finge que vio meu bem , jura que he linda :

Nos meus segredos cauteloso , e austero ,
 Sua industria illudir-me em vão forceja ,
 Q' Amor , só nisto , me não quer sincero :

Talvez piedade o meu segredo seja ;
 Eu não lhe mostro Arminda , que não quero ;
 Q' elles morram de Amor , ellas de inveja.

Lereno Selinuntino.



S O N E T O.

N ão vez , eruel , o Cedro corpolento ,
Q' a viçosa cerviz tem incurvado ?
Não he da natureza , he do cuidado
Com q' o sabio cultor o dobra attento :

Das agoas o continuo movimento ,
Mostrã o final de brando haver tornado ,
O penedo por onde vai callado ,
O vizinho ribeiro , claro , e lento :

Se a ti o pensamento ora levanto ,
Vejo que mais resistes , q' es mais dura ,
Q' o tronco , e a pedra que te daõ espanto :

Porque não faz na tua formosura ,
O incanfavel disvello , o terno pranto ,
Nem mais inclinaçaõ , nem mais brandura .

Leveno Selimuntino.



S O N E T O.

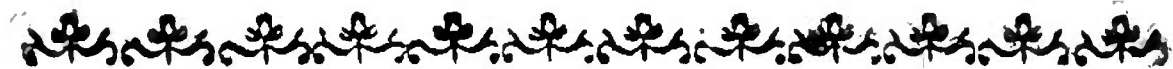
DE húa gruta no seio cavernozo ;
O fragil barco recolheo Lereno ,
E reclinado no arido terreno ,
O livre pescador dormio gostozo :

Amor , q' a ninguem pôde ver ditozo ;
Nem paz constante em animo sereno ,
Na uzada fôrma de hû rapaz pequeno ,
Vem offertar-lhe mimo cavilozo :

De Arminda a gentilissima figura
Lhe mostra , e diz : He tua , e tu naõ medes
Qual seja a que terás longa ventura :

Acorda alegre o pescador : já vedes ,
Que por sonhados bens da formozura ,
Deixa o certo descanso , o barco , as redes.

Lereno Selinunino.



S O N E T O.

SE eu vejo o forte , o impavido Thebano ,
Depois do Neméo bruto haver desfeito ,
E com a pelle ornar costas , e peito
Com gesto , e com valor além de humano ;

Os grilhões arrastar do Deos tiranno ,
A hũ terno mover de olhos ser fugeito ,
E em mulheril trabalho satisfeito
A ferrea clava desleichar ufano :

Se o que homens , e Feras tem domado
As amorozas fetas penetrantes ,
Taõ abatido o põe em tal estado :

Naõ ha que rezistir , pobres amantes ,
Porque contra o poder do Deos vencido ,
Nem d' Hercules as forças saõ bastantes.

Lucreo Selimmino.



S O N E T O.

A Cabana de Tirse , q'eu respeito ,
A'lem se vê , alli branqueja o marco ;
Eu quero ir vizita-la , aqui me embarco ,
Aqui aonde o Téjo he mais estreito :

A longa vara encoflo ao duro peito ,
Firmo a ponta na areia , empurro o barco ,
A quilha emperra no limoso charco ,
Nem se move por força , nem por geito :

Salto fóra ligeiro , e agora arrumo
O esquerdo hombro ao concavo costado ,
Mas em vaõ me affadigo , e me consumo :

Só chegando a maré se põe em nado ,
E deste proprio exemplo he q' eu rezumo ,
Que sem occasiaõ , tudo he baldado .

Lereno Selinuntino.



S O N E T O.

A Rde em raivas Diana , eu o conheço ;
Na accesa côr da face enfurecida ,
E he porq' eu lhe offereço a minha vida ,
Porq' hũ sincero coração lhe offereço :

Não duvida a cruel do q'eu padeço ;
Da minha paixão pura não duvida ,
Mas em orgulho fero assim nutrida ,
Julga o ama-la criminoso excessõ :

Se he inhumana , pois , se fêra , e dura ;
E cuida que se offende o seu respeito ,
Com hũa adoração sincera , e pura ;

Para ver o seu genio satisfeito ,
Castigue a sua mesma formosura ,
Castigue a causa , não castigue o effeito.

Lereno Salinuntino.



S O N E T O.

E Scurece-se o ar , trôa em redondo ;
Cintas de fogo o Horizonte esmaltam ,
Tortos coriscos d'entre as nuvens faltam ,
O raio os ares rasga em rouco estrondo :

Os ventos vão os troncos descompondo ,
As folhas cahem já , os fructos faltam ,
Os miseros Zagaes , se sobrefaltam
A destruida choça mal compondo :

Toda esta aldeã timida se assusta ;
Só Lerenó infeliz não se intimida
De ver da Morte alçada a mão robusta :

Q' a hñã alma de desgostos combatida ;
Muito más q' o morrer , muito mais custa
O pezo enorme da cançada vida.

Lerenó Selimantino.

S O-



S O N E T O.

MYrrhadas pernas, e myrrhados braços,
Tortas bocas, e esqualidas figuras,
Perdidas da belleza as cores puras,
Os olhos vivos se tornaram baços:

Já não póde reger aquelle os passos,
Esta não póde as mãos erguer seguras,
Assim vem a esquivar-se ás sepulturas,
Q' a Parca lhe mostrou entre ameaços:

Huns se banham, e os outros forvem a água,
Que parece aquecera o Deos ferreiro,
Entre o enxofre da Trinacria fragoa:

Julga pois, com tal vista, e com tal cheiro,
Que nojo, e dor, eu tenho, e por mais mágoa,
Suppõe-me sem faude, e sem dinheiro.

Leyeno Selinuntino.



S O N E T O .

E U vivo ainda , ó Inclyta Lisboa ,
Meus dias volve ainda o fatal fufo ,
E as horridas Irmaãs os tem escuso
A' thesoira fatal , que perto sóa.

A Idade , q'entre mil defastres vóa ,
Leva meus annos a hũ montaõ confuso ,
E em triste conta vai marcar por uso ,
Com branca pedra os dias q'amontôa :

Eu vivo ainda : o tempo em q' o Céu some
A conta dos meus dias , não tem marca ,
Ou enganou-se a forte com meu nome :

Nem comigo terá trabalho a Parca ;
Porque eu heide fnar-me ás maõs da Fome ,
Sem ter no Lethes com que pague a barca .

Leyreño Selizunino.



S O N E T O.

DE myrrhadas *Perpetuas* amarellas ,
Eu vi as *Parcas* coroar-se hñ dia ;
E a *Mangerona* fetida se via ,
Q'era a planta , que ornava o peito dellas :

Cada huma das horridas *Doncellas*
Lethal Cipreste em sua maõ trazia ,
De cuja rama , e *Murta* hñã tecia
Aos seus sequazes lugubres capellas :

Ornado de *Alecrim* , rasgava o vento
Ligeiro terno Amor gritando ,, acudo ,
,, A cantar desta planta o vencimento :

,, Reine em plana campina , ou Monte agudo ,
,, Pois no peito lhe deo sublime assento ,
,, A *Bella Marcia* , que he quem póde tudo.

Leveno Selinuntiro.

S O.



S O N E T O.

Basta de Amores , minha Musa , basta :
Naõ vez o Tempo como corre á pressa ,
E com gello marcando-me a cabeça ,
Loucos dias de amar de mim affasta :

Deixei o meu grilhaõ , já outro o arrasta ;
E á ferida a Razaõ sarar começa ;
He tempo que este fogo se arrefeça ,
Basta de Amores , minha Musa basta :

Mas naõ me prives das mimõsas flores ,
Com que a velhice desta lyra illudes ,
Quando emparelha á de louçaõs cantores :

Preciso agora mais , que tu me ajudes ;
Se eu deixo de cantar graças , e Amores ,
Subo mais alto , e vou cantar virtudes .

Leyeno Selinuntino.



AO ILL.^{mo} E EX.^{mo} SENHOR
M A R Q U E Z
DE CASTELLO MELHOR
No dia de seus annos.

S O N E T O.

No Dia , em que teus dias começaram ,
As myrrhadas campinas florecêram ,
As arvores os ramos estendêram ,
Novo gorgoeio as aves entoáram :

Manfos Zeñros livres passeáram ,
Os rijos Aquilões se recolhêram ,
As virtudes do Ceo em paz descêram ,
E o teu illustre berço bafejáram :

A's Parcas não se deo , como á mais gente ,
Urdir , tecer o fio á tua idade ,
Tomou a empreza a si Jove potente :

E unindo em ti dos teus a heroicidade ,
Em teu peito arranjou brando innocente ,
Para exemplo dos mais , a sã piedade.

Lorenzo Selimuntino

S O-



NO DIA DOS ANNOS
DA ILL.^{ma} E EX.^{ma} S.^{ra}
CONDEC,^a DE POMBEIRO.

S O N E T O.

C Ançada a natureza , ou preguiçosa ,
As suas perfeições nos escondia ,
E o que de antigas bellas se dizia ,
No Mundo era hũa historia fabulosa :

Eis que hũ dia se apresta gloriosa ,
A mostrar aos mortais quanto podia ;
Tu foste , sim tu és , Gentil Maria ,
Do seu poder a prova preciosa :

Co' as virtudes , co' as graças de mãs dadas ,
Em ti formou rarissima belleza ,
Que vence as outras tanto exageradas :

Mas qual será da Terra inda a pobreza ,
Se outras bellas não vem por ti moldadas ,
Q' o teu molde quebrou-o a Natutesa.

Leveno Selinuntino.

S O-



Ao mesmo assumpto.

S O N E T O.

E Nfeitam Graças a formosa trança ;
Aviva Amor o Gesto gracioso ,
E o casto pejo o torna mais formoso ,
Quando mais rozas sobre a neve lança.

Foste de Illustres Pais , doce esperança ;
E's a consolação do Illustre Esposo ;
A' linda Prole , exemplo precioso ,
E's dos servos fieis a segurança.

Aos Pais , ao Esposo , á Prole , aos servos dada
Foste , gentil Maria , concedida ,
A fazer tanta gente affortunada.

Ah ! seja a tua idade taõ cumprida ,
Q'em muitas gerações multiplicada ,
Seja lição da sua a tua vida.

Lereno Selimuntino.

S O.



S O N E T O.

C Ançado Pensamento , em paz me deixa
Respirar hum momento socegado ;
Affáz he tempo , em fim , que hum Desgraçado ,
Ponha termo ao seu pranto , á sua queixa.

Quando o frouxo Morféo' meus olhos feixa ,
Naõ perturbes meu somno desejado ,
Mostrando-me hum Rival affortunado ,
Que as armas contra mim cruel desfeixa.

Naõ sejas tu tambem meu Inimigo ,
Se he possivel , permite qu'eu ignore ,
Ou m'esqueça huma vez do meu perigo.

Mas ay de mim ! por mais que ao Ceo implore ,
O Ceo me nega em ti hum doce abrigo ,
E faz que eu sem cessar suspire , e chore.

Albano Ulisiponense.

S O.



S O N E T O .

EM triste som de funebre Elegia ,
Naõ he justo , meu bem , que a teus ouvidos ,
Meus Versos outra vez tornem sentidos ,
Inspirando cruel melancolia.

Assaz he hum motivo de alegria ,
Serem por ti meus Versos attendidos ,
Nem devem os meus lugubres gemidos ,
Perturbar nossa paz , nossa harmonia.

Qualquer que seja a dor qu' est' alma opprime ,
Alegre me verás , ver-me-has contente ;
Pois naõ debes pagar o alheio crime.

Já suffoco em meu Peito a magoa ingente ,
E quanto pelos Olhos a alma exprime ,
He lingoagem do amor que por ti sente.

Albano Ulisiponense.



S O N E T O.

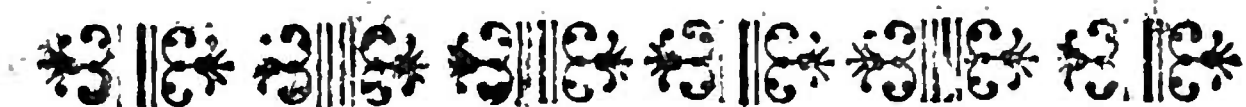
T Rez ramos de Cypó , Verbena , e Teixo ,
Eu ato nesta fita verde escuro ;
De Vibora , e Toupeira aqui misturo
As cinzas , e no Altar de Hecate as deixo.

Trez vezes abro os Olhos , trez os feixo ,
Em quanto faço o tacito conjuro ,
Agora exploro a serie do futuro ,
Por ver o termo ao mal de que eu me queixo.

Attendei-me Tartareas Divindades :
Serei acaso hum dia venturoso ?
Teraõ fim do meu bem as crueldades ?

Mas eis me diz Pressago pavoroso ,
Que por premio das minhas anciadades ,
Com Alcina virei a ser ditoso.

Albano Ulisiponense.



A minha gratidaõ , minha ternura.

S O N E T O.

A Hum leve aceno dos seus olhos bellos ,
Mil ternos corações Alcina rende ;
C'um brando movimento os ata , e prende
Na suave prizaõ dos seus cabellos.

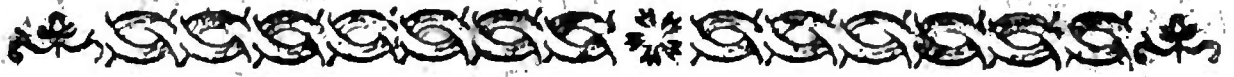
Ora accende no peito mil disvellos ,
Ora doce Esperança n'alma accende ;
Ninguem aos seus encantos se defende ,
Huma vez que chegou a conhecellos.

Tal he a graça , o garbo , a gentileza
Daquella que envergonha em formosura
A que Pariz fez ver maior belleza.

Se alguem crimina pois minha fe pura ,
Alcina veja , e diga se he fraquesa ,
„ A minha gratidaõ , minha ternura. „

Albano Uliſiporenſe.

S O-



S O N E T O.

Maldito seja o dia , e seja a hora ,
 Em que eu com distracção reprehensível ,
 Offendi o meu bem ; mas Ceos ! he crível ,
 Que eu pudesse offender a quem me adora ?

Naõ , meu bem , minh'amada , inda até agora
 Meus votos naõ quebrei , nem he possível ,
 Que de ti me esquecesse ; affáz visível
 He a chamma de Amor que me devora.

Se eu faltei por acaso á fé constante ;
 De que mil juramentos te fizera ,
 Perdoa-me , meu bem , por teu semblante.

Pois bem qu'ignore quando te offendera ,
 Chamar-me Réo , mais quero nest'istante ,
 Do que ver-te comigo tão severa.

Albano Ulisiponense.



S O N E T O.

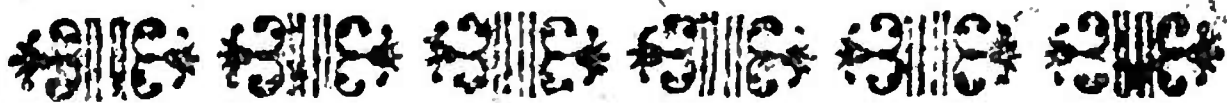
C Ançado d'esperar a luz do dia ,
Triste , e afflicto , meu bem , eu meditava ,
Taes cousas , minha idéia me pintava ,
Que o terno coração me consummia.

Em vão que tu me adoras eu dizia
A' minh'alma , que não o acreditava ;
E como que hum desastre m'esperava ,
Triste pranto nas faces me corria.

Chegou em fim a luz madrugadora ;
Eis ao prado sahinto , em breve instante
Saudei ancioso a rubra fresca Aurora.

Depois erguendo a voz altisonante ,
O teu Nome invoquei , minha Pastora ,
E jurei de te amar , e ser constante.

Albano Ulisiponense.



Eu tive a glória de beijar teu Nome.

SONETO.

NO tronco de huma liza faya ; hum dia
Teu Nome com destresa Amor gravava ;
E contente da obra que acabava ,
Sobre as letras , seus labjos imprimia.

Que velassem aly de Noute , e Dia ,
Aos Amores o Nume então mandava ,
E tirando os farpões da eburnea aljava ,
Entre elles por cautella os repartia.

Armada assim a Tropa voadora ,
Temendo que eu ao tronco então me affome ,
Pertendia expulsar-me d'aly fóra.

Manda Amor , que o meu Nome se me tome ,
Sou Albano , lhe disse , e sem demora ,
„ Eu tive a gloria de beijar teu Nome. „

Albano Ulyssiponense.

S O-



C'os olhos sempre fitos no regaço.

S O N E T O.

M Eu bem , que mal te fiz ? Porque motivo
Tu commigo não és , qual d'antes eras ?
Dize , que te fiz eu ? Faltéi ás véras
De hum terno amor , qual sabes excessivo ?

Se o teu génio não he agora esquivo ,
Porque foges de ouvir vozes sinceras ?
Ou tu com outrem ser feliz esperas ,
Ou canças-te de ver que alegre eu vivo.

Ay de mim infeliz ! se enternecer-te
Não sabem já meus ays , rompa-se o laço ,
Bem que falte o valor para perder-te.

Naõ queira o Ceo te eu sirva de embaraço ;
Pois mais do que morrer , me afflige o ver-te
„ C'os olhos sempre fitos no regaço. „

Albano Ulisiponense.

C

S O-



S O N E T O.

A O Reyno triste , onde naõ entra o Dia ,
Medonha habitaçaõ da cega Morte ,
O Tracio Orphea , d'Euridice conforte ,
Euridice buscando , em fim descia.

Ao brando som da vóz que ao ar erguia ,
Trifauce adormeceo , e em melhor sorte ,
Syzifo vio suspensa a penha forte ,
Vedados pomos , Tantalo comia.

Já cede á vóz o Nume furibundo :
E Euridice que morta aly baixára ,
De novo torna a vir á luz do Mundo.

Mas eis que Orphea olhando á Esposa chara ;
Se c'õ a vóz a tirou lá do profundo ,
C'õ a vista a sepultou d'onde a tirára.

Albano Ulisiponense.



A's ondas se lançou Ero formoza.

SONETO.

C Ançada d'esperar o terno Amante,
Ero infeliz ao Ceo se pranteava,
E como que o futuro adevinhava,
Aqui, e aly corria delirante.

D' Aurora em tanto a face radiante,
Nos mares pouco a pouco se espelhava;
E á frouxa luz, ao longe se avistava
Sobre elles hum Cadaver fluctuante.

A triste vacilava suspirando,
Nos braços da incerteza suspeitosa,
Athé que em fim se vai desenganando.

Então exasperada, e lacrimosa,
Do Charo Esposo os manes invocando,
„ A's ondas se lançou Ero formosa. „

Albano Ulisiponenſe.



S O N E T O.

SE a mente arrebatada aos Ceos levanto ,
E do Olimpo contemplo a immensidade ;
Se dos Astros observo a variedade ,
Que ora gosto me causaõ , ora espanto :

Entaõ louvando a maõ que poude tanto ;
Adoro a sacrosanta Magestade ;
E cheyo de respeito , e de humildade ,
Bem qual outro David , mil Hymnos canto.

Mas se olho para o mundo entre agonia ,
Eu choro o ver que a fragil natureza ,
Vai de mal a peor de dia em dia.

Geme o sabio nos braços da pobreza ;
Despreza-se a virtude , e em companhia
Da Ignorancia , e do Vicio , anda a riqueza.

Albano Ulisiponense.



Morrendo ás mãos cruentas da saudade.

SONETO.

L Isongeiras Imagens de alegria ,
Em torno da minh'alma revoavaõ ;
E ora os gostos futuros me mostravaõ ,
Ora aquelles que em paz eu possuia.

Após hum dia bom vinh'outro dia ;
Placidamente as horas se passavaõ ,
Nem palidos Receyos me turbavaõ ,
No silencio da Noute escura , e fria.

Mas duravel não foi tanta ventura ;
Amor , tiranno Amor , sem ter piedade ,
Funestou minha dita mal segura.

E por dar-me continua adversidade ,
Me faz gemer nos braços d'amargura ,
„ Morrendo ás mãos cruentas da saudade. „

Albano Ulisiponense.

S O-



Chegou tarde o remedio da ferida.

S O N E T O.

A Força de lutar co' a desventura ;
Ao termo incerto Albano em fim chegava ;
Reger os passos inda , em vaõ tentava ,
Nem seus olhos já viaõ a luz pura.

Marilia bella mais que as penhas dura ,
Por quem sem premio Albano suspirava ,
Ao ve-lo moribundo lhe bradava ,
Ou fosse compachãõ , ou já ternura.

„ Espera infausito Amante , eu te socorro ;
„ Se o meu rigor te acaba a infausta vida ,
„ A salvar-te da morte , ancioza corro. „

Eis Albano com voz interrompida ,
Assim lhe respondeo : Ingrata eu morro ,
„ Chegou tarde o remedio da ferida. „

Albano Uliſiponense.

S O-



Em dobrados grilhões preza , e segura.

S O N E T O .

HA^c no Averno hum lugar medonho, e horrendo^{(do,}
Só para os delinquentes destinado ;
Flagetonte aly corre abraçado ,
As flamivomas ondas revolvendo.

De hum lado as Furias trez em raiva ardendo,
As Serpes arrepeleão do toucado ;
Os Remorfos , e as larvas de outro lado,
Revoaõ negras azas debatendo.

Neste citio onde impera hum Deos proscripto,
De asperrima , e pesada catadura,
Medéa aos Céos , levanta inutil grito.

Foi Mãy cruel , injusta , féra , e dura ;
E por castigo está do seu delicto ,
„ Em dobrados grilhões , preza , e segura. „

Albano Ulisiponense.

S O .



Naõ foy só para mim , que o Céu fez isto.

S O N E T O .

Novamente , meu bem , a minha lyra ,
Confagrada á verdade , e á fingeleza ,
Eu me atrevo a pulsar ; tua belleza
He o assumpto brilhante que me inspira.

Mas primeiro , que as aureas cordas fira ;
Louvarei ao Author da natureza ,
Que taõ bella te fez , e á gentileza
Do corpo , alma sublime , e nobre unira.

Juntando em ti virtudes soberanas ,
Deo ao Mundo hum exemplo nunca visto ,
De novas graças , graças sobrehumanas.

E em te amar ó Alcina inda prefisto ?
Ah ! se tu minha idéya naõ me enganas ,
„ Naõ foy só para mim que o Ceo fez isto. „

Albano Ulisiponense.

S O-



Nas mãos de Amor , nos braços da Esperança.

S O N E T O .

Formosa Nynfa com fingido agrado ,
Mil vezes me jurou a fé mais pura ;
Porém , qual Sol d'Inverno que não dura ,
Assim o seu Amor foy eclipsado.

Da falcidade atroz dezenganoado ,
Chamei-lhe Ingrata , Perdida , Prejura ;
E jurei , que outra alguma formosura ,
Nunca mais roubaria o meu cuidado.

Foi meu protesto em vão , que a minha estrella
Invejosa de ver-me em tal bonança ,
Mostrou-me por meu damno Alcina bella.

Então varrendo as juras da lembrança ,
Entreguei-me de novo , e sem cautella ,
Nas mãos de Amor , nos braços da Esperança.

Albano Ulisiponense.

S O-



S O N E T O.

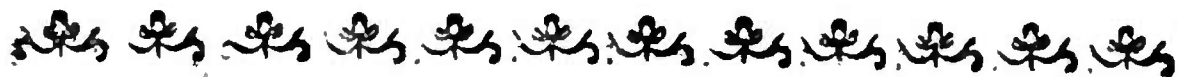
EM meyo estava a Noute , e a vez terceira ,
De hum Gallo negro o canto se escutava ,
Quando para os prestigios preparava
Diversas plantas , velha feiticeira.

- Trez vezes ao calor de huma fogueira ,
Trez viboras , fatidica tostava ;
E outras tantas comfigo marmurava
Misterios , invocando a stigie inteira.

Co' a esquerda maõ na Terra descrevendo
Trez circulos , trez vezes lhes cuspia ;
Eis surge da fogueira Espectro horrendo.

„ Propicio agouro ! a Maga entaõ dizia :
„ Albano que de Amor anda morrendo ,
„ Com Alcina vai ter doce alegria. „

Albano Ulisiponense.



S O N E T O.

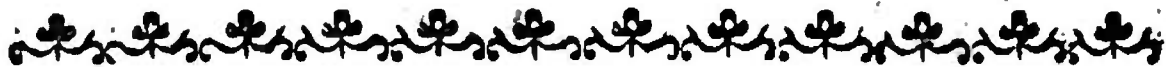
MEntes Lemano , a minha Celia amada ,
Naõ he quem julgas , tenho melhor gosto :
Contempla esta pintura mal traçada ,
Verás o engano , do que tens supposto.

Aureas madeixas tem , fronte nevada ,
Olhos escuros , agradavel rosto ;
Boca gentil de perolas orlada ,
Collo de leite , e purpura composto.

He grata , esperta , affavel , carinhoza ,
Meiga no gesto , no fallar fingella ;
Cheya de encantos , delicada , airoza .

Os signaes aqui tens da minha bella ;
Vê se a que dizes , para mim odioza ,
Pódes acazo comparar com ella.

Belmiro Transagano.



S O N E T O.

N Aõ te comprehendo , coração mavioso ;
Por Jônia ingrata , amante inda palpitas ?
Ao mesmo tempo , que fiel me gritas ,
Que horror lhe tenha para ser ditoso !

Se afrouxo os laços , a carpir faudoso ,
De novo a amala , com razões me excitas ;
Se m' inflammo em amor , todo te agitas ,
E avesso fim me auguras lacrimoso.

Ah ! do letargo em que te vez desperta ,
Olha que cego ao precipicio corres ;
Deixa a cruel , do jugo te liberta.

Mas que expiras me clamas ! bem discorres !
Em tudo , em tudo és meu : se a morte he certa ,
Morre adorando , que ditoso morres.

Belmiro Transtaganõ.

S O-



S O N E T O.

NO seyo desta fria sepultura,
Jaz Lelia , a linda Lelia sepultada ;
Em terra convertida , em pó , em nada ,
A graça , a descripção , a formosura.

Pelo braço cruel da Morte dura ,
Ao mundo em fresca idade foy roubada ;
E como era dos Ceos , aos Ceos levada ,
Foy entre Cherubins sua alma pura.

Ah ! se os meus eccos podem commover-te ,
Espirito feliz , no Olimpo santo ,
Onde entre os Anjos , Adonai quer ter-te ;

Põe termo ao pezar meu , porque entre tanto ,
Que a Deos não rogas , que me suba a ver-te ,
Este sepulchro regará meu pranto.

Belmiro Translagano.

S O.



S O N E T O.

T Into de sangue por brazaõ mostrava,
Cupido hum ferro, que nas maõs trazia,
Com que de Celia traspaffado havia
O peito esquivo, que a Fereza armava.

„ Este que illustra minha eburnea aljava,
Cravei na Ingrata „ para mim dizia;
E eu duvidozo da expressaõ que ouvia,
„ Como a feriste? Ao Nume perguntava.

Mas o Tiranno de affligir sedento,
Indo travellõ a figurat o tiro,
Sem dó me fere c'õ farpaõ cruento.

Foge-me d'alma a Celia hum vaõ suspiro;
E alegre o falço, de meu mal violento,
Eia „ me torna „ foy assim Belmiro.

Belmiro Translagano.



S O N E T O .

C Eos ! qu'implacavel horrida figura ,
Destas campinas , cruel posse toma ,
De enorme vulto , viperina coma
Faiscantes olhos , torva catadura !

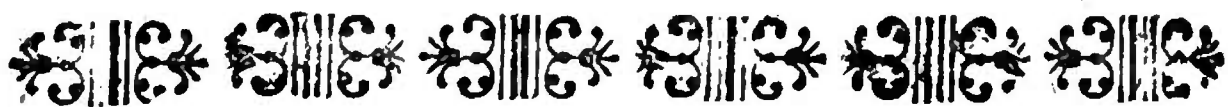
Ponte-agudo Punhal na maõ prejura ,
Goteando sangue , com terror lhe affoma ,
E em ferreo carro diras Furias doma ,
Prole cruenta lá da Estigie escura.

Ha a Discordia , que os Mortaes debella ;
Os passos segue da Illuzaõ ferina ,
E os Odios affannando nos flagella.

Mas eis lá desce em nuvem cristalina ,
Santa Verdade ; foge o Monstro ao vella ,
E aos nossos campos volve a Paz divina.

Belmiro Translagano.

S O-



S O N E T O.

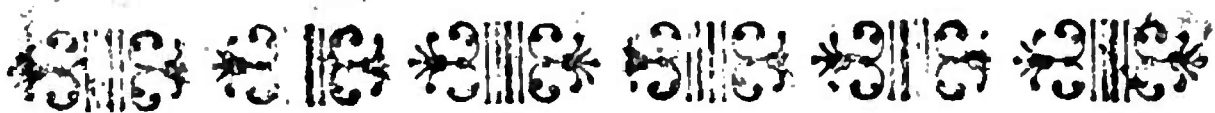
Quatro vezes na Ecliptica brilhante,
O Sol tem dado a circular carreira,
Depois que, linda Analia, a vez primeira
Vi teu rizonho, teu gentil semblante:

Desde taõ grato, venturoso instante,
Minh'alma de teus olhos prefiõeira,
Por influxo da forte lisõgeira,
Colheu premicias de teu peito amante.

Milhões de vezes por mercê do Fado,
Espertos Argos temos illudido;
E horas furtivas de prazer logrado.

O Céu nos chegue ao prazo appetecido,
De alegres ver-mos, que Hymineu sagrado,
Nos doura os laços, que tramou Cupido.

Belmiro Transagano.



M A D R I G A L.

I.
Deichei por falça Armania desdenhosa ;
 Amei Natercia dura ,
 Que foy tambem prejura ;
 Mas era mais qu'Armania em tudo linda :
 Depois Celia adorei , mais bella ainda ,
 Deixei-a por traidora :
 Marilis amo agora ,
 Que a todas na belleza se realça ;
 Porém se em falta della ,
 Heide ter para amar outra mais belia ,
 O Ceo premitta que me seja falça.

Belmir. Transf.

II.
Quando mais terno a Lilia idolatrava ,
 N'um dia em que o meu gado apascentava ,
 De repente vi mortas duas rezes ;
 Corvo sinistro ouvi grasnar trez vezes.
 No cypreste do rayo denegrado :
 Temi do fero agouro persuadido ,
 Ver fogo no Cazal , ronha no Gado ,
 Ou outro algum successo desgraçado :
 Porém não foi assim : Tive a ventura ,
 De achar Lilia cruel nos braços de outrem ,
 De ritar da lembrança huma Prejura.

D

Belm. Translag.

III.

F Avonios lisongeiros ;
 Qu'espalhais meus suspiros nestes vales ;
 Correi , correi ligeiros ,
 E á dura Jonia recontai meus males ;
 Dizei-lhe as crebras dores ,
 Qu'excitaõ na minh'alma seus rigores :
 Mas ah triste de mim ! vós illudidos
 Levais ás broncas penhas meus gemidos !
 Reparai que o meu bem , Jonia inclemente ,
 De pedra naõ he toda , tem de pedra ,
 O coraçãõ sómente.

Belmiro Transtaganõ.



D E.



DESAFOGO DO ESTRO.

J A' fatigado de forçar vãmente
 Aferrolhadas portas do Futuro ;
 Cançado de espreitar por varias fendas
 O que o Tempo por vir me tem guardado ;
 Surgir vejo o Phantasma do possível ,
 Q'ora se apouca , e ora se agiganta ,
 Sinto o pavor , que vai callando as veias ,
 E aqui me prende o sangue , alli o agita ;
 Ah ! quer de mim fugir minha alma affita :

Armania , Armania . : timido eu clamava ;
 E os soluços a rouca voz cortando ,
 Só arma , arma . . pelo ar soava ,
 E o Echo o triste som hia alongando :
 Não sei se mais me affusta a infeliz troca ;
 Que faz perder teu nome em minha boca :

Mas graças a Morfeo co'a plumbea vara
 O meu corpo tocou , e as dormideiras
 Espremeu nos meus olhos affustados :
 Cerraõ se frouxamente á luz do dia ,
 E afracando-me os pés , falhando o passo ,
 Já na terra baqueta o corpo lasso .

Outra vez a Morfêo as graças rendo ;
 Q'arranjando a revolta Phantasia ,
 Faz q'em torno de mim ledos risonhos ,
 Vnem alegres lisongeiros sonhos :
 Vem com elles em placida mistura ,
 Vivificas volucis esperanças :
 Qual me mostra a Abundancia bem de perto ;
 Q'a mão estende ; e sobremim entorna
 O seu torcido cofre , nunca exhausto ;
 Qual me faz ver q'ô meu merecimento
 (Quanto se álegra esta alma com tal vista)
 Cresce de dia em dia , e vai subindo
 A 'sombra do alto Trono , q' o escuda ,
 Aos raios que fulmina a ardente Inveja ,
 Ah seja embora assim , sempre assim seja .

Quem avalia a confuzão q' eu tive ;
 Ao ver ô lindo rosto da Ventura ;
 Na sonhada phantastica figura ?
 Armania , Armania ; viste-me risonho ;
 He q' eu vi a Fortunã , mas foi sonho .

Pareceo-me que o Têmplo sea me abria ;
 Que tu a elle mesmo me guavas ,
 Q' inclinando-se meiga , já me ouvia ,
 Q' á sua protecção tu me entregavas ;
 Q' a poderosa mão ella estendia ,
 E que de onde eu jazia , ella me alçava .
 Já quasi entrava as portas da Fortuna ,

Fis subito se ergueo vapor effuso ;
Para aqui vou errado , alli tropeço .

Por entre a nuvem adiante opposta ;
O Templo eu vejo , as portas vejo abertas ;
Lá vejo os bens , que para mim pedias ,
Não he longo o caminho , o altar he perto ,
Mas se Armania me deicha , eu não acerto .

Armania , Armania , aco-de-me : que monstro
De orelhas azininas , larga boca !
Não tem , não tem mais horridos latidos ,
O rouco ladrador das tres gargantas .
Cruel Maledicencia , assim se avança ,
Vomita em mim o infernal veneno ,
O' triste sorte do infeliz Lereño .

Porq' ajusta co' a lira alegres versos ,
Q' o louvor dos Heróes alcançam ás nuvens .
Ou com as graças entre as Ninfas brincam ,
He esta a culpa infanda , he este o crime :
Porq' o monstro cruel o morde , e opprime .

Não quero revolver alheios factos ;
Tu mesmo ó Portugal , tu por mim falla ;
Mostra o Grande Moniz junto ao teu berço ,
Fazendo na language inda grosseira ,
Rirem as graças , castas Musas rirem .
E salva a Guimaraes , que pre a palavra ,
Nã envolve o vil pó sua memoria ,
A fama canta ainda a sua gloria .

Dei

Deicha q' affome á Lusa Magestade,
 E os seculos passados desenvolva,
 Mostrarei maõ real, que teve o sceptro;
 E á lyra eburnea accommodou o plectro:
 Co' a arte de reinar mesclam esta arte,
 Providente Diniz, sabio Duarte.

Guardam as Musas os bastões, e as togas;
 De illustres Portuguezes, q' educáram,
 E ao Templo da Memória em fim leváram:
 Guardam-lhe as Mitras, guardam as Tiaras,
 E o devoto saial, e o burel tosco,
 E os hymnos, que do ermo ao Ceo subiram,
 Inda entre nós por sua gloria giram.

Cal-te ó monstro infiel, monstro malvado,
 Eu indigno não sou, sou desgraçado,
 Q' he isto? O' Ceos! desmaio: espectro novo!
 Gorro emplumado o rosto seu me occulta:
 Pende dos hombros remendada capa,
 Já com poucos botões prende o justilho,
 Ata-lhe velha fita as fofas calças,
 Rotos pantufos, mal ferzidas meias!
 Q' he isto? O sangue ferve-me nas veias.

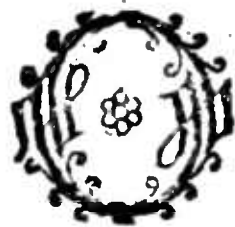
Huma espada, sobraça, longa, e larga,
 E pende-lhe á direita a aguda adarga:
 Pede em suja escudella o seu sustento,
 E em quanto espera a promettida esmolla,

Do

Do hirsuto peito tira , e desenrolla
 Grosso volume em que ateimado escreve ;
As armas , e os varões assignalados ,
 O' versos tristes , versos desgraçados :

Eis q' a triste visãõ desaparece ;
 Armania , Armania entendo a minha sorte :
 Mas naõ importe , Armania , naõ importe ,
 Nasci Poeta , em vaõ será cançar-te ,
 Soffro o meu Fado máu , nada mais peço ,
 Eu tiro hũ bem da minha desventura ,
 O Ceo modera , ao Ceo pois o agradeço.

Deo-me a arte divinal , a feliz arte ,
 De eternizar mortais , de eternizar-te ,
 E posso na Pieria companhia ,
 Salvar das mãos do Tempo o digno dia ,
 Que te deo hũa Irmã , tanto Irmã tua ,
 Vou segurar tua memoria , e a sua ,
 Morro vaidoso ainda ás mãos da fome ,
 Q' immortalizo os outros , e o meu nome.





DYTHIRAMBO

AOS ANNOS DE CASSIDRO.

DE meus Versos inclitos,
A falange harmonica,
Hoje escolto empavido ;
Tu Niseo benevolo
Lhe arma as dextras validas,
De mil settas fulgidas,
D'harmonia insolita ;
E o brilhante exercito,
Com vigosos pampanos,
Todo coroado,
Por mim commandado,
Acoffe,
Destrolle,
Flagelle,
Debelle,
Sobpée,
Golpée,
As catervas murcidas,
Dos mais versos infimos,
Qu' intentarem perfidos,
Com seus echos turbidos,
Profanar este dia aventurado,
Confagrado,
De Cassidro aos faustos annos.

De

Confundã-se, pasmem-se, abismem-se,
De ouvir-me os humanos.

Que prazer! Do licor espumoso
De Borgonha, do Rheno famoso,
Libarei tantos copos gostoso

Quantos annos conta
Casidro facundo,
Com pafnio do Mundo:
Evobe! Que suprema alegria
A minha seria,

Se agora Casidro mais annos tivera,
Que os annos pezados,
Que opprimiaõ os hombros cançados,
Do Filho de Chleri que em Pyli regêra.
Porque entã a vontade me enchêra
Do licor divino,
Que segrega d'alma
O Pezar ferino.

Eis amigo, começo a brindar-te.
Se as mãs da divofas
Da errante Ventura

Me naõ próvem de bens que offertar-te.
Mil saudades aceita famofas
Por brilhante gentil colgadura.

Licor coraio,
Naõ quero agora;
Venha deise alambreado,
Que dá gosto, que vigora
Os membros tremulos,
Que presta espiritos.

Que

Que aos frios animos
Dá novo ardor.

Evohe ! Que suave licor !
Tu não és mais grato Amor ;
Tu não tens maior doçura ,
Quando entre os braços
De Laura bella ,
Com forçosos doces laços ,
O meu peito unindo ao della ;
Me desfazes em ternura
O mavioso coração.

Mas que nuvem ligeira globosa
No seyo me enferra !
Eis me ergue da terra ;
Sobre o dorço dos ventos possantes
Thé á orbita de Herschel famosa,
E mais d' Hell as tres celicas plagas
Malezieu , LeuWenhoek
Qual de vós me empresta agora
Hum dos vossos claros vidros ,
Já que subo a etérea abobeda ,
Quero ver se o astro fulgido ,
Tem as fuscas tristes maculas ,
Que lhe achára o trefe Scheinero.
Se lhas vir , por Bacco o juro ,
Apago-lhas , tiro-lhas ,
Para mais brilhante , e puro
Este Dia illuminar.

Violencia não he , mil Soes diviso ;
Eis canjo além dos Orbes ;

Eis

Eis-teco a azul esfera :
Nuvem luzente
Hum pouco aspera ,
Deixa primeiro que engrinalde a frente
Da'rama frondente
Em que Cyllo danfante affamado ,
Foi na morte por Evio tornado.
Consente que este almude
De grata Malvasia ,
Eu beba hoje á saude
De tão ditoso dia ;
E que nas cordas de ouro
Da minha branda Lyra sonora
As virtudes entoe de Cassidro,
O' nuvem pressurosa ,
Aonde me puzeste ?
He este , dize , he este ?
Das esquivas Cytherides ,
O monte esplendido , celebre , ingreme ;
A quem de balde
Subir intentas
Mil enfunados vaidosos humanos
Onocrotalos de canto sinistro ,
Que misturar-se pertendem nos coros
Dos Cysnes caneros
Do manso Caystro ?
Ah quanto o Sagrado
Brizeu me protege !
Lá vejo sentado
De çafiras n'um Trono brilhante ,

O Nome que rege
A luci-rorante
Carroça do Dia.
Ao dextro lado
Tem coroado
De immarceçivel louro verdejante
Cassido facundo,
Que a tubi-sonante
Aurea Fama eterniza no mundo:
Ledas as Camenas
Cantaõ á porfia,
Gratas Cantilenas,
A seu ditoso, natalicio Dia.
O tu Caliope, Delfica, harmonica,
Sabia Nynfa que presides
Ao supremo grato Coro,
Das venustas Libethrides,
Manda calallas,
Manda deixallas
As brandas Lyras,
Os Alaudes,
Porque hoje arroga,
Abraçado no Bacchico fogo,
O prazer de cantar-lhe as virtudes.
Venhaõ dez, cem, trinta almudes
Do gageiro nectar louro
Que produz o patrio Doura.
Aureo sumo placido,
Que do peito gelido,
Do Britano altuto,
Do Belga versuto,

(61)

Degrada ,
Afera ,
Pesada ;
Severa ,
Malvada ;
Tristeza ,
Cruel.

É que a gente aquilina que piza
As Terras fecundas ,
Que o Dravo ameniza ,
As magoás espánca ;
É d'alma lhe arranca
Pelas azas tremulas

O palido , timido , atonito ,
Frio Susto arrepiado ,
Que lhe gera o macerado ;
Othomano perfido ,
Com falanges barbaras ,
Com perfidias horridas ;
Invazões terrificas.

Peian ! Que gloria meu Peito repassa !
Esta bojudá taça ,
Formosa , cristalina ,
Do Bacco apreciavel ,
De Lesbica Mithina ,
Bebo de hum gollo ;
Valdoso Apollo
Vem commigo competir ;
Que de ti me quero mi.

Sim

Sim , que hei de ver ,
Se eu a beber ,
Tu a cantar ,
Me hasde igualar.

Mil bens , mil graças chovas
Em ti famoso Dia ,
Já mais possaõ roubar tua alegria ,
Serrados nevoeiros ,
Glaciferos chuveiros.

Nunca do rouco troador Trovas ,
Oigas triste , e pavido ,
Ribombando o crepito ,
Nos rochedos concavos ,

Quando agoitadas por feróz tufaõ ,
Ruem as rotas , glomeradas nuvens ,
Vibrando contra a lamentosa terra ,
Tri-farpas settas de azulado fogo.

Mas que chusma aligera ,
De Meninos trefegos ,
Ante mim revôa ?

Hydra virolenta ,
Que affanhada com silvos melonhos ,
Investir-me intenta ,
Entre si presa trazem risinhos.

Ah bem vos conheço
Meninos traidores ,
Vos sois os Amores ,
Flagelo da gente :

Essa dira escamosa serpente ;
He a perdida niste Lembrança ,

Das traições, tirannias, rigores,
De Jônia prejura.

Xou pequenos voadores,
Nã venhaes neste almo Dia
Perturbar minha alegria.

Colhei mirtos, colhei flores,
Enlaçai verde capella,

E com ella,

Adornai a fronte linda

De Theorinda

Virtuosa,

De Cassidro cara Esposa.

Vai loução Ganimedes solcito,

Traze-me rapido

Da pingue Malaga,

O licor trimo,

Que preço, e estimo

Tanto,

Quanto,

Prêzo da minha encantadora Analia

Os beijos furtivos,

Os ternos agrados,

O rosto jocundo,

O genio amoroso,

Os olhos fulgentes,

Por quem sou no Mundo,

O mais venturoso,

Dos ternos viventes,

Que vivem a Amor.

Que lautissimo, doce licor!

Cem, trezentas formosas luzinhas
kouxas, verdes, cõr d'ouro, encarnadas,

Naõ vejo apressadas

Pelos ares dispersas vagando?

Eis os copos ligeiros dançando!

A casa de roda!

Thé a gente, que vejo anda toda,

Ora aqui, ora aly baqueando.

Oh Nicolyeu,

Quanto he potente,

O licor teu!

Só felizmente,

Eu lhe resisto!

Mas que fazes? Oh Numen! Que he isto?

N'altiva frente

Pões-me d'Hermes o alado Galero?

Commigo taes graças,

Epaño naõ quero.

Eis maligno outro danno me traças!

A cabeça dos hombros me tiras,

Aos ares ma levas,

E os Oibes mil vezes com ella regiras!

Se eu fora de Phorco,

A filha maletica,

Anguicomna rabida,

Que do horrivel Oreo

As entranhas defende severa,

A gente differa,

Que tu Balthieu,

Eras o louco , atrevido Perseo:

E bem feito este aleive seria ,

Já que fazes de mim zombaria:

Mas Numen preverfo ;

Se não me consentes ;

Encher o Universo

De affombro , d' espanto ,

Co' as vozes cadentes ,

De meu ledo canto ,

Ao menos Oreo

Como deste afflicções inclemente ,

Co'as tiranicas rabidas Tyades

Ao sacrilego sobrio Phanthéo ,

Castiga ,

Fustiga.

C'ó Thyrsó frondente.

A todo o vivente ,

Qu' intente

Depois de eu callado ,

Sem respeito a meu estro sagrado ,

Os famigeros annos ditosos

De Callidro também decantar.

Se este gosso me cumpríres

E a cabeça orbi-vagante

Outra vez me reçarçires ,

Com vermelho ledo rosto ,

Juro ao Ceo , ao Ceo brilhante

De fazer-te a honra , o gosso

De o teu nome celebrar.

Belmiro Translagano.

E

IDY.



IDYLIO MAGICO.

N Um bosque tenebroso emmaranhado ;
O terno moço Elvandro se envolvia ,
D'implacaveis ciumes flagelado.

Nas penugentas faces lhe corria ;
Pela falça Nicéa , amargo pranto ,
Que de ouvillo gemer , vaidosa ria.

Da Noute horrivel o medonho maato
Enchia a terra de temor profundo ;
De Aves synistras se escutava o canto.

Bramia o rouco vento furibundo ,
Do poente o Ceo nublozo fufilava ,
De grossa nevoa se cobria o mundo.

Entaõ medroso o terno Elvandro , entrava
Por humra triste lobrega caverna ,
Onde o Mago Fascino se alvergava.

Frouxo claraõ de funebre lucerna ,
Globos , ervas , reptiz lhe descobria ;
Instrumentos da magica superna.

Ba-

Banhado em pranto, cheyo de agonia,
Aos pés do Pytoniso macilento,
O triste a causa do seu mal dizia.

Torcendo os olhos o escutava attento
O sombrio agoureiro, e lhe affirmava,
Que fim teria seu cruel tormento.

Do sinuoso alvergue se apartava,
E d'alva Trivia ás luzes duvidosas,
Comfigo altos misterios recordava.

No entanto Espectros, larvas espantosas,
Negros Lemures, fogo respirando,
Surgem das seccas moitas pavorosas.

Vóz não reçoã, poê-se o vento brando;
Vai pouco e pouco á vasta ferrania,
Hum profundo silencio adormentando,
E o Mago desta sorte principia.

Com esta vara de cervino trevo,
Cortada à meya noute em minguante,
Trez circulos concentricos descrevo,
Déz tangentes lhes tiro, huma secante:
Onze vezes agora encarar devo,
Da fria Lua o palido semblante,
Com vivas preces, oblações misturo,
Triforme Deosa, attente ao meu conjuro.

De novo ás Féras deste bosque amento ;
 De venenos lethaes componho hum misto ;
 A terra firo , cruzo o firmamento ,
 E d'alva Pomba o coração registo :
 Dou vista ao velho lobo turbulento ,
 Que depois que o ceguei , tem Phebo visto ,
 Dez vezes hum coluro , e outro coluro :
 Triforme Deosa attende ao meu conjuro.

Eu pude á força das palavras minhas ,
 Matar a velha feiticeira Ecata ,
 Que ás gargalhadas entre accezas pinhas ,
 Cruzava os rios , convertida em Pata ;
 E a vesga Brucha Gorla , que ás velinhas
 Os tenros Filhos enfarilha , e mata ,
 Dei vida , revoquei do Averno escuro :
 Triforme Deosa , attende ao meu conjuro.

Possa também meu filtro poderoso ,
 Roubar hoje a Nicéa , Gil dos braços ,
 E entre elles pôr Elvandro desditoso ,
 Que illesos beija seus amantes laços :
 A's Deidades do Reyno pantanoso ,
 Assustem meus encantos , e ameaços ;
 Tremam Thetis no mar , nos Ceos Anxuro :
 Triforme Deosa , attende ao meu conjuro.

Depois que abraço a myrrha em cinco lumes ;
Sobre o sino-famaõ descripto ás canhas ,
Nesta sitale o ferro de trez gumes ,
Trez vezes cravo , e tiro-lhe as entranhas :
Desfeitos sejaõ teus crueis ciumes ,
Como no fogo lhe desfaço as banhas ;
Ditoso vejas teu amor futuro :
Triforme Deosa , attende ao meu conjuro.

Bem como esta Betilia encantadora
Pula aos ares , e cahe no chaõ tremendo ,
Pule , e tremã no peito da traidora ,
O falço coração d'ancias morrendo :
O ramo do verbasco accendo agora
Na pedra Apfitos , e igualmente accendo
Entre os dous , mil discordias , odio puro :
Triforme Deosa , attende ao meu conjuro.

Agora envolvo o peçonhento sapo ,
Na barba negra do Lidroso Bode ;
Tapo-lhe os olhos , e á Tiranna os tapo ;
Já Nicéa cruel , ver Gil não póte :
Sequei , mohi do branco Mochó o papo ,
Eis os póz , tu por cima lhos saccode ;
Tal filtro abrandá o coração mais duro :
Triforme Deosa , attende ao meu conjuro.

Affim

Assim como dissipa o subtil vento
O fumo do Zacoum, que estou queimando,
Se dissipe á cruel do pensamento
Do teu competidor o aspecto brando :
Retorfo (que assim ambos atormento)
Da Ursa a cauda , que arranquei fitando
O olho esquerdo no chuvoso Arturo :
Triforme Deosa , attende ao meu conjuro.

Trez folhas de Serpol nas mãos estallo,
Tu estallá outras tantas de Amoreira ,
Antes que o negro espantadiço Gallo ,
Bata as azas , e cante a vez treceira :
Dize agora : De mil saudades rallo ,
Nicéa esquiva ; e ralla esta Toupeira ,
Que pelo esquerdo pé , ná mão seguro ;
Triforme Deosa , attende ao meu conjuro.

Do bicudo Toucan , da verde Rella ,
Que abrazei com enxofre , as cinzas lanço
Na cabeça da Vibora amarrella ,
E em cima aqui lhe esmago este licranço ;
Veneficio taõ forte , á Nynfa bella ,
Que he taõ falça , e que rouba o teu descanso ,
Fará de cera o coração prejuro :
Triforme Deosa , attende ao meu conjuro.

O Phelonio , a Mandragora , o Dictamo ;
 Queima em cima do feto com sementes ;
 E em quanto a chamma ondea , piza o ramo
 Co'esquerdo pé descalço da Nepentes :
 Por mim , dize , de amor arda quem amo ,
 Pizar possa afflicções , zellos ardentes ;
 Em quanto eu certas orações murmuro :
 Triforme Deosa , attende ao meu conjuro.

Neste olho meio azul de branco Touro ,
 Na conjunção de Aldebaran tirado ,
 C'os dentes crava o páu do funxo louro
 N'agua do Merrha , e do Silon banhado :
 Se o vires botar lume , he fausto o agouro. . .
 Mas eis s'inflamma ; foy propicio o Fado ,
 Nicéa he só teu hem , fica seguro :
 Trina Deosa , attendeste ao meu prejuuro.

Callou-se o velho augure , e pressuroso ;
 Na esquerda o lituo vezes trez erguendo ,
 Mil prestigios explora jubiloso.

Trouu terrivel hum Trovaõ tremendo ;
 E presa d'improviso em doces laços ,
 Se vê Nicéa votos mil fazendo ,
 Do terno Elvandro nos ditosos braços.

Belmiro Transtago.



O DESPRESO PUNIDO.

NO mel do Hyméto , e na Accidalia fonte ,
Plumosa , setta de dourado gume ,
Amor banhava ;
Depois as azas pressuroso abrindo ,
Os ares fende ;
A traz deixando , luminoso sulco ,
Bem qual accezo , orbicular cometa ,
Que a cauda alonga.

Cantando alegre , dirigia o voo
A' pobre Al dea , e á cabana pobre
De Tirce bella :
Em paz a Nynfa , dormitando estava ,
De susto alheya ;
A trança de ouro lhe descia ao collo ;
No curvo braço recostada tinha ,
A nivea fronte.

Baixando á terra , lisongeiro pára
Aos pés de Tirce , o vencedor dos Numes ,
E o arco atteza :

A farpa de Ouro , e'um sorriso grato ,
D'aljava tira ;

E qual acerta , Caçador perito ,
Assim no esquivo alabastirino Peito,
Amor lhe acerta.

Acorda a Nynfa , ao trespassar do ferro ;
O quente sangue em borbotões surgindo ,
Lhe tinge o seyo :

Hum ay sentido , o coração rasgado ,
Ancioso exala ;

Pelo ar se crusaõ , dolorosos gritos ;
E o pranto amargo , que dos olhos verte ,
Lhe alaga o rosto.

A vóz soltando , em lastimosa queixa ,
Prorrompe afflicta , contra Amor tiranno ,
Que assim a fere :

Vingança pede ; mas o Ceo não ouve ,
A vóz magoada ;

E apennas Echo , solitaria , e triste ,
No fundo seyo , do vesinho Bosque ,
Os ays repete.

Amor que o estrago , do seu golpe observa ,
E tem segura , a desdenhosa Nynfa ,
Assim lhe falla :

„ E's tu aquella , que insultou meu nome ,
„ E de mim ria ?

„ Por-

(74)

„ Porque não zombas , como já fizeste ?
„ Sou eu agora , mais cruel , ou forte ?
„ Sou outro Nume ?

„ Ah! tens o premio do fallar soberbo ;
„ Ah! tens o fructo , da izenção passada ;
„ Agora geme. „

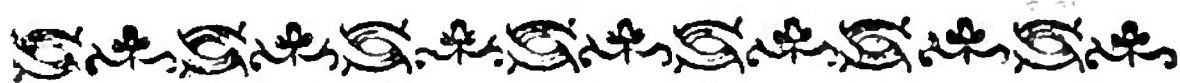
Então cortando , novamente os ares ,
A terra deixa ;

E á selva Idalia , donde a Mãe o espera ;
Chegando ledo , lhe narrou gostoso ,
O seu triumpho.

Albano Ulisiponense.



ODE



ODE SAFICA.

EM quanto o espaço dos desertos ares ,
Triforme Deosa , de argentino rosto ,
Seguindo a larga orbicular carreira ,
Placida mede :

Nas leves azas do desejo accezo ,
A mente elevo , e deregindo o voo ,
A' portã chego da engraçada Armania
Candida , e bella .

Eis entro , e observo o Divinal Semblante ,
Por quem no peito o coração palpita ;
O quente sangue , nas roucheadas vevas ,
Fervido pula .

He ella , he ella , naõ me illude a mente ;
Os garços olhos , o meneio airoso ,
Ah saõ de Armania , que sorrindo mostra
Perollas raras .

Eburneo collo d'esfremada alvura ,
Eu vejo , eu vejo ; quanto ao Jaspe excede ?
Té Cypria mesmo , de tal ver sentira
Rabida inveja .

Naõ

Não he mais linda . a desgrenhada Aurora ;
Nem mais brilhante , o luminoso Nume ,
Que lá do Ethereo , sobre o Mundo espalha
Nitidos rayos.

Valor ; Albano , que opportuno o tempo ;
A mil prazeres , te convida agora ;
Ah ! vê , que os breves momentaneos gostos ,
Rapidos fogem.

A' Nynfa chega , por quem tu suspiras ,
Jura-lhe eterna , sem igual constancia ;
E a face , e o collo , onde as Graças brincaõ
Sofrego beija.

Mas Ceos , que sinto ? Quem me atalha os passos ?
Gelado fusto pelas veyas corre ;
Medonhas Larvas entre os olhos tenho ;
Pavido fujo.

Eis negro bando de cruéis remorsos ,
Batendo as negras penugentas azas ,
Lá do enlutado , pavoroso , e triste ,
Baratro surge.

A mim se chega , o coração me aperta ;
E nelle entorna , abraçador veneno ;
Já sinto as ancias da vesinha morte ,
Misero Albano !

Per-

Perdoa Armania , o meditado insulto ;
Profana boca , de hum mortal indigno ,
Tocar não deve divinaes thesouros ,
Pudicos sacros.

Amor , que o terno coração me opprime ,
He quem motiva os dilirantes erros ,
Em que eu cahira , e de que afflicto vorto
Lagrimas tristes.

Mas se a tua alma , compassiva , e bella ,
Piedade sente , de quem geme afflicto ,
Ah não me negues o perdão qu'imploro
Supplice , humilde.

Albano Uliſſonense.





De Jacindo Ulisiponense , a Belmiro Transtagano.

O D E.

N Em sempre no soberbo Capitolio
Jaz a forte amarrada.
Mil boídos punhaes , subito brilhaõ :
Os atonitos Jafes
Alaga de vermelhas espadanas
O Vencedor de Roma.
No meio dos festins , das lautas mesas ,
Das travessas Licores
Sopra a fatal Discordia a rouca tuba.
C'os despidos Escravos
Solitarios sertões affouto rasga
Macilento Mineiro ;
Morre na fetta de buçal Tapuia.
Vara na ignota praya
Descuidado baixel ; surgem na arêa
Despedaçados Nautas.
A rapida torrente da Disgraça
Torres , e Colmos forve.
De atilados projectos a memoria
Boya nas pardas ondas.
Em potentes columnas bronzeadas
Sabio illustre Belmiro

Teus

Teus Versos immortaes circum-luzentes
Triunfando resistem.

Rangendo em vaõ raivoso o rijo dente
O Zoilo descorado.

Dos Corinthios Padres longe serpeã :
Batendo as fuscas azas

Silva-lhe em torno matador ciume ,
Estrepitosa Inveja ;

Pululantes freneticãs falanges
De Odios insanos rege.

Qual por mortas lagoas ermas balsas
Com enfiado rosto

Etra bramindo o temerario Orestes :
Assanhados Espectros

Rebeldes Furias ululando o seguem.
Assim , assim o Monstro

Ante o torvo esquadrão grasnando vaga
Chimericã victoria.

Eis rompendo as esferas luminosas
D'auri-azulada nuvem ,

O burnido pavez no ar fuzilla
Da guerreira Minerva.

Ao claraõ do metal espavorida
A reprobã canalha

Em confuso tropel ondeãdo corre ;
E no dormente rio ,

Com sonoro ruido resvalando
Sepultada blasfema.

Nos bi-plumes Frizões da Fama vòa
Teu nome á eternidade.



A O N A S C I M E N T O
D O E X.º S E N H O R
D. LUIZ MARIA RITA JOSE
LOURENÇO DE CASTELLO BRANCO
VASCONCELLOS E SOUSA.

O D E S A F I C A .

O Tu que em ocio , vergonhoso passas ;
As longas horas , dos inuteis dias ,
Disperta ó Musa , e pressurosa entôa ,
Saficos Versos.

O eburneo Plectro , sobre as aureas cordas ;
Mil sons lhe tire , concertados brandos ;
A voz se eleve , á regiaõ que habita ,
Fulgido Nume.

Fu finto , eis finto , arrebatat-se a mente ;
Já pizo a estrada , que conduz ao Pindo ;
E os ramos celno , do virente . eterno ,
Delico arbusto.

Com elles orno a desgrenhada fronte ;
E a cava Lyra ; que afinára Delio ,
Pulçando affouto , louvar quero o tenro ,
Inclito Infante.

Comtigo fallo , singular vergontea ,
Do tronco illustre , de Castellos-brancos ;
Que tens de Soufas , Vaseoncellos , Cunhas ,
Limpido sangue.

Escuta as vozes , de hum Pastor sincero ,
Que humilde canta , o venturoso instante ;
Em que tu viste , pela vez primeira ,
Nitida Aurora.

Mas ah que observo ! Teus Avós preclaros
As frias campas , dos sepulcros abrem ;
Vem ver o Filho de seus grandes Netos
Inclitos Condes.

Vem entre a turma , dos Herões famosos
O grande , o sabio , *Ment Rodrigues* forte ;
He Vaseoncellos , que deixou no Mundo
Celebre Nome.

Hum vio do fero , Adamastor a fronte ,
E sulca os Mares , que descobre o Gama
Vence outro onfado , no furor da Guerra
Belicos Póvos.

Taes saõ aquelles de quem tu descendes ;
Heróes , que ainda nos annaes da Fama ,
Conseruaõ pura , alti-senante , e digna
Posthuma gloria.

Concelho , e exemplo , teus Avós vem dar-te ;
He este o livro , que aprender , tu deves ;
Senhor , folhêa bem attento as aureas
Paginas suas.

E quando o exemplo dos Avós naõ baste ,
O Pay te ensine a desprezar o Mundo ;
A ser honrado , servir bem a Patria
Candido , e Justo.

Albano Ulisiponense.



E L E .



E L E G I A .

CRuel , que te fiz eu ? Que horrendo crime
Commetti contra ti ? Haver-te amado ?
Inda mal que a pachaõ tanto me opprime.

Se provas evidentes não te hey dado ,
Meu rosto observa bem , veráz qual seja
O fogo que as entrenhas tem queimado.

E he possível cruel , que hoje eu te veja
Afastar-te de mim , fugir de ouvir-me !
Já minha companhia te he sobeja ?

Dize , dize se gostas de affligir-me
Ou se tens outro amor : Ah por piedade ;
Mais tempo não pertendas illudir-me.

Se eu te sou odioso , he crueldade
Não me dares hum triste desengano ;
Que sendo dado a tempo , doe metade!

De huma vez da lembrança risea Albano ;
Esquece-te do Nome de hum vivente ,
Que te vio , que te amou para seu danna.

Se ó teu peito cruel já não consente ,
Que eu seja qual thé gora afortunado ;
Esquece-te de Albano descontente.

O Cebó que te formou , terá cuidado
De te dar hum Amante mais ditoso ,
Mais digno do que eu fou de ser amado.

Naõ nasci para ti , será forçoso
Que de ti me separe , e que á terrura
Ponha hum freyo pesado , e rigoroso.

Mas cruel para que , dize prejura ,
Meus votos aceitaste a vez primeira ,
Em que de Amor te fiz tetna pintura ?

Querias ver minh'alma prifioneira ?
Fartastes á vontade ; e agora Ingrata
Desprezas minha fé constante , e inteira ?

Voraz tempo , que tudo disbaratá ,
Naõ quebrou os meus laços amorosos ;
Tua maõ que os formou he que os desfata.

Breves dias de paz , dias gostosos ,
Vi apenas rayar ; eis negro manto
Da tristeza os tornou dias penosos.

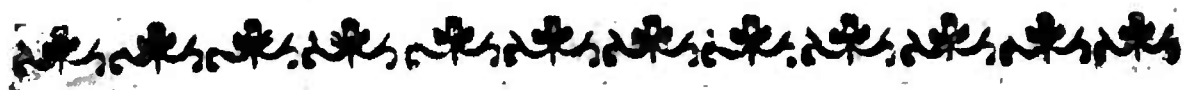
Acabou-se a illusaõ , deo fim o encanto ;
E em premio sou , do terno amor que sinto ,
Condemnado por ti a amargo pranto.

Os males que me esperaõ naõ te pinto
Por te naõ affligir ; mas se hum instante
Acreditas cruel , que eu te naõ minto ,
Sabe , que eu vou morrer , e morro amante.

Albano Uliſſonenſe.



CAN.



CANÇÃO NETA.

N As azas librado
O cego Cupido
Voava ligeiro
Ao Templo de Gnido.

Na espadua pendente
A aljava trazia ;
E o arco trocido
Na dextra se via.

Ao Templo chegando
Convoca os Amores ,
E diz-lhe que entoem
De Alcina os louvores.

Eis soltaõ as vozes
Os ledos frexeiros :
E todos se apressaõ
Por ser os primeiros.

Amor que isto observa
Benigno os separa ;
E hum coro , e outro coro ,
De Amores prepara.

Começa o primeiro
Louvando os cabellos ;
Faz o outro a pintura
Dos seus olhos bellos.

Hum louva das faces
O fogo , e a brancura ;
E o outro do collo
A nivea mistura,

Aquelle no corpo
Mil graças descobre ;
Diz este que a anima
Espirito nobre.

Assim á profia
Gostosos cantavaõ ;
E os dotes de Alcina
Cantando louvavaõ.

O Nume contente
De ouvir taes louvores ,
Pagou c'um sorriso
Aos ternos Cantores.

Depois escrevendo
O nome de Alcina ,
Mandou que o levassem
A^c bella Erycina.

A Mãe vendo o nome
Da linda Pastora
D'Inveja incendida
As faces colora.

Mas dentro em seu peito
Callando o que sente,
Mostrou que de vê-lo
Ficava contente.

E para que o Filho
Depois o soubesse,
No Altar pôs o nome,
Que tanto merecc.

Eis manda que Infensos
Nas aras lhe accendaõ,
E que as niveas Pombas
Ao carro lhe prendaõ.

Pntaõ meneando
As redeas mimosas,
Os Brutos fustiga
Co' açoute de Rosas.

Chegando á Cabana
De Albano amoroso,
,, Acorda; lhe diz,
,, Pastor venturoso,

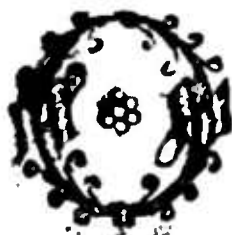
„ O Nume potente
„ A quem tens servido ,
„ Quer hoje pagar-te
„ O que tens soffrido.

„ Conhece que adoras
„ A candida Alcina ,
„ E para ser tua
„ Hoje elle a destina.

„ Tu pôdes amalla ,
„ Pois tens , eu to juro ,
„ Propicio meu Filho ;
„ Ah ! vive seguro. „

Callou , e sobindo
A Esfera azulada ,
Voou de Cythera
A fresca morada.

Albano Ulisiponense.





O TEMPLO DE GNIDO,

DA molle cama de rosas
O frouxo Morfeo se erguia ,
E dos cem Filhos cercado ,
Sobre los Humanos descia.

Eu minha Analia tiranna ;
Pensando nos teus rigores ,
Pranteava a disventura
Dos meus infaustos amores.

Eis que hum aligero sonho
Em torno de mim voava ,
E das lethargicas flores
Minha frente coroava.

Logo junto de mim vejo
Hum tenro Menino alado ,
Em cujo lindo semblante
Brilhava hum risinho agrado.

Puchando por mim , diz ledo:
„ Eia mortal vem commigo ,
„ Vem ver Analia , qu'intento
„ Ser brando hum hora comtigo.,,

Plumosas azas me presta
Ambos os ares cortámos ;
Tão leves , que aos leves ventos
A pós vencidos deixámos.

Sobre a magestosa Gnido
Nosso vôo suspendemos ;
E ás faldas de hum fresco monte
Com brando adejo descemos.

Crespa murta , Paphias rosas
Toda a terra tapizavaõ ,
Por entre as quaes serpeando
Manfãs agoas murmuravaõ.

Nisto o meu guia se occulta ,
Dizendo-me ,, Eis de Accidalia
,, O sacro monte , aqui pódes
,, Ver meiga contigo Analia. ,,

Logo subo á fresca cima ,
Nella erigido contemplo ,
Topetando co'as esferas
Da Deosa o Sagrado Templo.

Corintias altas columnas ,
A faxada guarneciaõ ;
Em grossos quicios fulgentes
Eburneas portas gemiaõ.

Chego ao atrio sumptuoso ,
E apenas os lares pizo ,
Da magestade que vejo
Assombrado me deviso.

Fulvo metal reluzia
Nos soberbos alizares ;
De gemmas se adereçavaõ
Os thuricremos Altares.

Pelas douradas paredes
Em quadros d'alta memoria ,
Da Deosa se contemplava
Toda a lifongeira historia.

Nos Phrigios Campos se via
Meigo o semblante formoso ,
Nos braços terna apertando
O Pay do Teucro piedoso.

N'outro quadro ao tenro Adonis
Sobre seu collo amimava ;
E as roseas faces imberbes
Com vivo ardor lhe beijava.

Em torno os meigos prazeres
Voar se viaõ gostosos ,
E os Zefiros entre os ramos
Suspirarem d'invejosos.

Em fertil gramineo monte ,
Que ao fresco Tempe excedia ;
Manso gado pastorando
D' Hecuba o Filho se via.

Alli a bella Dione
As nuas carnes mostrava ;
E na belleza vencidas
As outras Deosas deixava.

Notava-se o aureo pommo
Da torva Discordia fera ,
Que em troca d'altos amorés
O Pastor d'Ida lhe déra.

Mil cousas contemplo , menos
As redes de subtil arte,
Com que o zellozo Vulcano
Preza a tivera com Marte.

Junto ao Portico soberbo
Devifo hum Menino alado ,
N'um Trono de ouro , e brilhantes
De arco , e de settas armado.

Cultos lhe dou reverente ;
Quando esta voz me estrenece ;
„ Não he Amor o que adoras
„ He o sagaz Interesse. „

Então reflecto por vello
Tanto ao Numen parecido,
Quantas vezes me haveria
Com seu aspecto illudido.

No topo do regio alcaçar
Vejo hum altar magestoso,
Sobre trez degrãos soberbos
De Assyrio marfim lustroso.

Aureo docel recamado
De Perollas Indianas,
Preso com festões de flores
Tolda as aras soberanas.

No relevo das molduras
Que o rico Trono cercavaõ,
Mil fulgurantes Pyrópos
Mais do que o Sol radiavaõ.

Aqui a bella Accidalia
Taõ magestosa se via,
Quo n'alma em hum mesmo tempo
Gosto, e respeito infundia.

Alvas reçagantes vestes
D'aljofar alcaxofradas,
Parte dos membros mostravaõ
Em ricas prizões tomadas.

O Ocio , a Ternura , as Graças,
Em torno offrendas faziaõ ,
De gratos sabéos perfumes
Que o ar de fragrancia enchiaõ.

Em quanto alegre isto observo
Hum grande estridor contemplo ;
Volto o rosto a ver quem era
Que assim perturbava o Templo.

Entre huma chusma de Amores ,
Aureos fuziz arrastando ,
Te vejo entrar minha Analia
Ternos soluços soltando.

Chegar á Pyra , e jurares
A Amor , pelos Ceos sagrados ,
Que só Belmiro seria
Emprego dos teus cuidados.

Que mais piedosa que d'antes
A pesar da iniqua sorte ,
O puro amor que juravas
Duraria além da morte.

Caber não poude em meu peito
O bem qu'escutando estava ;
Quiz soltar esta vóz terna ,
Que a minha gloria dictava.

„ Graças aõs Ceos que te veõ
„ Hum dia commigo amante ; „
Mas nisto acordo , e dos Olhos
Me foga a scena brilhante.

Entaõ pondéro assim vendo
Os meus prazeres frustrados ,
Que os gostos que tem hum triste
Ate saõ breves sonhados.

Belmiro Transtano.





A P O L O G O .

A Raposa , e o Lobo.

C Ompadre (contaõ que ao Lobo
„ Disse a Raposa huma vez)
„ Parí dous Filhos , e agora
„ Naõ mos comas por quem és.

„ Naõ Comadre , está segura
„ (Logo o Lobo lhe tornou)
„ Que nunca em damno de amigos
„ O meu dente se embotou.

„ Lembra-me ind'aquelle Inverno
„ Em que taõ doente andei ;
„ Que dos teus roubos , e traças ,
„ Comadre , me sustentei.

„ Mas he preciso que delles
„ Me dês agora os signais ;
„ Para isentallos da morte ,
„ Quando for comer os mais.

De gosto com tal promessa
A Raposa regougou ;
E catando-lhe huma orelha
Desta sorte lhe fallou.

„ De todos os Raposinhos ,
„ Que has de Compadre encontrar ,
„ Os mais nedios , mais formosos
„ Saõ os meus , não tens que errar , „

Com estes signaes sómente
O Lobo se despedio ;
E logo em busca de preza
A's vastás brenhas partio.

Em huma idionda furna
Aonde a fome o levou ,
Mui feios , fujos , e auguados
Dous Raposinhos achou.

„ Não saõ os da minh'amiga
„ Pelos signaes que me deu ; „
Disse ; e lançando-lhe as garras
Ambos matou , e comeu.

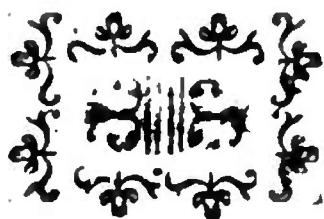
Eis entra a Raposa , e clama
Vendo o succetio : „ ay de mim !
„ Ay de mim negro Compadre ,
„ Que aos filhos meus deste fim.

„ Taõ incessante rogar-to
„ Ay triste , naõ me valeo ; „
Mas nisto o prudente Lobo
severo lhe respondeo.

„ Pelos signaes que me deste ;
„ Os teus filhos naõ comi ;
„ E se estes eraõ teus filhos ,
Entaõ queixa-te de ti.

„ O muito que tudo nosso
Com excesso nos apraz ,
Quasi sempre he quem no Mundo
Mil prejuizos nos faz. „

Belmiro Transtagano.





APOLOGO.

O Gato , o Caõ , e o Rato.

A' Volta do Dia
Da fome obrigado ,
Medroso sahia
Ratinho esfaimado
Da toca sombria.

Aprove à Disgraça ;
Que hum Gato daninho
Que aly veio á casa ,
Do triste Ratinho
Cruel preza faça.

Os dentes roedores
Feróz lhe cravava ;
Envolto em suores
O triste clamava
Chiando co' as dores.

„ He crime execrando
„ Buscar o sustento ? „
O Gato rosnando :
He ; disse , e cruento
O foy laſcerando.

Hum Caõ que eſcutava
A queixa ſentida ,
Que as almas cortava ,
No fero homicida
Os dentes ferrava.

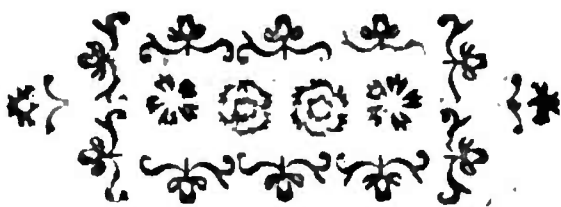
O qual ſem alento ;
„ Cruel , lhe dizia ,
„ Porque és taõ cruento ?
„ Foi crime algum Dia
„ Buscar o ſustento ?

O Caõ no conflicto
Lhe diz : „ melhor pensa
„ No teu proprio dicto ;
„ Tu deſte a ſentença ,
„ Eu puno o delicto.

„ Roubaſte huma vida ;
„ Não peças diſculpa ;
„ Que além de homicida ,
„ Réo foſte da culpa
„ Que deixas punida.

„ Se quando intentaffes
„ Qualquer acção dura ,
„ Por ti te julgaffes ;
„ Igual deſventura
„ Talvez não provaſſes. „

Belmiro Tranſtagano.





CANÇONETA.

N' Um bosque frondente
De murtas hum dia ;
Nathercia formosa
As horas dormia
Da fésta calmosa.

Dos troncos floridos
Favonios voadores ,
Que frouxos sopravaõ ,
Chuveiros de flores
Sobre ella entornavaõ.

De hum terno Vendado ,
Que ao bosque viera
Os outros carpindó ,
De quem se perdéra ,
Foy vista dormindo.

Ao vêla , nos olhos
O pranto repreza ,
O meigo Cupido ;
E já lhe naõ peza ;
Haver-se perdido.

Gostoso os cabellos
Lhe enastra de rofas;
Em torno lhe adeja:
E as faces mimofas
Mil vezes lhe beija.

Mas eis que o tumulto
No prado vesinho,
Dos mais escutava;
O terno Amorfinho
De gosto faltava.

As palmas batendo
Aos outros corria
Ufano, e vaidoso;
E hum premio pedia
Do encontro ditoso.

Depois que perguntas
Os mais lhe fizeraõ
Lançando-lhe os braços;
Em paga lhe deraõ
Immensos abraços.

Já ledos, e affeitos
Os Numes daninhos;
O campo atalayaõ;
E os tenros bracinhos
Nas Aves ensayaõ,

Já destros sobraçaõ
Os coldres fulgentes ,
Os arcos formosos ,
Que tinhaõ pendentess
Nos Olmos frondosos.

Já tecem mil filtros ,
Mil tramas atrozes ;
E apenas se apromptaõ
Em chufma velozes ,
Ao ar se remontaõ.

O Nume que trouxe
A nova benigna
A frente occupava ;
E a tropa maligna
Risonho guiava.

Soberbo no Centro
O Chêfe Cupido ,
Hum ferro empunhando
Brandava infoffrido
Ao lucido bando.

„ Mil vezes Natercia
„ A nosso despeito ,
„ Nos tem resistido ;
„ Mas hoje seu Peito
„ Veremos ferido.

„ Letargicos somnos
„ O corpo lhe rendem ;
„ Seus Olhos traidores
„ Já não a defendem
„ Dos meus passadores.

„ Rasguemos-lhe o Peito ;
„ Os pulsos lhe atemos ;
„ Da paz se despoje ;
„ E agora veremos
„ Se ainda nos foge.

„ Pôs termo Belmiro
„ Teu fero tormento ;
„ Não vivas queixoso ,
„ Que chega o momento
„ De seres ditoso. „

Mas nisto descobrem
A Nynfa os frexeiros ;
E todos suspirão
Por ser os primeiros,
Que o peito lhe firão.

As frexas alçando
Cruéis , e ferozes
O adejo apressáraõ ;
Mas todos velozes
N'um tempo chegáraõ.

Quaes delles apenas
Contemplaõ seu rosto ;
Da furia esquecidos
Despontaõ de gofio
Os ferros boídos.

Quaes delles travessos
O feyo lhe indagaõ ;
E as faces divinas
Surrindo lhe affagaõ
Co'as maõs pequeninas.

A' boca purpurea ,
Que aromas exalla ,
Os outros corriaõ ;
E todos beijalla
Primeiro queraõ.

Aquelles que frouxos
Mais tarde chegávaõ
Trepando , os ligeiros
Pezinhos firmavaõ
Nos mais Companheiros.

Porém huns c'os outros
Tal bulha , tal guerra ,
Inquietos urdiraõ ,
Que todos em terra
De chusma cahiraõ.

Hum

Hum Fauno que perto
Notava invejoso
A turma vendada;
Da queda gostoso
Dá longa rizada.

A Nynfa disperta
A' vóz estrondosa;
E os Olhos divinos
Levanta maviosa
Aos Numes ferinos.

Eis todos lhe fogem
De assombro feridos ;
Os ferros engeitaõ ;
E aos troncos subidos
Medrosos a espreitaõ.

O Nume doloso
Que o bando regia ;
De pejo corava ;
E em quanto fugia
Desta arte clamava.

„ De amor naõ te queixes
„ Belmiro amoroso ;
„ Teu fado inclemente
„ Fazer-te ditoso
„ Já mais me consente.

„ Na

„ Natércia a quem amas
„ Meu culto aniquilla;
„ Mil vezes irado,
„ Tentando ferilla
„ Me vi destroçado.

„ Escuda-lhe o Peito
„ Seu rosto o mais lindo;
„ Como hei de rendê-la
„ Se mesmo dormindo
„ Não posso vencê-la. „

Callou-se , e limpando
As lagrimas futeis ;
N'uns Cedros copados
Quebrou por inuteis
Os ferros ervados.

Belmiro Transtaganô.





A' EX.^{ma} SENHORA
CONDEC, A DE POMBEIRO,

No dia em que completou hum anno o seu
Primogenito ; em cujo nascimento não ha-
via o Autor poetizado.

*Estes versos forão postos diante de Sua Excellencia
nas mãos de huma figura de hum pobre.*

QUNTILHAS.

B Ella Mãy de Filhos bellos
A quem os Fados põem francos
Seus tesouros para havellos,
Unindo a Castellos-Brancos,
A Estirpe de Vasconcellos.

Ouve-me agora fallar
Em honra do digno Filho,
Que a Fortuna ha de estradar,
Dos seus maiores no trilho
Por sua memoria honrar.

(III)

Não culpes minha alegria
Se às vezes me vez callar ,
Quando mais fallar devia ,
Que o louvor temo estribar
Nas medidas da Poesia.

Tendo assumpto que me sobre
Palmar em silencio eu uso ;
E com motivo tão nobre ,
Emmudeço por confuso ,
Que a abundancia me, faz pobre.

Mas minh'alma em fim procura
Vencer seu proprio alvoroço ;
Quererá minha ventura ,
Que pois com vozes não posso
Me explique assim por figura.

Senhora , não te fesses
Esta ao teu Antonio entrega ,
E cuido que lhe descobres
Que hum pobre já se lhe chega ,
Porque nasceo para os Pobres.

Saiba que grande nasceo ,
Para que aos pequenos preste :
Sem do Pai o exemplo , e teu ;
E o grande interesse he este
Com que o pedimos ao Ceo.

Se

Se alguém murmurar quizer
De que eu na alegria fêria ,
Lhe faça miseros ver ,
Vê que o valer á miseria ,
He dos Heróes o prazer.

Mostre-se-lhe essa nudez ;
Enfina-o a núz vestir ,
Como vestido me vez ;
Tem de casa a quem seguir ,
Faça o que seu Pay me fez.

D'Hercules contaõ as Gentes ,
Ter no berço espedaçados
Ferozes monstros ingentes ;
E he valer aos Desgraçados ,
Mais qu'espedaçar serpentes.

Começa de tenra idade
A imprimir-lhe na memoria ,
Lições de heroica piedade ;
Faze que sustente a gloria
Do seu nome a dignidade.

Fazendo-o ver o bastaõ
Ou de Guerra , ou de Justiça ,
Que ha de vir á sua maõ ,
Para essa honrada cubiça ,
Formemos-lhe o coraçãõ.

Nos luzos factos escripto ,
Louvor d'alta gerarquia
Sem se vê , e eu não repito ;
E se ouvirá algum dia ,
Da Fama o centuplo grito.

Os seec'los são testemunhas ;
E a Inveja em tristes arrancos ,
Volta ao proprio peito as unhas
Fugindo a Castellos-Brancos ,
Correas temendo , e Cunhas.

Se os Illustres Vaseoncellos
Os Ceos vem: nelle juntar ,
Faça a Historia conhecellos ,
Porque para segurar
Tem já de sobra os modellos.

Não lhos mostro triunfando
Do Inimigo triste , e exangue ;
Nossas quinas arvorando
Cubertos de pó , e fangue ,
Reynos ao Reyno ganhando.

Minha placida Camena
Lhe entoa hum alegre canto ;
E quando o louvor lhe ordena ,
Em alheyo fangue , e pranto
Nunca vai molhar a penna,

H

He

He das azas d'Alegria
A penna com que hoje escrevo ;
Dá-me o prazer a harmonia
Com que aos Ceos ousado elevo
A alta gloria deste Dia.





No dia em que completou annos o Primogenito dos Illuſtriſſimos , e Excelentiffimos Senhores Condes de Pombeiro.

QUINTILHAS.

S E hum deſpido pobre viſte
Apreſentar-se em tal dia ;
Vê agora o que veſtiſte , (1)
E farta-te n'alegria
A que eſſa alma não reſiſte.

Mostrei-te hum afflicto entãõ ;
Porque ſer juſto júlguei
Inclinar-te á compachãõ ;
Hoje vou , (de tom mudei)
Alegrar-te ó coraçãõ.

H ii

Ouve

(1) Allude a trez Meninos Orfaõs abrigados nesta Casa , e veſtidos de novo em honra deſte dia.

Ouve o marcial fragor ,
Ouve o strepito guerreiro ,
Qu'inda ressoa em louvor :
D'alta Casa de Pombeyro ,
De que és digno successor.

Vem nossa doce esperança ;
Da memoria te ergo ao Templo ;
Veste a Toga , ou terna a lança ;
Tens nos teus fiçaõ , e exemplo ,
Imita-os , depois descança.

Com guerreiro porte , e franço
Ajustando a Cota , e o Casco ;
Vê que da Espada ao arranco
Cae o Ibero aos pés de Vasco , (1)
E elle ergue Castello-Branco.

Naõ conta a Historia hum só Nuno
Que ajudasse Joaõ Primeiro : (2)
Tambem houve outro opportuno
Da profapia de Pombeyro ,
E que fez tremer Neptuno.

(1) Vasco Paes de Paiva , que vivendo em Castello-Branco , que pelas suas grandes acções ; se chamou de Castello-Branco.

(2) Nuno Alvares Pereira , Castello-Branco , valeroso

De meyas Luas croada ;
De balde Ceuta se empina ,
Que ao luzir de Nuno a Espada ;
Humilde a cabeça inclina ,
Beija a cadêa dourada.

Aos pés de hum Heróe Vaffallo ;
Vejo alado velho intonso ,
Que se esmera em corallo ; (1)
E os louros do quinto Affonso ,
São parte dos de Gonçallo.

Se o Almeirante se chama , (2)
O Occeanno inda se affusta ;
Mas triste pranto derrama
Por Lôpo a quem maõ injusta (3)
Tirou vida , mas não fama.

Ou

(1) Gonçallo Vás de Castello-Branco , homem valeroso , que foi o que instituiu o Morgado deste Titulo , sendo cabeça a Quinta deste nome.

(2) Nuno Vás de Castello-Branco ; &c.

(3) Lôpo Vás de Castello-Branco , valeroso , porém morto á traiçãõ.

Ou gire os Mares , ou cerque
Castello , que leva à escalla ,
Nuno faz que o Bundo alterque , (1)
Se excedeo mais do que igualla
Contemporaneo Albuquerque.

Até ao Persico seyo ,
A memoria te conduz ,
A ver como rege o freyo , (2)
Que mastiga a féra Ormuz ,
Avô teu , que eu não nomeyo.

Virá tempo em qué a idade
Fará que tua alma tome
Lições de heroica verdade ,
E do dever do teu nome ,
Que zella a posteridade.

De hum Antonio como tu , (3)
(Não sei se tambem tão lindo)
Veráz como o Fado erú
Soffreo , a teu Rey seguindo
Athé ser captivo , e nú.

Hum

(1) Nuno Vás de Castello-Branco , que nos mares da India fez maravilhas de valor.

(2) D. Pedro de Castello-Branco , Governador de Ormuz.

(3) Antonio de Castello-Branco , que seguiu o Rei D. Sebastião a Africa onde foi escravo.

Meu Brazil canta mil vezes (1)
 Que outro Antonio o fez feliz ;
 E em honra dos Portuguezes
 Lhe aliviou a cerviz
 Do jugo dos Holandezes.

Mais e mais dos teus Castellos
 Da gloria nos fastos achas , (2)
 Que terá novos disvellos
 De unir teus Leões às fachas ,
 E torres de Vasconcellos.

Quiz , Senhor , que repaffasses
 Tanto na tenra memoria ,
 Nem temi me criminasses ,
 Que do teu nascer a gloria
 Vem da gloria de quem nasce.

Dos teus os fastos saber
 Eu julgo affáz neneffario ;
 E a dispor-se para os ler ,
 Esse novo abecedario (3)
 Vem teus servos offerer.

Os

(1) D. Antonio de Castello-Branco , servio na armada , que fez restaurar o Brazil das mãos dos Holandezes.

(2) Lembra-se assim as armas da casa de Castello-Melhor.

(3) Offerencia-se ao Menino hum abecedario disposto em dados para aprender brincando.

Os meus proprios olhos vem ;
As tuas graças dispostas
A desempenhar-te bem ;
Vejo que das armas gostas ,
Gosta das letras tambem.

Se me não fora vedado
Ceos minha boca fechai ,
Não vá eu arrebatado
Desobedecer ao Pay (1)
Eu devo admirar callado.

O' verdade , ó gratidaõ ,
Que dentro em mim murmurando
Agitais meu coração ,
Se eu obedeço callando
Outros por mim fallaráõ.

Senhor , deveis escutar
Estes meus concelhos ferios ,
E n'alma os deveis gravar ;
He mais que ganhar Imperjos
O fabellos governar.

Nun-

(1) O Excellentissimo Senhor Conde de Pombeiro tem prohibido ao Autor o dar-lhe louyores , quaesquer que elles sejaõ.

Nunca a Discordia desuna
Nações , que a amizade enlaça ,
Que vos obrigue empertuna
A ser de outros a desgraça :
Ah ! Sêde a nossa fortuna !

Sêde dos servos que crescem
Amparo , e consolação ;
Honrai os , que honra merecem ;
Sêde arrimo , e dai a mão
Aos que como eu envelhecem.

Sei que pouca perda vai,
Sucedem outros a estes ;
Porém hum pouco notai ,
Achaste-os quando nascestes ,
Já serviaõ voffo Pay.

E quando frouxos , e lassos ,
Para a vossa companhia
Naõ poder-mos já dar passos ,
Lembre-vos , Senhor , hum dia ,
Que vos trouxemos nos braços.

Guardai em vossa lembrança
O que he digno de reter ;
Que merece confiança ,
E naõ he para perder
Huma servidam de herança.

Pois que o Ceo assim dispóz
A obrigaçãõ nos reparte ;
Vivei , Senhor , para nós ;
E do mundo em qualquer parte
Nós morreremos por vós.





*Ficando em Salvaterra o Autor , quando
Suas Magestades subiraõ dalli , o Sê-
nhor Arcebispo Confessor quiz que des-
crevesse aquella sabida , e como ficava
a terra.*

QUINTILHAS.

M Usa , manda-nos pintar
Magestosa despedida ;
Vai os pinceis preparar ;
Traça do quadro a medida ,
Vai as cores misturar.

Vê que alguém já se alvoroça
Por ver se avivo as figuras ;
Talvez por desgraça nossa
Achem que nestas pinturas
Sou Apelles de Obra grossa.

Estas visinhas Campinas ,
E as varias hirsutas moitas ,
Com tintas groças , ou finas
Já pintaste , e ora te afoitas (1)
A coufas mais peregrinas.

Naõ ao Perco sedeúdo
De alvo dente anavalhado ;
Nem ao timido , e galhudo ,
Ligeirissimo Veado ,
Que de hum salto foge a tudo.

Nem pintes a media Corça :
Deixa em paz o leve Gamo ;
E o caminho , ou figa , ou torça ,
Falcaõ chamado ao recramo ,
Que mostrou destreza , e força.

O animal das meias luas
Deixa aly raspando a terra
Co' as rachadas unhas suas ;
Deixa o que no jugo berra
Co' as arrastadas charruas.

Fo.

(1) Allude á caçada das Lebres já descripta
pelo mesmo Autor.

Fogoso Foldro sacuda ,
Relinxando , as crinas soltas ,
Quando a propria Mãy sañda ,
Du quando em saltos , e voltas
Tem procurar quem lhe acuda.

Naõ digo que o lapis quebres
Com que hum dia obediente
Debuchaste o Lobo , e as Lebres ;
Mas mandaõ-te pintar gente ,
gente he justo que celebres.

Alongando a vista eu vejo
Por entre essa plana terra
Estender braços o Tejo ;
E nelles põe Salvaterra
Tudo o que eu pintar forcejo.

A ' pressa as saudosas cores
Mõe , desfaz , mistura , e liga ,
E eu terei , se habil tu fores ,
Retraçto de gente amiga ,
Copia de grandes Senhores.

Seia , larga , solta , casta ;
Hum se apressa , cutro tem fleuma ;
Aqui moço oufado passa ;
Aly confusa sefleuma
Delicada gente embaça.

Aly huma ao colo vai ,
Levaõ outra pela maõ ;
Aqui hum gemido , hum ay ;
Bate deste o coraçãõ ;
Aquelle tropeça , e cai.

Rubra canada de vinho ,
Sorver hum Algarve eu vejo ,
Em quanto n'um resistinho
Pespega devoto beijo
Velha que teme o caminho.

A sobrinha aly desfmaia ,
Tornaõ-lhe á boca as fatias ;
Que toma em limpa cambaya ,
E inda em tantas agonias ,
Ella affena para a praya.

Aquelle escaler despega ,
Já outro as vellas foltou ;
Frota de remos navega ;
De terra hum clarim foóu
Musa á leita , olha quem chega.

Musa apoucada , e mesquinha ;
Tu que arrostavas ufana
Qualquer assumpto que vinha ,
Tremes vendo a Soberana
Face da Augusta Raynha ?

Com susto de submissão,
Nem podes a vista alçar?
Poem os joelhos no chão:
He tempo de desenhâr,
Mas cahe-te o lapis da mão.

Ah! Musa não te fessobres
Chega sem sustos áquella,
Que cercam Grandes, e Nobres;
Vê que tem o amparo nella
Pequenos, Humildes, Pobres.

Lembre-nos bem quanto agora
Dessa mão real nos veio,
Cheguemo-nos muito embora,
Que não deve dar receyo
Magestade bemfeitora.

Pinto aquelles, pinto aquêllas;
Tu não podes? Da-me a tinta,
Quero as copias, vou fazellas;
Mas ay de mim! ninguem pinta
Bem o Sol, bem as Estrellas,

Deslumbrado, e quasi-cego
Dando a teu espanto abono,
Os toscos pinceis te entrego,
Sem pintar esta que ao Treno
Chamou Affonso em Lamego.

Naõ, naõ a posso pintar,
Pasmei no gosto de vella ;
Ah ! nasceo para reinar ,
Naõ , naõ honra o Trono a ella ,
Ella veyo o Trono honrar.

Nem o grupo de uniaõ cara
Das Irmãs , e hum , e outro Filho ,
E a que em Filha amor tornára :
De afiacar me maravilho
O defejo me enganára.

Foram meus esforços vaõs ,
Mudamente ajoelharei ;
Chegam , Mãy , Filhos , e Irmaõs ;
Animo õ Musa , eu beije
Em silencio as reaes maõs.

C'os olhos acompanhemos
Toda a real comitiva ,
E desse Povo que vemos
Alternando *viva viva* ,
Alguma copia teremos.

Já o Bargantim dourado
Vozeria alegre solta ;
E essa turba de encarnado
Dá no ar mais de huma volta
C'õ barrete prateado.

O rânxo de prazer louco,
Cobre a gadelha inda enchuta ;
Arranja-se pouco a pouco,
E entre a seleuma se escuta
O Patraõ mór sempre rouco.

Este vôga, àquelle fêia,
Gadelhuda a perna, e o braço ;
Mostra a roxa cordoveia,
Que bem prestes no arregaçõ
Lurgida apãrece, e cheia.

Deu-se ao mais robusto a boga ;
É o Mancebo que a alcançára
Nenhum outro lugar roga,
Nem por tal honra trocára,
Iuma de bengala, ou toga.

Já o tostado Algarvio,
O punho do remo aperta,
E alçado n'um pé com brio ;
Um vôga arrancada, e certa
Talha este braço do rio.

Triste fica o Povo ; e chora
Ao ver que assim apressada
e alonja a sua Senhora ;
Nhamam pequena a jornada,
Maior quizeram que fora.

Lá vai desaparecendo
Da vista de Salvaterra :
Nós Musa , o passo volvendo
Aos que nos ficão na terra ,
Hiremos onvindo , e vendo.

Velha que de longe vio
Na popa os moços reaes ,
Os gorgomilos abrio ;
Gritou que ouviraõ os mais :
,, Bem haja a Mãi que os pario:

,, Dê-lhes Deos boa maré
,, E cubra de boas fadas ;
,, Sua Mãy , nõssa Mãy he :
,, Gentes fois affortunadas ,
,, Eu sei por quem , e porque.

,, Qual vossa vida , e a minha
,, Triste se houvera finado
,, Pela desgraça mesquinha
,, A não nos ter o Ceo dado
,, Taõ piedosa Raynha !

,, Leva o Inverno a semente!
,, Saõ vossos granjaes desfeitos!
,, Alaga-vos tudo a enchente!
,, Vem ella , fois satisfeitos ,
,, Acha com que vos contente;

,, Ef.

„ Espera o que lhe deveis ;
E muitas vezes perdôa ;
Cura-vos se adoeceis :
Olhai , Senhora mais boa
Nunca vistes , nem vereis.

„ Dêmos ao Céu mil louvores,
E annos lhe dê aos milheiros ;
Eu vivo dos seus favores ,
Fez os meus Filhos Couteiros,
Meus Netos Emprazadores.

„ Se na minha geraçãõ
Alguem há que a tal Senhora
Nãõ sirva de coraçãõ ,
Quero que já desde agora
Tenha a minha maldiçãõ. „

E alçando a sua mãõ canha ;
Ela desdentada boca ,
Murmurou arenga estranha ;
Em soluços se suffoca ,
Alva baba o queixo banha.

Eis subito hum Neto ufano ;
Que mãõ real vestir faz ,
Mostra o ageitado panno ,
Diz alegre o rapaz :
He mais bonito este anno ; „

Tambem mostra o ornato seu
Orfã pobre Rapariga ;
Eu a vejo , escuto-a eu ;
Não encontra a quem não diga :
„ A Raynha he quem mo deo. „

Quanta gente eu vejo ! quanta ,
Que veste real grandeza ?
E oiço mais , e não me espanta ,
„ A mim vestio-me a Princeza ,
„ A mim a Senhora Infanta. „

Rustico moço robusto ,
Que ellas moitas espancou
Com o azinheiro adusto ,
Aos Companheiros mostrou
Piedosa ajuda de custo.

Fumando em cujo cachimbo
Gordo Arraes , digno de estampa
Diz á companhia : Marimbo ;
„ Agora aqui stá quem campa
„ Eila ahy vai , que deo gimbo. „

Ferve a fatta caldeirada ,
E o vermelho pimentaõ
Por entre a fervura nada ;
Vai o encebado tostaõ .
Vem trasbordando a canada.

Na Villa o mesmo succede ;
Já do vinho baptizalo
A pipa em canalias mede ,
O Taberneiro cançado
De dar ao Povo o que pede.

Negro azeite terra o Savel ,
E aly coze a Boga , e o Barbo ,
A Bodegôa agradavel ,
Que já rendeo ao seu garbo
Duro Campino intratavel.

Fartura , e prazer total
Enche a casa , enche a cosinha ;
He o brodio aly geral
A' saude da Raynha ,
E da Familia Real.

Correm Vilões , e Pastores ,
A's tendas , antes , que emmalem ;
Compraõ das alegres cores ,
Talvez por mais do que valem ;
Vai na fé dos Mercadores.

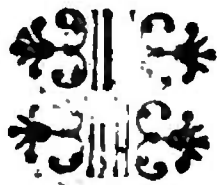
A' pressa escolhem Mulheres
Pinta los lenços , e fitas :
Deicham garfos , e colheres ,
Compraõ argolas bonitas ,
E formosos roscicleres.

Mas

Mas findas as compras suas ;
 Musa , não ha que pintar
 Por estas desertas ruas ;
 Vai o painel rematar ,
 Que he já tempo que o concluas ;

Pinta-me em tal folidaõ
 Junto dos meus Bemfeitores , (1)
 Tendo ao lado a Gratidaõ ;
 E tendo aos reaes louvores ;
 Preparada a voz , e a maõ.

(1) Os Senhores Condes de Pombeiro ficavaõ ;
 porque a Senhora Condeça estava mal convalesci-
 da do parto em que teve o Senhor D. José de Cas-
 tello-Branco.





*A Illustre O'Neille pergunta que cousa
sejaõ saudades.*

Resposta.

M Usa , basta de silencio ;
Quer linda O'Neille escutar-nos ,
E à sua amavel grandeza ,
Seria crime escuzar-nos :

Limpo as ferrugentas cordas ;
Mas desmaia o coraçãõ ;
E ao pensar no excelso Nome ,
Me cahe a lira da mãõ :

He esta a que em berço augusto ;
Graças , e Musas dotáram ,
E a quem Artes , e Sciencias ,
A docil razaõ guiáram.

He esta a Britana Sapho ,
A quem rendem vassalage ,
Com Dacier erudita ,
A suave du Bocage :

Q'cf-

Q' estuda o Homem com Pope ;
 Com Robertson lê o Mundo ,
 Ri com Swift engraçado ,
 E segue a Newton profundo :

Co's ouvidos costumados
 A meigas vozes sonoras ,
 Porque tem seu lugar proprio
 Entre as Aonias cantoras ;

Como poderá ouvir
 Os meus roucos gritos vaõs ;
 Sem tapar sabios ouvidos ,
 Com as jasminadas maõs ?

Naõ he do Tamize hũ Cisne ;
 Que vai soltar doce canto ,
 Brasileiro Papagaio
 De arremedo a vóz levanto.

Tinha razãõ de callar-me ,
 Deveria emmudecer ,
 Mas se O' Neille qu'er q' eu faile ;
 He virtude obedecer.

Em fim , Musa , obedeçamos ;
 Basta já de dar desculpa ,
 Porq' o muito desculpar ,
 Tambem ás vezes he culpa.

Pois

Pois saber o que he saudade
Gentil O' Neille careces ,
Vou talvez dizer-te hñ mal ,
Que soffres , e naõ conheces.

Diraõ huns q' he sentimento ,
Que só Portuguezes tem ;
E q' importa falte aos outros ,
Vozes q' o expliquem bem :

Mas eu , Senhora , naõ quero
Illudir vossa grandeza ;
Saudade , he nome q' explica
Triste mal da Natureza :

Filha da cruel auzencia
He essa terna paichaõ ;
Que se nutre de esperanças
No sensivel coraçãõ :

De lembranças , e desejos ;
Tristemente acompanhada ,
Punge , e fere huma alma terna ;
Do amado bem separada :

Por exemplo dividida
Da tua cara metade ,
Toda essa falta que sentes ,
Isto O' Neille he q' he saudade:

Em meio de mil prazeres,
Sempre esta paichão he triste,
E a seu intimo tormento,
Nenhuma cousa resiste :

Obriga a lagrimas tristes,
Obriga a sentidos ais,
Nem só humanos obriga,
Inda a brutos animais.

Ouve o faudoso gorgueio
Da amorosa Philomella,
Quantas vezes te interneces
Co' a triste saudade della :

O aureo collo entumecendo,
Arrullando o pombo afflito,
Tenra esposa que lhe falta
Chama em seu faudoso grito:

Bravo fanhudo Leão,
A madeicha sacudindo,
Se a cara Leão prendem,
Os campos corre bramindo:

Traz estes males Amor,
Porém a doce Amizade
Não deicha de ter tambem
A doença da saudade:

Tu , q' a memoria tens chea
De mil successos antigos ,
Escusas q' eu te recontre ,
Tristes faudosos amigos :

Do teu Augusto Ricardo ;
Te lembre a celebre historia ;
E vê do amigo faudoso ,
Qual seja a honrada memoria :

Tambem de fido animal ;
Que seu bom senhor perdeu ;
Se conta que de faudades ,
Junto ao sepulcro morreo :

He de temer este mal ;
O tempo o torna mais forte ,
E em lhe faltando a esperanza ;
Bem depressa he mal de morte :

Basta , Senhora : já sabes ,
Q' em fim faudade só he
O sentimento q' hã soffre ,
Quando o que estima não vê :

Tu q' onde quer q' appareces ;
Causas Amor , e Amizade ,
Terás dado (eu não duvido)
Motivo a muita faudade.

L. Selinunino



AO ILL.^{mo} E EX.^{mo} SENHOR
D. ANTONIO MARIA
DE CASTELLO-BRANCO CORREIA
E CUNHA,

Primogenito dos Illustrissimos, e Excellentissimos
Senhores Condes de Pombal.

I.
Deicha q' a Lira

Nas maõs eu tome ;

E q' o teu nome

Possa cantar :

Vai-te ensaiando

Desde pequeno

A ouvir Lereno

Por ti clamar :

II.

Se hũ nome queres

Digno de gloria ,

E q' a Memoria

O haja de honrar :

Tens es modellos ;

Naõ busques mais ,

Os dignos Pais

Te haõ de guiar.

Vai

III.

Vai bem quem segue
Destes modellos,
Q' os Vasconcellos
Saõ de imitar:
Deicham-te a gloria
Castellos-Brancos
Caminhos francos
Para trilhar.

IV.

Dizer podia
Pasmosas coizas,
Que dos teus Soizas
Ha que contar:
Se eu chamo os seculos
Por testemunhas,
Correas, Cunhas
Ouves lonvar.

V.

Quando tu leres
A Luza historia,
Tua memoria
Tens que faltar:
Illustre Aonio.
Graças ao Céos,
Podes dos teos
Lições tomar.

VI.

Se eu fosse proprio
Para ensinar-te ,
Bem pouco d'arte
Tinha q'usar :
Basta mostrar-te
Dos teus o trilho ,
Vai d'aguia o filho
O Sol buscar.

VII.

Já sobre o Pindo
Eu me levanto ,
Oigo alto canto
Teu nome alçar :
Para escrevello ,
Doiradas pennas ,
Sabias Camenas
Vaõ preparar.

VIII.

O Ceo vigie
Na tua idade ,
E esta verdade
Verás chegar :
Nos pobres versos ;
Q' offrecer venho ,
A honra tenho
De a annunciar.

ERRATAS.

Folhas.	Versos.	Erros.	Emendas.
24	- - - ult.	- - - Natuteza	- - Natureza
25	- - - 12	- - - cumprida	- - comprida
56	- - - 3	- - - empavido	- - impavido
58	- - - 16	- - - fomoza	- - famoza
65	- - - 10	- - - Orca	- - Orêo
70	- - - 19	- - - amarrella	- - amarella
71	- - - 16	- - - prejuuro	- - conjuro
75	- - - 17	- - - esfirmada	- - estremada
105	- - - 19	- - - Brandava	- - Bradava
116	- - - 17	- - - ajudaffe	- - ajudasse
123	- - - 1	- - - manda-nos	- - mandaõ-nos
136	- - - 7	- - - lugat	- - lugar

Foi taixado este Livro em papel a duzentos e quarenta reis. Meza 5 de Julho de 1793.

Com tres Rubricas.



I. Barros Ferr. inv.

G. F. A. Quiroz Sculp. L.

ALMANAK
DAS
MUSAS.
NOVA COLLECÇÃO
DE
POESIAS,
OFFERECIDA
AO
GENIO PORTUGUEZ.
PARTE SEGUNDA.



LeBouteux f. 1752.

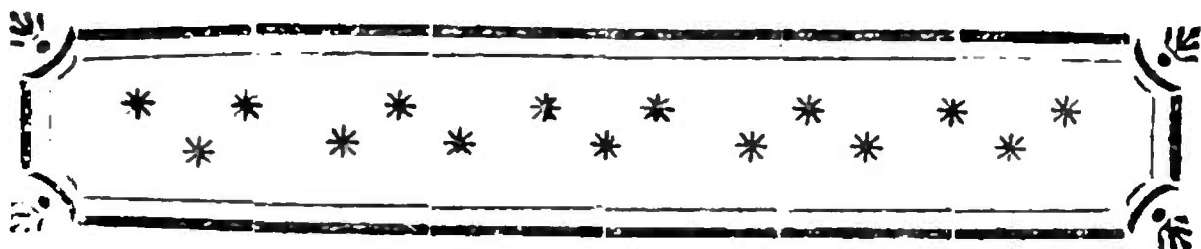
LISBOA

NA OFFICINA DE ANTONIO GOMES.

ANNO MDCCXCIII.

*Com licença da Real Meza da Comissão Geral,
sobre o Exame, e Censura dos Livros.*

Nem sempre hão de occupar serios cuidados
Da nossa vida os dias pressurofos
Hajão tambem prazeres misturados.



A O S F E L I Z E S A N N O S
DO ILLUSTRÍSSIMO, E EXCELENTÍSSIMO SR.
D. ANTONIO MARIA DE CASTELO-BRANCO
CORREA E CUNHA VASCONCELOS E SOUZA.

S O N E T O.

RAIVOZA contra a Fama, que voava
Deste Dia o prazer annunciando,
Eu vi a torpe Inveja arremeçando,
As negras serpes, que nas mãos truncava.

Entre os lascados dentes retalháva
A venenosa lingua rebramando;
E mil chamas azuis de quando, em quando,
Dos fascinantes ólhos espalháva.

Eis nisto accezo raio crepitante
Lhe arremeça do Olimpo Jove irado,
E cahe no Averno o monstro trepidante.

Sôa da Fama então o altivo brado:
„Respeite o Mundo o dia almo, e brilhante,
„De Aonio aos faustos Annos Consagrado.
Por *Alcino Lisboense*.



A O M E S M O A S S U M P T O .

S O N E T O .

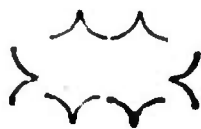
N Eto de Herôes, de Herôe preclaro Filho,
A quem a fôrte ri propicia , e grata ,
Escuta a vôz, que alegre se dezata,
E segue em teu louvor hum novo trilho .

Não pretendo illudirte : o falso brilho .
Da lizonja , que a tantos arrebatá
Não préze , da Virtude á força inanta
Só com justo respeito he q̃ eu me humilho .

Se hoje louvo teu fausto nascimento
Não penses que ólho a nóbre gerarchia,
Olho sim ao teu môr merecimento .

Hum sabio o Ceo te dêo por Pai, por guia ,
Tu pois imitador do teu talento ,
Darás como elle gloria á Fidalguia .

Por *Albano Olisiponense*.





S O N E T O .

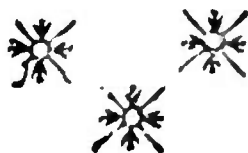
JA' do Sol a cruel atra Inimiga
O manto luctuozo desdobrava ,
E de espanto , e silencio rodeáva
O immenso rosto á Terra Madre antiga .

Das Aves a meliflua cantiga ,
Qual na fresca manhã , não se escutava ,
Só o lugubre Moxo a vóz soltava ,
A triste vóz , das sombras sempre amiga .

Tudo era solidão , tudo negrume :
Então minh' alma de te ver faudoza ,
Ergueo mavioso , languido queixume .

Implorava do Ceo a mão piedosa ,
Porque longe de ti, meu bem, meu Nume,
Ser não póde a minh' alma venturosa .

Alb. Olisip.





S O N E T O .

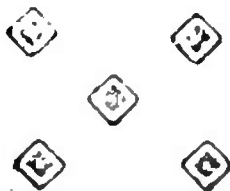
E N T R E humas verdes balças escondido
Amor eu vi hum dia , a eburnea aljava
De aureas plúmozas fetas chêa estava ,
Tinha na dextra o arco retorcido .

Que procuras aqui , ó Deos de Gnido ?
Ao Cyprio Nume atóito eu perguntava ;
E o Nume que por mim só esperava ,
Desta arte me tornou enfurecido .

„ Vil Mortal, pois que ouzado a toda a hora
„ De mim fallas, sem medo, e sem respeito,
„ Quem he Cupido, saberás agora . „

Disse , e prompto me fere o biando Peito :
Desde entaó por Alcina encantadora ,
Aos tormentos de Amor vivo sujeito .

Alb. Olisip.





S O N E T O .

O S ISCADOS anzoes ao Mar lançava
Hum vez , e outra vez Albano hum dia ;
Mas sempre inutilmente os recolhia ,
Bem como inutilmente os mergulhava .

A sua má fortuna lhe afastava
Pingue lanço , que a outros concedia ;
Debalde votos mil ao Ceo fazia ,
E as preces dolorosas duplicava .

Faltou-lhe enfim ao triste o sofrimento ;
E arrancando hum gemido magoado
Os anzões arrojou ao falso argento .

„ Nasci , brahou , próscripto pelo Fado ;
„ Só me falta dos zelos o tormento ,
„ Para ser o mortal mais desgraçado .

Alb. Olisip.

* * *

* *

*



O terno coração esperançoso .

S O N E T O .

QUANDO junto de Alcina reclinado
O meigo, lindo gesto, observe, e admiro,
Hum suspiro amorozo, outro suspiro,
Vem saindo do Peito namorado .

Porém se longe della magoadado
Da ventura me traz o incerto giro,
A chorar os meus males me retiro,
Em sitio á minha dôr acomodado .

Affim da curta vida gasto os dias,
Hum hora alegre, outr' ora digostoso,
Já cantando, já chêo de agonias .

Oh effeito do amor mais extremo!
Quem pudéra nutrir só de alegrias
O terno coração esperançoso .

Alb. Olisip.





S O N E T O .

DA s tranças do meu bem Amor urdia
Delicada prizão para prender-me ;
E seguro com ella de vencer-me
Para mim breves passos derigia .

Eu que o intento do Nume não previa
Incauto não cuidava em defender-me ;
E livre de receio o Peito inerte,
A' sombra da Izenção em paz vivia .

Junto a mim se apresenta o Nume alado ;
Nesta , me diz , prizão suave , e branda
Cumpre , Albano, que sejas maniatado :

Que ames Alcina bella , o Ceo te manda ;
E com ella serás afortunado ,
Se fogires á vil traição nefanda .

Alb. Olifp.





S O N E T O.

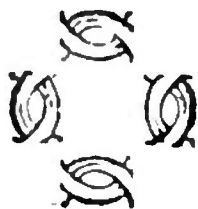
A NELADA porção d' aureos cabellos.
Furtei , sem ser sentido , á minh' amada ,
E formando huma trança delicada
Fui ao Templo de Amor offerecélos .

Amor que os vio tão louros , e tão bellos ,
Voltando a mim a face nacarada ,
Dest' arte proferio : Recompeçada
Seja a offerra, que eu devo aos teus disvelos.

Conheço a primorosa trança de ouro
Alcina, a meiga Alcina he pois aquella ,
Que das Graças obteve esse thesouro .

Tu que accezo de amor , morres por ella ,
Serás feliz ; duraveis bens te agouro ;
Disse : e de rosas pôs-me huma Capella .

Alb. Olisip.





S O N E T O .

P O I S reimas caro Anfrizo , que te diga ,
A quem fiz sacrificio da vontade ;
Dizêlo quero emfim , porque a amizade
Dos nossos corações a mais me obriga .

Minha Estrella propicia , e sempre amiga ,
Alcina me mostrou , a Divindade
Destes Campos , e logo a liberdade
Se esquecêo da izenção , da paz antiga :

He pois Alcina aquella , a quem eu canto ,
Aquella , a quem votei a fé mais pura ,
E quem me faz verter saudoso pranto .

Ah ! se visses Anfrizo a formosura
Daquella, que em minh' alma póde tanto ,
Conhecêras então o que he ternura .

Alb. Olisip.





Não acha no seu mal quem o console.

S O N E T O.

NO SEIO de huma branca penedia,
Ermo azilo de rabidas serpentes
Suportando saudades mil vehementes
Albano passa a Noite , e passa o Dia.

Em vão alli da placida alegria
Tentára ver as faces refulgentes,
Que este sitio vedado aos mais viventes
Só inspira cruel melancolia .

Ali não se ouve a Fonte que murmura ,
Nem do zefiro ao sopro hum ramo bóle,
Não ha Choça Pastor , nem espessura .

Rebanho alli não pasce a relva molle,
E em tanta solidão , tanta amargura
Não acha no seu mal quem o console.

Alb. Olisip.





Teus olhos côr do Ceo , teu alvo rosto .

Bernardes Ecloga 13. v. 90.

S O N E T O .

DA MINHA fé, da minha lealdade
O meu bem duvidou , e o Peito brando
Aos maleficos zelos entregando,
Cruel se torna a que era só bondade.

Mais fera do que as Feras na impiedade
Eila já minha perda maquinando ;
E contra mim terrifica raivando
Cerra os duros/ouvidos a piedade.

Em vão quero abrandalla com meu pranto ,
Pois nem meus tristes ais, nem meu desgosto
Tê gora (justos Ceos !) puderão tanto .

Ao ódio do meu bem eu vivo exposto :
Ah ! torna a serenar , meu doce encanto
Teus olhos côr do Ceo , teu alvo rosto .

Alb. Olisip.



S O N E T O .

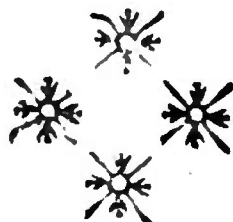
SE ALGUEM no Prado vir huma Pastora
De louras tranças , ólhos matadores ,
A boca breve azilo dos Amores
Por dentro Aljofar , e rubim por fóra .

Mais linda , mais brilhantè do que a Aurora,
Quando orvalha as cheirozas frescas flores ;
Mais meiga que os Favonios voadores ,
Quando cerrem após da esquiva Flora .

Saiba que essa he Alcina , o mimo, a gloria
Do terno accezo Albano que rendido
Canta nos aureos ferros a victoria .

E tanto em seu amor anda embebido,
Que não risca hum instante da memoria
O lindo Nome , o gesto apetecido .

Alb. Flisip.





S O N E T O .

SE DA vil que te fulca , me vingares
(Antes que mais o disabor me enoje,)
Neptuno , huma hecatomba verás hoje
Golfando sangue sobre os teus Altares .

Morra , morra a cruel ; turbem-se os ares ;
Raios ardentes Jupiter lhe arroje ;
Sovertão-lhe o Baixel em que me foge ,
Urrando horrendamente os roucos mares .

Desça bramindo ao Reino do queixume
Sua alma injusta , damnos soffra eternos
Das mãos das Furias, no tartareo lume .

Mas não , não a mateis , Numes supernos ;
Prove ciume igual ao meu ciume,
Que este Inferno cquivale a mil Infernos .

Belmiro Transtagano.

* *
* *



S O N E T O.

HUM dia ornado Amor de verde louro,
No Sacro Templo do Destino entrava,
E hum negro Almalho ao Nume victimava,
Prever querendo o fado meu vindouro.

O gume de fatal secure de ouro
Pelo collo da Victimã enterrava ;
E aos Ceos co'as mãos o lindo rosto alçava,
Rogando na oblação propicio agouro.

As entranhas perscruta femi-vivas
Fito a fito auspiciã o Sol dourado,
E o chão fere tres vezes successivas.

Depois ledo me clama o Deos vendado :
„ Jamais, Humano , lagrimoso vivas :
„ Analia he tua , que assim manda o Fado.

Belm. Transt.



S O N E T O .

V O A faudofo lugubre suspiro ,
Chega á presença do meu bem amado ,
E alli mavioso de afflicção banhado
Conta-lhe as magoas do infeliz Belmiro .

Vê se estima viver nesse retiro,
Ou n' outro objecto emprega o seu cuidado,
Ah! se assim for, intima-lhe apressado
Que ás mãos da magoa sem remedio espiro.

Mas se o vires por mim dando ais ardentes ,
Consola-o , dize que a Ventura errante,
Nem sempre he contra os miseros viventes.

Que firme seja, como sou constante ,
Que a pezar d' invejosos maldizentes
Inda veremos nosso Amor triunfante .

Belm. Transf.



S O N E T O .

A S LEVES chinxas Marineu lançava
Do manfo Téjo na corrente undosa,
E á linda Algêa Ninfa carinhosa,
Chêo de affecto, o lanço dedicava.

Eis de bravos tufões falange brava
Incha o Mar, nubla o Ceo, ruge raivosa;
Chovem raios da esfera tenebroza;
E o Baixel n' hum rochedo lhe abicava:

O terno Amante n' afflicção, tremenda
Só clama por Amor com vóz afflicta,
Sem que á morte cruel fugir pertenda.

Que intentas, diz o Nume. O triste grita:
„ O coração me salva, não se offenda
„ A meiga Algêa, que nelle anda inscrita. „

Belm. Transl.





S O N E T O.

QUAL Diana fugaz, n'um bosque umbrado,
Afoita Jonia as Féras assaltava,
Ora settas mortais lhes atirava,
Ora as prendia em laço caviloso.

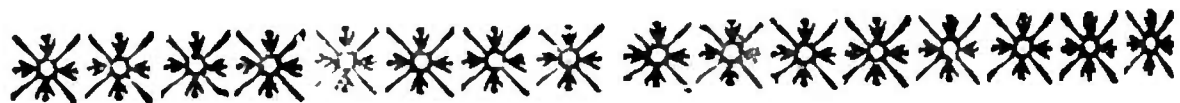
Eis colmilhudo Javalim cerdoso
Que por tres goipes fangue espadanava
A' linda Caçadora se avançava
As longas fouces esgremindo iroso.

Eu que isto observo, c'um farpão cruento
Entrego o bruto ás mãos da morte dura,
E á Nymfa bella do perigo izento.

Ser minha em premio agradecida jura;
Mas hoje sem respeito ao juramento,
Roubar-me a vida com desdens procura.

Belm. Transt.





S O N E T O.

„ **M**EDONHA corre a Noute , a frouxa Lua
„ A furto mostra o rosto desmaiado ;
„ Em mil voluveis ferras levantado
„ Ruge raivoso o Mar na praia nua.

„ Hum só Baixel nas ondas não fluctua,
„ Os Nautas dormem , tudo está calado ;
„ Ah doce Laura , ah doce objecto amado
„ Quem vira agora a linda imagem tua !

Affim as vozes eu soltava ancioso,
Quando Laura o meu bem , a minha Estrella
Ao lado vejo , e vejo-me ditoso.

No meu pobre Batel entro com ella :
Oh Ceos ! desde que fulco ao Téjo undoso.
Nunca vi nem logrei Noute mais bella.

Belm. Transt.





S O N E T O.

FUI entre ferros por Amor levado
A's vis cataftas do cruel Ciume ;
Este era o premio que me dava o Nume
De ter a Jonia tão constante amado .

De azuis ferpentes vejo coroado
O eftigio Monftro respirando lume ,
D' horridas furias horrido cardume
Com torvos gestos lhe vozêa ao lado .

Eis de suspeitas mil bando cruento
A mim fe avança mil punhais brandindo ;
Géllo de magoa , de terror lamento .

Nifto acode a Razão meus ais ouvindo ;
Quebra-me os laços , furta-me ao tormento ,
Illezo faio , da perjura rindo .

Belm. Tranft.





S O N E T O .

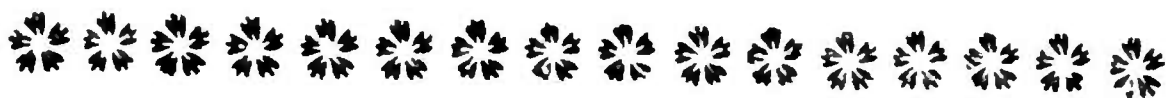
DEPOIS que ao Sol as redes estendia
O triste Alzor, que á dura Algêa amava,
A' praia algoza subito saltava
E á longa sirga o barco seu prendia.

Ondas ligeiras, respeitai hum dia
O districto em que estou, terno bradava,
E eis, que o nome da Nynfa, que adorava,
N'arêa entre soluços escrevia.

Affim que em le-lo hum pouco se recrea,
Vai beijallo, e huma vaga marulhoza
Nisto lhe róla sobre a escripta arêa.

Parte lhe entra na bocca desditosa,
Então clama ,, quem te ha de amar Algêa,
,, Se até no proprio nome és amargosa.





M O T E.

Hum ferro agudo no meu peito crava.

S O N E T O.

MORRO Analia por ti, mais hum instante
Não posso disfarçar minha ternura,
Se por louco me tens, desta loucura
Culpa teus olhos, teu gentil semblante.

Doce paz, cara vida, alma constante
Victîmo de teu gesto á formozura,
E nas aras de Amor a fé mais pura
Te protesta guardar meu peito amante.

Que imensa dita se enchugar quizesse
O pranto ardente, que meu rosto lava,
E hum vizo ao menos de amorosa desses!

Mas se tão justa confissão te agrava,
Antes que o triste desengano expresses,
Hum ferro agudo no meu peito crava.

Belm. Transt.

Nun-



M O T E.

Depois de morta a lamentavel Dido.

S O N E T O.

JUNTO da voraz Pyra que ondeava,
De crespo fumo os amplos Ceos toldando,
Escondendo hum punhal no peito brando
Convulsa Eliza á morte se entregava.

Inda o prófugo amante procurava
C'os moribundos olhos: soluçando,
E o spectro horrivel de Sicheo raivando
De seus crimes aos Manes a accusava.

A boca torce, torce os frouxos braços,
E o ar fendendo com mortal gemido
Assim proclama, a voz truncando a espaços.

„ Em vão tentas fugir-me E'poso infido,
„ Que em sombra errante seguirá teus passos
„ Depois de morta a lamentavel Dido.

Belm. Transt.

(XXIII)



M O T E.

Venceo-me de Natércia a formozura.

G L O Z A.

S O N E T O.

TU com settas nas mãos, gesto sombrio
E da linda Natércia acompanhado !
Aposto Amor, que intentas denodado
Ter com minha alma novo desafio.

Se animo tens, vem só, que não he brio
Trazer hum Nume defensor ao lado,
Verás o como d'affoiteza armado
Dos laços teus, dos teus farpões me rio.

Mas d'almos olhos que fulgor celeste
Me abraza o peito ? eis morto de ternura,
Traidor, que estilo de pugnar he este ?

Os pulsos te offereço á prizão dura ;
Porém não julgues não, que me venceste,
Venceo-me de Natércia a formozura.

Belm. Transf.

S O:



M O T E.

Nunca mais te farei outra ameaça!

S O N E T O.

QUE julga , fô Amor? não me desdigo,
Basta já de sofrer tanto calote :
Fazer que Lelia de Taful me note,
E ande trombuda á quasi hum mez comigo!

Apre lá com taes petas ! Ouve amigo ;
Vá ter brincos com outros do seu lote ,
Se não quer que os narizes lhe mascote,
Que lho farei melhor do que lho digo.

Mas já soluça ! Já perdão implora !
Ah ! não soluces, que isto em mim foi graça.
Tome hum beijo : Ora cale-se : Inda chora ?

Olha se a Lelia pedes que me faça
A mesma festa , que te fiz agora ;
Nunca mais te farei outra ameaça.



CANÇONETA
A' IMMACULADA CONCEIÇÃO
D A
VIRGEM MARIA N. S.

QUE fraudes , que enredos ,
Que horrivel estrago ,
Famelico Drago
Semeia entre nós ,
o collo escamolo ,
Arfando ferós .

Empana seu bafó
Os lustres ethereos ,
C'os olhos vipereos
Fascina os mortais ,
Veneno golfando
Das fauces lethais .

Por terra alongado
Hum hora serpenta ,
E a cauda cruenta
Enrosca em aneis ,
Outra hora corisca
Dos olhos crueis .

Os Ceos enfurdessem
A nossos clamores ;
Marulho de horrores
Nos vem combater :
Quem póde no Mundo
Seguro viver !

Porém que Donzella
D' Estrellas Circada
Em nuvem dourada
Lá vejo assomar !
Dos Córos dos Anjos
Ressoa o Cantar .

Seu manto radiofo
Noè ares fluctua ,
Sustenta na Lua
Os candidos pés ,
Quem és raro assombro ?
Responde , quem és ?

Oh forte ! Oh prodigio !
Feliz maravilha !
He esta , he a Filha
Celeste de Abram :
Chegou aos Humanos
Geral redempção.

Dissipão-se as trévas
Funestas do Mundo ;
O Drago iracundo
Trepida de horror ,
E o susto do estrago
Lhe dobra o furor .

A lingua farpada
Em fremitos vibra ;
Sanhudo equilibra
O corpo no ar ,
E a Virgem potente
Procura assaltar .

Eis que ella sem susto
Da Féra damnosa
C'ó a planta mimosa
Lhe oprime a cervix ,
Illeza alcançando
Victoria feliz .

Já brama , e se torce
No jugo potente
A torva serpente
Cuberta de horror ,
Em vão , em vão se arma
De sanha e furor .

A cauda cerulea
De negro manchada ,
Em arco vibrada
Afferra no chão ;
Ora abre , ora fecha
As fauces em vão .

Os Ceos te bemdigão
Donzella formosa ;
Vergonhea frondosa ,
Do claro Jessé ,
Por quem libertado
O Mundo se vê .

Do Sol sacrosanto
Foste inclita Aurora ,
Feliz deffensora
Dos filhos de Adão ,
Tu lhe abres as portas
Da santa Sião .

E's Mãi , Filha , e Esposa
Do Numen Superno ,
Illeza ab eterno
Da culpa geral ;
Feliz opressora
Da Serpe infernal .

Primeiro que ao astro ,
Que os Ceos illumina ,
A mente Divina
Essencia te deo ,
E fostes c'roada
Rainha do Ceo .

A Çarça incombusta
Tu és oh Senhora ,
A quem não devora
A culpa voraz ,
E's Iris Celeste
Annuncio de paz .

Celebrem-te sempre
Do Olimpo os Cantores ;
Perennes louvores
Te dem os Mortais ,
Teus cultos se veção
Crescer mais , e mais .

Da torva Discordia ;
Da Inveja sedenta
Benefica izenta
O nosso Atheneo :
Mil graças lhe alcança ,
Mil bençãos do Ceo .

Belm. Transt.



D I T H Y R A M B O .

CHOVENDO estragos Orion ensifero ,
Investe o mundo pavidó ;
Reveis frementes vortices ,
Procellas mil horrifonas
Compõe seu bravo exercito.
Não longe o Inverno revoltoso affoma
Batendo as azas frigidás ,
Rugem-lhe em roda , Tormentas rigidás ,
E a porta-gelo emaranhada coma
Erição-lhe enraivados
Nordestes affanhados .
O brumal tempo agoirando ,
Dos Rifeos alcantilados
Em confuzo vago bando ,
Vem piando
Rubros Frios ouriçados
A's pungentes azas dando.
Ah Celia amavel , que somos victimas
De seus immanes impetos ;
Volveo-te a força das crueis rajadas
Os claros membros tremulos
As faces carmezins , as mãos rouxcadas .
Que faremos ?
Como á fria estação fugiremos ?
Eia , ledos a Bacho brindemos ,

(XXXI)

Do seu fero rigor zombaremos .

Aqui temos

Longo esquadrão de gravidas botelhas ,

Que as bocas vermelhas

Tem inda arrolhadas :

Destapemo-las ,

Despejemo-las ;

Eis ressurtem as rolhas

E envolto em alegria

Tres cópos coroados

á vejo , oh Celia , de espumosas bolhas .

As Orgias celebremos

Evohé ! Pean cantemos ,

E c'os braços enlaçados

Ledos brindes revefados

Hoje a Bromio tributemos .

Qual de nós libar primeiro

Do seu cópo o Nectar puro ,

Tome posse do terceiro ,

vohé , que fui eu mais ligeiro !

Por mais que afane ,

Celia formosa

Por apartar-nos ,

A forte aveça ,

Não te pareça ,

Que separar-nos

Ha de poder .

Jámais o licor placido ,

Que eterniza de Euxionio os altares ,

Desaloje cruentos pezares ,

Cuidados mortiferos ,

Remorfos anguiferos

Des-

(XXXII)

Dessas almas obtusas , vulgares ,
Que de nós murmurão ;
Que brutais procurão
Hum laço defatar , que a simpathia
A nossos ternos corações forjára ,
Que protege a razão , que o Ceo ampara
E mais aperta amor de dia em dia .

Eis a mente veloz se anuvia ;
O peito me enfurece
Frenetica alegria ;
Evan ! que me parece ,
Que em sanhudo Leão me converto ,
Não me alucino , he certo :
Hispidá juba na cervix me ondea ,
Garras crueis rompentes ,
Sanguineos olhos , aguçados dentes
Ebrio furor me presta .

De me ver , minha Celia , não fujas ,
Que a Brizeu na figura ímitando ,

Quando

Ao tonante Jupiter
Os Gigantes barbaros
Destronar pretenderão sacrilegos ,
Aquilão tiranico
Heide ataçalhar .

Mas guarida , que estou profligado
Da caterva dos horridos Euros !
Da-me ó Celia , huma taça de pressa ,
Do licor de Bordeus nacarado ,

Possante ,
Brilhante ,
Cheirozo ,
Gostozo ,

Que

(XXXIII)

Que envergonha ao Balais rutilante
No rubor, no gentil luzimento,

Que intento,

Vencelos,

Prendelos,

Prostralos,

Deixalos

Sem vida:

Quando a taça me dás Celia querida,

Não he mais engraçada,

Que tu, a linda Aurora

De luzes coroada

No rutilo Oriente,

Da fulgida carreça apavonada

Os Frizões auri-roxos

C'o flagelo de rozas fustigando.

Não tens mais graça. . . .

Mas venha, venha a taça.

Evohe! bebe hum golo primeiro,

Que mais gosto, maior fortaleza

Acharei no licor lizongeiro,

Que das almas alija a Tristeza,

As magoas suavisa,

E as rebeldes paixões tranquillisa.

Ah! não vez Celia mimoza,

Apinhados

Pelo frizo da taça formoza

Em tumulto, os Amores daninhos

Debruçados

Dando sorvos, piscando os olhinhos?

Olha alguns, que embriagados

Com semblante furibundo,

(XXXIV)

Dentro olhando a propria imagem ;
Querem dar-lhe , e despenhados
Precipitão-se no fundo
Do marulho , e da voragem,
Os mais ficão salpicados ,
E as cabeças sacudindo ,
Dos parceiros se estão rindo :

Ah Celia , Celia amada,
Agora , agora empina
A taça cristalina,
Se queres ter amor .

Porém se és meiga ,
Terna , constante ;
Fiel , amante,
De que te serve
Este licor ?

Silencio , silencio , ninguem me perturbe !
Alto influxo a cantar me afervora .

Já tomo a eborea cythara ;
Para a referta impavido
Vos desafio leves Corycides ;

Sois poucas ,
Sois loucas ,
Sois roucas ,

Meu canto vence-vos , deixa-vos tremulas ;
O vosso he languido , barbaro , frivolo .
Ah vinde ligeiras , ser minhas emulas ,

Porque meu estro altivolo ,
Como as Filhas fizestes de Pierio ,
E ás gentis Aquiloides argutas ,
Se cantar intencardes comigo ,
Vos fará deste arrojo em castigo .

(XXXV)

Eia das frias Orcades
O almo summo vitigeno
Tragão-me á pressa que nunca embriaga.
Que pertendo cantar dignamente
O vencedor potente
Dos fulos Povos da Menonia plaga.

Deliro ? Não : eu vejo
Esquadrões horridos,
Turmas armigeras ,
Nos campos bellicos ,
Movendo escandalo ,
Aos Numes celicos.

São os Povos barbaros
Da Zona soligera ,
Que no carro luminoso
Vem Titão flami-crinado,
Quando já meio acordado
Faz ao Dia perguiçoso
Dispertar do claro Ganges.
Dor he ver entre as fuscas falanges
Como aqui , e alli guerreiro
Evio ligeiro

Toma a setta , arma o arco , aponta , mata ,
E as timidas cohortes
Com repetidas mortes
Soberbo desbarata.

Do Falerno purpurino
De Mareotes famosa
Encho hum copo cristalino ,
Eilo, he teu , Celia mimosa .

Aceita-o ,
Empina-o ,

(XXXVI)

Esgota-o,
Que eu mais dois encho ligeiro,
D'outra especie mais gostosa.
Que summo tão rosado e lisongeiro!
Na viva côr excede ás vivas brazas!
Dous cópos tenho, oh Ceos! são duas azas!
Deixem-me,
Larguem-me;
Não me segurem, que as forças me quebrão:
Eu subo as amplas regiões fidereas,
Ver perrendo se os Numes celebrão
Lá no Olimpo também Antisterias.
Evohe Tionio fremente!
Não ha vinho que mais me contente,
Nem que tanto meus olhos deslumbre,
Como o do Rheno
Suave, ameno.
Nem hum vislumbre
Tenho agora dos negros Cuidados,
Que turbavão meus dias cançados
Saboé! que furor me transtorna!
Soccorrão-me, ajudem-me
A subir the á boca esta Dorna,
Quero empina-la,
Quero liba-la,
Quero esgota-la,
Em honra do Nume Tirsifero,
Que as magoas adoça,
A rugada velhice remoça,
E que affaima os Pezares cruentos.
Zunão ferozes desfavindos ventos.
Toldem-se os frios ares;

Re.

(XXXVII)

Rebentem nos recifes pedregozos
Negros revezos Mares ;
Troem rijos trovões estrondosos :
D' horror na Esfera escura ,
Os lentos passos mais depressa movão ,
Elice tarda , a tarda Cynosura,
Que nunca as aguas d' Amphitrite provão,
Com fragor horrido
Das encontradas nuvens nimbiferas
Chovão trifulcôs tortuozos raios .
Ecco fragueira tresdobre á porfia
O horrifono ribombo
Na ouca penedia ,
Que eu rio , e zombo
Dos soltos ventos ,
Revoltos Mares ,
Trovões ruidozes ,
Raios trifurcos ,
Eccos medonhos ;
E resupino
Hum bello almude
Hoje á fañde
Ledo lhe empino .
Evan ! Que vejo ? Eu sonho !
Eis se me antelha
De Bacchantes hum bando rizonho .
Celia , que fazes , olha ,
Não escutas o som nos fundos valles ,
De tubas clangorosas ,
De rances atabales
De stridules pandeiros
D' Anafiz , de buzinas espantozas ?

Não

(XXXVIII)

Não vês, como ligeiros,
De corimbos , e parras coroados,
Dos crespos silvados,
Das lobregas grutas
Com tarros de Lieu nas mãos hirsutas,
Saltão silvicolas , Satiros sofregos,
As plantas caprinas leves trocando ,
E o desenvolto cornipide bando
Não ouves cantando
„ Baccho Evohe .
Que refuzas ? vamos
De Nizeu ás festas
As testas
Cinjamos
De tenros pimpolhos.
Mas que vejo ! dois Eus ! duas Celia !
Evohe ! Nume Nizenô
Que meus olhos obumbrados
Fazem-me , tornão-me ,
Os presentes objectos dobrados.
Pois não he por estar vinolento.
Que dita ! Que portento !
O Destino endoçou-me ,
Em Baccho transformou-me ;
Sou Baccho , não duvides ,
Das verdejantes vides
Em mim o Nume adora.

Agora
Do sacrosancto Nectar me embriago ,
Azul esfera
Veloz tranfago .
Por mim Celia gentil hum pouco espera,
Que

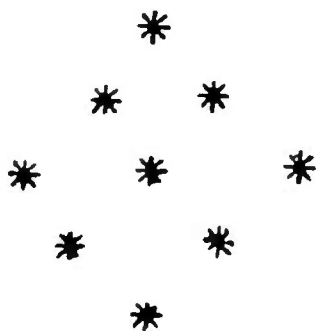
(XXXIX)

Que a Jove revôo fulmini-potente.
Para quê lá no Olimpo fulgente
D'hum trono luzente
A posse me dê.
Ceos, que em prazeres ardo!
Adeos Celia, eu não tardo.
Peân! Baccho! Evohe!

Por B. M. C. S. T. d. S.

Entre os Pastores do Têjo

Belmiro Transtano.



(XLI)



AO ILLUSTRÍSSIMO , E EXCELLENTÍSSIMO SR.
D. ANTONIO MARIA DE CASTELLO BRANCO

CORREA E CUNHA VASCONCELLOS E SOUZA ,

NO DIA DE SEUS ANNOS

O F F E R E C E N D O - L H E

HUMA ESPADA , E HUMA PENNA .

A CCRITA , Illustre Menino ,
Toma a espada , toma a penna
Instrumentos que te cumprem
Da heroica vida na Scena :
Vaite assim acostumando
Ao que te deve servir .
Teu nascimento te obriga
Tomar huma , e outra cingir :
Ouve da guerreira Europa
A terrivel confuzão ,
Vai á honra do teu nome
Costumando o coração :
Grato á Sabia Providencia ,
Que illustre prole te fez ,
Deves Senhor recordarte ,
Qual tu nasceste , e quem és :
Dos herdados nome , e sangue
Esta a grande obrigação ,
Que de outra fórte seria
Herdar sangue , e nome em vão :

Caf.

Castellos Brancos , Corrêas,
Cunhas , Vasconcellos , Souzas ,
São nomes, que sempre exigem
Na guerra , e paz grandes couzas :

Se pelo vasto Universo
A Fama os tem espalhados,
Com a espada , com a penna
Se tem feito assim honrados.

Precedendo a teus Maiores
Pública vóz fende os áres,
Que faz com os nomes dignos
Resoar a Terra , e os Mares :

Nem este som se conserva
Nas vozes da Fama em vão ,
Mesmo agora , sim agora
He propria a sua lição :

No alto do seu Castello
Lisboa aperta nos braços
(a) Aquelle que a seus vindouros
Mostra para a gloria os passos :

O

(a) He bem celebrado nos fastos da Historia Portugueza o valor com que o esforçado Martim Moniz Illustrissimo Progenitor da Familia de Vasconcellos , se deixou matar esmagado entre a porta do Castello de Lisboa , para que seu corpo morto a sostivesse aberta para a entrada dos nossos , que por este meio completarão a victoria contra os Mouros . O Rei em reconhecimento lhe mandou alli erguer hum busto , e a porta conserva ainda o nome do Heroe .

O que salva a Guimarães , (a)
O que a honra ao Rei defende,
Tens na tua estirpe Illustre,
Que a jurada fé não vende :
Honras a Mem se offerecem, (b)
Porque vista a espada nua ;
Mas na jurada homenagem
Guarda a Real , guarda a sua :
Seguir do Rei a ventura ,
Qual vario caminho tome
He dos de teu appellido ,
E até mesmo do teu nome :
Africana arêa o vio
Em fogo de brio accezo,
Ferido onde o Rei ferirão , (c)
Prezo onde seu Rei foi prezo :
E do seu Rei natural
Defendendo a Terra , e o Povo
Não só os vio Mundo antigo ,
Tambem os vio Mundo novo :

Assim

(a) Lembro aqui a fidelidade do Illustrissimo Mem Rodrig. na guarda , e defeza de Guimarães pela parte do Senhor Rei D. Diniz : Declaro-o assim porque póde equivocar-se este louvor com o que merecera o famoso Egas Moniz , tambem desta geração .

(b) D. Antonio de Castello-Branco que seguiu a El Rei D. Sebastião na infeliz batalha de Alcacer.

(c) Outro D. Antonio que foi na Armada de soccorro ao Brazil .

(XLIV)

Assim na Marcial estrada
Espero , que á gloria affomes ,
Que isto he dever (ja to disse)
De tal Familia , e taes Nomes :
Mas se a doce Paz vier
Tirar o Elmo a Minerva ,
Das Sciencias no caminho
Os teus Maiores observa :
Co' a penna instruindo os Luzos
Sabendo justos regê-los
Verás bons Castellos brancos ,
Verás sábios Vasconcellos :
Fugidas virtudes , e Artes
Dòs teus se abrigam nas casas ,
E dalli vêm a apagar-se
Da guerra as ardentes brazas :
Não só a Piedade acceita ,
Procura-as , convida , chama ,
Estende a mão bemfeitora
E as graças longe derrama :
Não vou buscar longe o exemplo ,
Eis que o tens á vista , he este :
Respeita a lição Paterna ,
Para seguila nasceste :
Sobre mim ja neva a Tempo ,
E ja me esfria a cabeça ,
Sinto ja pertos os dias
Em que de todo arrefeça :
Meu amor , e minha idade
Autorizáo meus conselhos ,
Que não são de desprezar-se
De seivos fieis , e velhos :

(XLV)

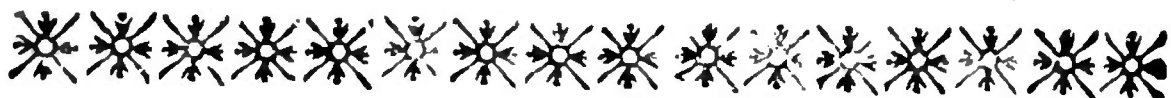
Preparate a Sorte os cargos ,
Eu o prevejo , eu o estimo
Do Throno ferás o esteio
E dos pequenos o arrimo :
Em fim meu aviso escuta
Guarda-o em tua memoria :
Nasceste para viver ;
Mas vida de honra , e de gloria .

DISSE

O mais humilde servo de V.Excellencia

Domingos Caldas Barboza

CAR-



C A R T A

D E

L E R E N O A A R M I N D A ,

EM QUE SE DAÕ AS NECESSARIAS REGRAS
DOS VERSOS DE ARTE MENOR ,
ENSINANDO A CONHECER ,
O QUE SEJAÕ CONSOANTES, E TOANTES ;
E O QUE SAÕ PALAVRAS AGUDAS GRAVES ,
E ESDRUXULAS &C.

A R M I N D A , cuja belleza
Para o Mundo rara , e nova
Do primor da Natureza
Nos deo a mais linda prova :

Em quem por hum modo vario
Taes graças o Ceo reparte ,
Que he quasi desnecessario
Ajudar o estudo a arte :

Cujo Amor á Poesia
A faz ser de tanto preço ,
Que eu que nada merecia ,
Por ella tanto mereço :

Pois

(XLVIII)

Pois vosso genio me pede,
Que vos queira declarar,
O como o Verso se mede,
E o de que deve constar:
Eu trabalharei sincero,
Porque vosso genio adestre,
Com condição que não quero
O vão titulo de Mestre:
Porque fallando verdade,
De mim mesmo vos direi,
Qu'eu tenho esta habilidade,
E como a renho não fei.
Sinto n' alma, subtil, destro,
Hum doce furor vagar;
He isto o que chamão éstro,
Que me faz poetizar.
Sem as regras aprender,
Que aprendêlas sempre he bom,
Versos me virão fazer
Por innato, e doce tom.
Ao que a Natureza nega
Esta preciza harmonia,
Chega tarde, ou nunca chega
A doçura da Poesia.
Mas a vós, eu imagino
Vos não negou este bem,
Dando a hum corpo peregrino
Peregrin' alma tambem.
E pois que min' alma, e vida
Repartir com vosco intento,
Tereis com igual medida
Os fructos do meu talento.

(XLIX)

SEI QUE VOS HADE AGRADAR
Fazer galantes Cantigas ;
Sei que as desejais glozar
Por divertir as Amigas .
Vou dar ás cantigas Lei ,
A' redondilha , ao Quarteto ,
Em Quintilhas fallarei ,
Decima ; e mais não prometo .
Só com versos desta casta
Sei que muita gente brilha ;
E sendo bem feita , basta
A corrente redondilha .
Este Verso assim cantavel
Mesmo entre o Povo grosseiro
Trouxe Terpsicore amavel (a)
Ao som de alegre Pandeiro .
Com elle ao tempo que Ceres
Eiras ou tulhas enchia ,
Veio adoçar com prazeres
A cançada companhia .
Mas Fabulas não metâmos ,
Menina , vamos avante ;
Tomai sentido , qu' estamos
Co' a forma do Consoante .
Saber primeiro he preciso ,
O Consoante o que he ;
Eu serei breve , e conciso ;
Mas com razão , e porqué .

D

Est.

(a) Musa propria a cantar prazeres brincando .

(L)

Espero que se me acceite
Este gostozo trabalho ;
E que a minh' arte aproveite ,
Salvo a attenção a Borrailho .(a)

Consoante he huma vóz
Quando igual com outra sôa ,
Nestas duas achais vós
Consoantes : *Goa , e boa .*

Mas preciso declarar ,
Por hir coherente em tudo ,
Que tres sons haveis achar
Esdruxulo , grave , agudo .

Aguda aquella vóz he ,
Que fere (b)ultima vogal ,
Como dizendo *Jozé ,*
Ou *fiel , ou desleal .*

Na penultima ferindo ,
Esta vóz grave se chama ;
Assim como *amado , lindo ,*
Graciosa , bella , Dama .

N' antepenultima fere
O esdruxulo galantissimo ;
Quem quer o exemplo, pondere
Em *Rustico , ou pulidissimo .*

0

(a) Borrailho autor de huma arte de Metrificação .

(b) Achei melhor explicar-me , com ferir a vogal , que he que dá o som á sylaba , do que tratar do assento predominante ; como se vê no Quarteto o ferir &c.

(LI)

O ferir he dilatar
Nessa vogal carregando ,
E o mais que continuar ,
Em som mudo abreviando .
He da vogal que ferimos ,
Que regemos por diante ,
S' iguaes letras exprimimos ,
Essa vóz he consoante .
Se hum consoante quizerdes
Para hum verso ao vosso *amado* ,
Basta o seu som escolherdes
N' outro , como *desejado* .
Que he grave já conheceis ,
Fere a penultima só ,
Depois della alli tereis
Iguaes letras , *d* , e *o* .
O que as vozes graves tem ,
Nas outras vozes succede ;
Da mesma fórte tambem
Esdruxulo e agudo , o péde .
Neutral segue a *natural*
Onde fere a vogal ultima ;
Picaro a *Icaro* igual
Que fere n' antepenultima .
Caso que outta letra encerre
No meio , difere já ,
Amado , e *claro* , eis o *r* .
Que veio depois do *a* .
Esta differença basta ,
Que as faz não ser consoantes ;
São as vozes desta casta
Huma das outras toantes .

Conhecer que he differente
O toante, eu acha bom ;
Pois s' engana muita gente
Com o tom em vez do som.
Se o verso diz coiza boa ,
Não digo que não s' estima ,
Sempre se nota a Pessoa ,
Que tem pobreza de Rima .
Conheço mil ignorantes
De huns ouvidos bronzeados ,
Que deixáo os Consoantes
Com os toantes trocados .
Fujâmos de tais Juizes ,
De tais Cantores fujâmos ;
Se os ouvir-mos , infelizes
Se as orelhas não tapamos .
Deixemos coizas por vir ,
Continúe a nossa lenda ;
Vamos as regras seguir ,
E quem não souber, que aprendaõ
He toante em diferindo
Depois da vogal que rege ;
Tens o exemplo em reflectindo
Nas palavras *Leve* , e *Sege* .
O *u* e *g* que se lêm
Entre os *ee* mudáo o som ;
Som igual elles não tem ,
Bem que tem hum igual tom .
Regras aos habeis s'escrivem ,
Não são para a gente toda ,
Que ha tais , que á sorte se atrevem
Dar o consoante *roda* .

Para estas testas de ferro
A minha penna não corre,
Nesses nasce e cresce o erro,
E por teima vive e morre.
Arminda, está dada a ordem
Para as vozes escolher;
Porque em tom ou som concordem,
Como as deveis conhecer.
E mal, se alguém com rudeza
Mais do que isto precizar;
Aos que escusa a Natureza
Nao quer Apollo acceitar.
Ai de mim, fallei de Apollo,
Fui-me em Fabulas metter;
Não he daqui, estou tolo,
Proprio lugar ha de haver.
Mas de passagem senhora,
Se a digreção não escuzas,
Fallo deste Nume agora,
E do Pernazo, e das Muzas.
Os antigos figurarão
Esta sciencia em hum Monte
Bipartido, em que pintarão
Limpa, doce, e clara Fonte.
Este Nume presidia,
Segundo diz esta Historia,
E erão sua companhia
Nove Filhas da Memoria.
Tinão diversos Officios
Estas que Muzas se chamão,
Soccorrendo aos exercicios
De varios Vattes que as amão.

(LIV)

Se accazo fosse verdade,
Vós hieis a fazer dez,
Deixemos a antiquidade
Acabemos de hum vez.
E enquanto aligero Bruto
Co' a pegada abre a Hipocrene,
De longe os gritos escuto
De quem quer que a Arte ordene.
Negra ignorancia, se ladras
Destá Arte sobre a reforma,
Cal-te que aos Versos, e ás Quadras
Já vou dar medida e norma.
Vamos pois principiar
Nas cantigas ordinarias,
Que hoje costumáo vogar;
Por isso as mais necessarias,
Vós senhora, a voz soltando
Que o rapido vento enfrêa,
Começai a ir cantando
Sem ser de medida alhêa,
Pequeno Verso ajuizo
Primeiro quereis fazer;
Enfinar-vos he precizo,
Que syllabas deve ter.
Se for agudo, só sete,
Oito ao grave se háo de dar;
E ao esdruxulo compete
Nove syllabas contar.
Mas cantela o genio tome,
Que ás vezes nessa tarefa,
Huma vogal outra come,
A que chamáo Sinalefa.

Isto he quando huma dicção
Tem no fim letra vogal ,
E a outra começa então
Mas só huma ao medir val.
Minha Arminda , branda e linda
Justo exemplo aqui se tome ;
Que o *a* de *minha* o de *Arminda*
Envolve em si , em si come .
Devemos exceptuar
Se for aguda a dicção ,
Que o fim não deve juntar ,
A's letras que avante vão .
Sirva de exemplo *estará* ,
Estará em boa fé ;
Eisaque vê-mos o *a*
Que não vai unir-se ao *e* .
Vamos aos artigos mais
E , o , a , e do , da , de ,
Como seguintes vogaes
E este relativo *que* .
Outra figura ha tambem ,
Que finerizes chamamos ,
Da dicção no meio vem ,
Se o proprio lugar lhe damos .
Com ella duas vogaes
Fazem alli união ;
A gloria de mandar mais
Eisahi que unidas vão .
Se não fosse contrahida
A letra *i* com o *a* ,
Seria longa a medida
Pelas regras ditas já .

(LVI)

Esta contracção se faz
Na syllaba subsequente,
Quando ferida se traz
A syllaba antecedente.
A's vezes he mais pomposo
Soltar-se o prezo dithongo;
como o nome *glorioso*
Quando o *i* se faz mais longo.
Por hora os mais Versos calo
Que inda tem menos medida;
Na composição vos fallo
Mais uzada e recebida.
Nesses a regra observada
Dessas figuras já ditas,
He a cantiga formada
Co' as Leis abaixo descriptas.
Devo declarar tambem,
Pois qu' inda o não disse affirma,
Que a vós consoante tem
Outro Nome, chamáo rima.
De quatro Versos iguaes
De huma mesma medição
O quartetõ vós formais,
Como estes formados são.
Dos quatro Versos que tem,
Vem o seu nome a tomar,
Chamão-lhe quadras tambem,
Vem-lhe o nome de quadrar.
Do fim do Verso primeiro
O consoante travando
Com o do Verso terceiro,
Segundo ao quarto imitando.

(LVII)

E para dar mais apreço
Arminda as minhas razões ,
Ja o exemplo vos offreço •
D'um quarteto de Camões .

E X E M P L O .

A Alma que está ofrecida
A tudo , nada lhe he forte ,
Assim passa o bem da vida ,
Como passa o mal da morte.
Tendes ofrecida e vida
Soando da mesma sorte ,
E destramente tecida
A rima de forte e morte .
Deixai falar quem falar ,
Este sempre o Mestre he ;
Nem vós podeis encontrar
Quem mais certas regras dê .
Na Redondilha he diverso ,
Pois vai o Verso primeiro
Rimar com o quarto Verso ,
O segundo c'o terceiro .

E X E M P L O .

E Sperei já não espero
De mais vos servir Senhora ,
Pois me fazeis cada hora
Tanto mal , que desespero .

Bem

(LVIII)

Bem por este exemplo vedes
O que eu expliquei agora,
Porque a posição vós ledes
Das rimas em *ero e ora*.
Seis Versos accrescentando
A' redondilha depois,
Hides Decimas formando,
De que eu sei que amiga sois.
Com o quarto rima o quinto,
Seis e sete ao do fim vem;
O oitavo ao nono: Eu vos pinto
Que forma as Decimas tem.

D E C I M A.

CRUEL, e ingrato Ferino,
Nome, e Coração de féra,
Se da mais bruta se espera
Hum tão grande desatino:
A ti deste amor indino
Florela amante offendida
Inda como agradecida,
De ver que em tão triste forte
Procuraste dar lhe a morte,
Te deseja larga vida.

Vai-se este modo seguindo,
Que os antigos não uzavão:
Duas quintilhas unindo
Suas Decimas formavão.

Lobo.

He

(LIX)

e hum modo de formar
Esta chamada quintilha
Mais hum Verso acrescentar
Aos quatro da redondilha.

I. E X E M P L O.

Camões
Epist.

*Q*UA veda que perigos
Tem cercado o Coração,
Que no meio da opressão
A seus proprios inimigos
Vão pedir a defenção.

Que attendais isto eu requeiro,
Té ao quarto he redondilha,
E o que a segue derradeiro
He quem a forma quintilha.

nestas quintilhas porém
Ha muita variedade,
No modo da rima tem
A sua diversidade.

Quo pello ó Musa que exprimas
O como elle as outras fez,
Ou juntando as duas rimas,
Ou tecendo-as com as trez.

E X E M -

II. E X E M P L O.

Ibidem.

Suspeitas que me quereis,
 Que eu vos quero dar lugar
 Que de certas me mateis,
 Se a causa de que nasceis,
 Vós quizeréis confessar.

Rimão só Verso primeiro,
 Terceiro e quarto igualmente,
 Segundo ao quinto he parceiro
 N'outra rima differente.

III. E X E M P L O.

Ibidem.

POR segredo namorado
 He certo estar conhecido,
 Que o mal de ser engeitado
 Mais atormenta sabido
 Mil vezes, que respeitado.

Primeiro, terceiro e quinto
 Rimão iguaes, e o segundo
 Vai com o quarto distincto,
 Cuido que vos não confundo.

Ou desta, oh daquella casta,
 Duas quintilhas juntando
 A fazer Decima basta;
 Eu vou o exemplo mostrando.

UM Rei de grande poder
 Com veneno foi creado,
 Porque sendo costumado
 Não lhe pudesse empecer,
 Se depois lhe fosse dado.
 Eu que criei de pequena
 A vista a quanto padece,
 Desta sorte me acontece
 Que não me faz mal a penna,
 Senão quando me falece

1. Quintilha.

2. Quintilha.

Vedes as Quintilhas juntas
 Este Decima formar,
 São escusadas perguntas
 Neste modo de rimar.

Porque he como vos mostrei
 Já nas Quintilhas primeiras,
 E as outras tirão a Lei
 Das segundas, das terceiras:
 Assim como ha quartetos
 Nesta medida, e quintilhas,
 Tambem se fazem tercetos,
 Tambem se compõe sextilhas.
 Rimão por modos diversos;
 Mas na rima não está,
 He do numero dos Versos
 Que o seu nome se lhes dá!

Mas

(LXII)

Mas minha Arminda cuidado ,
Sentido Arminda formoza ,
Do que he Verso está falado ,
Vamos ao modo da Gloza.
Não tomareis por pretexto ,
Que ignorais o que he glozar,
Que he hum Verso como texto
N'outros Versos ampliar.
Differente casta e lote
Poeticas glozas tem ,
E o Verso glozado he mote ,
Saber-lhe o nome convem.
Camões , Bernardes , Ferreira ,
E outra mais antiga gente
Glozavão d'outra maneira ;
Hoje a gloza he differente.
De certo modo glozavão
A que elles chamavão voltas ,
Que humas o mote ligavão ,
Outras hião livres , soltas.
Lede aqui hum mote alheio ,
Que em voltas Camões glozou,
E desta forte bem creio
Que hum claro exemplo vos dou.

(LXIII)

M O T E.

*Se me desta terra for ,
Eu vos levarei Amor.*

G L O Z A.

SE me for e vos deixar ,
Ponho por cauza que eu possa ,
Esta minb' alma que he vossa ,
Com vosco me ha de ficar ,
Assim que por só ficar ,
A minb' alma se me for ,
Vos levarei meu amor ,
Que mal pode maltratar-me ,
Que comvosco seja mal ?
Ou que bem pode ser tal ,
Que sem vos possa alegrar-me ?
O mal não pode enojar-me ,
O bem me será maior ,
Se vos levar meu amor.

Dous Versos que motes erão
São nas voltas ampleados ,
E elles não apparecerão
Se não assim explicados.
Das voltas o outro modo
He hum Verso declarar ,
E o sentido d'outro todo
Entre as voltas se espalhar.

(LXIV)

M O T E.

*Perdigão perdeu a penna
Não ha mal que lhe não venha.*

V O L T A.

Perdigão que o pensamento
Subio em alto lugar,
Perde a penna do voar,
Ganha a pena do tormento.
Não tem no ar nem no vento
Azas com que se sustenha,
Não ha mal que lhe não venha.
Quiz voar a huma alta Torre,
Mas achou se desfazado,
E vendo-se depennado
De puro penado morre;
Se aqueixumes se soccorre,
Lança no fogo mais lenha,
Não ha mal que lhe não venha.

Outros d'outro modo uzando
Propria gloza quanto a mim,
Os Versos que vão glozando
Sempre vem da gloza ao fim:
Assim os outros uzarão,
E assim mesmo uzou Camões;
Decimas assim formarão
De que encontrareis milhões.

(LXV)

M O T E A L H E I O .

*Já não posso ser conte,
Tenho a esperança perdida ;
Ando perdido entre a gente,
Nem morro nem tenho vida.*

G L O B A .

Depois que meu cruel Fado
Destruio huma esperança ,
Em que me vi levantado
No mal fiquei sem mudança ,
E do bem desesperado .
O coração qu' isto sente
A' sua dor não resiste ,
Porque vê mui claramente ,
Que pois nasci para triste ,
Já não posso ser contente .

Por isso contentamentos
Fugi de quem vos despreza ,
Já fiz outros fundamentos ,
Já fiz Senhora a tristeza
De todos meus pensamentos .
O menos que lhe entreguei
Foi esta cançada vida ,
Cæido, que nisto acertei ,
Porque de quanto esperei ,
Tenho a esperança perdida .

E

Aca-

*Acabar de me perder
Fera já muito milhor
Tivera fim esta dor,
Que não podendo mór ser
Cada vez a sinto mor.
De vós dezejo esconder-me,
E de mim principalmente,
Onde ninguém possa ver-me,
Que pois me gaubo em perder-me
Ando perdido entre a gente.*

*Gostos de mudança cheios,
Não me busqueis, não vos quero,
Tenho-vos por tão albêos,
Que do bem que não espero,
Inda me ficão receios:
Em pena tão sem medida
Em tormento tão esquivo
Que morra ninguém duvida,
Mas eu se morro ou se vivo,
Nem morro nem tenho vida.*

*Este exemplo que vos dou,
Proprio he de vós e de mim,
De vós que a ensinar-vos vou,
De mim porque passa assim.
Porém não fallo em paixão,
Que eu sei que vos defagrada,
Continue-se a lição,
Que o mais pouco val ou nada:*

(LXVII)

Defta medida de Versos
Ha huns Romances galantes,
Que fervem para narrar,
E fe formáo de toantes.

R O M A N C E .

*Lob. o Taft.
peregr.*

E Nganadas esperanças,
Quantos dias ha que espero
Ver o fim dos meus cuidados,
E sempre pára em começos !
Nascendo cresceftes logo,
E veio o fruzo nascendo,
Na flor que de antecipada
Conheci que era imperfeito.

*De principio tão ditoso
Tornastes logo a ser menos,
Que bem se engana c'o fim,
Quem tem principio de extremor.*

Eis-aqui o exemplo dado,
E dos toantes primeiros
Vai sempre continuando
Té chegar aos derradeiros:
E não tem nenhuma rima
Primeiro e terceiro Verso ;
Vós vedez no exemplo affima
Coplas de modo diverfo.

(LXVIII)

Cuidais que tenho acabado?
Inda ha muito que falar,
Porém por não ser cançado
Tratarei de abreviar.

Faltão endeixas, cantigas
De huma medida menor,
Feitas em louvor de amigas,
E doce paixão de Amor.

De sete sylabas muitas
De seis, e de cinco mais,
Que hirão no fim todas juntas,
Porque não vos confundais.

Já se sabe, que se deve
Em termo grave contar,
Que sendo agudo he mais breve,
O exdrixulo ha de augmentar.

Affim nestes que tratamos,
Os que oito sylabas tem,
Ou sete, ou nove lhe damos
Conforme ao termo convem.

Arminda, gentil Arminda,
Se fazer Versos quereis,
Resta muito mais ainda,
Que cuidadosa estudeis.

Porém bastaráõ por hora
As poucas regras gerais:
A estes Versos, Senhora,
Depois hiremos aos mais.

Começa-se pouco a pouco
O entendimento a adestrar,
Porque he temerario e louco
Quem quer logo aos Ceos voar,

(LXIX)

Bem como o corpo começa
De pequenino a crescer ,
Dessa mesma fôrma dessa
A idéa cresce em saber.

Quem ao alto de huma escada
Seguro intenta trepar ,
Sobe aos poucos , faz parada,
Té que ao alto vai chegar.

A maldita presumpção
Que tem de enganar o officio
Muitos arrebatz , então
He seguro o precepicio.

Vós caminhai mais segura,
E com a cauta prudencia
Vereis a ignorancia escura
A' clara luz da sciencia.

Porém não queirais mui perto
Assim á pressa chegar ,
Pois quem sahe de escuro , he certo,
Que as luzes fazem cegar.

Pouco a pouco acostumando
Hide os olhos á verdade
Podereis hir suportando
Sua intensa claridade.

Guiada do serio estudo
E guardando as suas Leis,
Ah formosa Arminda ! tudo
A seu tempo alcançareis.

Conheço almas vagarosas,
A vossa corre ligeira ,
Mas syladas perigosas
Tem de poeta a carreira.

Qual

(LXX)

Qual posso , Arminda querida,
Os seus perigos vos marco,
Por vos não ver submergida
No immundo pegazio charco.
Muza não quer fugeição,
Muita gente vos dirá,
E he pior a confuzão,
Bem que a fugeição he má.
Depois das regras vos dar,
Livre por ellas vagai,
Como bem vos agradar,
Com regra a voz entoai.
Feliz eu se acaso alcanço
Ornar vosso entendimento,
Verei com gosto e descanso
Frueto de hum raro talento.
Daquelle talento raro,
De quem Arminda, de quem...
(Não sei se muito declaro)
Depende todo o meu bem.
Espero vos a proveitem
As lições que vos ordeno,
E em signal de Amor se aceitem
As fadigas de LERENO.

(LXXI)



C A R T A S E G U N D A

A
A R M I N D A ,

EM QUE SE TRATA DA COMPOSIÇÃO
DO VERSO GRANDE , OU DE ARTE MAIOR
A QUE VULGARMENTE CHAMAMOS HEROICO .

P O R
L E R E N O S E L I N U N T I N O

D A
A R C A D I A D E R O M A ,

A L I A S
D . C . B .

G RAÇAS ao meu trabalho , que eu já vejo
Em parte satisfeito o meu desejo :
Tu me deves , Arminda , sim , tu deves ,
(E cuido , que a negalo não te atreves)
Hum realce das graças , e belleza ,
De que te ornou a rica Natureza ;
Desenvolveo-se o metrico talento ,
Já he maior o teu merecimento .

Tú

(LXXII)

Tú já pizas do Pindo a longa estrada ;
E de Euterpe , e Therpsicore guiada ,
Caminhas a banhar-te na Heliconia ;
E alli ao lado da meliflua Jonia ,
Da elevada Lilia , e Marcia terna
Farás com Tirce a tua fama eterna .
Veja o vulgo ignorante assim perplexo
Que as meigas Musas amão o seu sexo .
E possa a austera gente Portugueza
Restituir o credito á belleza ,
A quem abrindo as Graças feu thesouro
Apollo entrega a doce Lyra d' oruo .
Grecia que o diga , que o repita Italia ,
E folte as vozes a confusa Galia .
A eterna Sapho , a immortal Faustina ,
A viva , e suavissima Corina ,
Bocage , Dacier , Des-Houlieres ,
Não são bastante exemplo ? E q̃ mais queres ?
Apollo quer que os teus talentos ornes ,
Começalte o caminho , atras não tornes .

Forão uteis Lições , uteis fadigas ,
Tú já fazes quartetos , já cantigas ,
As Decimas ajustas , compões glozas ,
E pasinão de te ouvir mil orgulhofas ,
Que invejando-te muito a face linda
O engenho , e arte mais t' invejão inda .

Chamã-te Poetiza , e já te alegras ,
E apenas sabes as primeiras regras ;
Mas do teu estro ostentação não faças ,
Que de oito , ou nove syllabas não passas .
Por

(LXXIII)

Por harmonico tom da Natureza ,
Se cantas Versos de maior grandeza ,
He qual simples Menino que applicado
Forma accaço no chão cerro hum quadrado ,
Hum circulo , hum triangulo affim forma ,
E não sabe a medida , a regra , a norma .
Nescio da proporção que ás linhas cabe ,
O mesmo nome do que faz não sabe .

Póde huma vez o accaço acreditar-te
Entre ignorantes , imperitos d' arte ,
Que usados a compôr sem ter preceitos ,
Nem conhecem os teus , nem seus defeitos .
A bizonho Pintor alguém celebra
O quadro máo que depois rasga , ou quebra ,
Quando hum' arte fiel filha do estudo
Lhe vai mostrar qu' estava informe tudo .

Não te deixes levar de vãos louvores ;
Teme o voto dos teus adoradores ;
Que por teus lindos olhos deslumbrados
Versos que erraste, medem acertados :
Amor a estende, se a medida he curta ,
E se he sobeja , a demazia incurta :
Tal vejo emfim, que no amoroso Officio ,
Te faz do entendimento hum sacrificio ,
E do seu coração por interesses
Te dá falso louvor, que não careces .

Cautella pois Arminda , sim cautella ,
Que eu vejo ameaçar rija procella .
Tu debes legurar os teus talentos ,

Por-

(LXXIV)

Porque não voguem á mercê dos ventos ;
Os olhos fitos sobre o rumo d' arte
Apruma , e fonda para desviar-te ;
E em seguro baixel que rege o estudo ,
A são e salvo tu vadeas tudo .
Ao Sancto Alcaçar , onde em tua gloria
Te dão louvor as filhas da Memoria .

Sentada junto á doce Cabalina
Corre aos passados Sec'los a cortina ,
E lê nos fastos que a memoria encerra ,
Como baixára a Poesia á terra .

Clama o Egypto que primeiro a vira
E a sua doce vóz primeiro ouvira :
Qu' imitando das Aves o gorgueio
A dar medida ás nossas vozes veio :
Que aos Passaros os Homens imitando ,
Hymnos Sanctos aos Ceos vão concertando .
Que cantarão depois assim seus Reis ,
E este suave som lhe adoça as Leis .
A Chaldêa o recebe , e Grecia o toma ,
Dalli o tem a vencedora Roma .
Que aos subjugados Povos o estendêra ,
Quando as Virtudes com as Leis lhes dêra .

Assim a doce divinal Poesia
Propagando os triunfos da harmonia ,
Dictára aos Gregos os costumes puros ,
E erguera a Thebas alterosos muros .
De Augusto no magnifico Palacio /
Com Virgilio cantou , rio com Horacio :
Nas

Nas sabias Cortes , nas Campinas rudes
 Vicios punindo , honrando as sãs virtudes ,
 Sobre medidas syllabas caminha ,
 E assim á Lusitania se avezinha .
 Traz por adorno a sonora rima ,
 Qu' Italia , França , Helpanha tanto estima ;
 Adorno que ella despe muitas vezes ,
 Inda em meio de austeros Portuguezes ;
 Sem que por se mostrar defaiteada
 Seja entre os Sabios menos estimada .
 Acabou a toada Leonina
 Da sacra magistral Lingua Latina :
 Nossa linguagem pois veio daquella ,
 Dirão , devem seguir-se os passos della .
 Não crêas tudo quanto os outros dizem ,
 He preciso que as causas se analizem ,
 E talvez nem o exemplo nos importa
 De huma linguagem boa , porém morta ;
 Ha outras Linguas della descendentes ,
 Que devemos seguir como Parentes .
 Os que ralhão da rima em nossa Lingua ,
 Talvez he por dureza sua , e mingua :
 Eu fei que a Italiana nasceo antes ,
 E conserva no verso os consoantes ,
 Inda sendo mais facil a mover-se ,
 Porque sabe alongar-se , ou encolher-se .

Vê a Sabia gentil Musa Franceza
 A pés juntos marchar unida , e preza ,
 E representa assim sem que mal fique ,
 As acções grandes do famoso Henrique .

Nem

(LXXVI)

Nem a Tragedia o gesto seu afronta,
Se em passo unido os altos feitos conta:
Assim o Cid, e Zara honrão a Scena
Sem dos Poetas infamar a penna:
Se vamos lêr ao Pindaro de Hespanha,
Que pelas nuvens rapido se entranha,
Nós não diremos não, que a sua rima
Deixára o seu talento em pouca estima.
Ouve a Camões a Epica trombeta;
Verás que a rima ornou Musa discreta,
E que sabia, e gentil não desfigura
De Adamastor a horrída figura.

Vamos porém co'as regras adiante,
Seja enfeite da Musa o Consoante;
Mas venha proprio, em proprio lugar posto,
Que então realçará da Musa o gosto.
Lembrete gentil Moça, qu' entecitarão
Mãos inertes que o gesto lh' estragarão
Porque o Bonet de sorte lhe puzerão,
Que á natural belleza lh' empecêrão.
Assim mal applicado o consoante
Estraga, como a touca, o bom semblante.
Não tem nosso Parnazo hum mesmo Canto,
Varia em tons, e muitos pedem tanto:
Varias composições de varia ordem
Pedem que em sua solfa assim discordem;
Ora a Musa vai livre, ora fugeita;
Por mais que pro, e contra alguém te alegue;
Teu genio escolha, e o teu genio segue.

Se á tu' alma porém falta a harmonia,

(LXXII)

Foge da melindrosa Poesia,
E em vão a maior marcha emfim te aprontas,
Se os largos passos pelos dedos contas:
Previne sempre quando as vozes lances,
Em que lugar o folego descances,
Que este Verso maior tras seu cansaço,
Se com regra não poufa espaço a espaço.

Se o metro vais compôr de maior arte,
O Verso em onze syllabas reparte.
Seja a decima longa, a outra breve,
Que assim a Lei do Pindo lhe prescreve:
Se esdruxula dicção o finaliza,
Então mais huma syllaba precisa:
Se com dicção aguda se conclue,
Então huma das onze diminúe;
E na decima longa que assignalo,
O meu Verso acabei, e ahí me callo:
Mas d'altiva Epopêa na vóz bella
Destes Versos agudos te acautella;
E evita no Soneto escrupuloso,
Hum tal verso que o faz menos formoso:
Se hum conceito porém melhor se exprime,
Não ha medida então que o desestime.

Com estes Versos de maior medida
A heroica Musa ao Canto nos convida,
Heroico assim se chame, porque tome (nome:
Do assumpto a q̃ he mais proprio, hũ proprio
Com elle aos Lusos dêo eterna fama
O immortal Cantor do illustre Gama,
E com elle o grandiloquo Pereira

Dêo

(LXXVIII)

Dêo a Lisboa a gloria verdadeira :
Mil outros casos nossos muito honrados
Nos Versos desta ordem são cantados ;
E ou folto , ou prezo co' a sonora rima
Tem dos proprios , e estranhos alta estima :
Com eile a Poesia abranda , adoça
Duros principios da Linguagem nossa .

Eia , Arminda , se o genio te convida ,
Mãos á obra : aqui tens regra , e medida :
Recorda-te que ao Verso em que escrevemos,
Sendo grave , onze syllabas daremos ,
Tem o esdruxulo doze , dez o agudo ,
O Emistiquo sete , e disse tudo :
Segue esta differença o seu quebrado
Em grave , agudo , e esdruxulo notado ;
Mas a syllaba sexta longa seja,
Bem que a final dicção - de oito se veja .
Não julgo estes preceitos já confusos ,
Sabe-se o verso , vamos aos seus usos ,
Como se trava , ou emparelha a rima ,
E qual o Canto que a requer , e estima .

Muitas vezes grandiloqua Epopêa
Solta desta prizão vôa , e passêa ,
Outras vezes sem ter duro embaraço,
Vai medindo em Oitava o seu passo .
Assim Camões a heroica marcha ordena ,
Assim de Castro a delicada penna .
Cabe agora notar, qual se une , e trava
Sonora rima na graciosa Oitava ;
Que em si mesma hum discurso concentrado
Vai

(LXXIX)

Vai para outros a passagem dando ,
E em curtos ramalhetes bem diversos
Das flores da eloquencia adorna os Versos ,
Fazendo em huma musica alternante,
Que sirva no compasso o Consoante .
Sôa o primeiro co' o terceiro , e quinto ,
Segundo , e quarto , e sexto he som distinto;
E o setimo , e oitavo sempre unidos
Enchem de hum final som nossos ouvidos .

E X E M P L O .

A s Armas , e os Varões assinalados ,
Que da occidental praia Lusitana
Por mares nunca d' antes navegados
Passarão muito além da Trapobana :
Que em perigos, e guerras esforçados,
Mais do que permittia a força humana,
Entre gente remota edificação
Novo Reino , que tanto sublimarão .

Lusiad. I.

Esta grata invenção , que da Castalia
Correo a fecundar Espanha , Italia ,
De huma facil maneira se accomoda
A todo o assunto , e a materia toda .
Assusta-nos co' o rufo dos tambores ,
Alegra-nos co' as graças , e os amores,
Pinta os Campos , Cidades , Leis, costumes ,
No mundo honra os mortaes, no Ceo os Numes:
Hum ora esfria , outr' hora se afoguêa
E alterna a marcha a gosto da Epopêa .

Tem

(LXXX)

Tem sextilhas tambem uso seguido ,
E em alguma Epopêa tem servido :
Servem como as Oitavas caminhando
Ora em passo mais forte , ora mais brando:
E porque o som poetico se exprima
No quarteto alternando a varia rima,
Reduz a mais curteza o seu contexto ,
E acaba unindo o quinto verso ao sexto .

E X E M P L O .

Muitas vezes meus versos me pediste
Que tos mostrasse , e nunca tos mostrei ;
Em não pedir-te os teus , se bem sentiste ,
Entenderieis porque tos neguei :
Da paga me temi , se a não temêra ,
Muitas vezes meus versos já te lêra .
Pedro de A. Cam.

Esta sextilha chamão sexta rima ,
Que mais a moda usa , e a moda estima:
Ha outra, em que Camões forma as Estancias,
E travão de outro modo as consonancias ,
Hindo achar nas seguintes armonia
Do arranjo em que a primeira principia .

E X E M P L O .

Foge-me pouco a pouco a curta vida ,
Se por caso he verdade que inda vivo :
Vai-se-me o breve tempo d'ante os olhos ;
Choro pelo passado , e em quanto fallo

Se

(LXXXI)

*Se me passão os dias passo a passo ,
Vai-se-me enfim a idade , e fica a pena .*

*Que maneira tão aspera de pena ,
Pois nunca hum' bora vio tão longa vida
Em que do mal mover se visse hum passo .
Que mais me monta ser morto , que vivo ?
Para que choro , enfim ? Para que fallo ,
Se lograr-me não pude de meus olhos ?*

Camões Sext. I.

*Não , este exemplo assim não te confunda ,
Busca a vóz da primeira na segunda ,
Huma remata , outra começa em pena ;
E outros saltos assim a Musa ordena .*

*Não eleulo aos quartetos dar a norma ,
Pois que a Musa os varia em sua forma :
Em huns do quarto a rima une ao primeiro ,
E ata a do segundo á do terceiro .*

E X E M P L O .

C *Ruel , que te fiz eu , que me aborreces ?
Tens duro coração mais que hum rochedo :
Eu sou tigre , ou leão que meta-medo ,
Que apenas tu me vês , desapareces .*

*Em outros vão as rimas alternadas
Rimar aonde cabem terceadas
Versos que a Musa de ordinario inspira
A quem nos Campos faz soar a Lyra .*

F

EXEM+

E X E M P L O .

E M vão scrá negar , trago no rosto
Escrito o meu total desasocego;
Neste cruel estado me tem posto ,
Os enganos suaves d' Amor cego .

Lrceno a Arminda.

Ao triste som do funebre alaúde
Melpòmene, que em pranto honra a virtude;
Sempre gosta exprimir os seus affectos
Nas variadas rimas dos tercetos .
Com elles dos Heroes á Campa fria
Caminha a saudosissima Elegia:
De funereos ciprestes mal toucada,
Nos discursos poufando por cançada :
O primeiro se une ao seu terceiro,
Busca o solto segundo hum companheiro .

E X E M P L O .

Q ue tristes novas , ou que novo damno ,
Que inopinado mal inserto sôa ,
Tingindo de temor o vulto humano ?
Que vejo as praias humidas de Goa
Ferver com gente atonita , e turbada
Do rumor que de bocca em bocca vôa !
E morto D. Miguel (Ah crua espada !)
E parte da lustrosa companhia ,
Que alegre se embarcou na triste armada .

Cam. Eleg. 10.

Mas

(LXXXIII)

Mas deste modo facil , e corrente
Se tem aproveitado muita gente :
Elle serve aos ternissimos Pastores
E exprime a vóz dos duros Pescadores :
Com elles he que a Ecloga me pinta
O que amor faz sentir , e quer que eu sinta .

E X E M P L O .

Agora já que o Téjo nos rodça ,
Neste penedo dando mansamente
Murmurando se quebra a branda vêa.
Espera Delio, até que do Occidente
De azul deixe a ribeira matizada
O Sol levando o dia a outra gente .
Entre tanto daqui verás pintada
A praia de conchinhas de oiro , e prata ,
E a agua dos mansos sopros encrespada .
Cantos Eclog. 14.

Diversa travação de consoantes
Ordenão mil Poemas ellegantes,
Que tratados com arte , e com destreza
Dão fama , e honra á Musa Portugueza :

E destes que por força háo de ter rima ,
Que grande valor tem , que grande estima
O Soneto, que em metrica phalange
Arrostra quanto a Poesia abrange ?

Dispõe a heroica marcha em dois quartetos
Que remata depois em dois tercetos ,

(LXXXIV)

Sem consentir que hum termo se repita ,
Acceita só a vóz que necessita :
Naturaes expressões devem unillo ,
E a rima obediente ha de fervillo ,
E o Vate o seu discredito procura ,
Se aguda , grave , e esdruxula mistura .

Nesta composição pois excellente
A rima he quatro vezes differente .
Primeiro , quarto , quinto , e oitavo verso ,
Não se usa rimar em som diverso :
O segundo , e o terceiro vão unidos ,
E são do sexto , e setimo seguidos :
Aos nove , aos onze , aos treze he huma a rima
Vão dez , e doze ao verso em que se última .

E X E M P L O .

O *Raio crystallino se estendia
Pelo mundo da Aurora marchetada ,
Quando Nize , Pastora delicada
Donde a vida deixava , se partia .
Dos olhos com que o Sol escurecia
Levando a luz , em lagrymas banhada .
De si , do Fado , e Tempo magoada ,
Pondo os olhos no Ceo assim dizia :
Nasce o sereno Sol puro , e luzente
Resplandece purpurea , e branca Aurora ,
Qualquer alma alegrando descontente :
Que a minha , sabe tu , que desde agora
Jámais na vida a podés ver contente ,
Nem tão triste como eu outra Pastora .*

*Cam. Son. 89.
De*

De outra arte a Musa antiga os accomoda,
Que ainda os Versos tem usança, e moda.
Temos quartetos ditos terceados,
Temos tercetos n' outro som travados:
Tem o chavão de Mestres respeitaveis,
Mas são hoje entre nós pouco agradaveis.

E X E M P L O.

V Os que escutais em rithmas derramado
Dos suspiros o som que me alentava,
Na juvenil idade, quando andava
Em outro, em parte do que sou, mudado.
Sabei que busca só do já cantado
Em tempo que eu temia, ou esperava,
De quem o mal provou que eu tanto amava,
Piedade, e não perdão o meu cuidado.
Pois vejo que tamanbo sentimento
Só me rendêo ser fabula da gente
(Do que comigo mesmo me envergonho.)
Sirva de exemplo claro meu tormento,
Com que todos conheção claramente,
Que quanto ao mundo apraz, de breve soubo.
Cam. Son. 101.

Acrosticos, retrógrados, caudatos
Passão por ser de velhas Musas flatos;
Passou a subtileza genuina
Co' o tempo do bigode á Fernandina:
Quando os enigmas, quando os anagramas
Forão o enleio das discretas Damas,
Quando o bifronte equivooco fazia

O prazer, e era o sal da companhia :
Deixou c' os rolos esta Moda á Musa
E hum tom mais serio nos Sonetos usa ;

A's Lyras , e ás Canções serve este Verso
Com a rima travada em som diverso,
E serve aos Madrigais , e serve ás Odes ,
Que aos Astros soltas conduzir tu podes ;
Sua desordem graciosa , e bella
Exteriores preceitos atropella ,
E vai da mente acceza no Capricho
Volteando a estrada a seu objecto fixo :
Assim materia propria arde inflammada ,
Fluctua a flamma unida , ou separada ;
E seguindo este vario desafogo
Mostra abatida que se apaga o fogo .

Nem mais me alongarei , porque não cance
Com Madrigal , com Silva , com Romance:
Este segue no tom ordem prescripta
Ao do Verso pequeno , e a dou por dita :
A Silva os consoantes emparelha ,
Quebrados lhe permite a regra velha
Como á Ode , á Canção , á meiga lyra
Sem que nisto Lei certa instituirá .
Esta Poesia facilmente corre,
E a Memoria fugás no tom soccorre ;
Ao Vate, que se inflamma de improvizo
Este facil Poema acho preciso ,
Quantas vezes Arminda me escutaste,
E humas vezes tu risste , outras choraste?

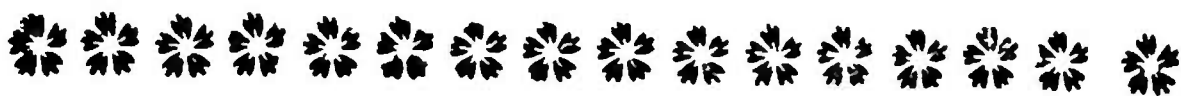
O chistoso Epigrama me esquecia,
Onde ostenta agudezas a Poesia:
He breve, e as suas rimas se dispoem,
A favor do Poeta que o compoem
Parece que singelo vai tecido,
E remata porém dobre o sentido.

O Madrigal que em meio do seu gado
Por singelos Pastores he cantado,
Curtas estancias tem, com que se áta
Com que expoem, entretem, e emfim desata.
Huns por tercetos vão marchando á meta,
Outros vão a capricho do Poeta.
Nos Versos tem a Lei, não nos assuntos:
Não mais de onze, e os finaes que rimem
(juntos.

Não quero mais Arminda não cansar-te,
Basta de Exemplos, Regras, Leis, e Arte:
Pouco basta a quem tem tanta viveza,
Supra os defeitos d'Arte a Natureza:
Para adornar dessa alma a formolura
Enriquece la pódes co' a Leitura
Do rico toucador, pois nas gavetas
Misturarás c'o as fitas os Poetas,
Co' a lição, e co' os olhos vencedores
De ti ha de valer-se o Deos d'Amores,
Vencerás os ouvidos como a vista;
Já por mim começaste esta conquista.

LERENO.

TRA-



T R A D U C Ç Ã O
DA ARTE POETICA DE BOILEAU
PELO
EXCELLENTISSIMO CONDE
DA ERICEIRA.

CANTO PRIMEIRO.

I.

EM vão quer no Parnaso hum temerario
Da Poesia tocar a sacra altura ,
Se des de que nascêo tem por contrario
De hum influxo secreto a luz impura :
Ao seu genio captivo , estreito , e vario
Nunca Phebo concede a attenção pura ,
E o Pegaso volante , e generoso ,
Se lhe nega detido , e vagaroso .

II.

O vós , a quem o ardor com risco inflamma,
Da descrição na estrada perigosa ,
Não consumais sem fruto a nobre chamma ,
Se o genio foge , e o metro busca a proza :
Temei hum gosto , que talvez infama ,
Com a vista agradavel , e enganosa ,
E se ha em vós , consultareis prudente ,
Furor divino , espirito valente .

III.

Com engenhos fecunda a Natureza
 Os talentos reparte nos Autores ;
 Hum tem nos Epigrámas a agudeza ,
 Outro exprime de amor finos ardores ,
 Malherbe canta de hum Erôe a empreza ,
 Racan-Philis , e os bosques , e os Pastores,
 Mas quem se lifongêa , e favorece
 Se ignora a si , e o genio desconhece :

IV.

Affim outro , a quem vio casa abatida
 De versos com carvões tingir os muros ,
 Canta com vóz ouz da , e presumida
 Do perseguidô Hebrêo triunfos seguros :
 E seguindo a Moisés nesta fugida
 Pelos desertos barbaros , e escuros
 Do cruel Pharaó entre os pezares
 Corre a afogar-se em tormentosos mares .

V.

Ou se trate hum assunto heroico, ou brando,
 Nunca a rima ao conceito se adiante ,
 Hum com outro parece estão pugnando ,
 Mas serve como escravo o Consoante :
 Para o achar primeiro trabalhando
 Corre hum pouco o engenho vacillante ,
 Porém nunca a fadiga perpetúa ,
 Pois logo com o uso se habitúa .

VI.

Ao jugo da razão serve obediente,
Sem captiva-la vem enriquece-la,
Mas se ella se descuida negligente,
O Consoante livre se rebella :
Por tornar a doma-lo diligente
O sentido em segui-lo se disvé-la,
Amai pois a razão, que sempre illustre
Dá aos vossos escritos preço, e lustre.

VII.

Da maior parte o animo insensato
Põe longe do sentido o pensamento,
E crem que humilhão monstruoso ornato,
Se de outro imitação menos nobre alento :
Sem excessão deixai este aparato
Da louca Italia ao falso luzimento
A razão tem no acerto huma só via,
O caminho he penoso, incerta a guia.

VIII.

Chêo hum Autor difuso d' huma idéa,
Nunca sem a esgotar a desampara,
Pinta a hum Palacio a face, e me passêa
De eirado a outro eirado, e nunca pára :
Balcões, e gallerias me nomêa,
O ouro aos balaustres fino aclara,
Astragallos, festões deixa pintados
Entre planos, esfericos, e ovados.

IX.

Salto de vinte folhas a distancia ,
E no ultimo jardim me salvo apenas ;
Fugi de tão esteril abundancia ,
Emprego inutil das Eroicas penas :
A demasia he chêa de ignorancia ,
Desprezão-na cançadas as Camenas ;
Quem não detem o arrebatado plectro ,
Malquista a vóz , defautoriza o metro .

X.

Por emendar do baixo estylo o vicio ,
Ao verso , que era humilde , fazeis duro ;
O temor vos conduz a hum precipicio ,
Evitando o ser largo , sois escuro :
Hum , a quem falta influxo mais propicio ,
Fica desalinhado por ser puro ,
E outro que subir quiz , por ellevado
Des de as nuvens naufraga despenhado :

XI.

Quem quer lograr do publico os louvores ,
De variar discursos nunca cesse ,
O estylo igual , unidos os primores ,
Aos olhos que suspende , resplandece :
Que pouca estimação tem os Autores ,
E que enfadado o seu cantar parece ,
Quando em hum mesmo tom nada jocundo
Nos matão psalmeando pelo mundo .

XII.

Ditoso aquelle , cujo nobre alento
Os estylos nos metros alternando ,
Sabe passar com hum ligeiro assento
Do grave ao doce , do severo ao brando :
Estimado o seu livro do alto assento,
E aos discretos Leitores venerando
Sempre o procura em ambição gloriosa
A' porta do impressor a turba anciosa .

XIII.

Evitai nos escritos a baicheza ,
E entre o jocosos resplandeça o serio ;
O burlesco algum tempo sem grandeza
Teve por novo na attenção o imperio:
Do trivial equivoco a agudeza
Foi do Parnaso indigno vituperio ;
Esta licença já sem freio , ou polo
Pôs disfarces ' ridiculos a Apollo .

XIV.

Todo o mundo infestou mal tão terrivel,
Que des de o vulgo aos Soberanos passa ,
Inda o mais sem favor se achou plauzivel ,
E até a d' Affouci se achava graça :
Mas esta extravagancia aborrecivel ,
Da Corte , e dos discretos na desgraça
Marot se imita sabio no picante
Distinga-se o burlesco do galante .

(XCIV)

XV.

Mas não figais Brebeuf , cujas Poesias
Até na grã Pharsalia collocarão ,
Com montanhas de mortes , e agonias ,
Vozes que aos ignorantes admirarão :
Sublimes sem vaidade as armonias
Sempre com arte as vozes moderarão ;
Séde ao Leitor plauzivel , e estimavel ,
Que nunca affectação foi agradavel .

XVI.

Os ouvidos severos na cadencia ,
Com propriedade o numero partido ,
Porque suspenda a matrica eloquencia
No hemistiquio descancem os ouvidos :
Não prevertais de huma vogal a essencia ,
Quando outra encontra , e sejão escolhidos
Os termos que as idéas harmoniosas
Se perdem entre as vozes escabrosas .

XVII.

Ao Parnaso nos seculos primeiros
Só o Capricho em França as Leis fazia ,
Davão os consoantes mais grosseiros
Cizura , ornato , e numero á Poesia :
Soube Villon de antigos Romanceiros
Tirar da arte confuza a melodia ,
Abrio Marot aos versos as estradas
Nos rondós , nos Triolets , e nas Balladas .

XVIII.

Destes Ronfarde successor indino ,
Por querer emendar, confundio tudo ;
Porém o seu Francez Greco-Latino
Foi hum dia dos cultos pobre estudo :
Já perdêo a fortuna o seu destino
Cahindo o fausto pedantesco , e rudo
Desportes , e Bertaut escarmentados
Ficão a seu exemplo moderados :

XIX.

Malherbe em França emfim a dissonancia
Soube ajustar dos versos na cadencia ,
E ás vozes igualando a consonancia ,
Mostrou á Musa as regras da eloquencia ;
Reparou o idioma co' a elegancia ,
E por elle adquirio clara excellencia ;
As estancias com graça lhe cahirão ,
E os versos sem dureza se exprimirão .

XX.

Segui pois esta guia , este modello ,
E imitai-lhe a purissima clareza ,
Sempre hei de lêr huns versos com disvello
De perceber cultissima agudeza :
Deste inutil trabalho logo apello ,
E em tantos váos discursos na estranheza
Nunca figo hum Autor , se ao estimallo
Sempre hei de andar buscando-o para acha-lo.

(XCVI)

XXI.

De alguns genios os tristes pensamentos
Embaraçados sempre em nuvens densas
Não pódem da razão nos luzimentos
Desbaratar as funebres offensas :
Cuidai , se de escrever tendes intentos ,
Dando á idéa as luzes mais intensas,
Que o que puro , ou confuso se concebe ,
Mais claro , ou mais escuro se percebe .

XXII.

E sobre tudo não caiais no abismo
De adulterar do Idioma o ser sagrado ,
Nunca admitais pomposo barbarismo
Inda na melodia distarçado :
De que serve hum soberbo solecismo !
Que val hum termo proprio , e viciado ?
Emfim he o Poeta mais divino
Sem pureza da lingua Autor indino .

XXIII.

Cuidai com ordem , e escrevei sem pressa,
Não presumais de rapida loucura ;
Hum estylo , que corre , e nunca cessa ,
Pouco do entendimento a força apura :
Mais do que huma torrente , que se apressa
A inundar a campanha aspera , e dura ,
Estimo hum rio , que na branda arêa
Vagaroso entre as flores se passêa .

XXIV.

Lento vos apressai , mas neste espaço
Não desmaieis por não achar conceito,
Vinte vezes applique á obra o braço
A forja de que foi discreto effeito :
Puli-a sem cessar, sem embaraço ,
E tornai-a a pulir não satisfeito ,
Dai-lhe talvez augmentos primorosos,
E riscai, que estes versos são gloriosos :

XXV.

Não se estima hum Poema , que reparte
Acertos com mil erros desluzidos ;
Hão de ser sempre iguaes em toda a parte
Os extremos ao meio dirigidos ;
Firmão hum todo as obras de mais arte
De partes differentes aos ouvidos ;
E assim nunca o discurso perca o fio
Buscando longe hum culto desvario .

XXVI.

Temeis aos vossos pública censura ?
Sede a vós mesmo critico severo ;
A ignorancia admirada não murmura ,
Mas buscai confidente o mais sincero :
Num amigo a verdade he mais segura ,
Dos vossos erros inimigo austero ,
Humilhando de Autor louca vaidade
Distinguindo a lisonja da verdade .

XXVII.

Créde mais os conselhos , que os louvores,
Que algum mostra que aplaude , e fatiriza ;
Vêde hum adulator , com que clamores
Em extasis os versos solemniza :
Tudo he divino , tudo são primores ,
Nada o offende , tudo o suaviza ,
Enternecido chora , alegre falta ,
E com vãos elogios vos exalta .

XXVIII.

Oh que a verdade ignora fingimentos ,
E hum sabio amigo , duro , rigoroso
Não dispensa os mais leves pensamentos ,
Com vossos erros nunca foi piedoso :
Elle colloca os versos mais violentos
Da emphasi ambiciosa cuidadoso ,
Na frase , na Grammatica repara ,
No equívoco duvida , o termo aclara .

XXIX.

Affim hum verdadeiro amigo falla ,
Mas intratavel vos em recompensa ;
Quereis dar tom a obra , apadrinha-la,
Interessado na supposta offensa :
Se huma baixa expressão vos assigna-la
Para que passe lhe pedis licença ;
Isto he frio (vos diz) oh ! que he notavel
Isto he máo . . . oh ! senhor que he admiravel.

(XCIX)

XXX.

Em se não desdizer vive empenhado
O nescio Autor em contumacia féra,
E hum verso não consente ver riscado,
Como se nelle hum titulo perdera:
A quem encontra, a firma confiado,
Que sempre amou a critica severa,
Que tem nos versos mando soberano,
E lhe prende a attenção com este enganno.

XXXI.

Depois de os recitar muito cantente
Logo hum simples encontra a que os refira,
Que hum nescio Autor no seculo presente
Sempre encontra outro nescio que o admira:
Na nobreza, e no vulgo juntamente
Tem parciaes a ignorancia, em que respira,
E sempre louva (a satyra he constante)
Ao ignorante algum mais ignorante.

F I M

DO PRIMEIRO CANTO.



CANTO SEGUNDO.

I.

QUAL na festa aldeãa , bella Pastora
De rubins se não touca rutilantes ,
E o ornato fragante colhe a flora ,
Sem que lhe mescle o ouro c'os diamantes :
Assim o humilde estylo que namora
Se ha de ver nos Idilios ellegantes ,
E sem hum verso amar vanglorioso
Ha de ser natural , e não pomposo.

II.

No estylo pastoril o bom Poeta
Desperte , e lisongêe com doçura ;
Não com furia pompoza , e indiscreta
Siga do culto idioma a fraze escura :
Tocar em huma Egloga a trombeta ,
Deixar com raiva a frauta doce , e pura ,
Faz Paa fugir ás canas temeroso
E as Ninfas bellas ao cristal andoso.

III.

Outro na tosca lingua dos Pastores
Em contraria loucura a voz exprime ,
E os seus versos grosseiros , e inferiores
Perdem beijando a terra o ser sublime :
Ronsarde em instrumentos sem primores ,
Com goticos Idilios nos oprime ,
E a Licidas , a Philis com porfia
Mudando os nomes perde a melodia.

IV.

Difícultoso entre estes dous extremos
He o caminho de hum perfeito Idilio :
Para o achar sigamos , e imitemos
O estylo de Theocrito , e Virgilio :
Seus versos amorosos conhecemos,
Que tem das graças o supremo auxilio :
Lede-os sem os deixar todas as horas,
E aprendereis das Lyras mais sonoras.

V.

Nelles se vê o humilde sem baixeza,
Flora, e Pomona, os Campos, e os Pomares,
Do combate da fruta a doce empreza ,
Animar dous Pastores singulares :
Mudar Narcizo , e Daphne a natureza,
Louvar de Amor os gostos , e os pezares,
E huma Ecloga faz com arte estranha,
Talvez digna de hum Consul a campanha.

(CIII)

VI.

Deste Poema segue a força , e graça.
Alta , mas sem audacias , a Elegia ,
Enlutada lamenta huma desgraça
Solto o Cabello sobre a urna fria ,
Quando huma Dama adula , ou ameaça
Pinta do amante a pena , e a alegria ;
Mas para ser feliz clara , e discreta,
Val mais ser amoroso , que Poeta .

VII.

Aborreço os Autores , de que a Musa
De incendios me entretem fria , e violenta ,
A arte louca , e sabia penas usa ,
E em gelo amante a Poesia ostenta :
O affecto doce, afeitação confusa ,
A carga das cadêas accrescenta ,
E adorando as prizões faz ensofridos
Triste a razão , queichosos os ouvidos .

VIII.

Não neste tom ridiculo dictava
Cupido os finos versos amorosos ,
Que rendido Tibullo suspirava,
Que animou os accents harmoniosos :
Com quê o terno Ovidio ao peito dava
Da arte de amar preceitos deleitosos ,
E porque huma Elegia se assignale
O coração se explique , a vóz se calle .

IX,

Com mais pompa , e não menos energia
Eleva a Ode ao Ceo seu vôo altivo ,
Comercee c'os Deoses , e a harmonia
Facilite o combate successivo :
Dos Athletas refira com porfia
No fim do curso o vencedor altivo
Cante , e não fique o triunfante ouzado
Com o pó da carreira dislustrado ,

X,

Leve Achilles feroz sanguinolento
A's ribeiras do claro Simoonte ,
O Esquelda obrigue tumido , e violento ,
Que de Luiz ao jugo dobre a fronte:
Tal como a Abelha em laborioso intento ,
Roube as flores da margem de huma fonte ,
E pinte a Ode em varias melodias
As danças , os festins , e as alegrias ,

XI,

Encarece o favor , que colhe o amante
Na bocca de coral de Iris formosa ,
Que resistindo doce , e inconstante ,
Porque roube , recusa caprichosa .
Talvez a Ode altiva , e resonante
Corre elevada, vôa impetuosa ,
E das exactas Leis rompendo a ordem,
O bello effeito d' arte he a desordem ,

XII.

Fugi de mim medrosos trovadores,
De espirito fleumatico impedidos ,
Que observais nos Poeticos furores
De ordem cançada os termos mui medidos :
De Herois cantando os feitos supriores
Frios historiadores desluzidos
De hum assunto não ouzão apartar-se ,
Nem de vista hum momento hão de deixar-se.

XIII.

Mais do que Meseray soube adquirir-se
De exacto historiador o nome raro ,
Dolle ganhada a Lille ha de seguir-se ,
E antes terá Courtrai roto o reparo :
Conta-se que com elles divertir-se
Quiz Phebo do seu fogo sempre avaro ,
E para os confundir o Deos discreto
Inventa as Leis terriveis de hum Soneto .

XIV.

Dispôs que em dois quartetos bem medidos
Soassem oito vezes dois consoantes ,
Logo seus versos destramente unidos
Componhão dois tercetos ellegantes :
Sem licença poetica oprimidos
Com este metro afflige os ignorantes ,
De hum verso máo desterra a insuficiencia,
Por si regula o numero a cadencia .

(CVI)

XV.

Adornou-o com graça a mais suprema,
E huma vóz não permite repetida ;
Val hum Soneto hum Epico Poema ,
Se sem erro a formou vêa luzida :
Para o achar feliz , Fenis o tema ,
De Autores mil a turba enfurecida
Malleville , Gombaut , Mainard ao ler-se
Dois , ou tres entre mil pódem soffrer-se.

XVI.

O resto , aonde a perfeição já falta ,
Deichado do Leitor menos grosseiro
Qual Pelletier com grão volume falta
De casa do impressor á do especieiro :
A idéa que o Autor formou mais alta ,
Não exprime em tais termos prizioneiro ,
E encontrão quantos rithmos claro ordena
A medida , ou mui grande , ou mui pequena.

XVII.

Mais livre occupará menos espaço
Ornando em duas rimas hum conceito ,
O Epigramma já livre do embaraço
De ter com muito equivoco defeito :
Ao Parnaso já preso em tanto laço
Inundou dos equivocos o effeito ,
Italia os dêo , e o vulgo sem socego
Seguiu esta attração ancioso , e cêgo .

(CVII)

XVIII.

Levou ao Madrigal esta torrente ;
O Soneto orgulhoso foi ferido ,
A Elegia os buscou mui tristemente ,
Da Tragedia animarão o sentido :
Na scena ornarão o Herôe valente ,
O amante suspirou no seu sonido ,
E ouve Pastores renovando as chammas
Mais fieis aos Equivocos , que as Damas .

XIX.

Cada vóz com dois rostos mui diversos
Teve nos Pregadores tanto azillo ;
Recebidos nas prozas , e nos versos
Do Advogado encresparão baixo estylo :
Abre o discurso os olhos , e os preverfos ,
Que ultrajallo intentarão , e oprimillo ,
Do coturno infamados os despede ;
Só no Epigramma a entrada lhes concede .

XX.

Porém seja de sôrte que a energia
Deiche o vocablo , exprima o pensamento ,
Assim brilhou a tempo a melodia ,
E cessou da desordem baixo intento :
Mas ainda conserva a vã porfia
Nos pedantes da Corte e humilde assento ;
Insipidos Bufões , Tafuis cançados ,
No jogo do vocablo desgraçados .

(CVIII)

XXI.

Não prohibe esta Lei, que a Musa fina
Passando de huma vóz zombe com arte,
E do sentido estranho que examina,
Póde usar sem excesso nesta parte:
Porém não vá buscando a graça indina,
Que hum equivoco frivolo reparte,
Porque encontre affectada a louca fama
De aguçar pela cauda hum Epigramma.

XXII.

Só conservando a propria formosura,
São claros os Poemas, e elegantes,
He a gloza singella, mas he pura,
Velha a Canção tem lustre nos consoantes:
O Amor a suavidade, e a ternura,
Com vozes naturaes, mas relevantes,
Illustre producção de acorde Lira,
O Madrigal harmoniaco respira.

XXIII.

O ardor de apparecer, não de que offenda,
Das satyras armou pura verdade,
Lucilio usou primeiro esta contenda,
Vicios de Roma em hum cristal persuade:
Da riqueza vaidosa a fôrte emmenda,
E da humilde virtude a adversidade,
Honra o homem de bem, que a pé mendiga,
E o vil que anda em liteira, só castiga.

XXIV.

Mesclou Horacio a este ponto amargo
O estylo picante , e agradavel ;
Não achou tólo , a quem não desse hum cargo,
Mas com satyra justa , e toleravel :
Aquelle nome que por breve , ou largo
Não alterou o metro invariavel ,
Entra nos versos , mas que seja amigo ,
Objecto da censura , e do castigo .

XXV.

Persio escuro nos versos , mas cerrado ,
Menos afecta as vozes , que o sentido ;
Entre os gritos da Classe foi criado
Juvenal mais mordaz que commedido :
Com asperas verdades venerado
Deixa o sublime estylo mais luzido ,
Com excessivo hyperbole apparece ,
Chêo de ardor aos olhos resplandece .

XXVI.

Sobre hum papel , que chega de Caprêa ,
Rompe a adorada estatua de Sejano ;
Aos Senadores com lisonja fêa
Faz correr ao conselho de hum tiranno ;
Da luxuria Latina a culpa afêa
Vendendo Messalina ao vil Romano ,
Que do seu nobre sangue o mais contrario
Cargas leva a seus hombros por salario .

XXVII.

Foi só Regnier discipulo engenhoso
 No modello de Mestres tão scientes,
 Só entre nós o estylo mais gracioso
 Conserva entre os antigos accidentes:
 Mostra ao casto Leitor não cauteloso,
 Que frequentou lugares indecentes,
 Cynicos metros torpes, e atrevidos
 Offendem a modestia dos ouvidos.

XXVIII.

No Latim se permite a vóz impura
 Mas no vulgar não fica disculpada;
 Só da expressão mais casta a imagem pura
 A liberdade vil deixa ultrajada:
 Na satyra do espirito a doçura
 Candida se acredita, e ajustada,
 E fujo do satyrico á baicheza,
 Que prega, sendo impuro, da pureza,

XXIX.

Desta satyra fertil, e discreta
 A popular canção Francez maligno
 Forma em vos agradavel, e indiscreta,
 Que augmenta a cada passo hum termo indigno.
 De França a liberdade mais inquieta
 Neste jogo pueril corre sem tino;
 Mas não façais malevolo plauzivel
 Assunto a Deos, de zombaria horrivel.

(CXI)

XXX.

Jogos emfim que o Atheismo cria ,
Que ao alegre ; que os canta tristemente ,
Ao público castigo a razão guia ,
E padece na praça este insolente :
Querem os tonos , arte , e melodia ,
Não que o vinho , ou o vaso os represente ;
Inspirando talvez grosseiro plectro
Dispensa Autor sem genio humilde metro .

XXXI.

Mas guardai-vos q̃ os versos com vágria
Vos não dêm loucos fumos , ignorante ,
Em compondo huma copla com victoria,
Se imagina Poeta ao mesmo instante :
Cada manhã feis metros na memoria,
Não dormirá sem que hum soneto cante ,
E imprimindo as loucuras que desata,
Laureado no Livro se retrata .

F I M

D O S E G U N D O C A N T O .

CAN-



CANTO TERCEIRO.

I.

Não ha monstro odioso , nem serpente ,
Que não possa agradar bem imitado ;
Com pincel delicado docemente
O objecto mais horrivel faz-se amado :
Tal a Tragedia em prantos excellente
Da vóz da dôr de Edipo enfanguentado
Mostra as penas de Orestes parricida ,
Deichando o pranto, a magoa divertida .

II.

Vós , a q̃ hum nobre ardor accende o peito
Ao premio do Theatro sempre opposto ,
E dos pomposos versos satisfeito
Quereis que a Corte vos consagre o gosto :
Pondo na Scena as obras sem defeito
Vendo-se os seus primores sem disgosto ,
E ouvintes numerosos sempre ufanos
Inda as peção no fim de vinte annos .

H

III.

Do discurso a paixão seja animada ,
Ao coração , que busca , mova , inflamme ,
Que hum nobre affecto, se hum furor agrada ,
Faz que hum doce terror sem medo se ame :
Se não se excita humra piedade amada ,
Por mais que a Scena sabia a todos ame ,
Preguiçozo de applausos o concurso
Tibio foge do frio de hum discurso :

IV.

Em vão buscais esforços da eloquencia ,
Que o ouvinte cançado justamente ,
Ou da critica segue a inclemencia ,
Ou logo se adormece indifferente :
Agradar , e ferir he occulta sciencia ,
Engenho que me prenda, o engenho invente,
E dos primeiros versos preparada
Do assunto a acção desembarace a entrada .

V.

Rio-me de hum Autor que exprime attento
O que quer , e não sabe o que me diga ,
E descobrindo mal lance violento
Faz de hum divertimento huma fadiga :
Decline elle o seu nome , eu me contento ,
Dizendo , eu sou Orestes , que me obriga ,
Ou sou Agamemnon , tem-me aturdido
Maravilhas confusas sem sentido .

VI.

Em explicar assunto nunca se erra ,
A' Scena se affinale hum lugar certo ,
No Theatro em hum dia annos encerra
O Poeta Hespanhol muito inexperto :
A propriedade sem temor desterra ,
E em pintar seu Herôe andando incerto ,
Já nos actos confuso o tem mostrado ,
Huma jornada, infante , outra barbado .

VII.

Mas nós , porque a razão sempre domine ,
Só queremos guiar a acção co' a arte ,
E que , enchendo o Theatro , se termine
Huma acção em hum dia , e humna parte :
Não queirais que o incrível se examine ,
Prodigio absurdo longe se-me aparte ,
Se o certo verosimil não parece ,
Ao que não crê, o animo aborrece .

VIII.

A arte judiciosa aos olhos tira
Objecto que aos ouvidos offerece ;
O que não se ha de vêr , que se refira ,
E o que se vê, melhor se reconhe e :
O enredo a cada Scena mais se admira ;
Em quanto se não solta , sempre crece ,
E em lances apertados a hum secreto
Descubra , e mostre inesperado objecto .

IX.

Foi da Tragedia informe o nascimento ,
Donde qualquer dançando sem primores ,
A huma fertil vendima sempre attento
Com hum só côro a Bacco dêo louvores :
O vinho alegre imita ao sonorento ,
E foi hum bode o premio dos cantores ,
Thespis guiou primeiro muitas vezes
Esta feliz loucura tinto em fezes .

X.

Des de hum lugar a outro conduzia
Em hum carro os Actores mal ornados ,
E este novo espectaculo trazia
Aos simples passageiros enganados :
Eschylo pôs de hum côro na harmonia
Aos seus representantes melhorados ,
Os borzeguins , e as mascaras retoca ,
E em hum tablado público os colloca .

XI.

Sophocles remontando o genio illustre
Accresce a pompa , augmenta a consonancia ,
Faz que o côro na acção não se dislustre ,
Pulão dos versos tosca dissonancia :
Dêo-lhe entre os Gregos o divino lustre ,
Que sublimou ao cume da elegancia ,
A que nunca atégora tem subido
Dos Latinos o alento enfraquecido :

(CVII)

XII.

Para nossos devotos ascendentes ,
Era o Theatro em França gosto occulto ,
Tropa de Peregrinos não decentes
Teve em Pariz no público este indulto :
No seu zelo ignorantes , e imprudentes ,
A Deos , e aos Santos profanando o culto
Tirou-se a devoção desta imprudencia
Dissipada a Ignorancia pela sciencia .

XIII.

Taes sermões sem missão se desterrarão ,
E Hectór, Ilion , e Andromaca se virão ,
Renascendo as Tragedias restaurarão ,
Da malcara os Actores se despirão :
Os violões ao côro suavizarão ,
Do amor ternos affectos repetirão
Theatros , e Novellas , que he pintura
Para chegar ao peito mais segura .

XIV.

Pintar podeis Herões muito amorosos ,
Sem os formar Pastores derretidos ,
Como Philena , e Thirsis extremosos
Não amão os Achilles tão rendidos :
Não exprimem carâcteres famosos ,
Cyros em Artamenes convertidos ,
O remorso ao amor faz que se mude ,
Parecendo fraqueza , e não virtude .

(CVIII)

XV.

Dos Herões das Novellas ás baixezas
Fugî dando aos Herões alguma falta ;
Sem promptidão , fervores , e ferezas ,
O modello de Achilles não se exalta :
Em huma afronta as lagrimas accezas
He pranto , em que seu animo se esmalta ,
Se a arte as leves faltas pinta , e teçe ,
O engenho a natureza reconhece .

XVI.

Sempre soberbo , interessado , e féro
Agamemnon em o Theatro seja ,
Tenha Eneas aos Deoses zelo auitero ,
Que de carácter se conserve , e veja :
Hum seja sempre pio , outro severo ,
Saiba os costumes , quem saber deseja ;
Seculos , climas , e Paizes varios
Fazem ter os humores mais contrarios .

XVII.

Não deis , como Cletia já tem dado ,
Costumes , e ár Francez á Italia antiga ,
E com nomes Romanos disfarçado
Faz o nosso retrato com fadiga :
Catão galante , e Bruto afeminado
Em frivola Novella só se diga ,
A ficção de passagem se limite ,
Demaziado rigor não se permite .

(CIX)

XVIII.

Guarde a Scena exacção, decencia, e ordem,
E se inventais , talvez , nova figura ,
Comfigo os seus affectos não discordem ,
E até o fim sem ter mudança dura :
Presumido escritor dá com desordem
Aos Herões em si mesmo vãa pintura ;
Em hum Autor Gascão , Gascões se igualão
E Juba , e Calprenedo em hum tom tallão .

XIX.

Mais varia , e sabia em nós a natureza
Dêo a cada paixão vóz diferente ;
A cólera se explica com fereza ,
O abatimento falla humildemente :
A Troia em chammias d' Hecuba a tristeza
Não venha affectar prantos imprudente ,
Nem descrever em que Paíz ferino
Sete boccas do Tanais tem o Euxino .

XX.

São de hum declamador que as vôzes ama,
De froixas expressões a unida pompa ;
Abatei-vos na dôr que vos inflamma ,
Rompei em pranto, porq̃ em pranto eu rompa:
Os grandes termos que hum Actor exclama,
Por mais que a bocca chêa elle os prerompa ,
Não nascem não, de hum coração ferido,
Da miseria tocado , e combatido .

(cx)

XXI.

He o Theatro fertil em Censores ,
E para produzir he campo estreito ,
Com trabalho conquistão os Autores :
Silva-se logo ao minimo defeito :
Tratão-no de ignorante os inferiores ,
Que lhe comprão na entrada este direito ,
E se quiz agradar eem formas teve ,
Precizo he que se abata , e que se eleve .

XXII.

Se em nobre sentimento não se humilha ,
Se desperta nos tiros admiravel ,
Corre de maravilha em maravilha ,
Claro , profundo , solido agradavel :
O que diz , na memoria logo brilha ,
Deixando huma lembrança perduravel ;
Desta sorte a Tragedia se publica
Assim obra , assim corre , assim se explica .

XXIII.

Mais elevada a Epica Poesia
Na vasta narração de acção difuza ,
Vive em ficções , de Fabulas se fia
Arte feliz que nos encantos usa ;
Alma , espirito , corpo , e rosto cria
Deidades das verdades faz a Musa ,
He Venus a Belliza sempre grata ,
Em Minerva a prudencia se retrata .

(CXI)

XXIV.

Aos trovões não produzem os vapores ,
He Jupiter armado contra o Mundo ,
Aos marinheiros naufragos terrores ,
He Neptuno nas ondas furibundo ;
No ár não sôa o Ecco , são clamores
De huma Ninfa, que chora em mal profundo
Quixosa de Narciso , a que interpreta
Com mil ficções , e inventos o Poeta .

XXV.

Tudo orna , illustra , eleva , e engrandece ,
E sempre as flores acha preparadas ,
Que as Náos de Eneas, quando o vento crece,
Sejão nas praias d' Africa lançadas ;
He hum successo em que a Fortuna tece
As suas inconstancias costumadas ,
Ordinario , e commum entre seus giros ,
E huns golpes, pouco estranhos aos seus tiros.

XXVI.

Porém que Juno em seu rigor constante
Perfiga os restos de Illio destroçados ,
Que Eolo em seu favor abra , e quebrante
Prizões de Eolia aos ventos rebellados ;
E lançando de Italia ao povo errante ,
Só Neptuno nos mares alterados
Colerico se eleva sobre os mares ,
Impondo calma ás ondas , paz aos mares .

(CXII)

XXVII.

Os baixéis fluctuantes assegura ,
E os arranca das fyrtes perigosas ;
Assim a Musa admira , attrahe , apura
Occupa , e fere em vozes numerosas :
Sem este ornato humilha , e desfigura,
Extingue , e perde forças vigorosas ,
O Poeta orador que se intimida
Frio escriptor de fabula abatida .

XXVIII.

Que enganados estão nossos Poetas
Tirando estes adornos recebidos !
Fazem a Deos , aos Santos , e aos Profetas,
Como os Deoses da fabula nascidos :
Autor , tu , que ignorante os interpretas
Com Belzebû com Lucifer unidos ,
E Astarot o seu genio em triste laço
Lança o Leitor no inferno a cada passo .

XXIX.

Da Fé Christá os fundamentos serios ,
Não recebem as flores da eloquencia ,
O Evangelho só mostra em seus Misterios
A pena merecida , a penitencia ;
Dás nas ficções com torpes vituperios
A's verdades de fabula a apparencia ,
Nem pio has de ficar , nem agradavel
Com esta miscellanea tão culpavel .

(CXIII)

XXX.

Que objecto ! como ver hir (grande excesso!)
Sempre o Demonio contra os Ceos bramindo,
Do Herôe opposto ao celebre processo
As victorias com Deos estar medindo ;
Dirão que o fez bem Tasso ; o seu progresso
Eu não estou agora discutindo ,
Publica-lhe este seculo alta gloria ,
Porque a Italia illustra sua memoria .

XXXI.

Mas isto não seria, se empenhado ,
E posto em oração o Herôe prudente ,
Em deixar Satanaz arrezado
Consumisse o seu tempo tristemente :
E o seu assunto não tivera agrado ,
Se o não fizera alegre , e excellente
Tancredo de Clorinda fino amante ,
E o valente Reinaldo , e o fero Argante .

XXXII.

Não louvo em pio assunto as váas figuras
De hum Autor louco idolatra gentio ;
Em profana alegria das pinturas
A's fabulas fugir he desvario :
Não tirem os Tritões das aguas puras,
A flauta a Pan , á Parca o ferro impio,
Nem de Acheronte empeça a fatal barca ,
Onde passa o Pastor com o Monarca .

(CXIV)

XXXIII.

Deste escrupulo vão , louca imprudencia ,
Nunca o agrado sem agrado alcança ;
Não quererão pintar logo a Prudencia ,
Nem dar a Temis venda , nem balança .
Da testa de metal forte apparencia
Hão de tirar á Guerra , e na mudança ,
Que o Tempo faz , quando aos mortais avisa ,
O Relogio na mão , que o simboliza .

XXXIV.

Se o falso zelo como idolatria
A Allegoria desterrar intenta ,
Louvem embora a ignorancia pia ,
Porque o seu vão terror mais nos aienta :
Dos ridiculos sonhos a porfia
Ao verdadeiro Deos , Deos falso inventa ,
Em fabulas nos dão nomes diversos
Felizes , e nascidos para os verlos .

XXXV.

Agamemnon , Ulisses , Heitor forte
Helena , Menelão , Paris , Eneas ,
Idumenô , e Orestes desta sorte
Enchem de mil agrados as idéas
E sem que o nome humilde te reporte
O' Poeta ignorante , tu te afeas ;
Todo hum Poema barbaro deixando ,
Quando por Herôe buscas Childebrando .

XXXVI.

Se quereis divertir sempre ditoso ,
Escolhei hum Herôe , que me interesse,
Raro em virtudes , em valor famolo ,
Que até nos seus defeitos se engrandece :
Nas insignes acções digno , e glorioso ,
Qual Cesar , Alexandre , ou Luiz parece ;
Não como o Irmão traidor á Polynice ,
Porque hum Herôe vulgar nunca he felice .

XXXVII.

Hum assunto mui.chêo de incidentes
Nunca escolhais, que se o tratais com arte ,
Achilles com impulsos mais ardentes
Materia a toda a Illiada reparte :
Da abundancia empobrecem as torrentes ,
Rica , e pomposa a descripção se aparte ,
A que o metro a elegancia ostenta activa ,
E seja a narração cerrada , e viva .

XXXVIII.

Não pondereis humilde circumstancia ;
Como esse louco em termos tão vulgares
Pintou o Hebrêo já livre da arrogancia
Dos Tyranos , vagando sobre os mares :
Das mal abertas ondas na inconstancia
Pôs á janella os peiches a milhares ,
Por ver passar o infante, que os admira ,
Que a hum tempo corre , falta , e se retira .

(CXVI)

XXXIX.

Alegre logo á Mãi dêo hum feixinho,
E a vista prende nestes váos objectos ;
Tenha a obra medido o seu caminho ,
Não sejam affectados os affectos :
Hides sobre o Pegázo aos Ceos visinho
Gritar contra o Leitor (fortes projectos!)
Com a vóz de trovão canto os louvores
De quem vencêo do Mundo os vencedores ?

XL.

Mas depois que os clamores desentranha,
Que produz este Autor tanto apparato ?
He o famoso parto da montanha ,
Que depois de temer-se , sahe hum rato :
Sem fazer-nos promessa tão estranha ,
Amo daquelle Autor o nobre ornato ,
Que de hum tom facil , doce , e sonorofo
Assim se exalta claro , harmonioso .

XLI.

As armas , diz , e o Varão pio eu canto,
Que sendo para Auzonia conduzido
Das praias Phrygias , a que banha o Xanto ,
O primeiro a Lavinia , foi trazido :
Para dar muito, não promette tanto
O ardor da sua Musa remittido ,
Logo aos Latinos prodigo , e divino
Oracnlos decreta o seu destino .

XLII.

Da Estigia as aguas fetidas , e impuras
De Acheronte as torrentes dissonantes ,
E em clara variedade das pinturas
Nos Elisios os Cesares errantes ;
Alegrem ao Poema estas figuras
Para os olhos imagens relevantes ,
A pompa cōm o agrado não se opprime ,
E não he ser pezado o ser sublime .

XLIII.

Mais as comicas fabulas de Ariosto
Amo, que as Musas funebres , e frias,
Que crem que ao triste humor derão disgosto
Se as Graças lhe inspirassem alegrias :
Que o Cingulo de Venus tinha posto ,
Julga quem vê d' Homero as melodias ,
E que da natureza encaminhado ,
Só para deleitár o tem roubado .

XLIV.

O seu Livro he de agrados hum thesouro ;
E a quanto trata nova graça anima ,
Tudo o que toca , se converte em ouro ,
Sempre diverte sem que nunca oprima :
Em largos epizodios com desdouro
Nunca se perde ; ardor feliz sublima,
Os seus discursos , donde em sons diversos
Foge a ordem methodica dos versos .

(CXVIII)

XLV.

A si mesmo se explica , a si se ordena ,
O seu assunto , e facil se prepara ;
Sem prevenções inuteis corre a pena ,
Hum verso , hum termo para o fim se aclara:
Quem com amor sincero o não condemna ,
Acha no agrado utilidade rara ;
Hum Poema excellente , e bem seguido
Nunca foi do capricho produzido .

XLVI.

Quer attenção , quer tempo, e quer cuidado
Esta idéa difficil , e penosa ,
Não he de hum aprendiz este traslado ,
E a hum Poeta sem arte infructuosa :
Algum houve entre nós que confiado
Na chamma , que talvez subio furiosa ,
Porque a chimera em vão orgulho alente ,
Toma a trombeta heroica ouzadamente .

XLVII.

Mal regulada a Musa , vago o metro ,
Em descompostos saltos só se eleva ,
Sem lição , nem juizo rudo o plectro
Falta ao fogo a materia em que se ceva :
Nega-lhe o Mundo da Poesia o Sceptro ,
Quer que o merito falso não se atreva ,
Mas contra o duro genio não bastarão ,
Que ronba o culto , que outros lhe negarão .

(CXIX)

XLVIII.

De Virgilio os inventos atropella,
Na ficção nobre não entende Homero,
Se contra este decreto se rebella
Ao seculo condemna iniquo, e fero:
Para a posteridade logo appella,
E estão porque o juizo mais sincero
A' luz dê, os seus livros estimados
N'um armazem sem luz amontoados.

XLIX.

A traça, o pó combatem tristemente,
Mas em repouso no seu tosco abrigo,
Eu os deicho esgrimir mui livremente,
Ao meu assunto sem perder-me figo:
Do tragico espectáculo excellente
Nascêo de Athenas no Theatro antigo
O primeiro modello da comedia
Entre o feliz successo da Tragedia.

L.

O Grego zombador por natureza
Foi com plauziveis jogos destillando
Dos malevolos golpes a fereza,
Com insolente accesso envenenando:
Sciencia, entendimento, honra despreza,
E na indigna alegria interessando
A mofa de infeliz merecimento
De hum Poeta se vio publico augmento.

LI.

Em hum côro das nuvens maltratado
Os clamores tirou do vil concurso ;
Mas vem Socrates , sabio Magistrado
Parar emfim da liberdade o curso :
Dos edictos das Leis auxiliado
Fez sabio dos Poetas o discurso ,
Os rostos prohibio se assignalarem ,
E os nomes ordenou , que se calassem .

LII.

O Theatro perdêo a antiga furia ,
Sem veneno , e sem fel instrûe , emenda ,
Deicha alegre a Comedia a amarga injuria ,
Sem que Menandro no seu metro offenda :
Ri o avaro o primeiro da penuria ,
Sem que á sua còpia em hum avaro attenda ,
Finalmente pintado hum insensato
Desconheçe elle mesmo o seu retrato .

LIII.

A quem pintou com arte o novo espelho ,
Vio-se a si mesmo , e crêo que se não via ,
Autores , que estudeis vos aconselho
Da natureza a comica Poesia :
Quem com profundo espirito , e conselho
Fizer dos corações anatomia ,
E conhecer o homem até onde
Seus occultos misterios nos esconde ;

(CXXI)

LIV.

Quem conhecer o prodigo , o avaro ,
O tólo , o bom , o vario , o vicioso ,
Lhe dê vida , alma , e vôz , e sem reparo
Na scena o pôde pôr com fim ditoso :
Seja o retrato natural , e claro ,
Com as côres mais vivas , mais lustroso ,
A natureza estranhas cópias fórma ,
E com varios signaes d' alma as infórma .

LV.

Hum nada a mostra , vê-se nos semblantes,
Mas nem todos os olhos o conhecem ,
E do tempo as mudanças inconstantes
Mesmo em nossos humores apparecem :
Nas paixões, nos costumes fluctuantes
De cada idade os gostos prevalecem ,
Hum moço ardente em livres exercicios
Pronto recebe as impressões dos vicios .

LVI.

Vão nos discursos , nos desejos leve ,
Louco nos gostos , rígrado á censura,
Hum ár mais sabio inspira , a quem só deve
A idade varonil o ser madura :
A adiantar se na Corte ella se atreve ,
Junto aos Grandes politica se apura ,
Sabe a Fortuna resistir prudente ,
Vê ao longe o futuro no presente .

LVII.

Triste a velhice ajunta com cuidado
Tantos thesouros, que par' outro guarda,
Chora o presente, e louva o já passado,
Anda nos seus designos fria, e tarda:
Condemna inhabil delicioso agrado
Aos moços, porque a idade se acovarda;
Que os Actores vejais, vos aconselho,
Não fale o velho em moço, e o moço em velho.

LVIII.

Vêde a Cidade, e estudai na Corte,
Porque huma, e outra he fertil em modellos,
Estudou seus escritos desta fórte
Molliere em seus cómicos disvellos:
Mais que em doutas pinturas sabio exhorte,
O premio não terá sem paralellos,
Porque amigo do Povo nas pinturas
Dêo rediculas fórmas ás figuras.

LIX.

Deixou por ser bufão o agrado fino,
Tabarino a Terêncio unio sem pejo,
No rediculo sacco de Scapino
O Autor do Misantropo já não vejo:
Ais, e prantos no cómico abomino,
Nelle as tragicas penas não desejo,
Porém em dar na praça não se funda
Riso ao Povo com baixa fraze immunda:

(CXXIII)

LX.

Os Actores divirtão nobremente ,
O enredo se delate sem porfia ,
Guie a razão a acção porque se alente ,
E a não faça perder scena vazia :
O estylo humilde , e doce no eminente
Eleve dos conceitos a harmonia ,
E com finas paixões bem exprimidas ,
As scenas entre si sejam unidas .

LXI.

Não gracejeis á custa da prudencia ,
Da natureza não deixeis o objecto ,
De hum filho amante estranha a imprudencia
Hum Pai, a que Terencio faz mui recto :
O amante ouve as lições com impaciencia
Busca a Dama , e lhe lembra só o affecto ,
Não he retrato imagem semelhante ,
He verdadeiro Pai , Filho , e Amante .

LXII.

No Theatro hum Autor sempre agradavel
Sem que se infamar aos olhos do auditorio ,
Sem se oppôr á razão, faz-se estimavel,
Foge ao grosseiro equivoco notorio :
Mas se diverte immundo , intoleravel ,
Em hum trabalho vil seja accessorio ,
Dos lacaios em mascaras unidos
Com frias ignorancias divertidos .

FIM DO CANTO TERCEIRO.

CAN-



CANTO QUARTO.

I.

VIVEO (se conta) hum Medico em Florença
Grão fallador , e celebre assassino ,
Nelle a miseria pública he immensa,
Pede-lhe o morto Pai o Orfão menino :
Chora hum Irmão a outro , e que a doença
Lamenta mais o toffigo malino ,
A quem catarrho tem , pleuriz inspira ,
Sem fangue hum morre, outro com sene espira.

II.

Toda a enxaqueta frenezim fazia ,
A Corte deixa emfim abominado ,
Dos seus amigos mortos hum vivia
Abbade rico ás obras inclinado :
Levou-o á grande casa , em que assistia ,
De Architectura sempre infactuado ,
E o Medico fallando no edificio
Parece Professor deste exercicio .

De

III.

De hum falão que levanta emenda a forma,
Signalá outro lugar á escura entrada ,
A escada aprova , os lanços lhe refôrma ,
E acha o amigo a obra bem traçada :
Chama o Mestre, que chega, e que se infôrma,
Aprova a nova planta delineada ;
Della aprende a igualar os seus extremos ,
Mas tão plauzível caso abbreviemos .

IV.

Logo renunciou a arte inhumana
Este assassino , e já com outro objecto ,
De Galeno a Sciencia não o engana ,
Fica o Medico máo , bom Architecto :
Des de então que feliz se defengana,
Da esquadria une á regra o termo recto ,
Neste exemplo nos dá muito evidente
Hum preceito mui util , e excellente .

V.

Se o vosso genio fôr , sêde pedreiro,
Bom official de huma arte proveitosa ;
Ha varios grãos nas artes , e o primeiro
Se perde sem infamia injuriosa .
Mas na terrível arte , eu vos requeiro ,
O' vulgar escriptor de verso , ou prosa ,
Que a deixeis ; pois não ha na consonancia
Do mediocre ao infimo distancia .

VI.

A Poesia não sofre Autor mediano ,
Fazem medo seus versos aos Leitores ,
Das logeas dos livreiros he tirano ,
Do papel os seus versos são terrores :
Talvez faz rir hum louco sempre ufano ,
Mas sempre enfadão frigidos Autores ;
Bergerac zomba , e tem muita ouzadia ,
Não Motin que se gela , e nos resfria .

VII.

Não vos ceguem louvores lisongeiros ,
Que vãos admiradores vos tributão ,
Que vos applaudem promptos os primeiros ,
No congresso em que attentos vos escutão :
Metros , que ouvidos não serão grosseiros ,
Os olhos penetrantes os refutão ;
Vistos a melhor luz depois de impressos
Sei de muitos os tragicos successos .

VIII.

Gombaur que foi nos versos tão louvado
Em casa do livreiro se conserva ,
Consultai , e ouvi todos com cuidado ,
Talvez hum ignorante hum erro observa :
Mas se Apollo algum dia tem mostrado ,
Que altas inspirações vos não reserva ,
Não corrais com intentos tão perversos
A recitar a todos vossos versos .

(CXXVIII)

IX.

Não imiteis a furia d' hum Poeta ,
Que harmonioso Leitor de vãos escritos ,
A quantos passão, logo lhe interpreta,
A turba de seus versos infinitos :
A Musa aos que lhe fallão indiscreta
As obras lê , e quando alguns aflitos
Buscão hum Templo de Anjos respeitado,
Não lhe serve de azilo este sagrado .

X.

Já vo-lo repeti ; sede á censura ,
E á razão docil ; emmendai sem pena ,
Mas não cedais a hum tôlo, que procura
Confundir-vos, e tudo vos condemna :
De hum sutil ignorante a altivez dura
Hum Poema combate , e desordena
Com injustos desgostos, com que oprime
Dos versos a ousadia mais sublime .

XI.

Refutai dos discursos a vaidade ,
Que elle se agrada do seu vão juizo ,
E da fraca razão sem claridade
Lince se julga , e cega de improviso :
Temei de seu conselho a falsidade ,
Que se o seguiz, he certo o prejuizo ,
Que talvez por fugir de algum rochedo,
Se converte em naufragio o que era medo .

XII.

Buscai util censor , e bem fundado ,
Que a razão guêe , e que a sciencia aclare ,
E com lapis seguro , e apurado
O lugar que occultais, ache , e repare :
Do escrupuloso engenho acovardado
As ridiculas duvidas declare ,
E o divino furor que se dilata ,
E o vigoroso espirito arreбата .

XIII.

Mostrará, se o engenho da carreira
Se aparta , e rompe as leis mais rigorosas ,
E donde a arte da prizão grosseira ,
Passa os confins com forças vigorosas :
Mas hum censor com luz tão verdadeira
He raro , e com Poesias mui famosas
Algum se distinguio , e com engano
Não distiguiou Virgilio de Lucano .

XIV.

Se as minhas instrucções ouvís attentos,
Vereis as ficções ricas estimadas ,
Fertil a Musa em sabios documentos ,
Faz as verdades sólidas amadas :
Plauziveis , e uteis os divertimentos
São dos sabios Leitores desprezadas ,
As vâas futilidades que enganando
Não sabem divertir aproveitando .

XV.

Quem nos costumes , e nas obras pinta
Alma, que em nóbre imagem sempre inflama ;
Foge do Autor , que com danosa tinta ,
He á honra traidor em metro infame :
Quando a virtude no papel despinta ,
Faz cruel que o Leitor os vicios ame ;
Não fou porém dos tristes genios duros ,
Que amor querem tirar dos versos puros .

XVI.

Do seu mais rico adorno brinca a scena ,
Quem tão austero esta paixão limita,
Faz veneno a Rodrigo , e a Ximena ,
E a mais fina paixão desacredita :
Se impuro amor descreve pura a pena ,
Nunca lascivo affecto em nós excita ,
O agrado Dido ostenta , e chora tanto ,
Que eu culpo a falta , e me magôa o pranto .

XVII.

Nunca hum Autor com innocentes versos,
Se os sentidos deleita , o peito offende ,
Nem o fogo em ardores tão perversos ,
No coração com chamma indigna prende :
Tende á virtude affectos não diversos ,
Porque quando a vossa alma a não comprende
Emvão sobem do espirito as grandezas ,
Que o coração ao metro dêo baixezas .

XVIII.

Fugî , fugî de emulações indignas ,
Que nada offende ao escriptor sublime ,
De genios vís loucuras tão ferinas ,
Vicio he vulgar que a mediania opprime :
Competidora triste ás luzes dignas
Com que o merecimento se redime ,
E para levantar-se , e humilhá-lo
Quer em casa dos grandes malquistá-lo .

XIX.

Nunca queirais buscar com baixos meios
A honra por caminhos vergonhosos ,
E não sejam dos versos os enleios
Eterno emprego aos animos famosos :
Cultivai os amigos sem receios ;
Tende fé, porque aos homens generosos
He pouco sem nos livros ter agrados
Se não sabem viver , nem ser tratados .

XX.

Mais que o vil interesse seja a gloria
Objecto digno de hum trabalho illustre ,
Póde fazer sem mancha da memoria ,
Que o tributo legitimo o não frustre :
Mas não soffro os Autores, que em notoria
Fome avâra não vem da gloria o lustre ;
Ao ganho de hum livreiro Apollo trazem ,
E mercantil á divina arte fazem .

XXI.

Antes do que a razão rompesse em vozes,
Que instruindo aos humanos Leis mostrarão,
Espalhados grosseiros, e velozes
Os homens pelos bosques já pastarão ;
As mortes, e os delictos mais atrozes
Sem o temor das Leis se executarão ,
Seguindo a natural ferocidade ,
Era a força direito em equidade.

XXII.

Mas do discurso a provida harmonia
Pôde domesticar costumes duros ,
Tirou do campo os homens com porfia ,
E nas Cidades os cerrou com muros :
Do supplicio a Insolencia já tremia ;
Dão a fraca innocencia as Leis seguros ;
Destá ordem effeitos tão diversos
Os frutos forão dos primeiros versos.

XXIII.

Daqui nascêo a fama recebida , (cia
Que a vóz de Orptheo enchêo montes de Thra-
Ficava a fome aos tigres abatida ,
Despojando-se assim da féra audacia :
Que qualquer pedra de Amphion ferida
Seguia aos seus accentos a efficacia ,
Muros formando a Thebas , porque obrasse
Milagres a harmonia apenas nasce .

XXIV.

Depois o Ceo em versos se explicava
Nos Oraculos, donde commovido
D' horror divino o Sacerdote dava
Furor de Apollo em versos exprimido :
Logo antigos Herôes resuscitava
Homêro em acções grandes influido,
O animo incita Heziodo , procura
Dos preguiçosos campos a cultura .

XXV.

Em mil escritos grandes , e famosos
A sciencia se vio delineada ,
E foi só pelos metros sonoros
Aos rusticos mortais communicada :
Do animo seus preceitos victoriosos ,
Tem pelo ouvido aos corações entrada ;
Venerada por tantos beneficios
Fez Grecia ás Musas justos sacrificios .

XXVI.

Teve a Poesia dos mortaes o culto ,
Que á sua gloria erigem muitas aras ,
Mas a penuria emfim trouxe o insulto
Com que o Parnaso esquece as glorias claras ;
Vil interesse infecta em damno occulto
Com mentiras grosseiras obras raras ,
E de frivolos versos no concurso ,
Vende os termos , contrata co' o discurso .

(CXXXIV)

XXVII.

Não vos deslustre hum vicio, que vos céga,
Se com violencia vos attrahe o ouro ,
Fugî dos campos que o Permessô rega ,
Não lhe achareis nas margens hum thesouro:
Aos mais sabios Autores Phebo entrega ,
E aos maiores guerreiros nome , e louro ,
Mas da faminta Musa eu bem presumo ,
Que subsistir não póde só com fumo .

XXVIII.

Hum Autor, que apertado pela fome
Lhe gritão as entranhas palpitantes ,
Pela noite em jejum sem gosto come
De Heliconia os passêos elegantes :
A sede alegre Horacio já consome ,
Quando se lhe descobrem as Bacchantes ,
Não como Colletet teme indiscreto
Para juntar o effeito de hum Soneto .

XXIX.

Entre nós se não teme esta desgraça ,
Que hoje ao Parnaso raramente afflige ;
E que perigo ás Artes ameaça
Tendo hum Astro benigno que as erige :
Cede ao merecimento a fórte escaça ,
E hum Principe, que provido as dirige
(Musas) dêo aos alumnos tanta gloria ;
Vence a vossa doutrina esta memoria .

XXX.

Corneille o louve, inflamme o plectro ouzado,
Do Cid , e Horacio inda o Corneille seja
Racine , que milagres tem formado,
Dos seus Herôes retrato nelle veja :
Pelas vôzes das Damas bem cantado
O seu nome diverte , e se deseja
Por Benferad encommendado á Lira ;
Em Eclogas Segráis o campo admira .

XXXI.

Nelle apura agudezas o Epigramma ,
Mas como em outra Eneida Autor ditoso
Guiará este Alcides que o inflamma ,
Té ás margens do Rheno temeroso :
Que sabio plectro ao ecco desta tama
Rochedos , bosques moverá glorioso ,
E Hollanda contará que ao soçobrar-se
Para não naufragar , quiz affogar-se .

XXXII.

Os batalhões , dirá , que submergidos
Em Mastrik aos assaltos horrorosos
Com os raios do Sol forão luzidos ,
Mas nova gloria ha já , vates famosos :
Nos Alpes com progressos nunca ouvidos
Salins , e Dolle cedem receosos,
Bezançon inda em fumo supultada
Se devisa na rocha fulminada .

XXXIII.

Para se oppôr a rapida torrente
Do pronto vencedor, as inimigas
Forças aonde estão tudo se ausente,
Com os grandes guerreiros fataes ligas?
Querem deter fugindo o'peito ardente,
E he vergonhoso premio das fadigas,
A fera presumpção, com que cuidarão,
Que o perigo, a que fogem, evitarão.

XXXIV.

O' quantos baluartes se abaterão,
Quantas fortes Cidades se ganharão,
Quantos frutos de gloria se colherão,
E todos prontamente se alcançarão:
Já vejo que aos ardores se accenderão
Autores, que este Herôe dignos cantarão,
E com razão, que para os seus louvores
Não servem moderados os furores.

XXXV.

Eu que tendo o satyrico exercicio,
Tocar não ouzo a lyra, e a trombeta,
Verme-heis no campo illustre em claro officio,
Que a vóz, e a vista anima, e interpreta.
Dar-vos-hei as lições, que ao beneficio
Da Musa juvenil d'Horacio Athleta
No Parnaso alcancei, e a vóz ardente,
O espirito estimule, a chamma augmente.

(CXXXVII)

XXXVI.

De longe eu mostro o premio , e a corôa ,
Mas quando chêo estou de justo zelo ,
Vejo a vossa razão que me perdôa
Se os vossos passos cuidadoso velo :
Se em máos Autores hum deffeito fôa ,
Em apurar o ouro me disvelo ,
Talvez util Censor , talvez cançado ,
Mais do que sabio Autor , critico ouzado .

F I M

D O Q U A R T O C A N T O .



RESPOSTA DE BOILEAU
AO EXCELENTISSIMO
CONDE DA ERICEIRA,
NA OCCASIAÕ DE LHE ENVIAR
ESTA SUA TRADUCÇÃO.

MEU SENHOR.

AINDA que as minhas obras tenham feito algum estrondo no Mundo, nem por isso concebo huma opinião muito avantajada do meu merecimento; e se os louvores que me dão, me tem assás lisongeado, não poderão comtudo cegarme. Mas confesso que a traducção que Vossa Excellencia se dignou fazer da minha Arte Poetica, e os Elogios de que ma envia acompanhada, me encherão de hum verdadeiro orgulho. Não pude logo terme em conta de hum homem ordinario, vendo-me tão extraordinariamente honrado, e julguei, que ter hum traductor da capacidade, e elevação Vossa Excellencia era para mim
hum

hum titulo de merecimento , que me distingua de todos os Escriptores do nosso seculo. Tenho hum conhecimento imperfeitissimo da Lingua Portugueza , e della não fiz estudo algum particular. Isso não obstante , entendi a traducção , de Vossa Excellencia quanto bastou para nella me admirar a mim mesmo , e para me achar muito mais habil escriptor em Portuguez do que em Francez. E com effeito vós enriqueceis todos os meus pensamentos exprimindo-os. Tudo o que manejaes , se muda em ouro , e os mesmos feixos , para assim dizer , nas vossas mãos se tornão em pedras preciosas. Julgai Senhor , por isso , se deveis exigir de mim , que vos note os lugares em que poderieis tervos apartado do meu sentido. Quando em lugar dos meus pensamentos , vos sem o cuidar , me substituisseis algum dos vossos , bem longe de os fazer tirar , eu me aproveitaria do vosso descuido , e os adoptaria logo para me fazer honra : mas em parte nenhuma me dais esta occasião. Tudo he igualmente justo exacto , e fiel na vossa traducção ; e bem que nella me aformozeasseis , não deixo de ahi mesmo me reconhecer em toda a parte. Não digais pois , senhor , que receais não me haver entendido : dissei-me antes o que fizestes para entenderme tão bem , e para perceber na minha obra , até as delicadezas que eu julgava , que não podia sentir senão aquelle que nascesse em França , e fosse educado na Corte de Luiz o Grande. Por tanto eu vejo ,
que

que não sois estrangeiro em Paiz algum , e que pela extenção dos vossos conhecimentos, sois de todas as Cortes , e de todas as Nações . A Carta , e os Versos Francezes que me fizestes a honra de escrever-me, são huma boa prova disto : nelles se não vê coiza alguma estrangeira, senão o vosso nome, e não ha homem de bom gosto em França , que não quizesse ter sido o seu Autor . Eu os mostrei a muitos dos nossos melhores Escriptores : não ficou hum só, que não ficasse extremamente admirado , e que me não desse a entender , que se recebesse de vós semelhantes louvores , vos teria já rescripto volumes de versos . Que pensareis pois , vendo que me contento com responder-lhes por huma simples carta de comprimento ! Não me accusareis de ser ingrato , ou grosseiro ? Não , senhor , eu não sou nem huma , nem outra coiza , mas eu não faço versos , nem mesmo proza , quando quero . Apollo he para mim hum Deos extravagante , que me não dá como a vós , audiencia a todas as horas . He-me necessario esperar momentos favoraveis . Cuidarei de os aproveitar logo que os achar , e me julgarei infeliz , se morrer sem vos pagar parte dos vossos Elogios . O que posso desde já dizer-vos he, que na primeira Edição das minhas obras não deixarei de ingerir-lhe a vossa traducção , e que não perderei occasião alguma de fazer saber a toda a terra , que das extremidades do nosso continente , e de

tão

(CXLII)

tão longe, como as columnas de Hercules, me vierão os louvores de que eu mais me lison-gêo, e a obra que mais me honra. Eu sou com o maior respeito

De V. Excellencia

*Muito humilde, e muito obediente
Servo.*

DESPREUX.

I N D I C E

D A S M A T E R I A S

Q U E C O N T E M E S T E C A D E R N O :

- V** I N T E Q U A T R O Sonetos a varios
assuntos,
- Huma Cançoneta à Immaculada Concei-
ção da Virgem Maria Nossa Se-
nhora.
- Hum Dithyrambo.
- Quartetos no Dia dos annos do Illustr.
e Excellentiss. Sr. D. Antonio
de Castello-Branco
- Duas Cartas de Lereno a Arminda , que
dão as Leis para os versos peque-
nos , e os grandes.
- Huma Traducção da Arte Poetica de
Boileau Despreaux , pelo Exce-
lentissimo Conde da Ericeira.
- Huma Carta de agradecimento do Autor
a seu Excellentissimo Tradu-
tor.

Foi taixado este Livro em papel a tre-
zentos e vinte reis; Meza 27 de Maio
de 1793.

Com tres Rúbricas:

ALMANAK
DAS
MUSAS,

NOVA COLLEÇÃO
DE POEZIAS.
OFFERECIDA
AO GENIO PORTUGUEZ.
PARTE III.



LISBOA:
Na Offic. de JOÃO ANTONIO DA SILVA,
Impressor de Sua Magestade,
A N N O M. DCC. XCIII.
*Com licença da Real Meza da Commissão Geral
sobre o Exame, e Censura dos Livros.*

Nem sempre háo de occupar ferios cuidados
Da nossa vida os dias pressurofos :
Hajaõ tambem prazeres misturados.



TRADUÇÃO
D A
O D E I.
DE HORACIO
A
M E C E N A S

*Em que o Poeta mostra dezejar só a gloria
da Poezia , principalmente da Lyrica.*

OUve, ó Mecenás, que de Reis descêdes,
Tu que me honras , tu que me defendes !
Ter de Olimpico pó cuberto o rosto
Em honroza carreira he d'huns o gosto :
Girando em torno a perigoza meta
No veloz carro o destro , o forte Athletá
Sem que as rodas lhe toquem , se assignala ;
E esta victória aos Deozes os iguala.

A este á que os Romanos inconstantes
Daõ á cinte os empregos mais brilhantes ;
A'quelle que em celeiros mil recolhe,
Quanto nas Africanas eiras colhe

Satisfeito em cavar, e costumado
Nos pátrios campos có rompente arado,
Se em Cypria não convidas ao undozo
Már Egêo turbulento, e perigozo,
Nunca do seu estado os inquietas,
Bem que as riquezas d' Atalo prometas.

Em quanto có as Icarías ondas luta
O africo vento, tímido se escuta
O Mercador louvar apaz, que goza
A campina da Patria deleitoza.
Eis chega ao porto, as Náos reforma á preça,
Receia que em miseria alí pereça.

Sacrificão alguns parte do dia
Ao doce vinho, que a Campania cria
Ora na verde relva reclinados,
Junto da branda fonte, ora sentados.

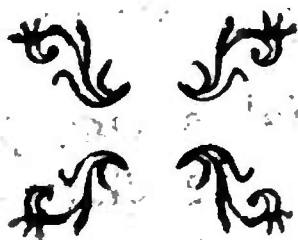
Do Campo Marcial a rica pompa,
E o mixto som da clarineta, e trompa
Agrada a huns, a quem a guerra agrada,
Pelas Mays sempre, e sempre detestada.

Ao caçador nem lembra a terna Esposa
Velando em noite frigida, e chuvoza:
Ou porque os fieis cães co' a corça deraõ,
Ou porque a rede os Javalis romperão.

(5)

A era , que honra o sabio , esta semente
Entre os Deozes me põe : fujo da gente
Ao frio bosque a ouvir suaves côros
Das Ninfas , e dos satiros sonoros ;
Quando a tocar o Lybico ataudc
Polimnia inspire , e Euterpe a flauta ajude.
Se entre os Liricos vates me numeras ,
Eu subirei às luzidas espheras.

D. C. B.



LE-

(6)

L E B R E I D A

O U

C A Ç A D A R E A L

D A S

L E B R E S.

I.

EU canto a Magestade, o Fausto, a Pompa,
Com que vi o meu Rei aquelle dia,
Que ao som festivo de doirada trompa
Seu leal Povo a ve-lo concorria.
Ninguem a terra pize, ou o mar rompa,
Q' a ouvir-me não se encha d'alegria;
Como se enchera de alegria, e espanto
Quem vio o Grande Rei, que alegre eu canto.

II.

Naõ vai ao espectaculo d'horrorosas
Feras, que hum dia aos miseros humanos,
Rodeados de turbas bellicosas,
Custumavaõ lançar impios tiranos:
Justas, torneios, lutas caprichosas,
Que produziaõ só funestos damnos.
Naõ vai a isto hum Rei Pio, e Prudente,
Q' impera amando a Lusitana Gente.

Dei-

III.

Deixa , triste Melpomene , que hum dia
 Do teu furor m'aparte , e que procure
 A suave influencia de Thalia ,
 Com que a voz neste canto eu mais segure :
 Estilo claro , solida alegria
 Ella fará , que nos meus versos dure ,
 E que eu possa pintar tanta grandeza
 Sem misturar-lhe sombra de tristeza.

IV.

E a quem se não a Vós , Augusto Neto
 Do Rei , que louvo , e que respeito tanto ,
 Já por obrigação , já por affecto ,
 Eu devo offerecer tudo o que eu canto ?
 Dai-me o vosso favor , que eu vos prometo ,
 Que a voz , que enfraquecida aqui levanto ,
 Quando coragem nova alegre tome ,
 Leve por todo o Mundo o vosso Nome.

V.

Com vosco nos meus versos tambem quero
 Pelo Orbe levar os Lusitanos ,
 Qual o doce Virgilio , e o grande Homero
 A nós trouxeraõ Gregos , e Romanos.
 O meu canto , Senhor , eu inda espero ,
 Que o façais conhecido entre os humanos :
 Inda espero , que o mundo estime munto
 Meus versos , de que haveis ser Alto Assunto :
 E

VI.

E se acaso julgais , que eu sou pequeno
 Para em vossos louvores empregar-me ;
 Do Grande Avô ao poderoso aceno
 Eu bem sei quanto posso levantar-me.
 E talvez ouvirá o Indo , e o Rheno,
 Se o vosso amparo não quereis negar-me,
 Mais do que tem ouvido tantas vezes
 Dos vossos respeitaveis Portuguezes.

VII.

Porém , Principe Augusto , agora em quanto
 Eu não posso chegar ao que desejo ;
 Em quanto inda não posso fazer tanto ,
 Quanto merecem as acçoens , que eu vejo ,
 Ouyi os naturais versos , que eu canto ,
 E ponho nas benignas mãos , que bejo.
 Custumai-vos a ouvir com que verdade
 Fallo da mais Augusta Magestade.

VIII.

No Mez , a que deo nome o Deos bifronte,
 Em que o giro dos annos principia ,
 Quando se crôa d' alvo gelo o monte ,
 E inda não nos visita Progne impia ,
 Quando o ardente Pai do vaô Phaetonte
 Os seus raios parece em neve esfria ,
 Quando o frio Aquilaõ sopra com raiva ,
 E os troncos despe a horrisona faraiua.

Em

IX.

Em hum dia , em que o Sol desembrulhava
 As densas nuvens d'humidos vapores ,
 E por entre ellas mesmas espalhava
 Sobre a terra brilhantes resplandores ,
 Vibrando o turvo ar então foava
 Vóz de marciais clarins , e de tambores :
 O estrepito dos brutos já se ouvia ;
 Mas não causava horror , tudo alegria.

X.

Corre então muita gente velha , e moça ,
 Por cujas mãos o trigo se semeia ,
 Sem guarda fica então rebanho , e chossa
 E não fica hum só rustico na Aldea.
 Hum com rudes palavras , e voz grossa
 Conta o estrago da passada cheia :
 Vem ver o Rei , que soube libertar-nos *
 Da fome , que marchava a desolar-nos.

Po-

* He bem sabida a providencia , que
 Sua Magestade dera para se tornarem a se-
 mear os campos do Riba-Tejo quando a
 cheia de 1771. lhes tinha levado as se-
 mentes &c. &c. &c.

XI.

Povo , e mais Povo , vai correndo áquellas
Estradas , porque o giro está disposto ;
Povoão as mulheres as janelas ,
Querem ver todos do Monarcha o rosto :
Co' as enrugadas faces , e amarelas
Por mão do filho , ou a hum páo d' encofio
Hum velho , e outro à porta se chegava ,
Onde o seu grande Rei ver esperava.

XII.

Com a brilhante Cruz se vê ao peito
Hum a nobre Gineta recofio ,
E as cáas , que inda lhe daõ maior respeito ;
Orna o chapeo com oiro circulado.
E da cansada vida satisfeito
Vem ver quem o sustenta , e o tem honrado ,
E aos patricios , que vê postos em roda ,
Conta as façanhas de sua vida toda.

XIII.

Inda me lembra , diz erguendo a fronte ,
Que fazem inclinar pezados annos ,
O aparato , o trem , e a rica ponte ,
Porque Carlos passou , e os Castelhanos. **
Mas de que serve agora que eu vos conte
O que fez Pedro , Rei dos Lusitanos ,
Quando ainda , he maior he mais completo ,
O magnifico Fausto de seu Neto ? En-

** No tempo d' El-Rei D. Pedro II. foi sumptuosissimo o aparato com que se recebeu Carlos III. a quem auxiliaraõ depois tropas Portuguezas &c.

XIV.

Então em mais robusta, e forte idade
O fui servir a Broças, e a Monsanto:
Inda a carniceria, a mortandade
Daquelles choques faz no mundo espanto.
Acabou-se o vigor da mocidade,
Froixa velhice já me abate tanto.
Mas inda sinto, em vendo o Augusto rosto,
Fortalecer-se o coração de gosto.

XV.

Por Elle inda com esta, e hia empunhando
A larga espada, que lhe pende à cinta,
Vendo-se a crespa pelle ir já tomando
A cor, com que o valor o gesto pinta.
Esta, que os inimigos desarmando,
Foi tantas vezes no seu sangue tinta,
Fará que de seu Rei nunca se esqueção,
Os naturais, e os outros o obedeção.

XVI.

Quem diante de mim negar se atreve,
Que he Elle o nosso Bem, nossa Ventura?
Que a policia da Corte se lhe deve
Que os campos tem por Elle mais cultura?
Diga a sabia Minerva quando esteve
Assim tão respeitada, e tão segura
Dando leis ao Universo com socego
Nas aprasiveis margens do Mondego?
Tu,

XVII.

Tu , ò nova Lisboa , que levantas
 Nova face gentil d'entre as ruinas ,
 Tu fim , por bocas mil , por mil gargantas
 A decantar seu Nome grata ensinas.
 Eu bem oiço , e ouvem todos , que tu cantas
 Co' as Sciencias , e as Artes peregrinas ,
 O Nome , que respeita o mundo inteiro
 Do Rei de Portugal , Jozé Primeiro.

XVIII.

Já de gritar o Velho enrouquecia ,
 Huma palavra a outra sufocando ,
 Ternura , gosto , amor , e valentia
 Foi insensivelmente misturando.
 Mas suspendeo as vozes , quando ouvia
 Som guerreiro , que ao longe vem soando ,
 E ao longe as ricas fardas vermelhavaõ
 Com as tecidas pratas , que as ornavaõ.

XIX.

Eraõ estes , que a tudo precediaõ ,
 Em ligeiros cavallos bem montados ,
 Os carros de clarins , que já se ouviaõ
 De sonoros timbales alternados.
 Outros d'iguaes librês logo os seguiaõ ,
 Que traziaõ no braço apoleirados
 Com os olhos tapados os Açores ,
 Que haviaõ ser no campo os contendres.
 Com

XX.

Com doiradas coleiras nos pescoços,
 Leves cumpridos galgos vão diante,
 Puxão pelas cadeias, bellos moços,
 Que em os deter trabalho tem bastante.
 São inda na barriga menos grossos
 Que pelo magro peito; de galante
 E pequena cabeça hum pouco aguda,
 A cauda longa sim, mas não felpuda.

XXI.

Atraz da vistofissima caterva
 Rica liteira mulas carregavaõ;
 Onde outras muitas aves de rezerva
 As bordadas cortinas ver deixavaõ.
 A turba espectadora, que isto observa,
 E a todos, que confuzos a admiravaõ,
 O artificio a fazia inda mais grata,
 Que o seu fino veludo, o oiro, e prata.

XXII.

Que improvizo murmureo rebolisso!
 As lizas calvas descobrindo os ve hos,
 Os moços com hum modo mais submisso,
 Baixaõ as testas, dobraõ os joelhos:
 Barras eu cuido ver d' oiro macisso
 Sobre amarelos panos, e vermelhos.
 Tanto inferior he esta pompa aquella,
 Quanto ás luzes do Sol a-de huma estrella.
 Co-

XXIII.

Como alegre o Mineiro desentranha
 Da terra dura , ou d'entre a folta arêia ,
 Coloridos topazios , e os apanha ,
 E ambicioso o animo recreia :
 Mas vendo do diamante a luz estranha
 Se confunde de gofio , e titubeia
 Por ir a-aporveita-lo , deixa tudo :
 Assim deixo esta pompa , á outra acudo.

XXIV.

Sobre valente bruto de côr negra ,
 Que pelas largas ventas fumegando
 Ligeiras mãos , e pés move com regra ,
 Faz a terra tremar , que vai calcando ,
 Vejo o Grande Jozé , que anima , alegre
 Ao povo , que o espera ajoelhando ,
 E a magestosa face , o Augusto Rosto
 Derrama sobre todos gloria , e gofio.

XXV.

O Marialva illustre o-acompanha ,
 Como Estribeiro Mór , e vem montado
 Em bravo bruto d'huma côr castanha
 De doirados arreios jaezado :
 De espumoso suor o corpo banha ,
 Tanto a tempo se move , e concertado ,
 Que mostra que respeita , teme , e estima
 O Cavalleiro bom , que tráz em cima.

XXVI.

Logo o Monteiro Mór , o Illustre Mello
 Do outro lado o-acompanha sobre
 Hum generoso , e bem fiel , murzello ,
 Seguro o passo , socegado , e nobre
 O metal que aos avaros faz disvello
 Lhe esmalta o freio , e os jaezes cobre ,
 E as fitas , como aos outros , enlassadas
 Lhes faziaõ as crinas matizadas.

XXVII.

Branco animal ao ar facode a terra ,
 Que a mão ferrada apanha , e traz em cima
 Com a Deoza da Caça , ou a da Guerra ,
 Vaidoso sopra , e tudo em pouco estima.
 Prole de Chile veio a Salvaterra ,
 A quem o movimento airoso anima ,
 Não fingida Minerva , nem Diana ,
 Mai verdadeira , Augusta Mariana.

XXVIII.

Da excelsa fundadora de Carthago ,
 E da Sabia Zenobia do Oriente ,
 E outras , que o povoado mundo , e o vago
 Encheraõ de seu nome illustremente ,
 Não, não se chore a perda: o mundo he pago;
 Com bastante razão d' estar contente ,
 Nessa , que sobre o bruto o campo trilha ,
 Que o guia , que o afaga , leva , e humilha.

Gi-

XXIX.

Gira Sangue Real dentro das veias
Deste , que a segue General famoso ,
Que rege os nossos mares , e às alheias
Terras , manda seu nome respeitoso ,
Vem sobre airoso bruto , que traz cheias
De branca espuma as ancas , e o formoso
Peito , que vai sustendo os pés , e os braços
Seguindo , e imitando a outro os passos.

XXX.

Generoso alazão segue mascando
O duríssimo ferro , que o refreia ,
Levando alegre a frente , e vai deixando
Impresso o passo sobre a loura areia.
Parece que se ensaia assim pizando
Na terra propria ao que fará na alheia
Co' o Grande General , que traz em cima
A' testa dos Exercitos , que anima.

XXXI.

Sim : este General , que tem gravado
No seu tranquilo aspecto alto respeito ,
O filho , o grande Aveiras , traz ao lado
Da lição , e do exemplo satisfeito.
Em outro bruto de igual côr montado ,
D' huma anca bem fornida , e largo peito ,
Que parece acompanha relinchando
O som guerreiro , que lhe vão roçando.

XXXII.

Sobre hum castanho escuro, que maneja
 Tambem com regra, e ligeireza os braços,
 E cuja longa cauda ao vento ondeja
 Co' as soltas pontas dos vermelhos laços,
 Vem o Real Infante, que dezeja
 Sempre ao Rei, Sogro, Irmão seguir os passos,
 E do fereno Rosto a Magestade
 Bem se vê transpirar santa Piedade.

XXXIII.

Bem que mais clara a côr tambem castanha
 He d'outro bruto a nedia, e liza pèlle,
 E a tantos quantos pizaõ a Campanha,
 Não cede em graça, e valentia áquelle:
 O garbozo Illustrissimo Saldanha,
 Eu o-estou admirando, he quem vem nelle;
 Co' a redea o passo ao bruto suprimindo
 O seu Amo Real lá vem seguindo

XXXIV.

Vem a turba de Illustres Cavaleiros
 Com vestidos riquissimos ornados
 D'ouro, e prata, a diviza dos Guerreiros,
 Os mais de lindas côres matizados:
 Vem sobre airofos brutos, e ligeiros,
 Que parecem levantaõ compaçados
 Os pés, e as mãos, fazendo os movimentos
 Ao som dos bellicosos instrumentos.

B

Aquel-

XXXV.

Aquelles são os principaes , aquelles
 Compõe de Portugal a alta Nobreza ,
 Debalde he repetir o nome delles ,
 Que a Fama espalha em toda a redondeza.
 Vê Francisco , os teus Silvas, e os teus Telles,
 E outros , que brota a terra Portugueza :
 Illustres ramos d'arvore tamanha ,
 Q' onra c'os frutos seus toda Alemanha.

XXXVI.

Farta essa juvenil curiosidade ,
 O nobre tronco vê d'onde descendes ,
 O valor , a Sciencia , a heroicidade
 Dos teus maiores , que imitar pretendes.
 Porém em quanto a ver a quantidade
 Dos heroes do teu tronco te suspendes ;
 Eu vou continuando com meo canto ;
 Porque não posso dilatar-me tanto.

XXXVII.

Seis corpulentos urcos , levantando
 Pezadas grossas patas brandamente ,
 Rico , e pompozo coche vem tirando :
 A roda trilha o chão , e mal se sente.
 Sobre as pontas dos pés se está firmando
 Para velo admirada toda a gente :
 Penhor da Lyfia , Principe Menino ;
 He cauza deste alegre desatino.

XXXVIII.

Agora sôam mais , e mais clamores ;
 Ninguém sofre que a vista outrem lh'impessa:
 Os pequenos se queixão dos maiores ,
 Hu' para ver melhor ergue a cabeça.
 Manchadas pelles de graciosas côres
 São as dos brutos , que conduzem nessa
 Berlinda a sua Augusta Mãi , com ella
 As tres Reais Irmans , aqual mais bella.

XXXIX.

Aos brutos , que talvez mal governados
 Precipitaraõ o infeliz Phaetonte ,
 Qu' o Orbe giraõ nunca fatigados
 Pirôis , Phlegonte , Eôo , e ó bravo Ethonte,
 Fazem inveja áquelles , que guiados
 Por hum experto auriga , erguida a fronte ,
 Ali vaõ conduzindo com vaidade
 A Beleza , a Virtude , a Magestade.

XL.

Inda d' hum lado , e outro *viva , viva*
 Se está com vós alegre repetindo ,
 Em quanto em outro coche a comitiva
 D' Illustres Damas ali vem seguindo.
 He tofco o meu pincel , bem não aviva
 A imagem do que vou mais distinguindo ;
 Nem eu tento do Verso na estreiteza
 Poder recopilar tanta grandeza.

XLI.

Novo , e grande tropel manda aos ouvidos
 Pelas ferradas mãos o chaõ trilhado
 De mil ligeiros brutos prevenidos
 Para suprir algum , que for cansado.
 Os jaezes , de qu' elles vem cingidos
 Cobre pano riquissimo , e bordado ;
 E das ricas librés nas varias côres
 Se distinguem quais faõ , de quais Senhores

XLII.

Pelo campo em cumprida ala s'estendem
 Já muda a comitiva de figura ;
 Já os sofregos galgos se desprendem ;
 E o raivozo Falcão vê a luz pura.
 Parece , que estes brutos já entendem
 Ao que foraõ trazidos ; pois procura
 Cada hum seu lugar : questaõ discreta !
 Hum Philozofa a-trate , eu sou Poeta.

XLIII.

Sei que a timida lebre , que se acoita
 Entre pequenos ramos percebendo
 As vozes , e o tropel , foge da moita ;
 Mas o galgo veloz segue-a correndo.
 E o rapido Falcão , que o ar açoitã
 Co' as fortes azas lá do alto vendo ,
 Vem logo com bravissima destreza
 Tirar a vida a hum , e a outro a preza.

Vai

XLIV.

Vai das rompentes unhas pendurado
 O pequeno animal, o povo grita:
 Pára o ligeiro caõ, como pasmado,
 Sobre o successo quazi, que medita:
 Ora se move a hum, ora a outro lado:
 Move a cauda co' a vista no ar ficta;
 Mas vê correr ao longe outros, e corre
 Em quanto a lebre enfanguentada morre.

XLV.

Ainda estão a este o premio dando
 Da, que trouxera arrebatada, preza;
 Vem negras gralhas pelo ár gasnando,
 Vôa outro com rapida braveza:
 Huma quer escapar-lhe confiando
 De suas leves azas na destreza;
 Mas eila cae sobre o picante tojo
 Das duras garras mizero despojo.

XLVI.

Fogem aqui quadrupes ligeiros;
 Bando aligero ali se turba, e espalha;
 Dos Falcoens são os galgos companheiros;
 Ha na terra, e no ár igual batalha.
 Aqui tem os instantes derradeiros
 Calada lebre, e gritadora gralha:
 Chove fangue do ár, na terra corre
 Sangue das vêias do animal, que morre.
 Como

XLVII.

Como á garra tenás dos diligentes
 Falcoens nada se encontra, que rezista;
 Assim ao braço das heroicas gentes,
 Que reges, Grande Rei, e tens á vista.
 Para o-experimentar basta que intentes
 Novo Imperio ganhar, nova Conquista:
 Verás que as mais lhes fogem nas batalhas,
 Quais do ativo Falcão, Lebres, e Gralkas.

XLVIII.

Mas não: candida Paz co' as longas azas
 Cubra, e defenda a Lusitana terra,
 Em quanto homens, Cidades, campos, cazas
 Desôla ao longe o ardor vorás da guerra.
 Troia, e Carthago estão campinas razas,
 E o seu funesto cazo nos aterra.
 Nem consente a tua alma santa, e pia
 Para a vã gloria tanta tyrania.

XLVIX.

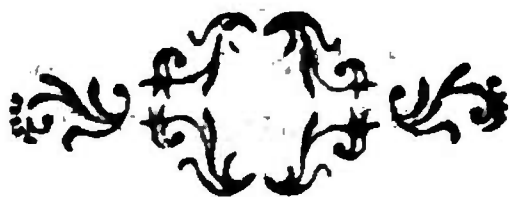
He gente Lusitana, assim remato;
 Della tem dito já bastante a Fama.
 Vê que foi Lusitano Viriato,
 Lusitano tambem o Illustre Gama.
 E outros muitos agora não relato,
 Cujos nome no mundo se derrama,
 E tem corrido em mais suaves rimas
 Diversas regioens, diversos climas.

Erguei

L.

Erguei , Principe Augusto , erguei a testa,
Vede do Grande Avô grandes vassallos ,
Specie , d'humanos , singular he esta ;
Já desde agora começai a honrra-los.
E o ouvido inclinaí a quem protesta
Naõ só co' as acçoens vossas anima-los ;
Mas a estranho Paiz , a estranhos Povos
Levar do novo Heroe louvores novos.

D. C. B.



BILHETE DE BOAS FESTAS ,

E A N N O S B O N S .

AO EXCELLENTISSIMO, E REVERENDISSIMO
SENHOR ARCEBISPO
INQUIZIDOR GERAL

C O N F E S S O R

D A

RAINHA NOSSA SENHORA.

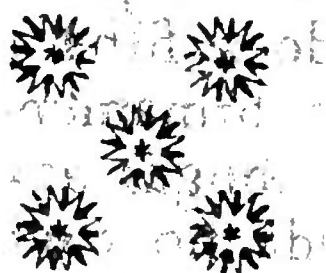
E Is-me a vossos pés prostrado ,
Dai-me a beijar essa mão
Capaz de mudar meu fado ,
E que em piedosa intenção
Me tem beneficiado.
Por esta occasião , por esta
Eu vos venho apparecer
Hoje com cara de festa ,
Enfeitada do prazer ,
Qu' entre esperanças me resta :
Felices annos conteis ,
Pedir aos Ceos me compete ,
E fazei vós , que podeis ,
Me seja o-de oitenta e sette
Melhor , que o-de oitenta e seis.

Este

Este o tempo , vós sabeis ,
De cumpridas profecias :
Tenho fé nas que fazeis ,
Lembro mais , que estou nos dias
Dos donativos dos Reis.
Mas temo huma má ventura ,
Que tudo o meu me baralha ,
E cruel talvez procura
Embrulhar-me na mortalha ,
Tristes bens da sepultura.
Dai-me vós algum conforto ,
Marcai mais curta esta meta :
Q' ás vezes pondero aborto ,
Que já Camoens o Poeta
Foi feliz depois de morto :
Quizera que a Real Mão ,
Que faz felices as gentes ,
Me tirasse de aflição :
E em quanto inda tenho dentes
Me desse da Igreja o Paó.
E mais que o proprio sustento
Vai-me a honra interessada ,
Porque haverá fraudulento ,
Q' afirme , que não ter nada
He não ter merecimento.
Fora o meu crime cantar ,
Se isto crime pode ser !
Agora vou-me a mudar
De cantar para comer ,
A com r para rezar.

E pois que o Senhor vos poz
Onde me valhais assim :
Vá hum ajuste entre nós :
Orai vós , e orai por mim ;
E eu rezarei por vós.
Não quero ser mais extenso ,
Boas festas vos agoiro ;
E ao Misterio a que eu pertença ,
Fazei possa offertar oiro ,
Q' eu só tenho mirra , e incenso.

D. C. B.



DITHYRAMBO *

A O fulvo solar coche luminoso ,
 Que os fervidos Etontes
 Com impeto fozozo
 Arrastraõ nos purpureos Orizontes ,
 Eu subo , eu subo , que o prazer me instiga ;
 E á Delfica Deidade ,
 Que os Ceos aformozêa ,
 Roubando senhorio , e devindade ,
 Parar farei a rapida Quadriga
 No Zenith d' Ulissea ;
 E o dia triplicando
 Do chãos furdo á filha umbroza , e fea
 Farei do vasto firmamento Etherio ,
 Que as furvas longas azas encurvando
 Frema açaimada no covil Cimerio :
 Quero que Lizia veja
 Que hum triduo , sua dita
 Illuminado o Ceo tambem festeja :

Eu

* Nas faustas melhoras do Setenissimo Principe do Brazil , o Senhor D. JOÃO.

Eu posso , oh Luzos , se a razão me excita ,
Não só reger os fulgidos Etontes ,
Deter os Orbes , transplantar os montes ,
Como também do Solio fulgurante
De tronar Panomphêo Celi-tonante.

Que o Nume de Niza ,
Que os tristes alenta
E d' alma afugenta

O frio Temor :

Que a brindes Evantes
Requeira as vontades ,
A's mesmas Deidades
Me faz superior.

Eia homanos brindemos , brindemos
A cauza suprema da nossa alegria ,
De Falerno huma cuba aqui temos ,
Que ao Nectar excede , q̄ excede a Ambrozia ;

Eu seja o primeiro ,
Que audaz , prazenteiro
Lhe sinta a virtude.

Em honra do Nome

Do ledo Nizeu

Empino hum almude :

E vohè Bassareu.

Eis vaõ , munifico , Lucido Principe ,
Eis vaõ á tua ditoza faude

Tres taças , seis taças , dez taças

Que alegria ! lá foi a primeira.

Já posso cantar tuas graças ,

Já posso com vós lizongeira ,

Bri-

Briseu cornifronte ,
 No bifido monte
 A's Pimpleides argutas formozos
 Deixar encantadas ,
 E fazer , que das mãos engraçadas
 As numerozas
 Lyras douradas
 Lhe caiaõ com pasmo por terra quebradas.
 Ouvio da ingenua Lizia
 O Ceo benevolo as fervidas supplicas ,
 E eis que em soccorro do Luzo Principe ;
 Que em vaõ luçtava co' Mal tiranico
 A' terra envia Saude angelica ;
 Ao vela a torpe Doença rabida
 D' horror solta , famelica
 Ceruleas flamas da bocca tabida ;
 Posta na frente bellica
 D' hum maligno esquadrão d' atrozes Dores
 Fevres agudas , Ancias , e Tremores
 Investe a Nympha impavida ,
 Que neste ensejo de triumphos avida ,
 Lhe frustra as iras , lhe agrilhôa os pulsos ,
 Faz na caterva sanguinozo estrago :
 Foge a vencida Fera ao Estigio lago
 Ferrando as prezas nos tendoens convulços ;
 E na furna da Morte despiedada ,
 Os olhos envesgando
 E as verdes crinais Serpes arrancando ;
 Se esconde enviperada ;
 Canta a Nympha potente os Epenicios

E os Luzos exultando
Aos Ceos offertaõ gratos sacrificios.

D' Evio murmura

Nos enramados

Copos dourados

Roxo licor.

Taças se empinaõ ,

Libaõ-se almudes ,

D' altas faudes

Sõa o fragor.

Venha , venha hum tonel portentozo
D' almo elixir maçaõ trímato borbulhante ,
Que para nossa gloria Epasio ebri-faltante

Em valle pampinozo

Virente , racemozo ,

Tirfigero , bibozo ,

Produz , fozona , ovante ,

Que quero temulento

Tericles * perpotante

Deixar no esquecimento.

Evan Tionio , Evohé.

Da-me desse Tokai mais corado ,
Que a corada papoula , que Ceres semêa
Entre as pallidas messes , que Zefiro ondêa ;

Da-me desse licor afamado

De Champanha , de Chypre , de Chio

Genial , saborozo , fadio ,

Que

* Tericles hum dos mais celebres bebedores , que teve a antiguidade.

Que intento prostrado ,
Cantando este dia ,
Da nossa alegria
A cauza brindar.

Viva o Magnanimo , o Inclito Principe ,
O Sabio Prudente , J o A ó virtuozo ,
Viva o Regio Espozo
De CARLOTA bella
Radiante estrella ,
Que benigna augura

A gloria d' Hiberia , de Lizia a ventura :
Porém que sinto em mim ?
Que alegre fernezim
Assalta o peito meu ?
Es tu , Es tu ? Leneu ?
Es tu , Bromio ? Evohé !
He elle , amigos , he !

Que de novo a saudar me convida
O benefico Heroe florecente ,
Que da vani-loquente
Soberba entumecida

As pulullantes cabeças golpêa ,
Que à bifrente Lizonja sopêa
A' Lizonja tiranica Elphinge ,
A' Lizonja , que em torno semêa
Dos fastozos palacios , que cinge ,
A Cizania , a Calumnia doloza ,
A Fraude capfioza :

Mas xiton , escutemos evohé

O ecco estrepitozo
D' altifona Thymele

A cujas vozes turbidas , festivas
Assoma ebri-formozo
O filho de Semele
Entre confuzos vivas ;
Mil corimbiferas pallidas Menades
Gritando , ululando
Saltando , exultando
Lhe vem circundando
O vite-enramado
Carro estridente bijugo , dourado ;
Que arrastraõ furiozos
Os mosqueados Tigres pressurozos.
Evhoé Mimalonides , vinde
Vinde Thirsifero rubido Ménoles
Vinde, vinde , façamos hum brinde
Almudes libemos ,
Corêas travemos ,
Saltemos , dancemos ,
E alegres brademos ,
„ Viva o magnanimo , o inclito Principe ,
„ Qu' áde arvorar as tremulantes Quinas
„ D' Imperios subjugados
„ Sobre as fataes ruinas ,
„ Vendo a seos pés cutvados
„ Climas ignotos , mares infulcados ;
„ Ea Lizia armi-potente
„ Da septicolle Roma
„ Feliz emuladora ,
„ Engrinaldando a torreada frente
„ Da rama vencedora
„ Fará

6, Fará do mundo tutelar Senhora:

Mas silencio , outro brinde , mais nada,

Que já titubeo ,

Que já cambaleo ,

Que já tenho cheio

Da celeste Ambrozia rozada ,

O peito , que anhela ;

Outro brinde , que já me esquecia ;

Do Brazil à Princeza formoza

A' formoza CARLOTA , mais bella

Do que ao raiar do dia ,

De Phebo a percursora radioza ,

De CARLOTA , a quem sempre á porfia

Os Rizos , as Graças ,

Em nitido bando

Lhe estão volteando

O rosto gentil.

Evohe bom Lieu , não me illudes

Para regias , supremas , faudes

Descorado

Não me des licor ,

Que não tem valor ;

Mas que imite sim

Na purpurea cor

Ao gentil rubim.

Desse , desse Niçtileu

Que escarlata escuma faz ;

Que envergonha o rubor teu ;

Desse gosto , esse me apraz.

Viva o magnanimo , o inclito Principe

C

Mais

Mais fabio , pio , e justo ,
Qu' Aurelio , Tito , Augusto.
Porém que sinto , Bassareu placido ?
Nublaõ-se os olhos , a terra foge-me ;
Truncaõ-se as vozes , a idea turba-se ;
Cantar os dotes do amavel Principe
Naõ pode a eburnea já rouca Cithara.

Cantores inclitos
Suaves canticos
Lhe entoem fervidos ,
Em quanto eu avido ,
Nas taças fulgidas
Do rôxo Mènoles ,
Lhe faço prodigio
Saudes mil.

P O R

B. M. C. S. T. d. S.

aliás

Belmiro Transtano.

OS LAGAREIROS.

IDILIO.

EM quanto á fresca sombra dos loureiros
 D'esse Academo Bosque, amado Alcino,
 Feres com subtil pletro a lira d'ouro;
 Humas vezes detendo, outras frangindo
 Ruidozos Tufoens, negras Procellas;
 Por hum pouco tirando a mão das cordas,
 Escuta huns versos novos, que cantavam
 Em novo estillo aqui, onde correndo
 Mançamente se espraia o claro Vouga,
 Dois famozos, e fortes Lagareiros,
 Que dentro em meu lagar, as doces uvas,
 Esta fertil colheita, hiaõ pizando.

LAGARINO.

Tosco, e rude Bagallio, não reparas,
 Como meches os pés? Acazo penças,
 Que isto he eira de trigo, onde escoucinhão
 Outros tais, como, tu sempre rinchando?
 Quem te mete a pizar as doces uvas,
 Se não sabes mover as gordas pernas?

B A G A L I O.

Lagarino mordas , e quem te mete
 A criticar aquillo , que não sabes?
 Tomara saber eu , onde tu foste
 Aprender conculcar os negros cachos ,
 De que engrinalda a fronte o roxo Bacho?
 Suponho foi talvez n'algum lameiro
 Com teus parciaes Collegas grunhídores.

L A G A R I N O.

Vai-te longe daqui , fuge profano ,
 Que já sinto chiar as grossas rodas
 Da carroça velós , onde sentado
 O grande Bassareo c'ó Tirso punge
 As sanhudas Pantheras : Se te apanha
 Neste sacro lugar , no quente mosto ,
 Raivozo te mergulha a hirsuta fronte ,
 Espinhada por fora , ouca por dentro.

B A G A L I O.

Há quem tal ouze ouvir ! Hum insensato ;
 Hum , louco palrador , que nunca fora
 A's festas Bacchanais Bromias orgias !
 Que já mais celebrou as Antisterias
 No frugifero Outono , ou as primicias
 Das vinhas foi levar , croado de era ,
 Em cabazes de murta ás Santas Aras

Do

Do grande Niçtileu , falar se atreve
 Em couzas que não sabe ! Ah se não cerra
 Lagarino mordas , a infame boça
 Saboè clamarei , e verás logo
 Como cede a meu canto , e te castiga
 O Sacro Bassareu , o roxo Bromio.

L A G A R I N O .

Inda esta me faltava ! Há quem tal diga ?
 Pois tu sabes cantar Bagallio infano ?
 Em que lugar cantaste , ou em que festa
 Ao rouco som dos roucos atabales
 Com suave cadencia repetindo
 Evohé , Niçtileu , Dionizio , Jacco ?

B A G A L L I O .

Sempre és enredador. Já te não lembra
 Das passadas vindimas do outro outono ,
 Quando croado d'era , e verdes parras ,
 Com hum Tirso na mão entrei nas festas
 Do sacro Niçtileu , todo cuberto
 D'uma pelle de Capro gadelhuda ,
 Onde venci cantando quantos forão
 Celebrar as alegres Antisterias ?
 Não te lembras preverso , Lagarino ,
 Q' em premio , da victoria as alyas Ninfas
 Me fizeraõ sentar sobre huma pipa ,
 Enfeitado de pampanos , e rozas ?

L A G A R I N O.

Já me lembra Bagallio , foi na tarde ,
 Em que , saltando muito por tres vezes ,
 Estiraste esse corpo no terreiro :
 E que a terceira vez escorregando
 Cos focinhos , pregar foste sem tino
 Na pipa , a que meteste os tampos dentro ,
 A cujo estrondo a chusma das Bacchantes
 Longo tempo com fusto andou dispersa.

B A G A L L I O.

Naõ : antes , foi na tarde , em que ajustaste
 Hum grande cesto d'uvras com Cepalio
 Sobre salvar de hum pulo a larga tina ,
 Que no terreiro estava das Orgias ,
 Chea d'almo licõr toda enramada ,
 Aqual indo a saltar de hum largo pullo ,
 Fizeste no ar taõ fina cabriola ,
 Que de chapuz cahiste dentro della :
 Onde por largo espaço mergulando
 Afogado te viste em mar vermelho ,
 Sendo o rizo de todos na floresta.

L A G A R I N O.

Sempre foste , Bagallio , author d'enredos ;
 Mas se tens prezumpçaõ de exprimentarte ,
 Vimio será Juiz , vê o que apostas.

BA-

B A G A L L I O:

O Mundo vai perdido ! quem diria ,
 Q' aos doces rouxinoes os negros corvos
 Ouzassem provocar a desafio ?
 Mas eu farei , vaidozo Lagarino ,
 Que te arrependas hoje , e que conheças
 Qual differença vai do junco ao tronco ,
 Que cingido de vides ramalhudas
 Sustenta os negros cidreirinhos cachos,
 Ves de verga miûda de mil cores
 Por habil mão tecido este cestinho ,
 Qu' em labores futis de hum lado mostra
 Sacrilegos gigantes , temerarios
 Q' ouzados penção cumulando montes
 Tirar o Throno a Jupiter Sagrado :
 Pois este o premio he ; repara como
 Sobre elles se aremeça o forte Bacco
 Transformado em leão , e os despedaça
 Vibrando as curvas lascéranes garras.
 Olha d'estoutra banda como ouzado
 Sobre hum carro triumphal , q' Tigres puchão
 Por entre grossos cedros , e palmeiras,
 Precedido das Menades raivozas ,
 Vermelhos Indios vai avassalando.
 Attenra neste lado , olha este rancho
 De capripedes fatiros saltantes ,
 Q' em torno vão de hum velho galhofeiro
 Barrigudo , caprino , orelhi-lungo ,
 Que monta n'um jumento , a cujos zurros
 Cer-

Cerrados esquadroens, vagão dispersos.
 Olha que premio ganhas, se a fortuna
 De teu lado estivesse agora infano
 Vê tambem o que apostas : logõ logo
 Entremos sem mais fleuma na contenda.

L A G A R I N O .

Muito gabas teu cesto ! Acazo penças
 Que não ha outra couza ? Pois attento
 Repara nesta concha, em que pintado
 Tambem Bacho se vê de era cingido
 Os cachos espremendo em vaso de ouro.
 Olha como os Bassarides em roda,
 Como as moças Canephoras, saltando
 Em brindes Bacchanais, tocaõ as taças.
 Repara como vão loucas vestidas
 Com seus ramaes de perolas finissimas,
 Croadas de era, e parras dando ao vento
 As compridas madeixas semeadas
 De pequenos jasmins, de brancas rozas.
 Olha a chusma de satiros bicornios,
 Que os retorcidos buzios vão tocando
 Em torno deste Altar ; onde enramado
 Tem para o sacrificio hum negro Bode :
 Ve mais com que destreza o subtil Mestre
 Ao longe o mar pintou, onde hum Xaveco
 De barbaros Piratas se deviza,
 Que o grande Bassareu levaõ cativo.
 Mas olha agora em fim como espantados
 Da

Da vista de hum Leão , que os acomete
Por cima do convés , vibrando as garras ,
Em confuzo torpel ao mar se lançaõ ;
Onde em Delphins ceruleôs se transformaõ.
Com tanta perfeiçaõ , couza mais bella
Já mais tosco Bagalio terás visto !
Naõ isto naõ pintaraõ mãos profanas ,
De devinos pinceis , feraõ os toques
A' foz do nosso Vouga sobre á Area
A lançou a maré ; ali achada
Foi por Marino , a cujo dei em troca
Hum copo de marfim , orlado de ouro.
Olha que raridade naõ alcanças ,
Se fores venturoso , avia , vames
Depozita o teu cesto , eis-minha conxa :
Seja Vimio Juiz , ou qualq'uer outio.

B A G A L I O .

Pebre doido , coitado ! Eu te protesto
Que logo te arrependas. Vimio toma
Os premios da contenda , e nosso canto
Escuta agora atento , que a sentença
No fim profiriras , igual , e recta.

V I M I O .

Principiai famosos Lagareiros
O doce canto alterno , em quanto ferve
O cheiroso , balsamico , bagasso ,

Sol-

Soltai as brandas vozes , que deleitaõ
 O Devino Elelêo , que as tortas cepas
 Este anno carregou de ferteis gomos,
 Principia primeiro Lagarino ,
 Tu Bagalio , depois o hirás seguindo.

L A G A R I N O .

Evoé Bassareu , alegre escuta
 Os brandos versos meos , q̃ os teus louvores
 No mundo espalharei ; meu canto inspira,
 Para que o vil Bagalio hoje conheça,
 Qu' eu só posso cantar os teus misterios.

B A G A L I O .

Saboé , Niçtileu , tu que fustigas
 Co' verde Tirso , os remendados Tigres ,
 Que puxaõ em galoens teu carro , atende
 Os versos , que te dou ; em quanto faço
 Raivar de inveja o rude Lagarino.

L A G A R I N O .

Ah suspende , Bagalio , não profigas
 No descomposto som ; porque espantados
 De taõ desconcertada gritaria
 Os mais rústicos fatiros caprinos ,
 Pondo as mãos nos ouvidos , pelas cevas
 Em confuzo tropel se vão metendo.

BA-

B A G A L I O.

Oh quanto melhor he ouvir no Inverno
 Mil verdes roucas rans palrar n'um xarco,
 Que ouvir de Lagarino o canto agreste!
 Ah! calate, insensato, antes que em terra
 Com teus rispídos eccos cahir faças
 Este triste lagar, que tanto affustas.

L A G A R I N O.

Alcino, a quem as Tagides formozas
 De verdejante alga a fronte cingem,
 Meus versos ama, e preza. Vós famosos
 Destros vindimadores do contorno,
 Hum verde altar, lhe erguei, honrai seu nome!

B A G A L I O.

Porém a mim Belmiro; a quem as Muzas
 De Corinthio metal, levantaõ bustos,
 E o roxo Bassareu, a Taça liba,
 Gosta de ouvir meu canto. Vós Bassarides
 A fronte lhe cingi de louro, e parras.

L A G A R I N O.

Quem préza o canto teu, melico Alcino,
 Carregar veja, de fechados cachos
 As tortas cepas suas, no almo Outono
 Lhe trasbordem de vinho as largas tinas. BA.

B A G A L I O.

Quem não honra , Belmiro , a tua Lira ,
 Em negra gralha convertido seja :
 As suas vinhas de pulgaõ se cubraõ ,
 Roidas sejaõ de malditos capros.

L A G A R I N O.

O' bis-nascido Deos , que abrolhar fazes
 As grossas vides , onde a vista lanças :
 Alegre em meu bafello põem os olhos ,
 Que entaõ sempre terei fertil colheita.

B A G A L I O.

O' famoso inventor do doce Bromio ,
 Que ensinaste aos homanos a vendima ,
 Derrama em meu lagar o licor sacro
 Da taça , que sustens na dextra ufano.

L A G A R I N O.

Quam doce não he ver , por este tempo
 Estar fervendo o mosto nos lagares ,
 Levantando o fumifero bagaço ,
 E ter de roxo fumo as pernas tintas !

B A G R I O.

Quanto nesta estação ouvir me alegra
 Chiar dos carros as ferradas rodas
 C'ò pezo da vendima, quanto gosto
 De ver calibrar diffrentes vinhos!

L A G A R I N O.

Loura Ceres, levanta a curva fouce
 Faze fugir os pardos gafanhotos
 E os daninhos patdais, que debulhando
 Nas searas me vão o louro trigo,
 A abundancia derrama em minhas leiras:
 Augmenta-me a colheita, que eu prometo
 De douradas espigas, e papoulas
 Cingir teu rico altar nas Cereacs festas.

B A G R I O.

Frugal Pomona, livra os meus Pomares
 Dos passaros iniquos, afugenta
 As bespas, e as abelhas, que sucando
 As uvas moscateis, me vão nas vides:
 Os frutos que me das, Deusa defende,
 Proteje as minhas arvores, que eu juro
 Formar-te huma capela guarnecida
 De ginjas garrafas, peras, e rozas.

L A G A R I N O.

Vem Viminia gentil , e a vós soltando
 Suspende com teu canto o claro vouga
 Corre , ó Ninpha formoza , que dezejo
 Ver circundarte a chufma das Napeas ,
 Suspenfas dos acentos , que fupremdem
 Disperfos pelo ár fevos dezejos.

B A G A L I O.

Ah ! Parralia travessa , onde te escondes ;
 Que a terreiro não fahes pulando airoza !
 Vem ó Ninpha gentil no rofto bello
 Deixa embora cevar olhos famintos.

L A G A R I N O.

Aferrolhem embora o metal louro
 Avarentos Hidropicos , que eu vivo
 Com pouco cabedal , ao lado tendo
 Minha amada Viminia , fou ditozo.

B A G A L I O.

Entre Mares revezos fufos fofra
 O Mercador aváro , que eu não temo
 Na minha pobre choça com Parralia ,
 Sentado ao pé do lar , Tufoens do Inverno.

L A G A R I N O.

Prezumido Bagalio , já dezisto
Do premio , da contenda , se dices
De quem a thêa era , que o famoso
Bassareu transformou em lentas vides !

B A G A L I O.

Dize-me Lagarino , e já te cedo
O louro da victoria , quem primeiro
Com a Taça na mão , cingido de era
A Bacco decretou honras divinas.

L A G A R I N O.

De quente mosto , em honra tua empino
Evoe Nictileu ; oh ! como he bello !
Que Nectar ! Que Ambrozia ! outra vez encho ;
E de Alcino em louvor hum brinde faço
Alcino das Cytherides delicias ,
Que leva atrás da Lira arrebatados
Incensiveis penhascos , duros troncos ,

B A G A L I O.

Tambem em teu louvor , Brisseo divino ,
Encho , e bebo esta taça. Oh ! Que suave
Balsamico licor ? Evôé repito . . .
Sacro Padre Leneo , renovo a taça.

Hum

Hum brinde outra vez faço ; agora empino
 Em honra de Belmiro mas que fogo !
 As orelhas me aquece , e abraza as faces !
 Qu' impulso sinto em mim ! que furor tanto
 Sobre as nuvens me sobe ! onde me elevo !
 Mas que brilhante scêna se me offrece !
 Por entre a densa nevoa do futuro
 A hum fertil vasto monte subir vejo
 Sobre as azas dos ventos de mãos dadas
 Hum rancho de Pastores , a quem cingem
 Nove Ninfas gentis de louro as fronte.
 E que mulher setá tambem aquella
 Vestida de armas brancas , que sustenta
 Sette montes ufana na cabeça ?
 Que exulta de prazer , em quanto sobem
 Aquelles sabios Vates , que escarnecem
 Hum velho , que batendo as longas azas
 Vai correndo tras delles ; mas que irado ,
 Por ver que se lhe fojem , nos joelhos
 Parte huma curva fouce ? Eis pela Terra
 Vejo rojar tambem dois feios Monstros
 Toucados de Serpentes ; hum remorde
 Tres serpes , que na mão tras enroscadas
 Outro em polga hum punhal em sangue tinto
 Mas quem esta será , que os ares fende ,
 Olhos toda , tocando huma aurea Tuba ?
 Huns nomes repetindo , a cujas vozes
 Mil Ninphas alevantaõ sobre as aguas
 Do aurifero Tejo , os brancos collos ?
 Porém que luz celeste me circunda !

Que

Que Devino mancebo ago a vejo ;
 Sentado em rico folio de sifras !
 Em seus braços alegre recebendo
 A sabia companhia , e q̄ = *Vimio* suspende ?
 Onde voas Bagalio , inneciado
 De tão altos misterios ! Ah ! detem-te ,
 Não profigas no canto , que os profanos
 São indignos de ouvir couzas tão grandes ;
 Toma a conxa , gentil Bagalio , toma
 Justo premio de teu immortal canto ,
 Que será respeitado em nossos campos ,
 Em quanto houver no mundo Lagareiros ,
 E Baco carregar de uvas as vides .

Francelio Vouguence.



A AMIZADE

ODE.

Embora corte os altérfos Mares
Possante armada, que amedrenta os Eurros,
Que sobre o campo de entufada espuma
As Cidades aterra.

Embora as negras bocas vomitando
Subitas chamas, em negrume horrendo
O Ceo occulte, o alarido absorva
Dos mizeros soldados.

Em quanto o General ardendo em ira
Terrifico bradando ao som da morte,
Valor inspira nos expostos peitos
Dos tristes, que peleijaõ.

A Guerra insana dardejando globos
Em ferreo carro sobre os ares cruza
E os ignivomos grifos açoutando
Afusta o mundo inteiro.

Leva pendente do cruento braço
Negras balanças em que a vida peza ;
E sobre a dextra carrancuda arvore
Aficalado gume.

Dos mizeros mortaes a forte infausta
Vaga no turbilhão d'acerbos malles
Aqui , e alli despede a horrenda fouce
Os fios devastando.

Todos curvados fluctuando giraõ ,
Trazendo aos hombros a cruel desgraça :
Fusca illuzão dezenrollando as azas
Lhes tapa os frouxos olhos.

Por altos cerros tropeçando rólaõ
Sem que esmoreçaõ no fatal conflicto ,
Só vendo o abysmo a recebellos pronto
Pálidos estremecem.

Sancta Amizade , tu me acolhe affavel ;
Junto a teu lado vivirei contente ,
Rasgando a venda , com que a vista illudem
Os vicios , e as torpezas.

Leocacio Melpomineo.

CANÇONETA
DITIRAMBICA.

A Gora que o carrancudo
Inverno as aguas congela,
E o corpo o frio enregela;
Vamos as mãos aqueantar,
O fogo lança Marilia,
A's vides, que fui podar.

Das rebordans aloiradas,
Q' hoje apanhei na deveza,
Pois temos fogueira aceza,
Faze um magusto no lar;
Que do Moscatel cheirozo
Já fui da Cuba tirar.

Enche esse pucaro, e bebe,
Então, que tal he o gosto?
Tornou-te vermelho o rosto?
Já te não vejo tritar.
Repara bem não te faça
A'roda a cabeça andar.

Torna a encher , bota dentro
 Essas castanhas assadas ,
 Q' eu tenho alli descascadas.
 Não vez o licor chiar ?
 Lá vai : que fabor divino !
 Que doce fica o padar !

Ah ! Que este balsamo pode
 Tornar loucaõs , e corados
 Curvos velhos engilhados :
 Este fim que pode dar
 Aos hirtos de frio vida ,
 E o fangue ás veias tornar.

Mas que ouço ! Zunem os ventos
 Em opostos furacoens !
 Rebombaõ roucos trovoens
 Arrebentando no ar !
 Por entre as quebradas telhas
 O Raio vejo serpear !

Temerosas dos estrondos ,
 Assustadas das Sentihas ,
 As nossas prenhes Ovelhas
 Veremos hoje abortar :
 E toda a fruta cahir
 Do nosso pobre pomar.

Porém embora desfeche
 Contra mim a vil Desgraça;
 Q' a balla mortal embaça
 No meu peito sem varar:
 Pois quando bebo, não temo
 Terra, Vento, Fogo, e Mar.

Que fabor! Porém que he isto?
 Vejo como por peneira!
 Terei nos olhos poeira?
 Co' a mão os quero esfregar.
 Mas peor mais do que o corpo
 Sinto a cabeça pezar.

Ah! Que se outra vez Elmano
 Eu vir com Belmiro em guerra
 Sobre andar o Sol, ou Terra;
 Eu protesto sustentar,
 Q' anda a terra, porque a vejo
 A' roda comigo andar.

Se eu agora fosse Rei
 Que de coizas não faria;
 Huma torre mandaria
 Neste sitio edificar,
 Taõ alta que em a subir
 Hum anno havia gastar.

Fa-

Faria huma grande adega ,
De comprido com dez milhas ,
Seriaõ de ouro as vazilhas ,
De ouro feria o lagar ,
Teria arados de prata
Para os meus campos lavrar.

Faria em honra de Baco
Erguer hum Templo rotundo ,
Que assombro fosse do mundo ;
Onde a gente além do mar
As alegres Antisterias
Viessẽ alli celebrar.

Faria porẽm que digo ?
Hora estou bem carregado :
Este vinho endiabrado
Fez-me a cabeça esquentar
E com fantasticas ditas
Mesmo acordado sonhar.

Tú cambaleias , Marilia ,
Tambem estás embriagada ?
Bebeste de mais , coitada ,
Fez-te o juizo voltar ?
Durma-mos pois que do frio
Soubemos hoje triunfar.

Francelio Vonguense.

CANÇONETA*

Nº Hum fresca manhã bella
 Qu' Aurora o campo aljófrava
 Da choça minha eu fahia;
 E o manso gado levava
 A pascer na relva fria.

Doces Cançoens numerosas
 Hia traçando na idéa
 Contra Amor, e seus caganos,
 Para cantarem na Aldea
 Comigo os outros Serranos.

Eis-que d'hum bosque de murtas
 D' Armania a choça veziinho
 Vejo fahir pressurozo
 Hum travesso rapazinho;
 Mas de gesto magesto.

Rou-

* Premiada pela Academia Real das Sci-
 encias na Sellaõ de 12 de Maio de 1791.

Rouxa venda a luz dos olhos
Com tres voltas lhe roubava ;
Nas mãos hum arco trazia ;
E ao lado em formoza aljava
Cruéis farpas embebia.

„ Tenro menino , lhe brado ,
(De velo com dó infindo)

„ Deste frio não tens medo ?

„ Guarde-te o Ceo , como hes lindo !

„ Quem hes ? onde vas tão cedo ?

„ Quem sou , bem sei que não sabes

„ Sim , que se acazo o foubesses

(Me responde enfurecido)

„ Pode ser que não tiveses tido

„ De mim tanto escarnecido.

„ Pois sabe , que eu sou aquelle

„ Que tira , e dá liberdades

„ Todos em meos ferros gemem ,

„ Uno , e defuno as vontades ,

„ E os mesmos Numes me temem.

„ Agora , onde vou , espera

„ Vello-ás , nisto acestando

Aureo passador fulgente

Vem para mim caminhando

Com torva sombria frente.

„ Rapaz travesso , lhe digo ,
 „ Onde vens ? o que proferes ?
 „ Quem sou conheces mui pouco ;
 „ Ora vai-te , fenaõ queres ,
 „ Que te mostre o quanto és louco .

Mas pé atrás nisto pondo ,
 Faz-me ao peito pontaria ,
 Despede o virote ervado ;
 Em cuja farpa trazia
 D' Armania o nome gravado .

Meu coração atravessa :
 Salta a borbotoens o fangue :
 D' amor o poder conheço ,
 E a seus pés , já quazi exangue ,
 Humilde socorro peço .

Mas de meus rogos zombando
 „ Onde estão teus ameaços
 (Me diz com vóz mofadora)
 „ Feri-te , não tens dous braços
 „ Chega a mim , vingate agora .

Só com truncados soluços
 Lhe respondo , e o Deos tirano
 Lançando-me atrozes ferros
 Profegue : „ ouve audaz humano
 „ A sentença de teus erros .

„ Ama-

„ Amarás , envolto em magoas ,
„ Armania , por teu castigo ,
„ E nesta paixão penoza
„ Já mais a-verás com tigo
„ Sequer hum hora piedoza.

„ De teus rivaes adulada
„ Geral desprezo affectando ;
„ Zombará dos teus queixumes ,
„ Expondo teu peito brando
„ As mãos de crueis Ciumes.

„ Quer vendo-a , quer della auzente
„ Não dará fim teu tormento ,
„ Que te instará sem piedade ,
„ A' vista , o zello cruento ,
„ Auzente , a cruel faudade.

Disse , e quando vou pedir-lhe
Lenetivo a meus pezares ,
As leves azas soltando
Me foge veloz ; nos ares
Brilhante rasto deixando.

A fascinante desgraça
Vem a pos do meu tormento :
Meu grado trigo emmurchece ;
Nem curo do pobre armento ,
Que á mingoa todo engaféce.

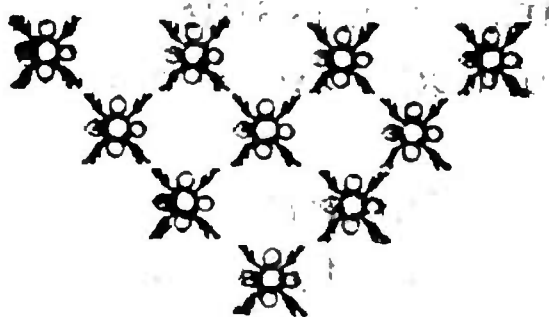
Deſta forte amando fico
Armania, entre magoa immenſa,
A qual caprixa inhumana
De ſer da cruel ſentença
Executora tyrana.

Por

B. M. C. S. T. d. S.

entre os Arcades

Belmiro Tranſtagano.



CAN-

CANÇONETA.

Vendo o perverso vendado
Que os Mortaes o conheciaõ,
E que seus ferros cruentos
Já pouco estrago faziaõ.

N'um frondente alegre Bosque
Deixando os farpöens ervados
Converte em louras Abelhas
Os lindos crueis vendados.

No touco d'um freixo antigo,
Que a fronte no Téjo espelha,
Aloja o formozo enxame,
Tambem mudado em abelha.

Já com sonoro suçurro,
Sobre os vergeis, sobre as flores
Fazem mil tremulas voltas
Os pequeninos Amores.

Já louro mel se fabrica,
Agro ao peito, doce aos labios,
E dentro se lhe misturaõ
Mil encantos, mil amavios.

Já por todo o Bosque as plantas ;
 Da nova chusma picadas ,
 Tacitas queixas difundem ,
 Humas d'outras namoradas.

Já tudo a Amor vota insensos ;
 Já tudo em amor se inflamma ,
 Só Laura inda vive izenta ,
 Só Belmiro inda não ama.

Mas como no mundo o Fado
 Perpetua paz não consente ;
 Quiz que seus peitos flexiveis
 Suspirassem mutuamente.

Hum dia , que descuidado ;
 Belmiro apanhava flores ,
 Foi subtil-mente ferido
 Por hum dos crueis Amores.

D'improvizo occulta força ,
 Seus ligeiros passos guia ,
 Onde Laura , a doce Laura ,
 Verde grinalda tecia.

Hum molho de rouxos lirios
 Offerta a Ninfa mimoza ,
 Que sobre o lindo regaço
 O faz cahir desdenhoza.

Mas hum Amor q' escondido
Hia no ramo virente ,
Voou , zumbio , e no peito
Lhe imprime o ferraõ pungente.

Eis qu' os negros vivos olhos
Emprega Laura em Belmiro ,
E arranca por elle ancioza
D' alma hum ardente suspiro.

Dize tu frondente Olineiro ,
Dize os votos duplicados ,
Que os dois amantes fizeraõ
Dos ramos teus abrigados.

Repete os ais , que lhe ouviste ,
E os transportes de ternura
Daquellas almas sensiveis ,
Dignas de melhor ventura.

Já potente occulto laço
Seus dois coraçõens prendia ,
Laura a Belmiro adorava ,
Por Laura Belmiro ardia.

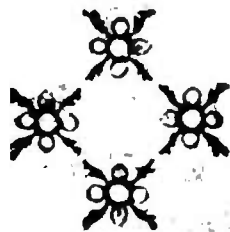
N'uma fresca madrugada ,
Em qu' ao Bosque ambos fairaõ ,
D' amor o formozo enxame
Entre huns ramos descubriraõ.

Seus dolozos favos doces
 Incautos ambos crestarão,
 E o louro mel saborozo
 Immenfas vezes libaraõ.

D' improvizo a maõ do Fado
 Nubla seus rizonhos dias,
 E chovem sobre seus peitos
 Sustos, magoas, agonias.

Ah! Fugi tristes humanos,
 Fugi do cruel vendado;
 Que seu mel, seus favos doces,
 Tem veneno refinado.

Belmiro Transtag.



O F A U N O

I D I L I O.

I.

HUma Naiade bella desdenhoza,
As aureas tranças penteava hum dia,
Na margem d'uma fonte deleitoza.

II.

A sombra que dos Alamos cahia,
O sopro d'um Favonio lizongeiro,
Do intenso ardor seus membros defendia.

III.

Occulto a vigiava d'hum vimeiro,
Fauno, campestre Nume, suspirando
De seus brilhantes olhos prezoneiro.

IV.

Com viçozos jasmims de quando em quando
Lhe a tirava, que n'agoa transparente,
Hiaõ tremulos circulos formando.

V.

A Naiade mimoza erguia a frente,
E a huma, e outra parte de assustada
Volvia os garços olhos deligente.

E

Sol-

VI.

Solta Fauno de gosto humà rizada,
E d'hum pulo se esconde a Ninfa bella
No liquido cristal sobrefaltada:

VII.

O Fauno salta em seguimento della
Deitando-lhe subtis seguros laços,
Porém não poudo conseguir prendella.

VIII.

Depois ora nas agoas mete os braços,
Ora com meiga vóz a dezafia,
Ora fica escutando alguns espaços:

IX.

Mas vendo que assim nada conseguia,
Torna a esconder-se n'um vergel frondozo;
Por ver-se a Nimpha sem temor sahia.

X.

Dali fitando a orelha cuidadozo
D'agua os olhos não tira, e pranto exala
Contra o motim das aves, de raivozo.

XI.

Mal respira temendo amedrentala:
Thé qu'impaciente de tão longa espera
Descendo-á fonte, desta forte falla.

Nim-

XII.

Nimpha cruel , taõ linda como fera ,
Surge d'agua outra vez por hum momento ,
Com teu semblante meu pezar modera :

XIII.

Ah se te escondes por me dar tormento
Afaga-me , depois torna-te esquiva ,
Que assim me faràs damno mais violento :

XIV.

Contra mim te aconselho , que he taõ viva
Minha paixãõ , que em troco de lograr-te
Sofrer naõ temo pena mais activa.

XV.

Acazo he culpa , dize , idolatrar-te ?
Se maltratas quem faz por ti finezas ,
Que faràs Nimpha a quem quizer matar-te ?

XVI.

Naõ sei porque motivo me desprezas :
Por ti peno , por ti me inundo em pranto ;
Julgo ser gosto de fazer cruezas.

XVII.

Naõ sou taõ feio , que te cauze espanto ;
He meu corpo membrudo , he vigorozo ,
Danço a compaço , com doçura canto :

XVIII.

D'olhos pequenos sou , d'olhar fogoço ;
D'hirtos anneis o meu cabello he cheio ;
Sou cornifronte , bem talhado , airozo ;

XIX.

Mas se inda me desprezas 'por ser feio ,
Vê que a filha gentil da espuma fria
Do Deos mais torpe a ser espoza veio.

XX.

O Ceo não deixa impune a tirania ,
Anaxarete em pedra não mudara
Se ás magoas d' Isis atendesse hum dia.

XXI.

Quem me dera que o mesmo o Ceo uzara
Com tigo, oh Nimpha; porq' então meu pranto,
Como as pedras abranda , te abrandara.

XXII.

Se na Libia nasceste , não me espanto ,
Que folgues de cauzar crueis pezares ,
Mas se não , como podes fazer tanto?

XXIII.

O que perdes prevê , se malograres
Hum amor tão fiel , tão verdadeiro ,
E o que lucras tambem , se me adorares!

N'huma

XXIV.

N'humas das fragas daquelle amplo outeiro
Se entranha a gruta minha coroadada
De fresca murta, flórido azareiro.

XXV.

Ali sobre meus braços reclínada,
Se terna ouvisses os meus ais vehementes,
Podéras Nimpha ter feliz morada.

XXVI.

As Parreiras c'os Alamos frondentes
Lhe tecem fresco pavilhaõ viçozo,
Que a livra das crúeis calmas ardentes.

XXVII.

De verde Açanto, de Alecrim cheirozo
Se alastra o chaõ; à porta vive atado
Hum Zefiro, que adeja pressurozo.

XXVIII.

D'alta roxa hum ribeiro despenhado
Manfo lago lhe vem formar diante,
De vimes, e de canas sombreado.

XXIX.

No ramo o terno rouxinol velante
Com grogeos subtíz dali s'escuta
A pena divertindo à triste amante.

De

XXX.

De caça , e peixe abunda a minha gruta ,
E em molle colmo n'hum recanto interno
Guardo encamada faboroza fruta.

XXXI.

Ruge-me prezo contra o frio inverno ,
Que as carnes corta , os membros enregela ,
Em rica talha , salutar Falerno.

XXXII.

Naõ , no mundo naõ vez outra mais bella !
Muitos amigos meus ma tem gabado ,
Deu-ma Silvano , e Pan bebeu por ella.

XXXIII.

Bromio rizonho alli se vê gravado
Junto de larga , corpulenta Dorna
Libando hum cópo de cristal dourado.

XXXIV.

Nimpha loucãa , que d'era a fronte exorna ,
Quer furtar-lho , e parece que às rizadas
Por cima o vinho , com puxoens, lhe entorna :

XXXV.

Ve-se tambem nas ondas azuladas,
Cypria , regendo em concha de mil cores ,
De rozas manfas Pombas arreadas :

Ver-

XXXVI.

Verdes Tritoens às costas c'os Amores ,
De roda as leves caudas meneando ,
A' Deoza os olhos piscaõ brincadores.

XXXVII.

Ve-se o cazo de Daphne miserando
(Menos dura que tu) e doutra parte
Mil scenas d' Amor fero , e d' Amor brando.

XXXVIII.

Tudo teu he , não tenho mais que dar-te ,
Que o mesmo terno coração , que tinha ,
Perdi no instante , que cheguei a olharte.

XXXIX.

Não te apanho , segura a mim caminha ,
Vem ver se pulsa , a mão põe no meu peito
Verás , qu' isto não he fabula minha.

XL.

Não sei não , que mais faça a teu respeito ,
Só se queres que às mãos de mal vehemente
Acabe a vida em lagrimas desfeito.

XLI.

Se isto he teu gosto , morrerei contente :
Mas vê , que de teu genio hum padrão deixas ,
Qu' hade infamar teu nome eternamente.

XLII.

Nada , nada te abrandão minhas queixas :
 Ah qu' ou debes estar petrificada ,
 Ou a seus echos teus ouvidos feixas.

XLIII.

E's mais corada , que a romãa corada ,
 Mais alva , que o jasmim ; tens mais beileza,
 Que a rouxa Aurora na manhã dourada.

XLIV.

Mas que Tigre ha tambem com tal fereza ,
 Que se iguale contigo , ou rocha dura ,
 Que tenha , como tens , tanta dureza.

XLV.

Affim clamava cheio de ternura
 O triste Fauno , a vóz intrepolando ,
 Com lugubres gemidos de amargura :

XLVI.

A fonte hum pouco esteve contemplando
 Com gestos mil , depois n'agoa insofrido
 Metc de novo os braços titubando.

XLVII.

Mas vendo o fructo de seus ais perdido ,
 Convertendo em furor suas finezas,
 Clama outra vez , desta arte embravecido.

XLVIII.

Sobre ti chovaõ (já que assim desprezas ,
Ingrata Nimpha , meus fieis amores)
Negras desgraças , languidas tristezas.

XLVIX.

Nas margens tuas não rebentem flores ;
Turbem-te as agoas serpes venenozas ;
Livrem de ti feos gados os Pastores.

L.

Não cantem neste sitio aves faudozas ;
E amorte enrede , por maior castigo ,
Com quem te cauze mil paixoens zelozas.

LI.

De todos horror fejas . . . mas que digo ?
Eu mesmo que te amei tão terno , e brando ,
Já me desprezo de fallar contigo.

Disse , e bramindo os pés aligeirando ,
Se embrenha por asperrimos abrolhos ,
As lagrimas raivozas alimpando ,
Que lhe ferviaõ nos irados olhos.

Belmir. Transtag.

AO ILLUSTRÍSSIMO , E EXCELLENTÍSSIMO
 SENHOR
 JOZÉ DE VASCONCELLOS
 E SOUZA.

O J A R D I M.

A Fresca sombra d' hum serrado bosque ;
 Onde por alvas pedras murmurando
 Hum tremulo Ribeiro se escutava ;
 Saudozo de Anacrina as louras tranças ,
 Ao som da grata lyra descantava.
 Quando sobre hum velóz doirado carro ,
 Que seis Aguias tiravaõ pelos ares ,
 A Deusa dos Jardins se apresentava
 A meus cançados lacrimosos olhos ;
 Candidas flores , pudibundas rozas ,
 Adornavaõ-lhe em torno a nivea fronte ,
 De Goivos , e Jasmims festoens compridos ,
 Os fulgidos cabellos lhe enastravaõ ;
 Batendo as redeas às pompozas Aguias ,
 Entrava pelo bosque florecente ,
 E descendo ligeira do aureo carro
 Desta sorte risonha me fallava.

Cançado vate do bicornio Pindo
„ Que a pár do Cintio Nume sonorofo ,
„ Na juvenil idade tens bebido
„ Da clara linfa do Helicon fagrado ;
„ Tu que afinando a Cithara dourada
„ Do Illufre Vasconcellos tens cantado
„ Acçoens famofas , com eburnco pletro ,
„ E dezejas rasgando os leves ares ,
„ No Sacro Templo da Immortal memoria
„ Entre os Heroes gravar feu Nome Illufre ;
„ Não confintas , ó Vate , não confintas ,
„ Que ás letargicas ondas fonolentas
„ Entregue fique defte Heróe preclaro
„ A doce habitação , que me dedica.
„ A ver efles floridos novos prados
„ Comigo agora deligente parte ;
„ Onde mostrando-te os diversos planos
„ As sublimes figuras , as Cascatas
„ Por cem partes a terra borrifando ,
„ E imagens verdadeiras concebendo ,
„ A decantar comeces o que imploro „ .

Acabou de fallar. Tomando as redeias
Me conduzia com femblante ledó
A feu carro veloz , qu' alegre fubo ;
C'ó longo açoute nas formozas Aguias
Dando hum fonoro eftalo reffoante ,
Aligera partio abrindo os ares :
De zefiros lascivos mil falanges
Em torno d'alva Deoza revoando

Das

Das brancas plumas sobre o aureo carro
Lançavaõ ledos desfolhadas rozas.

Da grande Elizía sobre os duros hombros,
Num sitio ameno d' arvores bordado
Sumptuozo Palacio se alça as Nuvens,
De famoza extructura fabricado ;
Onde o Calheta Illustre , em paz serena
Sobre longas varandas , frescas tardes
Do calmozo veraõ contente gasta ,
Ao lado junto da consorte amavel ,
Cujas virtudes no estelante Olimpo
Sentillaõ entre as lucidas Estrellas.

Aqui soberbas as pompozas Aguias
Tocavaõ levemente a terra dura ;
Quando a Deoza descendo do aureo carro,
De hum famozo Jardim a porta entrava.
Já de vivo dezejo afervorado ,
Por espaçoza escada a vou seguindo.
Eis-que subito vejo hum largo plano
De tortas eras guarnecido em torno ;
Alva donzela de prazer tingida ,
Douradas horas consumia em jogos.
Ao lado opposto n'uma funda gruta
Sonora fonte murmurar se ouvia.
Sobre pilastres de hum , e d'outro lado ,
Diferentes figuras se mostravaõ.
Venus formosa de huma parte estava ,
Qual o manço Paris ledo a vira ,
Quan-

Quando na Idalia selva o Pomo d'ouro
 A Sentença lançando-lhe entregava.
 O potente Neptuno ali se via
 C'ò asperrimo Tridente repremindo
 Os ceruleos Cavallos espumantes.
 D'outro lado Plutaõ soberbo estava
 Sobre o ferreo Bidente reclinado ,
 E a seus pés o latrante Caõ trifauce.
 Pouco distante Juno se avistava
 Olhando com inveja o aureo Pomo ,
 Que a linda Venus entre as mãos sustinha;
 Porém daqui voltando a Deoza os passos
 Larga escada subia. Eis outro plano
 Habitação dos ledos Passarinhos ,
 Que sonoras endexas mudtilando
 Tornar faziaõ aos meus olhos tristes
 Da candida aiegria a imagem bella ;
 Além soberbo portico mostrava
 Espaçoza , aplainada , longa rua ;
 Sombrios Freixos , Alamos copados
 Hum e outro lado ornavaõ florecentes.
 Ao longo huma cascata se avistava
 A' dura terra em borbotoens lançando
 Serenas aguas do escarpado seio.
 Aguia soberba de Paiz estranho
 As brancas azas sobre o cume abrindo
 Do denso bosque a sombra procurava.
 Ficava ao lado esquerdo alto mirante
 De figuras diversas adornado ,
 Donde espalhando-se a cançada vista

A grande Elizia em torno se descobre ;
 Ao dextro a Deoza toma. Eis larga escada,
 Frondozo novo plano patenteia.
 Vistozos arcos de engraçadas flores ;
 E as estaçoens do tempo ali se viaõ
 De marmore soberbo figuradas.
 Huma caza de campo além estava,
 De porfidos brilhantes , de aureo teto,
 E diamantinas portas : mais distante,
 Onde hum placido tanque debuxava
 No feio ondozo as debruçadas penhas,
 O copado arvoredado , as nuvens denças,
 Pelas paredes retratadas via
 As ceruleas Campinas de Amphitrite ;
 Onde sentada sobre hum alva concha,
 De candidos Amores rodiada,
 Dione linda os olhos seus volvendo
 Serena os mares , e adormece os ventos.
 Não longe sobre hum carro fulgurante,
 Das alvas filhas de Nereo cercado,
 Curvando as crespas ondas , Doris bella
 Dois soberbos Delfins tirando vinhaõ.
 D'outto lado se via reclinada
 Europa aflita sobre o branco Touro,
 De Fenicias grinaldas coroadas.
 Mais ao longe co' a Fox do Tejo ameno,
 Intestavaõ os bravos Oceanos :
 Sobre hum nivio montãõ de crespas ondas
 Sentado ali se via o Patrio Rio
 Co' as Tagedes formosas abraçado :

Humas as longas cans lhe pentiavaõ ,
Outras lhe adornaõ a limoza fronte ,
De luzentes capellas. Sobre as margens
No feio de huma gruta devizava
As louras filhas do Supremo Jove
Tocando eburneas Lyras sonoras ;
Aquellas , que nas margens da Castalia ,
A' fresca sombra dos frondozos louros ,
Eternos fazem os Heroes preclaros.
No roto feio de hum penedo alçado ,
Tocando a doce frauta altissonante ,
O Semicàpro Pan ali se via
Gostando transformada ver em cana
A falsa Ninfa , que adorava grato.

Aqui chegava : quando a gentil Deoza
Alçando a doce vóz assim fallava.

- „ Eis a suave habitação gostosa ,
- „ Onde tecendo mil Grinaldas bellas
- „ Serenos dias com prazer consumo.
- „ Além hum Throno de Jasmins , e rozas
- „ Me erigiraõ as Ninfas destes prados.
- „ Se errante pelos campos , sem azilo
- „ Ha longos annos vivo desprezada ,
- „ Lançando os olhos por campinas longas ,
- „ Assaltada de Eolo , Boreas , Notto ;
- „ Agora em paz serena alegre vejo
- „ A meu Imperio as estaçoens fugeitas.
- „ Estes climas , que ves tão docemente

„ Ref

,, Respirando suaves alegrias ,
 ,, Por elles tem deixado a Cypria Deoza
 ,, Chithera , Gnido , Paphos , e outras Ilhas
 ,, Confagradas a sua formozura :
 ,, E por elles deixara o Cyntio Nume ,
 ,, Se os rubidos Ethontes açoutando
 ,, Não levasse , e trouxesse ao mundo os dias,
 ,, O mesmo ingente bipartido monte.
 ,, Quando passeia o nosso Heroe preclaro
 ,, Estes floridos graciosos prados
 ,, Lançando a vista sobre abertos livros ,
 ,, Que fizudo entre as mãos sustem parando,
 ,, Das mais viçozas verdejantes eras
 ,, Premio das doutas frontes , reverente
 ,, C'uma verde coroa lhe circundo
 ,, A sempre grata magestoza frente.
 ,, Veraõ meus olhos inda vir hum dia
 ,, De imensos soes brilhantes coroado
 ,, Trazendo ao luzo Povo a alta noticia,
 ,, Que ávido à tanto não debalde espera ;
 ,, Elizia venturoza em paz veremos
 ,, Sabio Ministro , liberal , e justo ,
 ,, Da mão Augusta rceebendo as ordens ;
 ,, E ao publico socego as Leis ditando ;
 ,, Horridos Monstros , em catervas feias ,
 ,, Veremos d'entre nós fugindo irozos
 ,, Bramidos dando em pelagos cahirem ,
 ,, Onde jámais o triste pranto enchugem.
 ,, Tu que tens visto , e tu que alegre cantas
 ,, As acçoens deste Heroe esclarecido

,, Agoz

5; Agora he tempo , afina agrata Lira !
,, Soem por toda a parte os seus louvores ;
,, Em quanto d'alvas Ninfas rodiada ,
,, Pelos nudozos troncos dos loureiros
,, Em mil sublimes versos entalhado ,
,, De Vasconcellos deixo o nome illustre.

Mais não disse : os angelicos acentos
Sobre as pennas dos Zefiros levados
Ficaráo longo tempo ressoando ;
Dali sahindo , a meus fandozos olhos
A patria terra pareceo estranha ;
Na fervida memoria recordando
Quanto a Deoza gentil permeditara
O claro dia que raiar não tarda
Dos gratos Luzos suspirado à tanto
Fiquei ledto esperando : entrão vaidozo
Tentiando da Lira as aureas cordas
Do Sabio , do Famozo Vasconcellos ,
Alegre cantatei o Nome Illustre
O largo mundo atenderá meu canto ,
E de louros cingida minha fronte
Levantarei acima das Estrelas.



TEMPESTADE.

O Torvo Inverno sobre pardas nuvens
 Caminha à fós do socegado Lima
 C'ó sequito dos Austros furiozos,
 Em vão pertende Febo infatigavel
 O dia ornar de raios luminozos,
 Que o monstro, que a soberba a natureza,
 Lhe oppoem de escuras nevoas a barreira:
 E apenas à affustada gente passa
 Huma luz duvidoza, tibia, escaça.

Os Vassallos de Eôlo
 Fria faraiva arrojão sobre a terra;
 Troaõ os ares; vejo accezo o pólo;
 Movem-se os ventos n'uma mutua guerra;
 Treme inquieto o mar, raivozas vagas,
 Ora aos abismos os baixeis mergulhaõ,
 Ora por entre as nuvens os entranhaõ,
 E bramindo, e espumando
 Vaõ off-recellos a immortaes rochedos,
 Que inalteraveis, quedos
 Lhes respondem raivozos
 Com sons desentoados, e horrorozos.
 O pavido Piloto entaõ desmaia,
 E em vão de longe vê a amiga praia.

Colhem á pressa a rede os Pescadores ;
 Nervozos braços , e robustos hombros
 Se applicaõ ao batél ; na arêa encalha :
 Tudo aterrado está , cheio de aĩombros
 Tudo fugir , tudo escapar trabalha.

Os tímidos Pastores
 Vaõ abrigar lanigero rebanho ;
 E os folicitos pobres Lavradores
 Vem semente perder , perder-se o amanhã
 Dos campos , que o arado revolvêra ,
 E em que a sua esperança mal nascera.

Aos mansos animaes , ás féras brutas ,
 Aos leves passarinhos
 A tempestade encheo de horror , e medo.
 Quaes se vaõ abrigar nas cavas grutas ;
 Quaes vaõ procurar longe
 Hum resto de vestidos arvoredos ,
 Que o Inverno não desfolha ,
 Tudo quer , quem o abrigue , e que o recolha.

Hum aligero bando de Amorinhos ,
 Que são doce prazer desta campina ,
 Assustados , medrozos ,
 Se encaminhaõ á choça de Corina ;
 Corina , que entre féra , e graciosa
 Para abrigar Amores poucas horas
 Tem mais arte , que todas as Pastoras.

Quaes se vão esconder entre os doirados
 Fios de seus cabellos,
 Outros, quaes borboletas, são queimados
 Na luz dos olhos bellos;
 Qual faz que a seus ouvidos
 Cheguem os meus terníffimos gemidos;
 A qual ditozo toca
 Ir recolher-se na engraçada boca;
 Qual dos labios lhe pende,
 E a seu sabôr o rizo solta, e prende;
 Lá dois no niveo seio se revolvem,
 Sobem e descem dois gelados orbes,
 Que assim gelados, quem lhe chega inflamaõ;
 Quaes nos roliços braços,
 E quaes se estendem lédos
 Nas jasminadas mãos, nos lindos dedos.

Mas hum, que no meu peito eu sempre abrigo,
 Que eu nutro sempre, e vive, e está comigo,
 Sentindo obfucurrar dos companheiros,
 Do coração aos olhos se me affõma,
 Rapido vôo toma:

Meu dezejo atrevido, he quem o guia,
 Gira Corina em rõda,
 Desde a cabeça até os pés lhe descende
 Guiado do dezejo.
 Escondeo-se, occultou-se, eu não o vejo!

Lereno Selinuntino.

CANÇÃO.

Qual enxame de abelhas susurrando
Entre as mimozas flores,
Vejo voar o bando,
Lindo bando, de aligeros Amores:
Poizaõ na areia as brancas azas feixaõ
Arcos, e aljavas sobre a praia deixaõ.

Na branca praia hum circulo formaraõ,
E o fogo, que feriraõ,
Entre as quebradas altes atearaõ;
Contaõ quanto fizeraõ, quanto viraõ;
E entre rizados, contentes
Zombaõ do mal, que tem cauzado ás gontes.

Qual mostra a maõ ainda tinta em sangue,
Em que enfopara o ferro;
Qual vem pintar o moribundo exangue,
Que elle ferio por erro.
Hum vence com fereza, hum com afagos:
Ouço allustado os seus crueis estragos.

Ai que ouço hum solufando
 Sahe em soluços fria vóz partida.
 Tres vezes intentou chamar Erfando,
 Sahio-lhe a voz tres vezes dividida.

E's tu, mancebo nobre,
 A cauza do feu pranto? elle o descobre.

Tu foste o que algum dia
 Com este amor travesso
 Em tua companhia,
 Levavas as Pastoras ao excessivo
 De suspirar a teu fabor, e geito
 Fazendo arder o fogo em niveo peito

Lembraõ-fe os mais Amores,
 Q' em tu aparecendo,
 Hum bando de rivaes competidores,
 Em ciumes ardendo
 Hiaõ raivar ao longe desprezados.
 Só tu feliz quando elles desgraçados!

A verde Cintra o sabe:
 Ella guarda ternissimos segredos. A
 Qual Ninfa teme o teu amor se lacabe
 Vejo os Sustos, e os Medos
 Pintados em hum rosto,
 Em outros fazes reluzir o gosto.

Remaõ fortes membrudos Algarvios,
 E o escaler doirado

Vai

Vai rásgando do Téjo os hombros frios ;
Da outra parte esperado
Por travessos Amores :
Sofrem guerra os tranquilllos amadores.

Infelices amantes !
Vai abaldar-se a publica ternura :
Para os dedos brilhantes

Olha com pasmo a nova formozura ;
Inquire-se em Erfando quanto o adorna ;
Ouve-se o som do oiro , que elle entorna.

Chega-se á lauta meza ,
Fumaõ as exquisitas iguarias :

A infeliz pobreza
Sahe da sua porta em doces alegrias.
Tanto não era visto: inda até 'gora ;
E o brio de hum pastor tambem namora.

Mas tudo está mudado !
Erfando não quer fer o que era dantes :
Já de tanto vencer enfastiado ;

Affustados amantes
Deicha agora em socego.
Quem sabe se elle quer mais serio emprego !

Quem será pois aquella ,
Que teve a forsa de fixar seu gosto ?

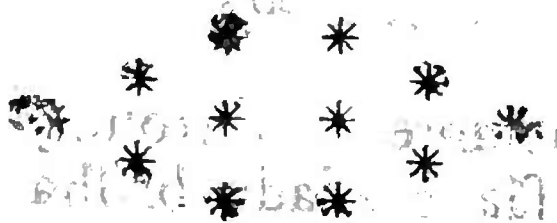
Quem pode conhecella ?
Que doce encanto deve ter seu rosto ?

Ah !

Ah! Mulher sobre-humana
Tens justa cauza para estar ufana.

Pastor , que variando
Tantos triunfos contas entre a ge
Queira Amor , que fixan
Teu terno coração seja contente.
Canção , faze o que eu
A mão do Protector humilde beij
E diz que o seu servo isto deze

Lereno S. v. m.



MEMORIAL

I.

JA' que te chega a ventura,
Formosa Armania, tão perto,
A quem de sublime altura
Nos rege com tanto acerto.
Ouve a voz pezada, e dura
De quem sempre vago, e incerto
Erra as sortes, que procura,
E de mizerias cuberto
Vive dias de amargura
Crendo que o descanso certo,
Só terá na sepultura.

II.

Se podes perante o Throno,
Onde a sãa Piedade brilha,
De onde o seu torna a seu dono
A Justiça dos Ccos filha.
Dá seguro, e certo abono
A' voz de quem se lhe humilha,
Filho de honrado Colono,
Q' em soberba, e curva quilha
Dos ventos ao defabono
Foi ao novo Mundo, e Ilha
Sofrer o perpetuo sono.

III.

Não cances a Magestade
 Com a triste , e longa historia
 De hum Pai , cuja lealdade
 Faz a sua , e minha gloria.
 E nem ha necessidade
 Desta destinação notoria
 Para a mover a piedade :
 Tenho de filho a vãa-gloria ;
 Herdei-lhe a infelicidade :
 Mas honro a sua memoria ,
 Tu sabes , que isto he verdade.

IV.

Desde o triste nascimento
 Fundàra minhas razões ;
 Se fora aqui meu intento
 Ir desculpar geraçoens.
 Mas fei , que o merecimento
 He baze das petiçoens ,
 E tenho em conhecimento ,
 Que não houve dois Adoens.
 Louvo o Grande Rei , que attento
 Da côr às vãas distincçoens
 Deu á minha cabimento.

V.

Basta-me , que se me desse
 Huma educação honrada ,

Que-

Que por ella conhecesse
Do meu ser primeiro o nada :
Q' a lei do Ceo aprendesse ,
E que á do Throno ditada
Fiel sempre obedecesse :
E esta alma ao bem inclinada
Sempre buscallo quizesse
Da honra seguindo a estrada :
Meu merecimento he esse.

VI.

Affim de remoto clima
Deixei do Sul o Cruzeiro ;
Vi do Norte a estrella em cima
De muito maior luzeiro.
Nas margens do claro Lima
Eu me vi orfaõ primeiro ;
E entaõ da fortuna opima
Vi o dia derradeiro.
Do louvor da minha rima
Só passando o anno inteiro ,
Por quem tenho paõ , e estima.

VII.

Este pois , que a natureza
Me dera infeliz talento ,
Da-me , sem me dar riqueza ,
Esteril merecimento.
Vates vivem na pobreza
Pois do estro o atrevimento ;

Tudo ; parece , despreza.
 Mas eu n'isso vou com tento ;
 Pois sei por triste certeza
 Que se não vive do vento ,
 E versos não fartaõ meza.

VIII.

Se á occasiaõ pouco pelluda
 Vou pela grenha suster ;
 Quero huma mão , que me acuda ,
 Que só temo não poder ;
 E em lida honesta , e fizuda
 Quero ganhar que comer.
 Qu' o estudo o estro ajuda
 Eu ouço o amigo dizer :
 Que me socega assim cuda !
 Sim o estudo faz saber
 Mas mendigo não se estuda.

IX.

Alguem á sombra me ha posto
 Da sua propria ventura ,
 E me escuda ao vil desgosto
 Que me arroja á forte dura :
 A vontade aihea , e gosto
 Ninguem conte por segura.
 Por esta porém aposto
 Conheço-lhe a fraze pura.
 Mas o barro assim composto

Quem

Quem sabe o tempo que dura :
E a que fustos ando exposto !

X.

Quem diria, quem diria
Quando o Grande Rei me honrou,
E da facil Poezia
Agradar-se assim mostrou ;
Que de noite, que de dia
Gratamente me escutou ;
E a Real protecção pia
Franquear-me começou,
Que tão pouco viveria ?
Mas não vive ; e eu pobre estou ;
Sem emprego, e sem valia.

IX.

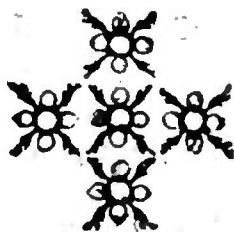
Sempre eu quiz, tu tens lembrança,
O Estado Sacerdotal
E esperei com confiança
Sempre no favor real.
Este estado não se alcança
Sem bem patrimonial.
E a fatidica balança
Sempre a mim mopezou mal ;
E eu fiquei só co' a esperança,
Que não dá nem hum real,
E que por velha se cança.

Que

XII.

Que se cumpra esta promessa,
 Que me fez bens esperar,
 Parece justo, que eu peça
 E justo não se escuzar.
 Mereça, Armania, mereça,
 Queiras meu cazo advogar,
 E seja com toda a preça
 Q' he meu contrario o vagar.
 A Petição appareça
 Faze-a ler, faze-a tomar
 Hum lugar, que nunca esqueça.
 Tu sempre me has de lembrar.

Lereno sil.



T R A D U C Ç Ã O

*De huma Carta melancolica de M.^{me} Deso
Houlieres a huma Senhora , que per-
tendia ser Poeta &c.*

Que gloria ! que capricho ! que esperança
Vos tenta , e inquieta ?
Quereis ser sabia ? O nome de discreta
Sem disgosto , Amaranto , não se alcança.
Nem este nome hum tempo glorioso
Conserva nada em si de doce , e honroso.

Deste odiozo titulo oprimida
De nada val o feres virtuoza :
Basta ser por discreta conhecida ,
Para em vão pertenderes ser ditoza :

Eu fei que liberal o Ceo vos dera
Todo o esplendor de illustre nascimento ;
Nem vosso genio espera
Mais premio , que nutrir vosso talento.
Tendes menos hum mal ; mas ha peiores
Todos sem cura alguma em que meter-vos ,
Que haveis de arrepender-vos
De haver-des desprezado os meus clamores ;

Vereis sem vos cansar sempre aturados
Pedantes , e Poetas ,

Que

Que vos haõ de gritar de ambos os lados
Com obras indiscretas.

Podereis suportar hum nobre tolo

Que a penas sabe ler, e em vossos versos
Decide como Apolo?

Nutre a murmuração peitos diversos:

Quem compra hum livro, he para rirse delle
Do longo estudo o fructo he só aquelle.

Ninguem lê porq̃ aprenda; e em varios modos
Só para murmurar he que lem todos.

Rides do meu temor; julgais quimera;

Voſſo amor proprio diz-vos em fogredo,

Q' eu julgo mal, que não deveis ter medo
Do Cenſor rude à Critica mais fera.

Está bem: mas notai que entrando hum dia,

Onde a moda importuna ajunta a gente,

Mal voſſo nome hum fervo pronuncia,

Tomando hum tom diff'rente,

Corre esta vóz por toda a companhia:

„ A discreta ahi temos;

„ O discurso se mude a vóz mudemos.

De nova proza, e versos só vos fallaõ,

E entaõ vos asseguro,

Que para vos ouvir todos se callaõ;

E se em discurso emphatico, e escuro

Naõ respondeis; prometo

Que murmurando o auditorio inquieto,

Diga: he esta a Discreta, e peregrina?
Como ella falla, falla huma menina.

Ides ver ao Theatro hum Drama novo,
Para vós olha o Povo,
O Author tem em vós a vista fiada,
E nos vossos mencies só medita:
Por vós está alerta,
E se ao gosto da gente não acerta,
Do que se diz do Drama sois culpada,
A risco de sofrer a Muza irada.

Mas podeis responder-me:
Não tenhas esse medo inutil, vão;
Já mais em tal perigo espero ver-me,
Que eu fugirei á nescia multidão:

He verdade: porém como se evita
A raiva, com que espreita a Corte inquieta
A huma mulher discreta?
Como lhe hade escapar, quem nella habita?
Ahi o mesmo ar, que se respira
Tras contra quem escreve inveja, e ira.

Naõ he coiza de rizo: estamos todos
Forçados a viver, como escondidos.

Apenas de alguns modos
Publica em seus bramidos
A Deoza falladora,
Que da Lyra tirais a vós sonora;

Os homens , e as mulheres fogem , tremem
Mulheres , e homens responder-vos temem.

Ha genios bem adversos ,
Que não sofrem escuzas ,
E cuidão , que quem tem trato co' as Muzas,
Só sabe fazer versos.

Quanto ministra a Fabula á Eloquencia
E da historia se aprende!
Sofrem com impaciencia

E o saber mais do que elles os ofende.

Vendo-os n'um ar soberbo , e presumido ,
Que affectão escutando

Versô , que para elles não he lido :

Talvez se estaõ bons votos esperando :

Ninguem se fie desta farsa uzada ;

Porque humas vezes não escutaõ nada :

E muitas vezes mais nada comprehendem :

E assim acuzão huns , outros defendem.

Por dois bonitos toda a obra he boa ,

E toda he má se hum verbo mal lhe sôa.

Terpe deffolação , jogos proscritos

São seu estudo fero ,

E elles fallaõ de Homero ,

E de Horacio , e comparaõ seus escritos.

Confundem d'hum , e d'outro a Poezia

Taõ conhecidos como taõ diferentes ,

E as obras excellentes

Tra-

Tratao como quimera, e zombaria.
 Inimigos crueis de lingua estranha :
 Tem a sua ignorancia por facanha.
 Ainda tem a Corte alguns Senhores,
 Que mais piedade tendo
 Se ostentaõ generosos Proteciores
 Da sciencia, que está quazi morrendo.
 Mas quanto ha de durar gente taó bõa?
 Ah ! Que eu já tremo ! Eu sinto o sangue frio.
 Lacheses, que a nenhum mortal perdõa,
 Levanta o golpe contra o debil fio.

 Que fareis vós entaõ !
 Haveis de envergonhar-vos ? confundir-vos ?
 Bella Amaranto, cantareis em vaõ,
 Sem que huma só pessoa queira ouvir-vos.

Mais de hum exemplo triste vos segura
 Desta pronosticada desventura.

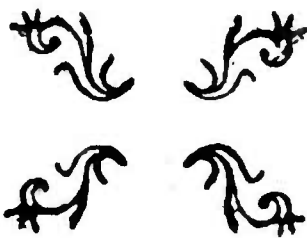
 A moda esta passada :
 Já o saber a todos desagrada.
 Gente discreta para nada serve :
 Fazei que se conserve
 Destas fatais verdades a memoria,
 Q' ella pode vencer
 O vaõ dezejo de huma futil gloria ;
 Que dá muito pezar, pouco prazer.

Crede que eu bem o chego a conhecer ;
 E já mais na Hypocrene eu beberia

A ter a liberdade de escolher.
Mas ó dos nossos Fados Lei impia!
Ninguém se rege a si, o esforço he vão,
He mui violenta a nossa inclinação.
Fis verso antes de ter conhecimento
Do mal, que cauza este fatal talento.

Mas pois Vós não nascestes, que eu conheço,
Co' o infeliz talento, que aborreço;
Não, não vos apliqueis a estudo tal,
Q' he concorrerdes para o vosso mal.

Lereno Selin.



H E R O I D A

THESEO A ARIADNA.

I Nconstante Ariadna ambiciosa ,
 Que por cobrir a fea aleivozia
 Depois de ser perjura és a queixoza ;
 Essas ásperas queixas , que me invia
 Teu falso coração , formosa ingrata ,
 Já não são , como as queixas d' algum dia,
 Tudo a fiel memoria me retrata ,
 Fui a tua esperança , o teu conforto ,
 Agora sou o roubador Pirata.
 Quizera o Ceo , que me chorassem morto ,
 Por não sentir as penas , que hoje sinto ,
 Antes de ver da infauſta Creta o porto.
 Achei de fangue humano farto , e tinto ,
 Homem , e Toiro , o Monſtro , q̄ espalhava
 Morte , e terror no vaſto labyrintho.
 Vi lançar-se da torre , que habitava
 O Artifice engenhoso ; e como aos ares
 Sobre as azas de cera se entregava.
 Filho infeliz , que deſte o nome aos mares ,
 Quanto inveja Theseo a tua forte
 Depois de ter chegado aos patrios lares ?
 Temeste , eu não o nego , a minha morte ,
 Mudavel Ariadna ! o laço estreito
 D' hũ novo , e puro amor julguei mais forte.

Da tua be'la mão o fio aceito ;
 Que me serve de guia : encontro , e luto
 C'ò formidavel monstro peito a peito ,
 Livrei a Patria do fatal tributo ;
 Mas o premio maior desta victoria
 Era gozar do nosso amor o fructo .
 Que breve , oh Deozes , foi a minha gloria !
 Já sobre a não Cecropida nos vemos ,
 E eu me julgo feliz ; doce memoria !
 Reina a calma no mar , e nós perdemos
 De vista a Creta ; geme felizmente ,
 E escuma o sal batido de cem remos .
 Quatro vezes da noite descontente
 Rasgou a branca Aurora o vêo sombrio ,
 Abrindo as aureas portas do Oriente .
 Quando vimos o bosque , e a fóz do rio
 Alegre , e socegado , os marinheiros
 Conheçêraõ de longe a verde Chio .
 Pizamos logo os montes , e os oiteiros
 Offerecendo aos Deuzes tutelares
 Huma branca novilha , e dois cordeiros .
 No bosque inda fumavaõ os altares ,
 Tu dormias , as nuves se amontoaõ ,
 E principiaõ a engrossar-se os mares .
 Corro a firmar as ancoras : já soaõ
 Das ondas os rochedos açoitados ,
 E os ventos , e os trovoens o mundo atroaõ .
 Faltou a amarra : a meu pezar os fados ,
 Que tristissimos Fados ! me levarãõ ,
 C'ò as negras tempestades conjurados .
Sabe

Sabe o Ceo , que fadigas me custaraõ
 Entaõ as tuas lagrimas , e penas ,
 Que as minhas cà de longe acompanharaõ.
 Sem leme já , sem mastro , e sem antennas ,
 (Vaõ ludibrio dos mares , e dos ventos ,)
 As tristes praias avistei de Athenas.
 Ariadna occupou meus pensamentos
 Meu coração a teve sempre á vista ,
 Para mais avivar os meus tormentos.
 Que fructo logras de huma tal conquista ,
 Thefeu amante , filho sem ventura ?
 Quem haverá que a tanta dor rezista !
 O velho Egeo , que os Immortaes conjura ,
 Por ver alegre o fim dos meus perigos ,
 Teve no mar funesta sepultura.
 Entre applausos da Patria , e dos Amigos
 O triste coração suspira , e sente
 O duro amor , e seus sarpoens antigos.
 Por dar-te hum novo Reino impaciente ,
 Espero , que depondo furor tanto
 Neptuno aplane as agoas c'õ Tridente.
 Duas Naos tenho promptas ; mas em tanto ,
 Espalha a Fama por diversas partes ,
 Que o moço Bacho te enxugàra o pranto.
 Que ambiciosa ao ver os estandartes
 Do alegre Indiano , e seus cabellos loiros
 Facil com elle o meu amor repartes.
 Se Reino , ou Fama , ou Gloria entre os vindouros
 Busca a tua ambição n'hum ser divino ,
 Eu sou Theseo ; Athenas tem thesoiros.
Egeo

Egeó fahio do Reino Neptunino,
 Na fatidica Náo aventureiro,
 Eu vi o rosto irado ao Ponto Euxino.
 Não foi Jafão, nem Hercules primeiro
 Combater c'os Dragoens . . . tu suspiraste
 Vendo encher o meu nome o múdo inteiro.
 Inda me lembra o dia que apertaste
 Co' a minha a tua mão: dos nossos laços
 Por testemunha o mesmo Ceo chamaſte.
 Tu não viſte correr longos eſpaços,
 Que deſculpaõ o frio eſquecimento;
 E chego a ver-te alhea n'outros braços?
 He eſta a fé devida ao juramento?
 Responde ingrata, deſleal, mais dura
 Do q' a rocha, e mais varia do que o vento.
 Saiaõ do ſeio da lagoa eſcura,
 Que o meſmo Jove de offender recea,
 Negras furias, que o meu temor conjura.
 Empunhe a ingrata o thyſſo, e ſobre a arêa
 D'huma deſerta praia os Tigres dome,
 Com que o ſeu novo amante ſe recrea.
 Com tanto, que o amor que me conſome
 Em odio ſe converta . . . ah! que eu deliro
 E não poſſo eſquecer-me do ſeu nome!
 Ventos, que me obrigafteſ ao retiro,
 Levai minha terniſſima ſaudade,
 Conheça embora a ingrata, que eu ſuſpiro.
 Poſſaõ ſervir de exemplo em toda a idade
 Os nossos nomes, deſpertando a historia
 Do meu amor, da ſua variedade.

Sirva este meu tormento à sua gloria ;
 Pague eu embora a culpa do meu fado ;
 E roube-me das mãos outro a victoria.
 Porque não fui do monstro devorado !
 A minha desventura me guardava ,
 Porque fosse depois mais desgraçado.
 Frondosos arvoredos onde estava
 Ariadna cruel , quando dormia ,
 Ariadna , justos Ceos , qu' eu tanto amava.
 Vós amarellas flores , tu sombria
 Musgoza gruta , onde a infiel descança ,
 Mostrai-lhe a minha imagem noite , e dia.
 Eu era o seu amor , sua esperança ,
 O ultimo . . o primeiro . . oh Ceos ! Perjura ,
 Quanto me custa esta cruel lembrança ?
 Não ha mais que esperar da sorte dura !
 Voai Remorsos a vingar-me : ao menos
 Rodeai-a no seio da ventura ,
 E turbai os seus dias mais serenos.

Egeó sahio do Reino Neptunino ,
 Na fatidica Náo aventureiro ,
 Eu vi o rosto irado ao Ponto Euxino.
 Não foi Jafão , nem Hercules primeiro
 Combater c'os Dragoens . . . tu suspiraste
 Vendo encher o meu nome o múdo inteiro.
 Inda me lembra o dia que apertaste
 Co' a minha a tua mão : dos nossos laços
 Por testemunha o mesmo Ceo chamaſte.
 Tu não viſte correr longos eſpaços ,
 Que deſculpaõ o frio eſquecimento ;
 E chego a ver-te alhea n'outros braços ?
 He eſta a fé devida ao juramento ?
 Responde ingrata , deſleal , mais dura
 Do q' a rocha , e mais varia do que o vento.
 Saiaõ do feio da lagoa eſcura ,
 Que o meſmo Jove de offender recea ,
 Negras furias , que o meu temor conjura.
 Empunhe a ingrata o thyſo , e ſobre a arêa
 D'huma deſerta praia os Tigres dome ,
 Com que o ſeu novo amante ſe recrez.
 Com tanto , que o amor que me conſome
 Em odio ſe converta . . . ah ! que eu deliro
 E não poſſo eſquecer-me do ſeu nome !
 Ventos , que me obrigafteſ ao retiro ,
 Levai minha terniſſima ſaudade ,
 Conheça embora a ingrata , que eu ſuspiro.
 Poſſaõ ſervir de exemplo em toda a idade
 Os nossos nomes , deſpertando a historia
 Do meu amor , da ſua variedade.

Sir.

Sobre mil cousas uteis conversando
 Via-mos mergulhar o carro d'ouro
 Do Luminoso Sol nas ondas frias,
 Vendo os peixes saltar por entre a espuma
 Q' hiaõ cortando mil pequenos barcos.
 Pois que não posso caro amigo hir ver-te,
 Cà de longe envolvido nestes versos
 Meu coração te envio, e vou comtigo
 Nestes versos assim desafogar-me.
 Este nome de Amigo, ó bom Laurino,
 Que foi no aureo seculo tratado
 Como hum nome sagrado ah quão diferente
 Se entende nestes dias infelices
 Em que o mundo já velho, e delirante
 (Como tu dizes bem com muita graça)
 Vai seguindo o seu curso sempre à toa
 Qual Não sem leme, ou desbocado bruto.
 Eu julgava algum dia, que era facil
 A quem tinha hum caracter bom, e honrado
 Achar muitos amigos, que o amassem
 No mesmo justo grão de singeleza:
 Correrão annos, e correu a idade,
 Fui viajando o Sertão destes paizes
 E achei outros aspectos, e outros ares.
 Fui conhecendo entãõ à minha custa,
 Q' há huma Divindade imaginaria
 A que os Mortaes errados todos seguem
 Q' incensaõ, que respeitaõ, que sòmente
 Protestaõ antepôr os mais sagrados
 Deveres da Moral, ou Leis Celestes.

Eu

Eu fallo no interesse , Irmão inteiro
 Do sagaz Amorproprio mal guiado ;
 Do bastardo Amorproprio , não daquelle
 Que a provida natura , em nós fixara
 Para motor de acçoens grandes , e nobres.
 Este monstro , ó Laurino , esta medonha
 Hydra Lernêa , que com cem cabeças ,
 E co' as trifulcas lingoas envenena
 Quantos chega a morder ; esta de todo
 Apagou da amizade as claras luzes
 Com seu halito , e bafo pestilente.
 Se Nafario me chama , por exemplo ,
 Seu caro amigo , e como tal me estima ;
 Não he porque me estime lá no fundo
 Do seu corrupto peito ; mas fomenta
 Porque julga de mim pode zombando
 Servir seu interesse em qualquer ramo
 Para que me achou apto. Caro amigo
 Tu que entendes as cousas como poucos
 Por mais breve que eu seja bem me entendes.
 Estima-se hum por ter mulher formosa ,
 Por ter formozas filhas , ou cunhadas.
 Outro porque em seus cofres entezoirá
 Mais riquezas , que teve Cresso , ou Midas.
 Aquelle porque o Ceo lhe dera hum genio
 Amigo de servir mesmo aos ingratos :
 Este porque costuma aos gabinetes
 Penetrar dos Ministros sem licença :
 Em fim por qualquer cousa em que se possa
 Fundar do interesse as esperanças.

Nun-

Nunca vi que hum mortal achasse amigos
 Só por honrado ser, sabio, modesto;
 He precizo, que tenha alguma couza,
 Que sirva ao interesse dos amigos.

Eis-aqui tens o *Seculo illustrado*,
 Como os bellos espiritos lhe chamaõ!
 Miseraveis mortais, a quem a forte
 Deu hum singelo peito, huma alma nobre
 Senaõ quereis ser victimas nas aras
 Do Monstro, Deos do seculo, e dos homens,
 O vosso coração intacto, e puro
 Guardai-vos de entregar a amigos falsos.
 Triste de mim, Laurino, e de outros muitos,
 Que como eu amaõ da virtude as luzes,
 Se entre estas densas trevas, que nos cobrem
 Naõ vissemos os raios da Amizade
 Brilhar quaes em ti vemos, e na quelles,
 Que como ati o mundo naõ conhece.
 Guarda o Ceo estes poucos escolhidos.
 Para que desta errada Humanidade
 Os defeitos encubraõ, e desculpem
 Para que naõ criemos raiva, e odio
 A' geraçaõ presente, aos vız humanos.
 Eu podera entreter-te longamente
 Sobre taõ vasto assumpto, porém temo
 Ser-te pezado, ainda que conheço
 Quanto me estimas, quanto me desculpas!
 E assim pedindo ao Ceo teus dias guarde,
 Fecho esta Carta. A Deos Laurino caro.
Coridon Neptunino.

VANTAGENS, DA POBREZA;
E DA VIDA IGNORADA.

O D E.

F Unestos Lucros da fatal riqueza
Rasguem o peito da ignorante Plebe:
Corraõ a poz do ouro, e dos diamantes
Os Proceres soberbos.

As almas grandes pelos Ceos formadas,
E a grandes cousas pelos Ceos eleitas,
Tem na pobreza desprezada, e escura
Herança apetecida.

Esse, que ignora da sua alma o preço,
E que ante os olhos jamais vira a face
De eternas luzes, sempre radiante
Da candida Virtude:

Esse com pasmo, e estupefacto atolhe
Os abundantes chapeados cofres,
E já mais saiba, que a pobreza inculta
He thesouro infavel.

Quem se afadiga por metal luzente,
Q' a tantos nega caprichoza forte,
E que pallida furia do profundo
Abismo, á terra trouxe.

Quem

(III)

Quem mais dezeja possuindo muito
Entre as funestas retorcidas garras
Da roedora macerada Inopia
Atormentado geme.

Mas nada falta ao que dezeja nada
Feliz pobresa mais ditoza , e rica
Qu' a fulgurante pedraria , e sedas
Do lucido Oriente!

Que fatal quèda se prepara ás Torres ;
Que pelas nuvens as ameaas lançaõ :
Já já feridas das procellas duras
São montoens de ruinas !

Fuma entre cinzas inclita Carthago ,
Cahem de Numancia levantados muros ,
Espartha , e Thebas , e a soberba Athenas
Só na memoria restaõ.

As de Corintho doricas columnas ,
Os de Palmiro porticos soberbos ,
O curvo arado apenas os descobre
Nos tortuozos sulcos.

Em quanto a rama o corpulento Cedro
No ar estende , e o Carvalho annozo
Raizes lança , feribundo raio
Inflama a verde pompa.

Mas

Mas leve colmo , que a cabana cobre
 Do pastor rudo , que repouza alegre ,
 Seguro vê rasgar o Ceo luzente
 Pela trifulca lança.

Sob os luzentes marchetados tectos
 Se aninhaõ tristes , funebres Cuidados.
 No leito mole , de mimosas plumas
 Vélaõ impios Dezejos.

Com as estatuas de alabastro , e jaspe ,
 Que a vaidade á vaidade erige ,
 Entre suspiros , e amargo pranto
 Tem a Tristeza hum busto.

Passa avexado pela turba inerte
 De mil Clientes , que a lizonja guia ;
 Grande Ministro de quem pende a sorte
 De Reinos , e d' Imperios.

Mais péza o Sceptro , e abrilhante Crõa ,
 Qu' adorna a frente do Monarca altivo ,
 Qu' a vil cadeia , que o forçado arrastra
 Na profunda masmorra.

Elle no trono de brocado feito ,
 De mil espadas sempre ali guardado ,
 Já mais seu peito placido socega
 Nos braços do repouzo.

O' tu Pobreza sacrosanta, e justa
Da-me os teus braços n'um amplexo doce
Em paz me leva ao Sanctuario occulto,
Dos solidos prazeres.

De hum borel tosco rodeado o corpo,
E sobre o feno reclinado alegre,
Enchutos olhos para o Ceo levanto
Vejo tranquilo os Astros.

Volvaõ as rodas inconstantes todas,
Tornem Imperios em Theatros tristes,
Onde as cabeças decepadas pulem
Dos Varoens desgraçados.

Ou veja o rico nas opimas mezas
Brindando em copos de esmeralda, e oiro,
Onde espumantes rubicundos fervem
Os licores do Rheno.

Eu bebo em couchos de cortiça apenas
As doces agoas de huma fonte pura;
Porém não temo nos agrestes copos
O livido veneno.

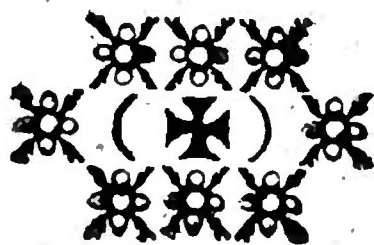
Se huma Berlinda de vernis Chinense,
Tirada á força de frizoens soberbos,
Não me conduz nas espaçozas praças
Com assombro das gentes;

Eu fei , que apenas o supremo Nume
 Vestio de rudes abatidas pelles
 Os frageis membros do mortal humilde,
 Que tanto se levanta.

Aos pés te calco sanguinoso Monstro,
 De eternos males sempre rodeado,
 Ambição cega, que os mortais illudes,
 E ao precipicio os levas :

Em quanto o sabio de paixoens izento
 Possui o Mundo, possuindo nada;
 Porque he contente co' a pequena herança,
 Q' a sorte lhe deixara.

Elmiro Tagidio.



ODE

O D E
S A P H I C A .

P Or mais que a forte m^e elevasse ao cume
D'onrozos cargos , de poder supremo ,
Q^e os ferreos cofres de metal luzente
 Provida abrisse ;

Nos regios paços do palacio altivo
Por entre as mezas muzicais Artistas
Meu grande nome retumbar fizessem
 Nos aureos tectos ;

Q^e o Orbe inteiro admirasse atento
A longa serie de montoens de glorias ,
Que nunca visse temeroza a meta
 D'ultimo dia ;

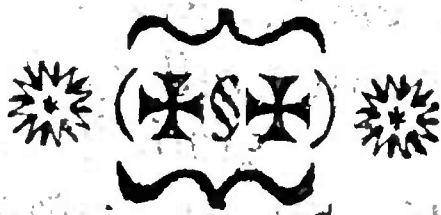
A alma grande d'hum nascente Vate
Só por ventura por prazer tivera ,
Se a branda Tirce de meus ternos olhos
 Astro brilhante !

A altiva Lyra , que as phalanges guia
 D' eternos hymnos , que feu nome entoão
 Nas partes quatro do terraqueo globo
 Placida ouviſſe ;

Então ornando de virente rama
 A altiva teſta , com prazer chegara
 Nas pandas azas d' alegria à immenſa
 Lucida Eſphera.

Só ella pode c' hum fó leve rizo ,
 C' hum terno agrado , c' hum virar dos olhos,
 Fazer-me igual aos Cidadaões do Olimpo
 Inclitos Deozes.

Marisbeu Ultramarino.



O' tu Pobreza sacrosanta , e justa
Da-me os teus braços n'um amplexo doce
Em paz me leva ao Sanctuario occulto ,
Dos solidos prazeres.

De hum borel tofco rodeado o corpo ,
E sobre o feno reclinado alegre ,
Enchutos olhos para o Ceo levanto
Vejo tranquilo os Astros.

Volvaõ as rodas inconstantes todas ,
Tornem Imperios em Theatros tristes ,
Onde as cabeças decepadas pulem
Dos Varoens desgraçados.

Ou veja o rico nas opimas mezas
Brindando em copos de esmeralda , e oiro ;
Onde espumantes rubicundos fervem
Os licores do Rheno.

Eu bebo em couchos de cortiça apenas
As doces agoas de huma fonte pura ;
Porém não temo nos agrestes copos
O livido veneno.

Se huma Berlinda de vernis Chinenie ;
Tirada á força de frizoens soberbos ,
Não me conduz nas espaçozas praças
Com affombro das gentes ;

Qual diz: que aos Ceos vos pediu ;
E que do Ceo vos julgou ,
Apenas vos descobrio ;
Pois ás que o Ceo vos doou ,
Graças iguais nunca vio.

Qual vos vio entre as mantilhas ,
E logo , em belleza , diz :
Que podieis dar partilhas ,
E mostra que as repartis
Pelos filhos , pelas filhas.

Qual vos trouxe nos seus braços ,
E qual pelas andadeiras
Vos teve emprimeiros passos :
Qual conta as graças primeiras ,
E pueris desembaraços.

Por todos se nota então
Quanto mais fieis crescendo
Hia crescendo a razão ;
Mais , e mais aparecendo
Formozura , e discrição.

Trago entre tantos louvores
Com o toque da verdade
Agradecidos clamores ,
De vozes de toda a idade ,
Gentes de todas as cores.

Reparai bem no alvoroço
De mim, e de todos estes :
Reparai no aßeio nosso :
Para tanto vós nos destes,
Quanto vedes tudo he vosso.

Mas aqui não pareis, não ;
Veja o vosso entendimento,
Qual vem nosso coração,
Que tras agradecimento
Por cambio de gratação.

Tomemos hum tom mais alto :
Convem à honra do dia ;
Saiba o Mundo que eu não falto ;
Dando em signal de alegria
Até nos versos meu falto.

Dos outros dice até-qui ;
Agora de mim direi :
Que logo quando vos vi
Desde então prefagiei
Cumprio-se o que eu antevi.

Inda nas fachtas honraße
Minha rude cantilena :
Já quando então me eßcutaße,
Sempre ao som da minha avena
Piedosos olhos voltaße.

Qual diz: que aos Ceos vos pedio ;
 E que do Ceo vos julgou ,
 Apenas vos descobrio ;
 Pois ás que o Ceo vos doeu ,
 Graças iguais nunca vio.

Qual vos vio entre as mantilhas ,
 E logo , em belleza , diz :
 Que podieis dar partilhas ,
 E mostra que as repartis
 Pelos filhos , pelas filhas.

Qual vos trouxe nos seus braços ,
 E qual pelas andadeiras
 Vos teve emprimeiros passos :
 Qual conta as graças primeiras ,
 E pueris desembaraços.

Por todos se nota então
 Quanto mais fieis crescendo
 Hia crescendo a razão ;
 Mais , e mais aparecendo
 Formozura , e discrição.

Trago entre tantos louvores
 Com o toque da verdade
 Agradecidos clamores ,
 De vozes de toda a idade ,
 Gentes de todas as cores.

Quando vai meu voto ardente
Revoando ao Ceo assim :
Sabe o Deos Omnipotente,
Que não sois só para mim
Sois o bem de muita gente.

Portugal , que não se esquece
Do que dos vossos lhe vem ;
E medita o que carece ,
Pede comigo tambem
Q' he feu o mesmo interece.

Nega-me o Ceo cabedais ,
Qual seja a razão não fei ;
Porém como vós vivais ;
Mais nada ao Ceo pedirei :
Vivei , não dezejo mais.

D. C. B.

INDICE

DAS OBRAS, QUE CONTE'M
esta terceira Parte do Almanak
das Muzas.

B <i>Ilhete de boas festas , e annos bons - - - - -</i>	<i>pag. 24</i>
<i>Cançoneta Dithyrambica - -</i>	<i>p. 52</i>
<i>Cançoneta premiada pela Academia Real das Sciencias - -</i>	<i>p. 56</i>
<i>Cançoneta o Amor convertido em Abe- lha - - - - -</i>	<i>p. 61</i>
<i>Canção a Erfando - - - -</i>	<i>p. 85</i>
<i>Dithyrambo nas faustas melhoras do Serenissimo Principe do Brazil o Senhor D. JOÃO - -</i>	<i>p. 27</i>
<i>Epistola a Laurino - - -</i>	<i>p. 106</i>
<i>Heroide Theseu a Ariadna -</i>	<i>p. 101</i>
<i>Idilio o Fauno - - - - -</i>	<i>p. 65</i>
<i>Idilio os Lagareiros - - -</i>	<i>p. 35</i>
<i>Lebreida , ou caçada Real das Le- bres - - - - -</i>	<i>p. 6</i>
<i>Memorial - - - - -</i>	<i>p. 89</i>
<i>Ode a Amizade - - - - -</i>	<i>p. 50</i>
<i>Ode Vantagens da Pobreza -</i>	<i>p. 110</i>
	<i>Ode</i>

Ode a Tircce - - - - -	p. 115
Poema a Tempestade - - - - -	p. 82
Poema o Fardim - - - - -	p. 74
Quintilhas aos annos da Illustrissima, e Excellentissima Senhora Conde- ça de Pombeiro - - - - -	p. 117
Tradução da Ode de Horacio a Me- cenas - - - - -	p. 3
Tradução de huma Carta de M.me Des- Houlieres a huma Senhora, que pertendia ser Poeta - - - - -	p. 95

ALMANAK
DAS
MUSAS,
NOVA COLLEÇÃO
DE POEZIAS.
OFFERECIDA
AO GENIO PORTUGUEZ.
PARTE IV.



LISBOA:
Na Offic. de JOAÕ ANTONIO DA SILVA,
Impressor de Sua Magestade,
A N N O M. DCC. XCIV.
*Com licença da Real Meza da Commissão Geral
sobre o Exame, e Censura dos Livros.*

Nem sempre haõ de occupar serios cuidados
Da nossa vida os dias pressurofos :
Hajaõ tambem prazeres misturados.



AO MUITO ALTO,
E MUITO PODEROSO
SENHOR

D. JOAÕ
PRINCIPE DO BRAZIL
NOSSO SENHOR.

&c. &c. &c.

E IA, Principe Augusto, ouviste o canto
De alvos Cisnes, q̃ o fulvo Téjo anninha;
Diverte hu' pouco o seu melifluo encanto
Ouvindo a rude vóz, a vós mesquinha
De ave atrevida, que alto vôo erguera
Do ninho Americano, onde nascera:

Já de hum vôo feliz rapido, e forte
Passei a divizaõ deste Orbe inteiro,
E encarando co' a fixa luz do Norte
Perdi de vista o lucido cruzeiro,
Beijando a arêia para mim estranha.
Honro a Corte, a que os pés o Téjo banha
A ii Do.

Do aurifero Brazil o alegre Povo
Nuncio do seu prazer, sua alegria
Por hum impulso defuzado, e novo,
Magnanimo JOÃO, ati me' envia;
Trago verdades sem enfeite, ou arte,
Da singella do Mundo ultima parte.

A Fama que ora grita . ora murmura
E huás vezes repete o já passado
Outras em sons fatidicos augura
O cazo que ha de vir afortunado,
Leva ao teu fiel Povo alta noticia,
Tanto gofteza quanto a nós propicia.

No romoto paiz da Zona ardente
Qual jubilo espalhou da Fama o brado?
Exultou de prazer a baça gente,
De quem, mais que temido és adorado:
Quanto he bella, Senhor, a singeleza
De amor leal na vóz da natureza!

Se á tua grande Mái elle se humilha
No parabem da suspirada Prole,
Deicha que á tua amavel Real Filha
Beijando a mão Augusta se console;
E por mim seu amor tudo lhe offreça
Quanto possue, e em seu terreno cresça;

ALMANAK
DAS
MUSAS,

NOVA COLLEÇÃO
DE POEZIAS.

OFFERECIDA
AO GENIO PORTUGUEZ.
PARTE IV.



LISBOA:

Na Offic. de JOÃO ANTONIO DA SILVA,
Impressor de Sua Magestade,

ANNO M. DCC. XCIV.

*Com licença da Real Meza da Commissão Geral
sobre o Exame, e Censura dos Livros.*

Tu verás co's teus luzos de mistura
 A teu mando as Brazilicas phalanges,
 Ou as precize a páz, ou guerra dura
 Marchar aonde com teu nome abranges
 Nem teráõ as Naçoens prova primeira
 Da Fé, da Lealdade Brazileira.

Mas eis que novamente o vôo eu tomo,
 Sigo sem tino a pública alegria;
 Já delcho a terra, já ouzado assomo
 Aonde o tempo os tempos principia.
 Lizia meu vaticinio não desprezes;
 Ficai em páz ditozos Portuguezes,

Eu vejo para vós principiados
 Seculos pelo Ceo abençoados.

Domingos Caldas Barboza.



CANTATA. *

AS bronzeas portas do bifrente Jano
 Vejo, qu' horror! de par em par abertas!
 Reinos talados, povoações desertas,
 Rios de sangue humano!
 A Guerra hostil, fremente
 Destez em mil pedaços
 Ostorcidos anneis da atroz corrente,
 Que lhe rugia nos cruentos braços;
 Intrepidas cohortes
 Escolta armi-potente
 D' Estragos, Sustos, Latrocinios, Mortes.
 A bellica Discordia atraçoada
 A precede feróz de sanha armada,
 Serpêa-lhe ao redor da triste frente
 Azul viperia coma, que sibila,
 Na esquerda lhe scintilla
 Ceruleo facho ardente,
 Com que devora o Mundo;
 Desordens, Sedições, Furores, Damnos,
 Incolas feros do Cocito immundo,

Assa-

* No fausto Nascimento da Serenissima
 Princeza da Beira a Senhora D. Maria Te-
 resa Francisca de Assis &c. Recitada pelo A:
 a SS. AA. RR. no Paço de N. Senhora da
 Ajuda.

Astanha contra os miseros Humanos ;
 Em quanto a seva Erimnis ,
 Chovendo raios , enea egide abraça ,
 E aos mesmos Ceos mil vezes ameaça .

A R I A .

Dos cavados rijos bronzes
 O fatal rouco estampido
 Nos profundos vales sôa ;
 Com aspecto enfurecido
 Sobre nuvens d' atro fumo
 A terrivel Morte vôa ,
 Não perdôa

Ao tremente frio Medo,
 Nem ao bellico Valor.

Soltos rolaõ pelos campos
 Aureos elmos emplumados
 Abolados.

Tristes ais no Ceo retumbaõ
 De milhões d' infortunados ,
 Que por lei d' iniquos fados
 Ferreo somno os olhos cerra.

Temeroza a Paz divina

Deixa a terra ,
 E da esfera crystalina

Fito a fito olhando o mundo

Treme , esfria de terror.

Mas que Deuza gentil de pó cuberta !

Com pallido semblante

Di-

Diviso titubante
Aqui , e alli volvendo a vista incerta !
A fronte encastelada enrama em torno
De louro , e de cypreste ;
Cahida sem adorno
A longa talar veste
Em rôxo sangue dos Mortais enfopa.
Que triste scena ! es tu sublime Europa !
Em que funesto lastimoso estado
Te pôz teu duro fado !
Das regias filhas tuas prepotentes
Cidades florecentes ,
Que a teus peitos nutriste desvelada
Te vejo rodeada ;
Qual sacrilega empunha o mortal ferro
E as mãos audaces contra os Ceos levanta ,
Qual ao crime decepa a vil garganta ,
Qual ergue altares ao punivel Erro .
Do barbaro Gradivo
Seguindo as rubras tremulas bandeiras
Ei-las furdas à vóz da humanidade :
Sem vida jazem legiões inteiras
Aos pés da Crueldade.
Mas qu' assombro , que rara maravilha !
Lizia , Lizia famosa
Da rica Europa a mais brilhante filha ,
Entre a falange das Irmãs guerreira ,
A testa magestosa
Enrama de pacifica oliveira !
Em vez de horrendo alfange, ou dardo agudo
Arnez

Arnez pulido , triplicado escudo ;
 Recena-nascida lhe affortuna os braços
 Huma gentil Princeza
 Affombro da belleza ,
 Penhor seguro dos mais firmes laços .

Angelicas virtudes
 O Olimpo despovôão ,
 E ao tenro peito voaõ
 Da Infante regia Ninfa ,
 Do Luso Imperio esteio ;
 Ventura , que nos veio
 Da mão celestial.
 As Graças lhe bafejaõ
 O rosto perigrino ,
 Outorga-lhe o Destino
 Mil dotes sobre-humanos :
 De Lizia , ao vèla fogem
 Receos , Magoas , Damnos .
 Ditosos Lusitanos
 Ditoso Portugal .
 Do intonso claro Cinthio. espoza bella ,
 Caliope fecunda ,
 As causas me revèla
 Do immenso gosto, que minha alma innunda.
 Hoje me apresta a lira alti-cadente ,
 Que a rapida corrente
 Do Strimon enfreava ,
 Qu' enternecia as feras ,
 E dos hombros do Rodope arrancava

As arvores procèras.
 Escute cheo de suave espanto
 O vasto mundo meu sonoro canto:
 Sacro furor o coração me abraza!
 Que sinto ó Cces , a vós me titubêa!
 Batendo as ignias azas.
 Os ares fulca minha vaga idea,
 Do Futuro nublado
 As portas de diamante arrombo ouzado.
 De CARLOTA , e JOAÓ por todo o templo
 Messes , e messes d' Heroísmos noto ,
 E dando ao mundo leis , regendo imperios
 A filha augusta lhe devizo ao lado
 Num throno magestozo
 Erecto , e sustentado
 Pelas mãos da benefica Intcreza ,
 Do Merito sublime,
 Da solida rectissima Equidade ,
 Da candida Piedade,
 As providas Sciencias ,
 As Artes afanozas
 Cingem-lhe a testa com festoens de rozas,
 Em vão tenta Belona despiedada,
 A' base do aureo folio
 Com cem grilloens atada,
 No tenro heroico peito
 Sopr-ar-lhe a flama do furor mavorcio ,
 Qu' a terna Humanidade , a sãa Prudencia
 Mil vezes lhe demonstraõ
 Quaó breve se murcharaõ

Os louros qu' adornaraõ
 Semirames , Harpatices , Zenobias ,
 Panhezileas , Cleopatras , Camillas ,
 Sufo , e gloria de Marte sanguinozo.
 Em tanto o voras Tempo jubilozo ,

Humilde , e reverente
 Aos pés lhe prostra a fouce reluzente ,
 E sobre a terra das prizoens de flores
 Os aureos dias de Saturno solta.

Temis do Olimpo volta ,
 E a prodiga Abundancia
 No centro do Universo
 Entorna , exaure , seu florido cofre.

Despenhaõ-se de chofre
 A Penuria , o Dezaestre , o Crime adverso
 No Bàratro horrorozo.

Ulifféa feliz qu' em teu regaço
 O germen viste pullular viçozo ,
 Que sobre as nuvens erguerá seus ramos ,
 Exulta , exulta , qu' Adonai piedozo ,

A quem mil graças damos ,
 Ouve teus rogos , e teus rogos cumpre ;
 Já mais temas qu' a funebre Desgraça
 De ver qu' arrastras seus grilhoens se ria ,
 Nem qu' o Disturbio victima te faça
 De sua tirania ,

Que a nova Heroína , de teus votos preço ,
 Te esquiva , e rouba a quantos infortunios
 Possa urdir em teu damno a injusta sorte :
 E erguendo a fama tua

Sobre

Sobte as ethereas regioens ferenas
Reune em ti , no templo da Memoria ,
De Sparta , Roma , Athenas
O fasto , o brilho , a prepotencia , a gloria.

A R I A.

O mundo affola
Enio ferina ,
Prostra , fulmina ,
A gente humana.
Só Lizia ufana
Dos Ceos mimoza
Os fructos goza
Da meiga paz.
A nova estrella ,
Qu' em seu oriente
Nasce , e fulgura ,
Mil bens lhe augura.
Eia louvemos ,
Luzos famosos ,
Quem taõ ditozos
Hoje nos faz.

*Por Belchior Manoel Curvo Semmedo
Torres de Siqueira , Fidalgo da Casa de Sua
Magestade.
Entre os Arcades
Belmiro Transtag.*

AOS ANNOS DE LAURA.

CANTATA.

Como risonha vem abrindo a Aurora
 As portas d'ouro do rozado oriente
 Ao Nume intonso da volúvel Delos?
 Ornando os quadros que veceja Flora
 D' aljófar transparente
 Pranto saudozo de seus olhos bellos.
 De rozas coroados,
 No aureo punico coche refulgente,
 Do Hydaspe surge magestoso o Dia,
 Vibrando accierado
 Brilhantes setas de nascentes luzes
 Contra a estelante fugetiva Noite,
 Qu' ás Sciticas montanhas
 Os nocturnos frizoens medroza guia,
 Vencidos, e aterrados
 O etereo campo sedem
 De informes sombras esquadroens ferrados;
 Em quanto Febe desmaiada, e frouxa
 A esfera, azul, e rouxa
 A passo, e passo temoroza deixa.
 As frias Auras sussurando acordam
 Por entre as folhas da nutante selva,
 E os Zefiros brincoens pregando as azas
 Rólaõ por cima da orvalhada relva.
 A par transmontaõ do Silencio triste

Os

Os leves Somnos em confuzo bando ;
Os braços a miudo espreguiçando.

A R I A.

Entre juncos , e espadanas
Com fonoro murmurio
Erra o claro manso rio
Mais que nunca ufano , e ledos ;
Pelos ramos do arvoredos

Pendurados

Os aligeros cantores ,
Em melificos trinados
Cantaõ , louvaõ seus amores ,
Com mais pompa as tenras flores
Hoje ao vento aromas daõ.
Os seus dons benigna entorna
A florida Primavera ;
Novo brilho inunda a esfera ;
Nova galla o campo adorna.
Hum prazer geral respira
A profuza Natureza ;
Nem anciozo já suspira
Entre as serpes da tristeza
Meu sensível coração.

Suave objecto de meus ais faudozos
Laura , meu doce bem , Nume adorado ;

Dos annos teus ditozos
He este o dia , o dia suspirado ,
O dia que me trouxe

O Bem mais puro, que dar pôde o fado,
 Os Entes sobre-humanos
 Que teu brilhante espirito fizeraõ,
 Que prodigos e ufanos
 Tantas, e tantas perfeiçoens te deraõ,
 D'um grato coração não me eximiraõ
 Capaz de conhecer teus dons supremos
 Digno de ter amor, digno de amar-te.
 Que a cerba, odioza, e triste,
 O' Ninfa encantadora,
 A propria vida para mim não fora
 Se o Deos terrivel, que na dextra açama
 O rato furibundo,
 Com teus encantos não doçasse o mundo.
 D' Eôo o fulgidissimo luzeiro,
 Que innunda o Orbe inteiro
 De placida alegria,
 Que tristeza, que horror me infunderia
 A faltarem na terra esses dois astros,
 Que em teu gentil semblante
 A magoa de existir tanto me adoçaõ
 Esses dois astros de benigno influxo
 Onde a pureza, a graça resplandessem,
 De meus destinos arbitros piedozos.
 Que importa qu' a Desgraça
 Contra minha alma sem cessar fulmine,
 Que mil faudades, mil funestos sustos
 Em torno nulem de meu peito amante
 Se apenas chega o venturozo instante
 De ver teus olhos, tua imagem bella,

A horrifona procella
De meus crueis pezares
Foge qual foge o disgregado armento
Do lobo truculento :
Porém quanto he custoza esta ventura
Ao teu fiel Belmiro !
Brutais Hircanios Monstros ,
Que o placido alvedrio te sobpeam ,
De mim te apartaõ , Ceos ! como se eu fora
Torvo Leaõ feroz , qu' acezo , e bravo
Teus brandos membros lascerar quizesse .
Ardes por mim , por mim terna suspiras ,
Constante amor , constante fé me guardas ,
Eis a culpa fatal porque te arrojaõ
Ao negro abisino do cruel disgosto ,
Sem que lhes mova o coração ferrenho
O triste pranto , que te aljofra o rosto
Capaz de enternecer Marpezias rochas.
Mas ah ! que parte nos teus damnos tenho !
Quantos quantos Pezares não fascinaõ
Meu peito onde germinaõ
Viçozas permanentes esperanças ,
Quando junto dos Argos , que te observaõ
Hum teu furtivo olhar me denuncia
As duras imagoas , que por mim soportas.
Se á falsa Hipocresia
Rendesses vivos cultos ,
Talvez qu' infausta victima não fosses
De tantas afflicçoens tantos insultos ;
Mas tu detestas o punivel Dolo

Pizas do cego Fanatismo o collo,
 Não daz incensos a profanas aras,
 Sabes qu' ao Ceo nenhum vivente illude,
 E crimes não mascàras
 C'os trajos da vittude.

Eis porque chovem sobre ti do Olimpo
 D' immensas graças perennais diluvios,
 Eis porque os ferros, que vaidozo arrojo
 Nunca os estragos sofreraõ do Tempo.
 Ah! quem pudera neste amavel dia
 Innúmeros thezouros tributar-te,

Quem mil augustos Scetros
 Tivera, qu' offertar-te:
 Porém teu genio raro
 Mundanos bens despreza:
 As cem famintas negras fauces truncas
 Da fordida Avareza;

Mais a ternura de minha alma estimas
 Que o mando, e qu' a riqueza.
 E devo acazo desistir de amarte?

Quebrar os puros votos,
 Que fobre as niveas mãos te fiz mil vezes?
 Não, não julgues em mim tanta impiedade,
 De ingrato a nodoa horrivel

Nem por momentos manchará meu nome.

Sou a teus dons sensível,
 E até qu' o triste final termo affome
 No egregio santo alcaçar da Firmeza
 Verás minha gostosa liberdade

Nos firmes laços, de teus dotes preza.
 ARIA.

A R I A.

Amores , e Graças ,
Os ares povoão ,
E alegres corôão
De fulgida gloria ,
No templo brilhante
Da eterna Memoria ,
O nitido Instante ,
Que vio com vaa-gloria
Ao bem qu' idolatro
No mundo nascer.

Ah ! sempre eu te veja
Dos Numens amado ,
Momento dourado ,
Sem que despiedo
O rispido fado
Te nuble , te affronte ;
E Laura mimoza
Mil vezes te conte
A' sombra ditoza
Do fausto Prazer.

Belmiro Transtaganô.

METAMORPHOSE.

O SUSPIRO.

DE quantos filhos a campestre Flora
 Ouve do alado sussurrante Zefiro ,
 Era Florino , o candido Florino
 O mais brilhante , o mais gentil de todos :
 Seus verdes olhos ao desdem volvidos ,
 As rozeas faces , as madeixas d'ouro ,
 O lindo airozo talhe , as doces vozes ,
 De Amor nos ferros suspirar faziaõ
 De brandas Nymphas numerozas chufmas :
 Porém seu peito d'esquivança armado
 Mais do qu' os troncos , do qu' as penhas duro
 Vivia illezo das idalias chamas.
 Mil vezes cheio de furor Cupido ,
 Tentou rasgar-lhe o coração vaidozo :
 Porém mil vezes vio juncando a terra ,
 Das cruas frexas as partidas hastes :
 O Moço inerme de jaçtancia cheo
 De seus triunfos blazonava altivo ,
 Em quanto o Nume protestava anciozo
 Dar-lhe o castigo de soberba tanta.
 Mas quaõ depressa a erratica Fortuna
 Dezanda o giro da voluvel roda ,
 E os almos Deuzes a jaçtancia punem
 Dos sempre ignaros mizeros viventes !
 Hum dia , a cazo , o rispido Mancebo

Núm

Num bosque entrava cujos frescos ramos
 Em arco entretecidos assombravaõ
 O cristal puro d'uma clara fonte ,
 Ali calmo se deitava á sombra
 Contra o Vendado projectando injurias :
 Quando a formozza rútila Dianna
 Das castas Ninfas suas precedida
 Tambem corria fatigada ao bosque ,
 E do sitio formozo namorada ,
 N'um tronco pendurando as leves roupas ,
 As duras frexas , o temivel arco ,
 Junto da clara fonte se recosta ,
 Ora chegando á boca as frescas agoas ,
 Ora lavando os membros cristalinos.
 Por entre os ramos o vaidozo Joven
 A Deuza vendo sem qu' o visse a Deuza
 De ver pasmava formozura tanta :
 Porém Amor a quem das mãos divinas
 Já mais a leve Occaziaõ se escapã ,
 De vingar-se encontrando hora oportuna ,
 Em quanto mudo, absorto, e deslumbrado
 Ao triste observa contemplando a Deuza ,
 Hum ferro empolga de abrazado gume ,
 E subtilmente o coração lhe fere.
 O mago fogo , qu' o farpaõ trazia
 Lhe foi calando brevemente as veias ,
 E o malfadado alheo de si proprio
 Já treme , já delira , já soluça ,
 Já sente amor , e amor bebe , e respira :
 Ora intenta expressar seu puro affecto

A' doce cauza que prezente encontra,
 Ora recea, que seus eccos tristes
 O doce bem, que adora lhe afogentem,
 Mas em quanto suspenso, e vacillante
 Configo alterca, anima-se, e desmaia
 Sedeudo Javalim no bosque affoma,
 E a bella Deuza sobraçando as armas
 Ante as mimozas Ninfas corre ao monstro,
 E mais ligeira, que o ligeiro vento
 Por entre as brenhas rapida se occulta.
 „ Espera espera „ afflicto, e perturbado
 Lhe clama o triste „ raro encanto espera „
 Nisto se entranha pelas densas moitas
 Buscando a Deuza qu' avistar não torna.
 Já corre alpestres montes, fundos vales,
 Grutas explora, matos investiga
 Já torce as mãos aos Ceos pedindo amparo
 Já contra os Ceos blasfema, e se enfurece,
 Até qu' à sombra n'um formozo oiteiro
 Encontra o louro guardador de Admeto.
 Ali turbado, e louco lhe pergunta
 Se a bella Deuza vio, que sitio a esconde
 Mil promessas lhe faz, e impaciente,
 A' força intenta que lhe faiba della.
 Ria-se Febo de loucura tanta,
 E hum engano subtil na mente urdindo
 Assim lhe falla „ Há pouco vi quem busca
 „ Huma Fera terrivel acoffando,
 „ Entrou por essa mais vezinha brenha,
 „ Mas senão me illudio torna aqui logo.
 Não

Não quiz o triste moço ouvir mais nada ,
 Do monte á brenha mencionada corre
 Em busca do seu lindo amado objecto.
 Febo entretanto por zombar do triste ,
 Faz qu' hum longevo gadelhudo Fauno
 De pés caprinos , ponte-aguda orelha ,
 Tome a figura da gentil Diana ;
 Arco lhe empresta , aljava , passadores ,
 E huma chusma de Satiros matreiros
 Tambem mudados em formozas Ninfas
 Lhe arranja em torno , impondo-lhes silencio.
 Pouco tarda o Mancebo , que não volte
 Do sitio que anhelante em vão buscára ,
 E apenas chega ao suspirado oiteiro ,
 Qual foi o seu prazer , qual seu espanto
 Ao ver a imagem do fingido objecto.
 Eis se lhe prostra aos pés , eis lhes abraça ,
 Eis lhe pede qu' atente em seus pezares ,
 Ora humilde lhe clama , ora raivozo ;
 Soberbo , e vão de si mil couzas conta
 Diz qu' he prole de Numes sobre-humanos ,
 E mais digno de affecto , e de ternura
 Que o dormente Pastor da latmia rocha ;
 Mas vendo que seus eccos lastimozos
 Compaffiva resposta não conseguem
 Cumprir intentia seu dezejo á força.
 Levanta-se dos pés do furdo objecto ,
 Lança-lhe os braços impaciente ao collo ,
 E nos labios lhe imprime ardentes beijos ;
 Mas Febo que não lonje o cazo espreita

A densa treva da illuzão dissipa,
 E o pobre amante se deviza anciozo
 Peito a peito c' o Satiro barbudo,
 Cingindo-o ternamente com seus braços,
 E beijando-lhe a immunda hircoza boca.
 Os outros Faunos qu' ao redor jaziaõ
 Mil apupos lhe daõ, mil furriadas,
 E com terra lhe atiraõ vozeando.
 Corrido, e envergonhado o louco Joven
 Ardendo em raiva brama, e titubêa;
 Cora-lhe o pejo o rosto, a furia os olhos;
 Contra os Faunos remete que o toureaõ,
 E vingar-se querendo furiozo
 De quem taõ fero engano lhe traçara,
 Hum luzente farpaõ do coldre tira,
 E impavido se avança ao louro Nume,
 Que ria sem fessar de ouvilo, e velo.
 Tres vezes quer ferilo, mas tres vezes
 Lhe furta o Deos o leve corpo ao golpe,
 E em castigo de tanta, e tanta audacia
 No peito hum ferreo passador lhe enfopa;
 E sobre a relva semimorto o deixa.
 Hum Favonio que vira a scena infauستا
 A' triste Flora o triste cazo intima;
 A qual choroza, afflicta, e delirante;
 Ao filho corre, deita-o no regaço
 Beija-lhe o rosto, vezes mil o chama.
 Mas o moço infeliz pondo-lhe os olhos
 Só com ternos suspiros lhe responde,
 E entre seus braços espirar se deixa.

A triste Deusa por mercê de Jove ;
 Depois de acerbo copiozo pranto
 O tenro filho em tenra flor converte ,
 E por serem sómente agros suspiros
 As finais expreçoens que lhe escutára
 Para eterna memoria , o nome triste
 De suspiro lhe dá que inda conserva.
 Mas he tal o seu duro iniquo fado ,
 Que perdendo a gentil humana forma
 A lembrança cruel não perdeo nunca
 De toda a scena infauſta de seus damnos.
 Porisso a penas vê do acezo Febo
 Os ignios raios, a brilhante face
 Concebe n'alma tal horror, tal pejo ,
 Que se esconde , se fecha, e se comprime
 No viçozo botão donde nascera ;
 E só quando na esfera a noite affoma
 Em busca do seu bem, qu'inda idolatra
 Desfexa as folhas, e o seu mimo ostenta.

Belmiro Transtag.

NO ANNEVERSARIO
DAS NUPCIAS
DOS ILLUSTRISSIMOS, E EXCELLENTISSIMOS
SENHORES
CONDES DE POMBEIRO.

SONETO.

D Eixai os filtros, os farpoens ervados,
Respire o mundo em paz neste almo Dia,
Ledos Hymnos cantai, Amor dizia
A' linda tropa dos crueis Vendados.

Hoje faz annos, inclitos soldados,
Que á luz do firio nupcial, qu' ardia,
Ezio prendemos, e a formoza ARMIA
Em doces ferros pelo Ceo dourados.

A prole destes conjuges ditozos
De Lizia honra ferá, do mundo espanto,
E a nós se devem bens tão protentozos.

Calou-se Amor, e a alada chusina entanto
Leva ao templo da Gloria, os dois Espozos,
Nas puras azas d'um celeste canto.

Belmiro Transtag.

AOS

AOS FAUSTISSIMOS ANNOS
DO ILLUSTRISSIMO, E EXCELLENTISSIMO
SENHOR
CONDE DE POMBEIRO
JOSE DE VASCONCELOS,
E SOUZA.

S O N E T O.

N Aõ decanto Senhor neste almo dia
Tua alta Prole, teu natal florente,
Que he na ordem do mundo hum accidente
Nascer de humilde, ou nobre Jerarchia.

A sãa virtude, que teus passos guia
Te dá lustre maior, mais permanente,
Que sem este aurêo dom do Ceo clemente
He fumo, he sombra, he nada, a fidalguia.

A mil Varões de sangue altivo, e nobre
Inuteis sempre aos mizeros humanos,
Sem fasto, e nome, fria pedra cobre.

Mas tu que abranges dotes sobre-humanos
Valendo ao triste, soccorrendo ao pobre,
Do Lethes salvas teus ditozos annos.

Belmiro Transtag.

AOS

AOS FAUSTOS ANNOS
DO ILLUSTRISSIMO, E EXCELLENTISSIMO
SENHOR
CONDE DE BOMBEIRO.

S O N E T O.

AS altas longas azas sacudindo
D' Astrêa o Templo augusto demandava
O voráz Tempo, em cuja mão brilhava,
Curvo ferro, que o ar vai devedindo.

Trocando o torvo gesto, em gesto lindo,
Por terra pondo a fouce, que vibrava,
Já ante as Sacras Aras se prostrava
Submisso taes palavras proferindo.

Pois quer Astrêa, que esta fouce horrenda
De seus acerbos golpes indignados
A funesta carreira em fim suspenda.

Triunfe Vasconcelos, pois os fados
Querem, que a sua gloria hoje se estenda
Por faustos annos, annos dilatados.

Alcino Lisbonense.

(29)

S O N E T O.

A A M O R.

Q ue seta he essa Amor qu' inda escorrendo
Trazes em roxo sangue ? senão erro,
Me parece que vi já esse ferro
Em mais valente mão almas vencendo.

Pela ponta subtil , que lhe estou vendo,
Imagens d'elle na memoria encerro ;
De o ter visto as especies não de ferro,
Sómente estou no sitio discorrendo.

Mas tu perdes a côr , tu ficas mudo !
Tu me escondes a farpa ensanguentada !
Já me lembra seu dono ; ah ! já sei tudo.

Larga ladraão a seta que he furtada ;
Bem conheço esse ferro ponte-agudo,
Hé dos olhos gentiz da minha amada.

Por Francelio Vouguense.

SONETO. *

H Um pouco, hum pouco ó mar enfurecido
 As crespas ondas terenai piedozo,
 Deixai-me o gesto ir ver, meigo, e formozo,
 De quem me tráz d' Amor louco, e perdido.

Se ao malfadado nadador d' Abido
 Deste morte cruel no feio undozo,
 Livrai deste destino hum desditozo
 Tambem victima infausta de Cupido.

Deixai-me inda hoje ouvir meigos agrados
 Da minha Inalia por quem choro auzente
 Nestas areas, nestes descampados.

Mas ah! triste de mim! qu' o prâto ardente,
 Que verto de meus olhos desgraçados
 Mais vos altera à rapida corrente.

Belmiro Transtag.

* Feito d'improviso pertendendo o A. vis
 da Trafaria para Lisboa estando o mar
 muito bravo.

A.

A^c AMIZADE.

M Uza inerte, e rasteira
 Q^e o louco amor, e seus triunfos cantas,
 He hoje a vêz primeira
 Q^e acima das estrellas te levantas,
 Não arda o santo fogo
 Sempre em materias vans de rizo, e jogo.
 A virtude sublime
 Filha do Ceo, a candida amizade,
 Que chama feio crime
 Voltar a cara á pobre humanidade,
 He quem hoje te inspira,
 Quem te apresenta a dezuzada Lyra.
 Debalde, o negro fado,
 Cubrio meus dias de fortuna escura;
 Debalde tem jurado
 Ser meu contrario até á sepultura;
 Não dar-me valimento,
 Deixar meu nome embaixo esquecimento.
 De Solares antigos,
 Nem thesouros herdei, nem vâa grandeza:
 No feio dos amigos
 Me poz o Ceo mais solida riqueza:
 Não teme duro fado
 Quem mereceo fiel amigo ao lado:
 Sobre inhospita praia
Lance o mar o navio destroncado,
 No rolo d' agoa saia

O naufrago Piloto descórado
 Arêas não pizadas
 Ensope o triste em lagrimas cansadas;
 Se em tão duro castigo
 O Ceo por novo cazo não pensado
 O encontrasse, e o amigo
 Q' anda da chara Patria desterrado,
 Chorara de alegria,
 Feliz talvez chamasse o triste dia:
 O escravo na corrente
 Em mizero fuor banhado o rosto,
 Encha de ouro luzente
 A mão cruel que os ferros lhe tem posto,
 Do mineiro avarento
 Q' tem no seu thesouro o seu tormento.
 Albino impaciente
 C'os olhos, e esperanças no Occeano
 Veja vir do Oriente
 A Nao com oiro, e com marfim Indiano;
 Veja o Porto aferrado,
 Chame-se embora bemaventurado.
 Nada disto apeteço;
 Sabem os Deozes, e por elles juro
 Que os votos que lhe offreço
 Nascidos vem de coração mais puro,
 Que estes bens não invejo,
 Que levanto a mais alto o meu dezejo;
 Se nos serenos ares
 Lhe vão suspiros meus d'alma mandados,
 Se deixo seus altares

De minhas puras lagrimas banhados ,
Se os commovo a piedade,
Meus votos são por ti , santa Amizade.
Dem-me fieis amigos
Mostrem-se embora em tudo o mais irozos,
Do meio dos castigos
Lhes chamarei benignos , e piedozos.
Amigo verdadeiro,
Tu vales mais que o Universo inteiro .

I D Y L I O .

MAl as nitidas Estrellas
A descorar começavaõ ,
Inda distante os Etontes
Apõs da Aurora marchavaõ.

Quando já Theonio triste ,
Maldizendo o injusto Fado ,
Delirante conduzia
Para o monte o manso gado.

Amava Marfida ingrata
O mal fadado Pastor ,
Ninguem havia taõ triste
No vasto Imperio de Amor.

De balde na amante pyra
Lança o fido coração,
Marfida o tira, e o consome
Nas áras da ingratakaõ.

Nem ao menos o bem goza,
Que o mais infeliz alcança;
Os seus olhos nem ao longe
Viaõ raiar a Esperança.

Passa o dia, chega a noite,
Foge a noite, torna o dia,
E o triste arrastando os ferros
Da cruel melancolia.

Luçtando co' a fera dôr,
Que o fido peito lhe rala,
A vôz sólta de mistura
Com os ternos ais que exhalaa.

Cáero rebanho, dizia,
Que vos deixe manda Amor,
Se quizeréis ter ventura,
Procurai outro Pastor.

Eu vos deixo, e vou buscar
Doce fim á triste vida,
Corro a abrazarme nos olhos
Da cruel impia Marfida.

Minha lyra que espalhára
Tanta gloria nesta Selva,
A cujo sonoro accento
Deixaveis a branda relva,

Neste tronco, que abrazado
Fôra por hum raio ardente,
Deixo expôsta ao bravo Vento,
De hum secco ramo pendente.

Faz toda a nossa desgraça.
Do meu bem a crueldade,
Já mais feremos ditozos,
Marfida não tem piedade.

Disse, e a buscar a ingrata
Sóbe o empinado monte,
Desce delirante ao bosque,
Cruza o valle, corre á fonte.

Qual amante Borboleta,
Que buscando a luz mais pura,
Vôa, gyra, e encontra a morte
Na mesma luz que procura.

Assim o infeliz Amante
Corre aos olhos do seu bem,
Busca morrer abrazado
Nos raios do seu desdem.

Em fim encontra a tyrannia ;
Sentada a cruel estava
Junto de hum Freixo copado ,
Que o brilhante Sol douçava.

As Graças encantadoras
Festões de rosas teciaõ ,
Com que o peito lhe adornavaõ,
Com que a frente lhe cingiaõ.

As vareadas boninas ,
A fonte que murmurava ,
O canto dos Passarinhos ,
Doce amor tudo inspirava.

Solicitos espalhavaõ
Os Zefiros brincadores ,
No ár suaves perfumes ,
Que haviaõ roubado ás flores.

Em tanto o misero Amante
Entre huns ramos se ocultava ,
E o tormento que o devora
Em silencio soportava ,

Eis que hu' suspiro innocente ,
Que do coração sahio ,
Foi descubri-lo a tyranna ,
E o desgraçado trahio.

Affustada com a vista
Corre a hum , e outro lado ;
Até que o infeliz deviza
Em mortal pranto alagado.

Importuno , diz a fera ,
Teu louco amor que procura ?
Naõ sabes ja por costume ,
Que eu naõ conheço a ternura ?

Vejo teu peito ferido ,
Palpitar-te o coração ,
Teus ais que os montes abalaõ
Naõ me fazem compaixaõ.

Que me importa , que de Amor
O incendio te devore ,
Se o meu Destino por lei
Me manda que naõ te adore.

O Triste , que em mortaes ancias
O defengano escutou ,
Do fundo do coração
Estas palavras soltou.

Ah deshumana , a tua Alma
Tanto as leis do Fado préza !
Ultrajando as Leis Sagradas
Do Amor , da Natureza !

Ah!

Ah ! teme ingrata o castigo
Do Nume que o raio accende,
Quem a Natureza ultraja
Seu poder superno offende.

Eu morro ; morro contente ,
Mas quero, ingrata, primeiro ,
Do poder de Amor mostrar-te
O retrato verdadeiro.

A verde Hera abraça o tronco,
O Zefiro beija a flor ;
Vê, tyranna , no insensivel
O poder que tem Amor.

Vê debaixo da agoa fria
Namorado o peixe mudo ,
Envergonha-te , e conhece ,
Que o Amor inflamma tudo.

Ouve as aves deste bosque ,
Que em alternadas Canções
Humas ás outras explicaõ
Suas amantes paixões.

Vê como naquelle ramo
Se adoraõ dous Passarinhos ;
Unindo em doces requebros
Os delicados biquinhos.

Repara, cruel, naquelle
Que o seu bem feliz fizera ,
Como se encrespa vaidoso
Do triunfo que tivera.

Vê aquelle . . . ah! que o estrondo
De arcabuz que se dispara ,
Assustada pelo bosque
A amante turba separa . .

O mais terno Passarinho ,
Que gozava os dons de Amor ,
Foi victima desgraçada
Do barbaro Caçador.

Co' peito ferido vôa
Após da prenda querida ,
Adeja , revoa , e cahe
Aos pés do cruel , sem vida.

A Esposa , que nas balsas
Não encontra o bem amado ,
Vôa ao sitio venturoso,
Onde o havia deixado.

Não o encontra, sóbe aos ares
Para ver se o bosque o esconde ,
Canta , escuta , outra vêz canta,
Escuta , ninguem responde.

Sobre as azas se equilibra ;
 A esp' rança lhe dá conforto ,
 Com os olhos cruza a terra ,
 Eis deviza o Esposo morto .

Taõ veloz da acceza nuvem
 O fogo ardente não sahe ,
 Como a Esposa semiviva
 Junto ao caro Esposo cahe .

Com as azas cobre o Esposo ,
 Com o bico rasga o peito ,
 Morre , e o leito do seu bem
 He o seu funesto leito .

Marfida seus lindos olhos
 Dos Esposos não tirava ,
 E de ter sido taõ fera
 Confusa se envergonhava .

Ja sinto , diz , no meu peito ,
 A ternura , a compaixão ,
 Sinto ja de Amor a flamma
 Devorar-me o coração .

Theonio , meu bem , piedade ,
 Na tragedia que contemplo
 Aprendi a amar , e quero
 Dar-te de Amor puro exemplo ;

Ja te adoro , fim meu , bem,
Do teu mal me compadeço ,
E em premio de tantas ancias
A minha alma te offereço.

Theonio grita , ah! se eu pude
Supportar tantos desgostos,
Marfida a minha alma fede
Ao pezo de tantos gostos.

Corramos, Marfida , ás áras
De Amor , dar-lhe adorações ,
Rendidos lhe tributemos
Nossos fidos corações.

De Açucenas , e de Rosas ,
Dias grinaldas formaraõ ,
E c'róando-se hum a outro ,
O Templo de Amor buscaraõ.

Antonio Bersane Leite de Paula

A JACINTA.

A Noite envolta em tenebroso manto
 No ár as negras azas estendia,
 Tudo enchendo d'horror, tudo d'espanto:
 Ao longe o rouco mar bramir se ouvia,
 Q' a rôlos espumando sobre a arêa
 Nas duras penhas com furor batia:
A froixa lûz da Lua entã mal chêa
 Os macilentos raios dardejava
 Por entre as nuvens de que o ar se arrêa:
O Marinheiro tímido vogava
 Com pressa os remos para a curva praia,
 Onde o faveiro concavo encahava:
Antes que a chuva denegrída cáia,
O Pescador na gruta cavernosa
 Esconde o barco de ligeira faia:
Sómente Elmiro na torrente undosa
 Do flavo Tejo, que corria os mares,
 Não teme a tempestade rigorosa.
A vida affeita a turbidos pezares,
 Cortado de ardentíssimo ciume
 Não teme o horror dos enlutados ares:
 Não teme a furia do trifulco lume,
 Nem o poder fatal desse tridente,
 Que sopêza nas mãos o equoreo Nume:
Embora rompa a esfera o raio ardente,
 Sobre a concava prôa recostado
Olha tranquillo para o mar fremente:

Absorto n'um tristissimo cuidado,
 Só Jacinra a seus olhos se affigura,
 A Nynfa mais gentil do mar salgado:
 Mas que ajunta á extremada formosura
 Hum peito refalsado, e rigoroso
 Huma alma fementida, impia, e perjura:
 Por ella o triste Elmíro desditoso
 Derrama ternas lagrimas a fio,
 Della se queixa sempre ao Ceo piedoso:
 Ou arda o claro Ceo no quente Estio,
 Ou se congele a terra humedecida
 Pelas gretadas mãos do Inverno frio.
 Por ella perde o gosto, e perde a vida,
 E arrancando hum tristissimo suspiro
 Se queixa assim da amavel homicida:
 „ Até quando, cruel, do pobre Elmíro
 Ha-de o ecco soar co' as queixas tristes
 Por este melancolico retiro?
 Dize, Nynfa cruel, que tens, que vistes
 Sobre minha figura, e meu semblante,
 Que tão sómente em desprezar-me insistes?
 Não tenho eu sido hum extremo amante?
 E inda a pezar de teus desdens raivosos,
 Não fui sempre fiel, não fui constante?
 Não fulquei sempre os mares procellosos,
 Por te apanhar, cruel, pois sei gostavas,
 Os pintados mariscos saborosos?
 Se a caso sobre a praia passeavas,
 Não te formei de mil coraes capellas,
 Com que os louros cabellos ennastravas?
 Não

Não te escolhi gentis conchinhas bellas
 Nas fendas dos rochedos cavernosos
 Humas azuis , as outras amarellas .
 Quiz mais de ti que ver os luminosos ;
 Brilhantes olhos teus verdes , e bellos,
 Mais do q̃ o mar, mais do q̃ o Ceo formosos?
 Quiz outros laços mais que os teus cabellos?
 Pois se divizas hum amor tão forte ,
 Porque me matas d' importunos zelos?
 Ah, Jacinta cruel , ou dá-me a morte ,
 Ou de meu duro mal compadecida
 Não tornes mais cruel a minha sorte :
 Deixas hum Pescador , e andas perdida
 Apôs d' hum monstro, que Tritão se chama,
 Vil tocador de concha retorcida :
 Sentes de amor por elle eterna chamma ,
 E elle furdo a teus ais , a teus gemidos
 Não sabe que o teu peito o préza , e ama :
 Ah levanta mais alto os teus sentidos ,
 Olha que n'um Tritão ternos amores ,
 Ou são mal empregados , ou perdidos :
 Não murches de teu rosto as lindas flores
 Entre nervudos escamozos braços
 De feios monstros brutos nadadores :
 Suspende, ó alma minha, os leves passos,
 Escuta a minha vóz , ouve o meu pranto ,
 Olha que quebras os meus ternos laços : ,
 Dizia o triste Elmiro , e o negro manto
 Da feia noite pela luz rompido ,
 D' huma sulfurea fetta o encheo d' espanto :

Vio

Vio entre vagas seu baixel metido
 No meio da torrente foçobrado
 Dos implacaveis ventos combatido.
 Então olhando para o mar salgado
 Vendo proximo o fim da triste vida,
 Tirou tal vóz do peito magoado :
 „ Agora vivirás , fera homicida ,
 Agora que vou ser no mar abfulto
 Ao meu rival com terno amor unida :
 Pula tranquilla sobre o doce porto,
 Meu frio corpo observarás contente,
 Nas crespas ondas aboiando morto :
 Mas eis o Fado , por então clemente,
 O pequeno baixel leva seguro
 Do mar azul no dorso transparente :
 Eis maldizendo o seu destino escuro
 Beijando as ingrattissimas arêas
 Se acolhe ao centro d' hum penhasco duro:
 Outra vez , diz , as rispidas cadêas
 Heide arrastar cruel , e fogo infano
 De amor hade gyrrar nas cavas vêas ?
 Quanto fôra Jacinta o Fado humano ,
 Se no meio das ondas denegridas
 Dêra comigo fim de amor ao damno !
 As tristes esperanças ja perdidas
 De todo com meu corpo se affogaraõ,
 Esperanças de Amor taõ bem nascidas :
 Aqui desmaia o triste , e retumbaraõ
 Pelos duros rochedos cavernosos ,
 Os tristes ais , que alli se conservaraõ
 Consolação de amantes desditozos. **A**

A FEIRA DA LUZ

CANTO.

Librado sobre as azas
 O Deos de Amor eu vi gyrar tres dias :
 Desce ao Campo da Luz entra nas Casas :
 Com elle as inqultas Alegrias
 Os traveços Prazeres,
 Desasocegaõ homens , e mulheres.

Ora poisava em ariçadas tranças
 Ora se vê a furto em olhos bellos
 Semeando esperanças ,
 Que dão por triste fruto horriveis zelos
 Ora em peito se esconde ,
 E alli existe , e não se sabe aonde.

No lugar em que o Povo compra , e vende,
 Alli pertende Amor ter lucro grande ,
 Subtis laços estende ,
 Nem algum há que alli seguro ande,
 Daõ-se arriscados passos ,
 E eu vi a mais de cem cahir nos laços.

Des.

Destra belleza ufana passeava,
Turba immensa a seguia:
Com estudados gestos captivava,
E nunca se rendia,
A seus grilhões já prezos
Vi muitos corações em vão accezos.

Martezia que de livre assim blasona,
E que tantos captiva
Por entre as ruas de baeta, e lona
Faz rabejar a escrava comitiva,
E vai ao torpe bando
Desgraçados rivais accrescentando.

Pendem d' hum lado matizadas fitas,
Bordadas coifas, lenços mil galantes,
Varias plumas bonitas,
Lindas caixas, anneis extravagantes,
Com que o d'estro caixeiro
Faz do que pouco val muito dinheiro.

De preparada concha a hum lado alvejaõ
Pequenos corações com letras d' oiro,
Lem-se alli expressões, que se desejaõ.
Hum acha o seu agoiro;
E numero infinito
Poupa em curto letreiro hum longo escrito.
De

De hum amfibio animal malhada casca
Dera os subis anneis , que vende aos fios
 Graciosa tarasca ;
E os grosseiros bonecos d' affobios ,
E as azues , e encarnadas charamelas ,
E os molhos de perpetuas amarellas.

Já Martezia lá vai a recostar-se
Em certo mostrador , defronte eu fico ;
 Basta ella chegar-se
Ó pobre vendedor se torna rico :
 Qual virtude eu conheço
Do que a ella lhe agrada sobe o preço.

Vaões peraltas lá vão em competencia,
Qual offertar-lhe a fita primorosa ,
 Q' aceita por decencia ;
Qual leva por offrenda graciosa
 Hum coração bem feito,
Taõ fragil como o que lh' esconde o peito.

Esta volante , e frouxa bateria
 Não póde inda rendê-la ;
E he falso amor , amor de zombaria ,
O que se lê nos lindos olhos della :
 E já Cupido irado
Tem digno vencimento destinado.

As magras bolsas dão o ultimo alento;
E esta belleza invicta
Bem livre canta o proprio vencimento:
Fria izençaõ terriveis leis lhe dicta,
E astuta resistindo
Os deixou hir chorando, e ficou rindo.

Mas não zombes, cruel, que pouco tarda
A vingança d' Amor,
A quem tua izençaõ não acobarda,
Teme o teu vencedor,
Mil settas despontaste, mas espera
A que de Acrizio a prole já rendera.

Fogosos brutos entr' espuma envoltos
Duro freio raivosos mastigando
Paraõ aonde os Amorinhos soltos
Os virtuosos corações tentando
Escreviaõ attentos
A lista de futuros cazamentos.

Desce o moço Frondelio, entãõ retine
O som das algibeiras
Não tarda que Martezia não se incline
A's vozes lizongeiras
De oiro sempre suave,
Q' ao peito sem virtude he propria chave:
D Ven.

Venceste, astuto Amor, em fim venceste
 Já Martezia delira,
Naõ fazem todos o que fez só este,
 A cruel ja suspira,
Mas seu vil interesse he desprezado
Alviçaras, Amor, estás vingado.

Incautos Moços, conheci o engano,
E nelle contempalai o que eu contemplo,
 E para o outro anno,
Lembrando o conto que vos dou d' exemplo,
 Ninguem fiar se queira
Em achadiços corações da feira.

Ler. Sel.

CARTA A FRANDELIO,
EM QUE O A. CONTA A NOVA PAIXÃO POR
ANFRIZA.

EM quanto á sombra dos nodozos freixos
Sentado á borda do apoucado rio,
Vê no fundo rolar os alvos feixos,
E c'ô farpado anzol no longo fio
Tiras a engano as salpicadas trutas,
Que se recolhem nas limozas grutas:

Amor, traveço Amor, as redes colhe,
Em que muitos prendêo, e em q' me prende,
E Anfriza, a bella Anfriza he quem escolhe
Para os successos que só elle entende.
Frondelio, ouve a verdade,
Já perdi a guardada liberdade.

Naõ valêo o raivoso juramento
Quando me desfatei de Livia ingrata
Inda as vôzes rolavaõ com o vento
Eis em novas prizões Amor me ata,
E Anfriza . . . Anfriza, como Livia bella;
Temo que seja ingrata como aquella.

Cáro Fróndelio , e não te compadeces
De me veres tornado
Aos males que conheces ?
Tem compaixão do Amigo desgraçado .
Provasse a força ja deste delirio ;
Sim , ha de condoerte o meu martyrio .

Torno a ter as algemas nos meus pulsos ,
Tornaõ cadêas a prender meus passos ,
Sinto os membros convulsos ,
E cuido o coração ter em pedaços .
Torno ao cruel , e barbaro costume
De gemer de faudade , e de ciúme .

Naõ peço a Amor me folte , naõ , só peço
Que conserve o meu bem sempre segura ,
Qu' eu muito bem conheço
Como he varia , inconstante a formozura ,
E entre immensos rivais
Temo a Fortuna , e naõ o amor dos mais .

Ler. Sel.

A S D O E N T E S .

ENtre frescos arvoredos
 Divertia meus cuidados ,
 Quando em rusticos penedos
 Vi Razaõ , e Amor sentados ,
 Tratando mutuos segredos .

O arco , as frechas , a aljava
 Nas mãos , nos hombros não via
 Amor desfarmado estava ,
 E a Razaõ alegre ria ,
 E co' meigo Amor brincava .

Com que pasmo , e confusaõ
 Maravilhado parei ,
 Palpitou-me o coração ,
 Pois que nunca Amor achei
 Tanto unido co' a Razaõ .

Notando estive o lugar ,
 Aquelle era mesmo aquelle ;
 Q' aos da ferra ouvi contar ,
 Que Cinthia descia a elle ,
 Quando Amor a fez amar .

Então na mente agitada,
 Que coisas eu revolvia,
 Da conversa nunca usada
 Eu esperava, eu temia
 Sem poder acertar nada.

Ergue aos Ceos vista divina,
 E os dedos das mãos cruzando
 Grita Amor: pobre campina
 E tres vezes suspirando
 Clama Alcina, Alcina, Alcina.

Sua vóz nas penhas sôa,
 E Eco entre ellas escondida
 Imitando-o o nome entôa,
 E a vóz no ar estendida
 Por todo o bosque resôa.

He a Razaõ quem socega
 A Amor afflicto, e queixoso,
 Abraça-o, á face o chega,
 E elle muito mais choroso
 A' sua magoa se entrega.

Em soluços continúa
 Alcina, Alcina adorada,
 Que crueldade he a tua?
 Tens ódio á viçozza estrada,
 Q' até Cinthia chama sua.

C' o bando dos meus amores
Esperava acompanhar-te ,
E teus olhos matadores
Me pouparaõ força , e arte
Para render os Pastores.

Já tuas gentis amigas
Me corraão loiro , e palmas ;
Mas Alcina he bem q' o digas ,
Q' inda restaõ duras almas
Do meu Imperio inimigas .

Inda estava assim bradando
Esta meiga Divindade ,
Eis q' á pressa caminhando
A solícita Amizade
Vem o cáro Irmão buscando .

A' experta Razaõ faúda ,
Depois a Amor brandamente
Diz que á sua Alcina acuda ,
Porque Alcina está doente ;
Solta hum ai , o gesto muda.

Quando tal noticia ouviraõ
Razaõ , e Amor se affustaraõ ,
Mil perguntas repetiraõ ,
Mudos para o chaõ olharaõ
E depois todos suspiraõ .

Então na mente agitada,
 Que coisas eu revolvia,
 Da conversa nunca usada
 Eu esperava, eu temia
 Sem poder acertar nada.

Ergue aos Ceos vista divina,
 E os dedos das mãos cruzando
 Grita Amor: pobre campina
 E tres vezes suspirando
 Clama Alcina, Alcina, Alcina.

Sua vóz nas penhas sôa,
 E Eco entre ellas escondida
 Imitando-o o nome entôa,
 E a vóz no ar estendida
 Por todo o bosque resôa.

He a Razaõ quem socega
 A Amor afflicto, e queixoso,
 Abraça-o, á face o chega,
 E elle muito mais choroso
 A' sua magoa se entrega.

Em soluços continúa
 Alcina, Alcina adorada,
 Que crueldade he a tua?
 Tens ódio á viçozza estrada,
 Q' até Cinthia chama sua.

C' o bando dos meus amores
Esperava acompanhar-te ,
E teus olhos matadores
Me pouparaõ força , e arte
Para render os Pastores.

Já tuas gentis amigas
Me cortaraõ loiro , e palmas ;
Mas Alcina he bem q' o digas ,
Q' inda restaõ duras almas
Do meu Imperio inimigas .

Inda estava assim bradando
Esta meiga Divindade ,
Eis q' á pressa caminhando
A folicita Amizade
Vem o cáro Irmão buscando .

A' experta Razaõ saúda ,
Depois a Amor brandamente
Diz que á sua Alcina acuda ,
Porque Alcina está doente ;
Solta hum ai , o gesto muda .

Quando tal noticia ouviraõ
Razaõ , e Amor se assustaraõ ,
Mil perguntas repetiraõ ,
Mudos para o chaõ olharaõ
E depois todos suspiraõ .

Que

Que mal? perguntava Amor;
Como! gritava a Razaõ
E eu ao mutuo dissabor
Sentia o meu coraçãõ
Palpitar de fusto, e dôr.

Entaõ a meiga Amizade
O antigo mal descrevia,
E o triste Irmaõ persuade,
Q' a Medicina ja hia
Vencendo do mal metade.

Eis que Amor isto escutando,
O vejo tornar tranquillo,
Pede que o successo infando
Se lhe conte, e para ouvillo
Junto á Irmãa se vai sentando.

Da outra parte a Razaõ
Seriamente se assentava,
E encostando a face á maõ
Jã da Amizade escutava
A funesta narraçãõ.

Anda a doença fatal
Perseguindo a Natureza;
Nada a resistir-lhe val,
E quer mostrar que a Belleza
Tambem naõ he immortal.

A Armania atacou ferina,
Nem já respeitou Marilia,
Tanto em maldade refina,
Que vai perturbar Emilia,
E vem ajuistar Alcina.

Amor não quiz ouvir mais,
Toma d' hum Nume a presença,
E arrancando serios ais
Quer disputar á Doença
Seus privilegios fatais.

Ouvi seu alto clamor,
Elle já vai soccorrellas,
E dizia em seu furor,
Que pertence ás que são bellas
Só adoecer de Amor.

Já hia em tanta afficção
Armar-se de arco, e de aljava,
Sustem-lhe o braço a Razaó,
E a Amizade supplicava
Preciza quietação.

Ninguem tenta Amor fuster
Quem tanto ousar, fuja, e trema;
Amor faz tudo o que quer,
Nem arte val, nem systema
De Amor deve adoecer.

Por entre a vereda estreita
Vôa Amor ferindo as gentes ,
A Razaõ seu vôo espreita ,
E vê que ás suas docentes
Vai preparar a receita . *

Ler. Sel.



O

* Estes Versos precederão ás Cantigas da
Receita de Amor , que hiraõ nos folhetos
Viola de Amor , que se darão com brevidade
ao Publico.

O U N I V E R S O

O D E.

E Mbora a face da habitada Terra
Indomita phalange volve, e gyra,
Sanguinoso furor de rude guerra,
 Não mancha a minha lyra.

No pé batido o nescio vulgo espante,
Cubra de honroso nome infames erros,
Timido Povo mil louvores cante
 A quem lhe forja os ferros:

Ensinou-me a formosa alva Urania,
Move, mandou, as cordas com presteza,
Dos Ceos nascêo a nobre Poesia,
 Que canta a Natureza.

Do Universo o principio procurando
A solta Não desertos mares corte
Claros hymnos diante revoando,
 Servir-me a vós de Norte.

Que ternos cantos ouço... ! amavel clima
Descobre d' Iris a enfeitada testa
A Terra brota!... Brando o Sol a anima,
 A Primavera he esta.

De-

Deter não pôdem meu baixel ligeiro
Ares de Paphos, Chipreas as arêas,
Passa avante qual Grego aventureiro
Lotophagos, Serêas.

Entre as espigas de suôr banhado
Traz calmoso Veraõ compridos dias,
Secco Levante sópra affogueado,
E crésta as sombras frias.

Est' outra costa que descubro á prôa
O fertil vario Outono senhorêa,
De louros cachos a cabeça crôa,
Outro Baccho se arrêa.

Mas que! . . . Do Promontorio derradeiro
Titaneo Briarêo surge, e levanta
Embrulhado em cinzento nevoeiro
Terras, Nações quebranta.

Sobre carro de gélo aos astros vôa,
Nas vagas sonorosas, e escumantes
O rijo Noto, o fero Austro atrôa,
São furias sibilantes.

Impavido afrontei já teus terrores
Q' imprime o Ciclo monstro em seu ladrado,
Môr força levo do que tem furores
O Inverno enraiyado.

Que mysterio do Mundo inda nascente
Descubro na carreira! . . . A vista passa . . .
Foge ò profano . . . eu canto , escute a gente
A tenebrosa massa.

Primeva confusão , sombria , inerte
Dormindo nescia dos effeitos seus
Alto Poder attende, que a desperte :
Reina o silencio , e Deos.

O eterno falla . . . vastos globos faltaõ
A massa volve luminosa toda
Rapid' accezos astros se desfataõ
Da turbulenta roda . . .

Além parou o Sol em si rolando,
Os Planetas o seguem regulados
Em torno desses corpos vão gyrando
Outros corpos pezados.

Prizões q̄ ao centro chamaõ , e se impellem
Nas mãos governa d' harmonia o sprito ;
Defende attento aos orbes se atropelem
No caminho prescrito.

Milhões de Sões . . . Soberba Não que rejo !
Novos Mundos ! não faõ . . não faõ enganos . . .
Estranhos montes , e edificios vejo,
Ouvime outros humanos ! . . .

Ah!

Ah ! q̃ a rota perdeo seguro leme ,
As veias cobre escura nevoa grossa
Voragem nos abyssos rouca freme
Os rochedos destroça .

Estes golfos Argolio monstro evita
Foge a luz ! - . onde estou . . ! q̃ mar ! .. q̃ terra
Potente vóz me grita ,
Atrevido , atrevido , o panno ferra .

O D E .

Q Uando, Anarda gentil , pulsando a Lyra
A doce vóz defaras ,
Que os feros Tigres amansar pudéra ;
Quando os travessos olhos
Meiga revolves , e que em mim os fitas
Com gesto enternecido ;
Quando na linda bocca raiar deixas
Engraçados sorrizos ,
Que incautos me annunciaõ mil venturas ,
A que aspirar não ouso ,
Não fei que estranho devorante fogo
Pelas vêas me corre :
O coração palpita ; a luz dos olhos
Parece que me foge ;

Ato

Atonito desmaio ; mal respiro ;
 E em ternura desfeito
 Dentro em mim mesmo exlamo, ò cem mil vezes
 Amante venturoso ,
 Que has-de em seu brando seio reclinado
 Gozar o prazer puro
 De ouvilla, ao som da Cythara sonora
 Modular docemente
 Armoniosos namorados versos
 Por Amor inspirados :
 Que has-de sentir pular-lhe o terno peito ;
 E respirar gostoso
 Seu hálito divino ; que enlaçado
 Em seus mimosos braços ,
 Has-de o seu lindo gesto contemplando
 Provar o fogo activo ,
 Que de seus olhos , aos meus olhos passa,
 E o coração me inflamma ;
 Que em Amor , e ternura então obforto
 Has-de assim, como eu sinto,
 Sentir desfalecer-te , e que anhelante
 Convulso extasiado,
 Em suave delirio confundindo
 Reciprocos suspiros,
 Has-de beber o doce, e puro nectar ,
 Que Amor com mão escassa
 Nas flores derramou , que elle só colhe
 Mas que doce torrente
 De prazer já me innunda!... O' Ceos!.. Anarda
 Eu morro . . . sim . . . eu morro .

EM

EM CONTEMPLAÇÃO
DO SEMPRE VENTUROSO DIA DAS NUPCIAS
DOS ILLUSTRÍSSIMOS , E EXCELLENTÍSSIMOS
SENHORES
CONDES DE POMBEIRO.

V E R S O S

E Ntre festões de rosas , e boninas ,
Que os Zefiros sustentaõ adejando ,
Baixar ao Mundo vejo hum claro dia ,
Serenos , e radioso.

Em torno d'elle , de tropel voando
Mil álmos Dotes , Risos mil , e Amores ,
Festivaes vôzes pelos ares vágaõ ,
Arabicos perfumes.

Sobre as rôxas montanhas affomando ,
Na fulgurante , rapida carroça ,
Que o alvo Phlegon , e Piroes lhe puchaõ ,
O accezo Plebo raia.

Ah ! bem o fei : tu es , doirado Dia ,
O que arder viste de Himineo nas chammas ,
Unir , prender em seus risinhos laços ,
Duas sublimes Almas.

O que atar viste em vinculos eternos,
O docil coração, candido, augusto,
Da Divina Pombeiro, ao do abraçado,
Inclito Vasconcellos.

Do magnanimo Conde, que inflexivel;
Ouro fio, a Balança tem de Astrea;
Q' alta Estirpe de Heroes vai dando ao Mundo
Do Mundo amor, e gloria.

C'ó a doce vóz, (oh dia luminoso)
C'ó a doce vóz que os ventos pacifica;
Que as verdes vagas do Oceano enfreia;
Que torna o pranto em riso:

Chamar da linda, namorada Esposa,
Huma vêz, e outra vêz entre suspiros,
Tardo, e cruel te ouviste: e perguiçosos,
Teus fervidos Etontes.

Oh dia esclarecido, ao Ceo tão caro!
Tão caro ás fans, auríferas virtudes!
Negra nuvem já mais turbar te possa
Os puros resplandores.

Já mais rijo tufaõ, que á Terra arroja
Sulfureos raios de azulado fogo,
Lanças vibrando de saraiva frigida;
Te eclipse a luz fulgente.

Oh dia esclarecido ! em quanto a Aurora ,
Largando a redea ás remendadas Pias ,
Fôr pondo em fuga as luctuosas sombras ,
Por mim serás cantado.

Ferindo as cordas da Apolinea Cythera ,
Te levarei da Eternidade ao Templo :
Illezo irás : ireis com elle illezos ,
Claríffimos Pombeiros.

Eurindo Nonacriense.

José Thomaz da Silva,

Quinta Avenida (Alameda), 5-2-19

PARA CELEBRAR O ANNIVERSARIO
DO CAZAMENTO DOS EXCELLENTISSIMOS
CONDES DE POMBEIRO.

O D E.

Musa, qu' ora as douradas longas tranças,
 Ornas de frescas, e cheirosas flores;
 Que as vestes roçagantes,
 De perolas luzentes recamadas,
 Soltas ao ár entregas;
 Que a vòz alti-cadente,
 Modulando c' os sons da cava Lyra,
 Anheias pressurosa,
 Por honrar este Dia venuroso,
 Eia não temas o canoro bando,
 De Cysnes do Ceruleo patrio Tejo,
 Que em roda te circundaó:
 Ousa erguer o teu vòo,
 Misturar tua vòz, co' as suas vòzes.
 Mas que fogo se attêa na minh' alma!
 Aonde se arreбата a minha mente?
 Novos climas diviso,
 Diviso Gentes novas.
 Eis marmoreo Edificio levantado,
 Sobre o dorso de hum monte:
 Tem de ouro as altas portas,
 E ii Que

Que abertas par em par deixaõ patente ,
Rico , brilhante Altar , nas santas Aras
Ardem fragrantés Arabes Incensos.

De troféos gloriosos
Tem as longas paredes revestidas.

Almos hymnos reffoaõ ,
Librados sobre as azas d' Alegria .

Hé este , sim , he este o Templo augusto

D' Hymineo sacro-santo,
Onde tem a Virtude eterno assento ,

Que respeito ! Que assombro ,
Me infunde este lugar té' qui não visto !
Encarar não me atrevo a Divindade :

Quero andar , e não posso.
Frio fulto não he , não he receio.
Eia , os olhos fitemos sobre o Throno :

Ah que vejo ! Que observo !
Sim , eu vos vejo , ó inclitos Confortes ,
Occupar d' Hymineo o Throno excelso .

Es tu, Marilia bella ,
Que terna mereceste gloria tanta.

Como exulta de jubilo celeste ,
Jofino teu Esposo !
Como amante contempla as graças tuas ?

E tu , Conforte digna ,
Fiel a teus sagrados puros votos ,
Como leda contemplas esse objecto
De teus castos amores !

Oh quanto , excelsa , candida Marilia ,
Es dignas d' alta gloria,

Com que o Ceo corôou tuas virtudes !
 De huma idade chegando a outra idade
 Teu nome voará de hum Polo a outro.
 O' vós tão decantadas,
 Arremizas, e Porcias,
 Dos Seculos passados honra, e gloria,
 Vosso merito eclipsa
 A singular Marilia pura, e bella,
 Como vós de alta estirpe.
 N'um tempo em que a Virtude
 Parece ter fugido dos Humanos,
 Guardar inteira a fé, que foi jurada
 D' Hymineo nos Altares,
 He mais do que heber do Esposo as cinzas;
 Inda mais que engolir carvões accezos.

Por Albano Olisiponense.

NOS PLAUSIVEIS ANNOS
DO ILLUSTRISSIMO, E EXCELLENTISSIMO
SENHOR
CONDE DE POMBEIRO
DIGNISSIMO REGEDOR DAS JUSTIÇAS
&c. &c. &c.

ODE ALCAICA.

LEvava o Tempo cortando rapido
Co' as longas azas os áres limpidos
De rojo a graõ cadèa
Dos devorantes seculos.

Alada turma de genios fervidos,
Voando em torno do monstro indomito,
Ora se chegaõ fortes,
Ora se arredaõ timidos.

Hum aureo Anno, q̃ aos fuzis rigidos
Divizaõ prezo, querem tirar-lhe,
Mas elle receoso
Olha de revez horrido.

Eis lhe arremeça co' a fouce rigida,
Eis os afaſta co' as azas rispidas,
Porém o ſagaz bando
Furta-lhe o corpo ſubito.

En-

Então hum Genio de glorias avido
Por traz curvado do bando intrepido,
Ligeiro chega, e solta
Ao prizioneiro, rapido.

Vôa com elle chêo de jubilo
Fendendo os áres ao Templo lucido
Da sempiterna gloria
O Vencedor aligero.

Porém apenas o velho horrifico
Devisa o furto, possante, e rabido
Agita as negras azas
Com horroroso estrepito.

Eis qu' empunhando lamina fulgida
Se vê nos áres Astrea integra,
Sustando a agil carreira
Ao voraz monstro perfido.

Então lhe grita: Suspende, barbaro,
O vôo altivo, qu' os annos inclitos
Do Grande Vasconcellos
Não te pertencem improbo.

Eu lhos defendo, lhos guardo placida
Nas mais brilhantes urnas riquíssimas
No magestoso Templo
D' altos Heroes magnificos.

Tu que me fercas alado sequito,
Desprega as azas com prazer Celico
De verde louro a fronte,
A clara fronte enrama-lhe.

Sõem nos Orbes louvores candidos,
Louva o famoso Heroe magnanimo,
Que sabe unir comigo
A sãa Piedade sólida.

Os meus Altares defende impavido,
Equilibrando sempre rectissimo
Minha legal balança
Com equidade publica.

Os seus estudos são os seus Titulos,
Por toda a parte são seus meritos,
Seu nome não precisa
Gravado ser nos marmores.

Os Apolineos Cantores melicos
Co' as brandas lyras, co' as tubas Epicas
Seu nome levarão
Além das eras rapidas.

Tu mesmo, cáro Lereno placido,
Com subtil plectro ferindo a Cytera,
Com teus sonoros Versos
No Mundo o farás celebre.

E tu, suberbo tragador sofrego,
Respeita os annos, qu' eu guardo impavida,
Ou treme feroz monstro
Desta qu' empunho lucida. . .

Disse, e batendo co' as plumas nitidas,
Vôa soltando mil raios fulgidos,
Deixando ao voraz Tempo
Mordendo-se fernetico,

Por Francelio Vouguense.

NO FAUSTISSIMO DIA NATAL
DO ILLUSTRISSIMO, E EXCELLENTISSIMO
S E N H O R
CONDE REGEDOR.

O D E

Dirigida ao M. R. Sr. Beneficiado
Domingos Caldas Barboza.

E Ia Sublime sonoro Caldas,
Improviso Cantor, eu pulso a Lyra,
Que Apollo enastra de frondosa rama;
O fogo que respira
Nos Versos teus com rutilante chamma,
Com que a voluvel fantasia escaldas,
Eu figo: e o vôo rapido qu' ergueste
Do ninho Americano, onde nasceste.

Eia anima o meu canto, ao Ceo sagrado
Eu me sinto levar; toco co' a frente
O convexo d' abobeda azulada
Do Astro refulgente,
Já vejo o Disco, e face illuminada,
Vejo o plano estensissimo encrespado,
Que sobre hum lenho intrepido sulcaste,
Quando o Cruzeiro lucido encaraste.

Lá

Lá vejo a praia , lá descubro a arêa,
Na qual eleva a torreada frente ,
A quem Neptuno cede o Sceptro undoso ;
Lá vão pelo Orizonte
As amêas do muro magestoso ,
Que em torno cinge a inclita Ulissêa ,
Corte famosa , que avistando honraсте ,
Quando as arêas humidas beijaste.

Ah ! tu não trazes o metal luzente ,
Os accesos rubins , os diamantes ,
Nem esses lenhos nos fertões cortados ,
Nem aromas fumantes ,
Que ponhas nos altares consagrados ,
Que offerta o rico lucido Oriente ;
Mas Versos urdes de immortal belleza ,
Sublime vóz da simples Natureza .

Ah ! tu de Vasconcellos hoje o dia
Natal na Lyra , que te déra Apollo ,
Aos Astros leva, donde mora Astrea ,
E de hum a outro Pollo ;
Leva a gloria da inclita Ulissêa
Na improvisa , na doce melodia ,
Sõe o seu repentino altivo canto ,
Q' a mim, ao mundo possa encher d' espanto.

Eu confundido qual mèsquinho Ganço
 Entre bandos de Cifnes sonorosos ,
 Que nas Ismeneas ondas se mergulhaõ ,
 E bebem dos undosos
 Rios , que no Parnaso inda borbulhaõ ,
 Taõ remontados vôos não alcanço ,
 Que Versos possa urdir alti-sonantes ,
 Mais sublimes qu' o oiro , qu' os diamantes.

Já a par de hum Bizavô , qu' o vacilante
 Reino fusteve nos nervosos hombros ,
 Pela Patria infeliz sacrificado ,
 Entre pasmos , e assombros
 Lá lhe levantaõ busto consagrado ,
 Fundido do metal puro , e brilhante ,
 Outros ja pulem os penhascos brancos ,
 E já dos bosques defarreigaõ troncos.

A empresa he grande , porém tu sobejas ,
 Cinge-te a ella, sonoroso Caldas ,
 Desprega as aureas magestosas pennas ,
 Pois do Parnaso as faldas
 Deixas , e sóbes , as mansoens serenas ;
 Mas se outros vates inclitos desejas ,
 Que rouca tornem esta lyra minha ,
 Tens os Cifnes qu' o fulvo Tejo aninha.

Elles louvem contigo o Natal dia ,
Que tantas vezes seja repetido ,
Q' Apollo gaste o coche , e gaste as rodas ;
Louvado , e applaudido
Seja dos Povos , e das Gentes todas ,
Que chãos de prazer , e de alegria
Lhe augurem para sempre dilatados
Seculos pelos Ceos abençoados.

José Agostinho de Macedo,
Na Arcadia de Roma, Elmiro Tagideo.

NO DIA DOS ANNOS
DO ILLUSTRISSIMO, E EXCELLENTISSIMO
SENHOR
JOSE' DE VASCONCELLOS,
E SOUZA,
CONDE DE POMBEIRO,
REGEDOR DAS JUSTIÇAS &c.&c.&c.

O D E.

EM quanto o vaõ caprixo os homens leva
A travez da razaõ, e da verdade,
E a sanguinosa Guerra os dentes ceva
Na triste humanidade,
Naõ cantes, Musa infana,
O fero General accezo em ira,
Que hum flagello cruel da raça humana
Naõ merece o louvor de aburnea lyra.

Lanço-te os olhos, consternada Europa,
Por toda a parte o sangue derramado
Em negros turbilhões a terra enfópa:
E o pálido Soldado
Fiel, e obediente,
Por dar aos seus Maiores, Fama, e Nome,
Vai acabar qual victima innocente,
Supportando o rigor do ferro, e fome.
Naõ

Naõ mais, naõ mais , o véo do Esquecimento
Cubra esta scena misera , e mesquinha ,
Pela estrada do Saõ Merecimento ,
O' Musa , me encaminha :
A mente naõ me illude ,
O caprixo , a ambição , e a falsa gloria ,
Demos incenso á sólidã Virtude ,
Base immortal do Templo da Memoria.

Mas que Prudente Heróc , Sabio , Piedoso ,
Amigo da Razaõ , e da Equidade ,
Deve levar meu canto sonorofo
Além da Eternidade ?
Preclaro Vasconcellos ,
Se eu ouço a Gratidaõ , se escuto a Fama ,
Se busco da Virtude altos modêlos ,
Tu es o assumpto qu'a minh' alma inflamma.

Tu proteges as Musas desgraçadas ,
Que nascêraõ no seio da Pobreza ;
Tu prézas as Sciencias , desprezadas
Do Orgúlho , e da moleza :
Honras a Humanidade ,
Dos torpes vicios a cerviz sopêas ,
Ouves benigno as vôzes da Verdade ,
E á perfida Calymnia a lingua enfrêas .

Descendente de Reis , de Heróes Famosos ,
Creado no regaço da Opulencia ,
Não votas os teus Dias preciosos

A inutil Indolencia :

Em honrosa porfia

Ao Rei , á Patria , á Gloria dedicado ,
Ganhas novos troféos de dia em dia ,
Que não se compraõ com o sangue herdado.

Entras de Afrêa no Sagrado Templo ,
A Innocencia respira , e treme o crime ,
Executor da Lei, es vivo exemplo

Da rectidão sublimé :

Da intriga , e da Chicana

Os enredos subtis cauto descobres ,
Appellida-te o Mundo , e não se engana ,
O Esteio da Justiça , o Pai dos Pobres.

A opprimida Indigencia em ti descança ,
Nem do rico o Direito he arbitrário ,
Nem dos misereros Orfaõs rouba a herança

O Tutor usurario :

O Rabula insolente ,

Em vão para enganar-te a penna toma ,
Tu combinas as Leis , e tens na mente
As Leis do teu Paiz , e as Leis de Roma.

Honra dos Sabios , Senador Egregio ,
O conceito geral assim te aclama ;
E o teu Nome sobio ao Throno Regio
Sobre as azas da Fama :

A Singular MARIA

Por quem Lisboa derrama o pranto terno
Amante da Justiça , te confia
Das Justiças o gravido Governo.

De teu nobre suor , teu zelo honrado ;
Ainda espero qu' o premio hum dia vejas ;
Mas tu no berço dos Heróes creado

Só a Gloria desejas :

Dest' arte Roma via

Hum digno Heróe , que á Patria se votava ,
E que da Patria nada mais queria
Que o verde loiro com que a fronte ornava .

A Mão que rege dos mortaes a sorte
Abre-te os cofres da immortal Ventura ,
E por premio te dá Fiel Conforte

De rara formosura :

Com ella a vida passas

Izento de cuidados roedóres ,
Vês no seu rosto as pudibundas Graças ,
E em seus olhos gentis vês os Amores.

Deſta doce uniaõ no Ceo recida
Logras em paz o fruõto abençoado,
Da fuſpirada Prole Eſclarecida

Em torno rodeado:

Entre os braços apertas
Os candidos Filhinhos, e a Conforte,
Nos deveres de Pai, e Eſpoſo acertas,
Vives ditoso, e naõ te affuſta a morte.

De balde Atropos fera o fio rompe
De hum Virtuoso Herõe, qu' a Fama crõa:
De balde a fria carne ſe corrompe,

E o ſolto Eſprito võa:

A Juſtiça, e a Verdade

Lhe erguem Padrões, q' o Tempo naõ conſome;
E aſſim nos transmittio a Antiquidade
Dos ſeus Grandes Herões a Fama, e o Nome.

A Verdade, e a Juſtiça, a quem amaſte,
Te levarãõ aos Seculos vindouros,
E da Memoria as Filhas, qu' afagaſte,
Te crõaráõ de Loiros:

Chorado dos Humanos,

A quem d' alta Virtude exemplos deſte,
Será teu nome amado eternos annos,
E da auſtera Virtude o premio he eſte.

Por Anacleto da Silva Moraes.

NO

NO DIA EM QUE OS POETAS AMIGOS DE LERENO
O AJUDARAÕ A LOUVAR O SEU BENIGNISSIMO
BEMFEITOR

O ILLUSTRISSIMO , E EXCELLENTISSIMO
SENHOR
JOSE DE VASCONCELLOS , E SOUSA,
CONDE DE POMBEIRO,
REGEDOR DAS JUSTIÇAS &c.&c.&c

NA PESENÇA DE S. EXCELLENCIAS.

E Stes os Vates , os sonoros vates ,
Que no sagrado azylo ,
Em qu' a vossa piedade o tem , e acolhe ,
Para si , para vós Lereno escolhe :

Eu só não bastarei ; não posso tanto ,
E não louvadas ficaraõ , e occultas
As Virtudes que saõ
Proprias a exemplo , dignas de liçaõ :

Cem mãos não tenho , é q' occupar cem pennas ,
E bem qu' a Centiligue affas me ajude ,
Devem dar-me soccorro outras Camenas ;
Tanto dá que louvar vossa virtude .

Inspira tu , inspira , ò digna Esposa
Do meu excelso Heróe , cára metade ,
 Taó linda , e taó formosa,
Como he linda , e formosa a sãa Verdade .

Naó procuro o pincel , naó peço as côres
 Com que Graças , e Amores
De mãos dadas co' a sãbia Natureza
Em ti formaraó singular Belleza.

Oh ! Arte divinal , dos Ceos mandada
 Para cantar seus dons ;
De Amira honrar as graças naó estudes ,
Voêmos mais , honremos-lhe as virtudes .

Claro exemplo de Filhas , e de Esposas ,
 E de Mãi , doce exemplo
A providente Musa ha-de guardar-te
 Da Memoria no Templo.

Dos Lusos hum momento abençoado
 Ha-de ser sempre aquelle,
Em qu' este Esposo te doou o Fado;
Elle he digno de ti , tu digna delle.

Limpa torrente que de Heróes dimana
Vossos troncos iliustres fertiliza ;
Ah! quanto a grata gente Lusitana
A vossa estirpe Augusta especializa.

Naõ , o Sabio José ouvir naõ deve
Dos seus Maiores a sabida Historia ,
Q' o meu ardente zelo hoje se atreve
A sua separar de alhêa gloria.

Titulos , cargos , honras , afastai-vos ,
E tu, antiga estimaçãõ herdada,
Para outros guardai-vos ,
Q' o meu Heróe naõ necessita nada.

Vós , a que o Reino Luso deve tanto
Fortes Monizes , grandes Vasconcellos,
Fosteis os seus modêlos ,
Mas eu mais alto o meu Heróe levanto.

Escuta , escuta , ò Filho afortunado :
Vê , respeitavel Filho ,
Vê o caminho pelos teus trilhado ,
Da gloria a estrada tem diverso trilho.

Pendem elmos , alfangens, broqueis, malhas
Da Memoria no Templo ,
Ah! se te chama o Nume das Batalhas
Tu naõ precisas d' hum estranho exemplo .

Da outra parte , ó novo Conde , observa,
Qual te brinda Minerva ,
Se aõ paternal exemplo naõ te escuzas,
Junto ao teu lado vão sentar-te as Musas.

Honra , honra ás Camenas
Sê , como o Pai , seu protector, e amigo ;
Terás em teu serviço as doutas pennas,
Antes d'elle o Parnaso era mendigo.

Ficsta huma vez a irresoluta vista
Decide-te , decide-te
A qual caminho abalançar-te queres :
A idade chama já , mais não esperes.

Eis formosas Virtudes sociaveis ,
Q' a teu amavel Pai sempre acompanhaõ ;
Ellas querem guardar-te ,
E , aonde quer que vás , acompanharte.

Ah ! chega , chega a vê-las
Co' a linda tropa dos Irmaõs formosos ,
E os olhos paternaes sempre piedosos
Movem , movem-nos ellas.

Eis qu' á Justiça faz alçar o ferro
Eis que alargueia os passos a Piedade :
Punindo o vicio , e separando o erro
Ouve com dôr a vôz da Humanidade :

Deixo o rigido officio ,
Aonde a Lei seu coração constrange ,
E mesmo para honrá-lo
Deixo o Juiz , e só no homem fallo.

Aos Parentes tẽrnissimo Parente ,
Aos Amigos o mais fiel Amigo ,
Para o grande , e pequeno sempre humano,
E mais que humano para o que he mendigo.

Fostes pedida , ò adorada Prole ,
O Mundo , o pobre Mundo precisava
Naõ successor dos cargos lisongeiros ,
Mas de Virtudes sãas dignos herdeiros.

Em vaõ se jaçtem outros
De trazer Povos a feu carro atados,
José faz de infelices venturosos ;
Mais do q̃ aos homens he vencer aos Fados .

Eu mesmo , eu sou exemplo ,
Ouvem-me em roda gratos companheiros,
Respiramos aqui huma aura pura ,
José vencêo a nossa má ventura .

A gratidaõ no peito me bafeja ,
Hum fogo activo q̃ a meus hymnos cresta,
As azas com qu' ao Ceo subir forcejaõ ,
Em vaõ fracos adejaõ ,
Rojo na Terra : naõ , naõ posso tanto,
Vates amigos , ajudai meu Canto .

Disse.

O Beneficiado Domingos Caldas Barboza.

E P I S T O L A

A BELMIRO TRANSTAGANO.

Caro Belmiro, meu prezado Amigo,
 Sabio filho d' Apollo, a quem as Musas
 De verdejante loiro a fronte cingem:
 Como he possivel, que em teu docil peito
 Infame ingratitude entrar pertenda?
 Como he possivel, que deixar intentes
 Sem motivo real, sem justa causa,
 A nossa Arcadia em triste soledade.
 Queres abandonar fieis amigos,
 Qu' estremecem por ti, que por ti choraõ,
 E que ja mais da candida amizade
 Souberaõ quebrantar as leis sagradas,
 Por loucura d' hum Zoilo arrebatado!
 Ah! vê Belmiro meu, vê que he desdoiro,
 D' huma cega paixãõ seguir o impulso.
 Se os altos Numes da razaõ fizeraõ
 Brilhar em ti a tócha inextinguivel,
 Não queiras offuscar luzes taõ bellas
 Entre as sombras do ódio, e da vingança.

Que não diria a gente ajuizada,
 Se obrar te vira assim errado, e louco?
 Diria, que eras tal, qual o fugeito,
 Por quem deixar-nos queres seccamente;
 Pois se este foi ingrato em conspirar-se

Con

Contra o seu proprio amigo , e companheiro,
 Tu ingrato es tambem , pois que pertendes
 Deixar tantos amigos , tantos socios ,
 Que ja mais em seus dias te offenderaõ.
 Que não diria o Mundo se observasse ,
 Que sendo tu dos Socios primitivos ,
 Que este Corpo a formar principiaraõ ,
 E que tens augmentado a sua Gloria
 Com assiduas fadigas literarias ,
 Tentavas hoje, o nome teu manchando ,
 Deixa-lo , e semear nelle a discordia ,
 Que n'outro tempo em teus sonoros Versos
 Fugir fizeste d' aprazivel margem
 Do crystallino Tejo , em ferreo carro
 Tirado por horriveis negros monstros
 Té ao centro do Baratro profundo .

Que não diria o mesmo teu Contrario ?
 Chêo de presumpção talvez dicesse ,
 Que a tua retirada era receio
 De repetires Versos junto a elle.
 Ah ! meu prezado Amigo , eu te recordo ,
 O que o Grande Boileau dizia destes.
 Dizia , que mais util lhe era o odio,
 E a vil mordacidade de mil Zoilos ,
 Que sempre os Versos seus calumniávaõ ;
 Que seu fraco talento , a quem a França
 Continuamente dava mil louvores.
 Elles sabem livrar-me , elle dizia ,
 A cada passo de cahir em erros ,

E assim de seus malevolos furores
Venho sempre a tirar grande proveito
Cuidadoso evadindo as minhas faltas.

Eis aqui, meu Belmiro, o que tu deves
Obrar tambem como prudente, e sabio.
Deixa embora rosnar Zoilos malditos,
Deixa chover mil Satyras infames;
Que a justa imparcial Posteridade
Lerá os Versos teus chêa de allombro.

E em vez de abandonares esta Arcadia
Como, ingrato Belmiro, projectavas,
De mãos dadas c' os seus fieis Alumnos,
Que te estimaõ, que te amaõ, que te adoraõ,
Façamos que ella venha a ser olhada
Com respeito dos Povos do Universo.



Tu mesmo eterno a ti te irás fazendo.

*Bernardes Ep. XV. a Ruy
Gomes da Grãa.*

EPISTOLA. *

SE Eu pudéra do Pindo alto, e frondoso
Subir, Caldas prezado, ao verde cume;
Se o loiro Febo alli, se as Irmans nove,
Em seu fogo divino me accendêraõ;
Se partissem comigo a vóz doirada,
Que fôa pelos seculos avante;

Se

*. *Ao M. R. Senhor Beneficiado Domingos Caldas Barboza,*

Se tão mimoso feu , qual he Lereno ,
 Fosse o rouco , o rasteiro , o inerte Eurindo;
 Quem cuidas tu (responde amigo caro)
 Que nas fulgentes azas de meus Versos ,
 Se salvára da morte , e ao Ceo voára ?
 Sollicito , a fallar te a percebias ;
 Mas o singelo Alcino a mão tomando ,
 Desta arte , em teu lugar , falla , e responde:
 C' o famoso Plutarco a Esparta fôras ,
 A Utica , a Cartago , a Roma , a Athenas ,
 Ou antes , c' o teu Couto , e c' o teu Barros ,
 (Accezas toxas , que entre nós chammejaõ)
 Voáras lá , onde queixoso , e placido ,
 Entre frescos palmares corre o Ganges ;
 Alli , as armas , e os Heróes cantáras ,
 Que da occidental praia Lusitana
 Não , amigo , a Candura , a Ingenuidade ,
 Teus Numes não são só : Tambem as prézo ;
 Incensos tambem queimo em seus altares .
 De sonhadas Republicas me rio :
 Da Grecia hum só momento eu não sahira ,
 Se todos fossem Socrates na Grecia :
 Mas a barbara , a iniqua , a audáz , a ingrata ,
 De mentidas virtudes toda ufana ,
 O claraõ das de Socrates a aterra .
 Porque ama os Deoses , porq̃ as Leis adora ,
 Porque he justo , sensivel , terno , humano ,
 Porque os vicios combate , he delinquente .
 De frigida cicuta o mortal succo ,

Pelas veas lhe espreme a atroz Maldade.
 Oh Socrates! oh Socrates! tão digno
 Da vida que te arranca a infame Inveja!
 Com semblante sereno, a fatal taça
 A bocca pôes, impavido, e seguro;
 Acabas, mas acabas sem remorsos.
 Não morre assim, por certo, esse Alexandre,
 Grande chamado por violar socegos,
 Usurpar Reinos, arrazar Cidades,
 Roubar thesouros, derramar de sangue,
 De sangue humano lastimosos Rios.
 S' isto he ser grande, eu quero ser pequeno;
 Nutrir no peito meu, tão apoucado,
 Tão breve coração, como a estatura.
 He impio Coge-Atar, traidor se chama,
 Porque os filhos defende, o Rei, e a Patria;
 Porque a cerviz esquiva a hum jugo estranho;
 Porque lhe arde espraia-se em Rios de oiro:
 E não he impia coiza, á sombra augusta
 Da santa Paz, das Portuguezas Quinas,
 Badur assassinado ante o graão Nuno!
 Da crespa Diu os fortes baluartes,
 Dos abysmos no seio, não sei como
 De vergonha, e de horror se não sumiraõ!
 Taes são meus sentimentos, tal o affecto,
 Que á verdade eu consagro: infere agora,
 Alcino meu, daqui, fizudo attenta,
 Se eu mandaria da Memoria ao Templo,
 Taes Gentes, taes acções, taes feitos de armas?
 Inda,

Inda , graças aos Ceos , não sou Confrade ,
 Inda não levo no infernal contracto ,
 Dos desvairados , miseros Orates .
 Ferros não temo , não me assustaõ roncas ,
 Mas agastar-me sinto ao ver Defuntos .
 De parvo , a meu pezar , me trata embora ,
 Que eu amo a doce paz , e unicamente
 As virtudes pacificas me aprazem .
 Tu ris , Lerenõ amado ? e c' o meneio
 Dos prespicazes olhos , do semblante ,
 Como que approvas o pensar de Eurindo ?
 Se seus Fados lhe dessem que assim fora
 Por quão ditoso , Eurindo se tivera !
 Sei , que o Mal te aborrece , o Bem te enleia ;
 Que hum coração te ha dado o ser supremo ,
 Onde mil dotes candidos se acolhem .
 Eis o porque no numero entrarias ,
 (Numero assas restricto , assas escasso)
 Daquelles que eu contara se foubera .
 Não cuides que te adulo : hum odio acerbo ,
 Jurei no berço á perfida lisonja :
 Guerra , guerra com ella , a ferro , e fogo ,
 Quiz sempre , e quero : a mesma alem da morte
 Me verás ter co' a fardida Tolina .
 Embora , huma , e mil vezes , generoso ,
 Da remota Timor na fina Xavena ,
 Com risinho semblante me appresenta
 O recendente perola fumando ;
 De hum lado em lascas , crystallino assucar ,
 Que

Que escurece , qu' afronta a neve Alpina
 D' outro , a fulva Britanica Manteiga ,
 Ampla doirando as providas fatias.
 Embora do Londrino alaranjado ,
 Feiticeiro pedaço o prato ajoje ;
 Em frente , Alentejaõ , bojudo paio ,
 Da côr qu' os horizontes alcatifa ,
 Quando o rubido Sol no Mar se banha ;
 E em torno mil botelhas requestadas ,
 Onde jaza ha dois lustros prizioneiro ,
 Dò Tejo , e Sado , o balsamo celeste ,
 Que em risos troca os lividos pezares ;
 Ou ao revez (seguindo hum rumo opposto)
 Dura, eterna Abstinencia o Sceptro empunhe,
 Despiidado jejum reine em teus lares ;
 Sempre o mesmo serei franco , sincero ,
 Sempre direi que és unico na rima ;
 Que és raro na invençaõ , q̃ és na linguagem
 Pulido , e puro , escrupuloso , e vasto ;
 Sempre direi : qu' izentos , que seguros ,
 S' achao teus Versos, de embrulhar nas tendas,
 Figos , adubos , velas , e toufinho ;
 Que de imagens vivissimas , immenso ,
 Radiofo Esquadraõ prompto a teu mando ,
 A hum leve acceno teu batendo as azas ,
 Por teu Canto difunde as finas côres ,
 Que alheias de si mesmas , transportadas ,
 Torna as sensiveis almas que te escutaõ.
 Que naceste Poeta , e que incansavel

C'os preceitos uniste a natureza;
 Que de hum firme caracter te revestes;
 Que ás Estrellas o merito levantas;
 Que se o Ceo te escutára, se puderas,
 Não houvera no Mundo hum desgraçado:
 Sobranceiro ficando a dons tão grandes,
 Entre elles sendo, em formosura, e raios,
 Qual entre os rosas fulgido brilhante,
 Da Gratidaõ o dote sobre-humano,
 Ouvir-me-ás isto, amigo eternamente,
 Tambem me ouvirás sempre: que a despeito
 Da magra Detracçaõ, baixa ferina,
 Nas azas dos accezos Dythirambos,
 Ha-de (Sabio Lereuo) o delicado,
 O correcto Belmiro eternizar-se.
 Qu' a despeito dos rigidos dictames,
 Que austero segue o serio Neptunino;
 Dos pasmosos revezes, com que intenta,
 Lançar por terra as plumas, e os toucados,
 Os listões varios, os brilhantes cintos,
 Que tornão mais gentil, o gentil sexo,
 Qu' ha-de ser sempre o arbitro da Terra;
 Lá com tudo suspira o nosso Hiraclito,
 Lá sente hũ não sei que, q' a alma lhe punge,
 Quando a rosada Lilia nella emprega,
 Com piedoso volver, rasgados olhos:
 Lá sente hũ não sei que, (não sabe o como)
 Ao ver brincar os Zefiros, co' as negras,
 Anneladas madeixas da alva Lilia!

Mas

Mas vejo , amavel Caldas , que te enojas
 De tão comprida arenga , e que a sonora
 Lyra tomando , que te affina Apollo ,
 Vás nella eternizar do graó Pombeiro ,
 Da illustre Esposa , virtuosa , e linda ,
 Os claros Nomes , meritos sublimes.
 Da fresca Bellas os annosos troncos ,
 Mover (que affombro !) vejo ao scñi divino.
 Nas encospias me meto : ouço-te , e calo :
 Em seu cizo , quem ha-de em seu acordo ,
 Arco tomar , abalançar-se ao Canto ,
 Quando o déstro Gervais aos ares manda
 O meigo som da harmonica rabeca ;
 Ou quando ao vento , em rapidos gorgeios ,
 Solta a magica vóz Caporalini ?

Eurindo Nonacriense.

S O N E T O.

Porque me roubas o descanso antigo,
Amor, tyranno Amor, falla, responde,
Q' por mais q̃ minha alma inquirar, e sonde,
Culpa não vejo para tal castigo.

Se frouxo á tempos tuas leis não figo,
He medo ás fraudes, q̃ teu gesto esconde:
Dize, inhumano, donde nasce, donde?
Tanto, tanto rigor, que usas comigo?

Mas Ceos! Marcia gentil teu roubo ampara
Marcia gentil encanto sem segundo
Para meus pulsos laços mil perpara!

Eu entro, eu entro nas prizões jocundo,
Ah! se o teu fogo, brando Amor, faltara,
Q' horror não era subsistir no mundo.

Belmiro Transtag.

S O N E T O.

SE intentas ser meu barbaro homicida ,
Basta, Cupido , basta de tormentos
Tens duras fréxas , tens grilhões cruentos,
Ata-me as frouxas mãos , rouba-me a vida.

Mas deixá que o meu bem, Marcia querida
Soltar me veja os ultimos alentos :
Naõ se pares de mim , nem por momentos
Quem tanto enlêa esta alma enternecida .

Os ais te movaõ , que derramo a espaços ,
Primeiro rasga o peito meu constante
Do que tentes romper taõ firmes laços.

Marcia me aperte no final instante ,
Qu' antes morrer desejo entre seus braços,
Do que viver dos olhos seus distante.

Belmiro Transtaga

S O N E T O.

JA' matizando os Ceos de vivas côres
Vinha a brilhante Aurora destoucada,
E inda fobre o meu peito fatigada
Laura dormia, Laura os meus amores.

De terna magoa, d' horridos temores
Vejo minha alma a hum tempo salteada;
Sinto privar do somno á minha amada,
Temo vejaõ, que logro os seus favores.

Em quanto pugna em mim susto, e ternura,
Vistos somos d' espia vigilante,
Qu' o nosso affecto destruir procura.

Vou-me, deixo o meu bê, des-de esse instante,
Cançados olhos, olhos sem ventura,
Nunca mais vistes seu gentil semblante.

Belmiro Transtag.

S O N E T O.

Rizonha margem do aprazivel Téjo ,
Donde o Ceo me roubou Laura amorosa
Não fei , que nuvem negra , e pavorosa
Me cobre o coração , quando te vejo .

De scena atroz , qu' em vão riscar desejo
De minha alma infeliz, terna , e faudosa,
Tu me avivas a imagem lastimosa
Rizonha margem do aprazivel Téjo.

Se já findou em ti minha ventura ,
Findem tambem meus horridos tormentos;
Da-me em teu feio morte , e sepultura.

Que em tantas magoas, damnos tão violentos
Destina Amor, destina a forte dura ,
Qu' onde Laura perdi perca os alentos.

Belmiro Transtag.

S O N E T O.

NAõ mais Natercia receosa vivas
De que ando pezaroso de adorar-te,
Qu' Amor aos olhos meus sabe pintar-te
Com gratas côres cada vez mais vivas.

Chorosa ás vezes de te ver me privas,
Porque me incrível d' extremo amarte,
Q' modestia! ah! meu bê, não sei mostrar-te,
Quanto me agradas, quanto me cativas.

Somos dignos de amar, sem fusto amemos;
Quem murmura de ver-me a ti ligado
Embora, Encanto meu, fallar deixemos;

Que ou teus dotes não tem inda observado;
Ou se os observa, e culpa os meus extremos,
Tem d' hum rochedo o coração formado.

Belmiro Transtag!

(103)

M O T T E

A doce gloria de viver comtigo.

S O N E T O.

N Aõ sei, Marcia , não sei que laço forte
Me traz ligado a ti , qu' hum só instante
Me não posso apartar de teu semblante ,
Por mais , e mais tormentos , q̄ suporte .

O cego errado mundo , a iniqua forte
Me vedaõ, qu' eu te logre em paz constante,
Quando o amor, q̄ te abraza o peito amante
Faz, qu' eu sã deixe de te amar por morte.

Lei do Destino , lei severa , e dura
Me condemna a soffrer o atroz castigo,
De tanto vêr turbar nossa ternura.

Ah! qu' infortunio o meu, senãõ consigo ,
Antes , meu bem, que chegue á sepultura,
A doce gloria de viver comtigo .

Belmiro Transtag.

EPI.

EPIGRAMMA I. *

Zoilo mordaz me insulta impaciente,
 Mas delle se publica,
 Que os máos Poetas louva, e os bons critica.
 Se a Apollo tal consente,
 O' Zoilo, ò maldizente,
 Não sabes não depois que te conheço,
 Quanto as criticas tuas agradeço.

EPIGRAMMA II. **

Ofogo de teus Versos me exageras,
 E logo me aſſeveras,
 Que leves manchas nellés se devizaõ,
 Mas eu tenho observado,
 Que os Versos todos, que me tens mostrado
 Manchas não tem, só fogo he que precisaõ.

Belmira Transtag.

CAN-

* *A hum Zoilo.*

** *A hum máo Poeta que dizia, que nos seus Versos algumas pequenas manchas se encontravaõ, mas que em fogo nenhuns lhe excediaõ.*

CANTILENAS

ANACREONTICAS.

DE BELMIRO TRANSTAGANO.

I.

EM quanto o meu Zoilo
Convulso d' inveja
De longe infessante
Me ladra , e moteja.

Eu furdo a seus eccos
A Lyra pulsando
Meu nome eternizo
De Inalia cantando.

A' baixa lizonja
Louvores não urdo ,
Nem fofo á vil plebe
Com trovas aturdo.

Erato me empresta
Armonica Lyra,
E Amor he sómente
Quem Versos me inspira.

Aplausos mereço
D' Alfeno , e Jacindo ,
Elmiro me louva ,
E o melico Eurindo.

Iná-

Inalia mil vezes
Ouvirme procura,
E ao som de meu Canto
Se abraza em ternura.

Embora em meus Versos
Mil satyras chovaõ,
Se Inalia os estima,
E os sábios os louvaõ.

CANTILENA II.

O Sol transmonta
Celia formosa
Bordando a esfera
De côr de rosa.

As magas vozes
Solta entre tanto,
Alegre os ares,
Teu doce Canto.

A furto encrespa
Zefiro frio
A limpa face
Do manso rio.

Doudo te escuto:
Mas que reparo?
Volve teus olhos
Ao rio claro.

Deste penedo
N'agua pendente,
Que d'altos fetos
Enrama a frente.

Olha em cardume
Virem das grutas
Barbudos Barbos
Manchadas Trutas.

Comtigo ao lado
No pego undoso
As leves redes
Lanço gostoso.

D'argenteas Bogas,
D'azuis Fataças,
Chêas levanto
As verdes naças.

Des-de que pesco
Neste remanço
Naõ tirei Nynfa
Taõ rico lanço.

Mas q̃ me assombra :
Tendo-te ao lado
Fôra impossivel
Ser desgraçado.

CANTILENA III.

Sonhei que a Fortuna
A mim se chegava ,
E abrindo seus cofres
Pedir me mandava.

Que julgas Inalia ,
Que mesmo sonhando
Pedi fervoroso
Por ti suspirando.

Prezumes qu' avaro
Ardendo por ouro
D'um Cresso, ou d'um Midas
Quis ter o thesouro.

Ou cres , qu' implorara
Diadema brilhante ,
Qu' imperio me desse
No meu similhante.

Ou louco , e soberbo
Deixar com vaa gloria
Meu busto no templo
Da fausta Memoria.

Pois

Pois não , minha Inalia ,
Pedi a ventura
De ver mais sensível
Tua alma á ternura.

CANTILENA IV.

As fuscas azas
Nesta espessura
Vem despregando
A Noite escura.

Ligeiras nuvens
O Ceo toldando
A luz a espaços
Lhe vão turbando.

Quebra nas fragas
O Tejo irado,
O Ceo fuzila
Do Sul nublado.

Ah , fea Noite ;
Qu' horror profundo
Não vens causando
No triste mundo.

Morno silencio
Opprime o ár :
Só rans palustres
Se ouvem coaxar.

Mas se hoje afurto
Alguns espaços
A minha Inalia
Vir em meus braços.

A tarda Lua
Sobre o Orizonte
Levanta a frouxa
Palida fronte.

Manhá rizonha
Hei de chamarte ,
E em branca pedra
Farei gravarte.

CANTILENA V.

Vendado Nume,
Dá-me soccorro,
Que por Inalia
Suspiro , e morro.

Mas tu de ouvir-me
Zombas ufano ?
Tens como Inalia
Peito inhumano ?

Vingança toma
Da minha ingrata ,
O peito fere
De quem me mata.

Dos ais queixozos
Deste infeliz ,
Tambem com ella
Mofas ! e ris !

Por mim soluce ,
Chame Belmiro
Como por ella
Chamo , e suspiro.

Ah ! sem remedio
Vejo o meu mal:
Pedi soccorro
Ao meu rival.

CANTILENA VI.

Doce Milcenia,
Meu bem amado ,
Quem te motiva
Taõ grande enfado ?

Se te pergunto,
Porque te inflammas,
Entre suspiros
Falso me chamas.

Mostras no gesto
Vivo desgosto ,
Raivozo pranto
Banha o teu rosto .

Se exploro a causa,
Nada respondes,
Co' as mãos mimosas
O rosto escondes.

Os Ceos bem sabem - Já mais perjuro
Se te offendi Violei a fé,
Só se te agrava Falte-me a vida,
Morrer por ti. Se assim não he.

Deixa, Milcenia,
Zelos vorazes,
Dá-me hoje mesmo
Ou morte, ou pazes.

CANTILENA VII.

Tuas virtudes,
Tirse facundo,
São com assombro
Vistas no mundo.

Preza a teus pés
A Inercia geme,
Preza a soberba
Rabida freme.

Crôaõ-te as Musas
A eburnea Lyra,
Se as vozes sóltas,
Febo te inspira.

D' aureas virtudes
Sempre escudado
Trazes ao vesgo
Crime açaimado.

Tua alma exornaõ
Mil predicados,
Es amplo abrigo
Dos desgraçados.

Em fim cantar-te
Melico Tirse,
Quem poderia
Sem confundirse!

Mas és tão raro
Tão bom Cantor,
Que entoar podes
O teu louvor.

(III)

CANTILENA VIII.

Castiga os ingratos,
Amor desfigura
O lindo semblante
De Jonia perjura.

Dos olhos esportos
Da côr da çafira
A luz, a viveza,
A graça lhe tira.

Primeiro lhe rouba
As tranças doiradas,
Depois as papoulas
Das faces rofadas.

O collo lhe empana,
As mãos lh' êtropece,
Deforma-lhe o corpo,
A vôz lh' enrouquece.

Verei se então posso
Deixar d' adoralla,
Já que me não move
Taõ fera encontralla.

CANTILENA IX.

Palreira Andorinha,
Q' á volta d'Aurora
Sempre és do meu somno
Cruel turbadora.

Naõ basta q'as Noites
Consuma charando
De Jonia voluvel
No genio pensando.

Naõ

Naõ basta na idéa
Pintar a perjura
Fazendo ludibrio
Da minha ternura.

Cruel , para sempre ,
Q' ao somno me entrego
Piando , quebrares
Meu grato socego !

Ah! queira a Disgraça
Em paga , em castigo
Da fera impiedade ,
Que trataas comigo.

Q' rompaõ teu ninho
Mãos corvos infestos
Bem como a tyranna
Rompeo mil protestos.

CANTILENA X.

Se he tido por Nume	E o Vate de Thebas
O Tracio Cantor,	O mesmo alcançou ,
Por ser d' hirtas feras	Porque duras penhas
Feliz domador .	Cantando abrandou.

Eu sou mais que Nume ,
Eu mais confegui ,
Porque com meu canto
Inalia venci .

CANTILENA XI.

Ao tronco d'hũ Cedro
De parras vestido
C' os pulsos cruzados
Vi prêzo Cupido.

Amor , lhe pergunto,
Quê foi q̃ é teus braços
Lançou despiedozo
Taõ rigidos laços.

C'os dentes mil vezes
Os nós remordia ,
E as azas batendo
De raiva carpia.

Foi Marcia, foi Marcia
Me diz soluçando ,
Foi Marcia q̃ sempre
Me está maltratando.

Os laços lhe quebro
Molhados do pranto ,
E pelos bracinhos
Da terra o levanto.

Foi Marcia, que pena,
Lhe torno ás rizadas,
Pois Marcia travessa
Tem hoje pancadas.

As louras melenas ,
Dos olhos chorozos
Lhe afaſto, e lhe bejo
Os labios mimosos.

Irou-se o Fréxeiro
De tal zombaria ,
E hum ferro vibrando
Assim me dizia:

Tu zombas , humano ,
Da minha querela ,
Pois como suspiro ,
Suspira por ella.

14)
XII:

PARAPHRASE DO EPIGRAMMA

D E M O S C H O

O AMOR LAVRADOR.

Feito Colono
Amor hum dia,
N'um torto arado
Dois bois prendia.

Delle á mão chêa
Veloz tirava
Louras fementes,
Que ao chaõ lançava.

Com lentos passos
N'uma alta ferra,
Junto á rabiça
Arava a terra.

E em quanto alegre
Isto exercia
Aos Ceos olhando
Feroz dizia.

No braço esquerdo
Tinha enfiado
Alvo cestinho
D' azul tramado.

Se não me outorgas,
Jove potente,
Pingue colheita
Desta semente.

Qual por Europa
Em Boi tornado
Farei que puches
Por este arado.

Belmiro Transtag.

ODE

AO GRANDE AFFONSO DE ALBUQUERQUE.

O D E.

Sobre as sonoras rutilantes azas
Meus aureos Hymnos, que do Lethes zombaõ,
Hoje, Albuquerque, subiraõ ás nuvens
Teu grande illustre nome.

Das humanas acções árbitro o mundo
D' inerte, e frouxo austero me accusara,
Se hum eterno padraõ á gloria tua
Meu canto não erguera.

Mas donde teu louvor começar devo?
Se huns aos outros progressos se anticipaõ,
Instaõ-me todos, que primeiro os cante,
E a primazia altercaõ.

Prole de Febo sou, e as brandas Musas
Regraõ zelozas meus accentos graves.
Talvez pensasse leviano vulgo,
Que eu decidir-me ousava.

Franças as portas do supremo alcaçar,
Onde a Fama eterniza altas empresas,
A longa serie de heroismo vejo
Do Lusó novo Marte.

Da foz do Tejo lá demanda os mares ;
Lá treme o Oriente , lá se espanta o mundo ;
Inclito esforço de payés lhe serve
Contra a desgraça infanda,

Por entre nuvens d' enrolado fumo ,
Crepitaõ rouxas ponteagudas chammias
Barma , Orfaçaõ , Pangim , Calicut vejo
A cinzas transtornadas.

Pergamo assim , assim Carthago , e Tiro ,
Victimas foraõ do voraz Vulcano ,
Quando as vaidozas torreadas frontes
Erguiaõ ás esferas .

Tu do vasto Indostan soberbo imporio ,
Rebelde Gôa de Bastiões orlada
Provaſte vezes duas d' Albuquerque
Os bellicos furores.

Do fundo feio dos troantes bronzes
Surge a Morte bramindo envolta em fumo,
Dardeja ás cegas coriscantes globos
Pelouros incendidos .

De victoria em victoria Affonso vòa ;
Eu vejo Trisvarí ao jugo atada ,
E eis d' Aurea Chersoneso a terra bejaõ
Os horidos Cubellos .

Ao som terrível das guerreiras caixas
Da Lufa tropa na brilhante frente
Marcha a vitória de trofeos cuberta
Do grande Affonso ao lado.

Arabes , Persas , Corações , Rumes ,
Mais ao seu nome , qu' ao seu braço fogem ;
Naires facciosos , Brâmanes soberbos
O chão co' a plebe alastraõ.

A mente se me turba , eia socorro,
Cytherides gentis, qu' o brilho ardente
De tão raras proezas me deslumbra
Os olhos abyfmados.

Onor , Baticalá , Dabul , Cambaia
Mostraõ no rosto debuxado o susto.
Mascate , Homiliaõ , Lamo , Queixome
Rójaõ grilhões pezados.

Que horrível scena junto a Ormus contemplo!
Do azul Nereo se cobre a crespa face
De Zâmbucos , Lancháras , Caiáluzes ,
De fogo , e ferro armados.

Eis Albuquerque as bravas ondas fulca ,
Arma-se , corre , chega , opugna , vence ,
No esquipado Parão se furta á Morte
O Coge-Atar doloso.

Inviçto Heróe , teu animo não turbaõ
Cruéis revezes da voluvel forte.
Tinge teu sangue com valor golfado
O lar do atroz Ceráme.

Reis de Pegú , Siaõ , Pacem , Maldiva
Supplices olhas a teus pés captivos.
Mais teus progressos qu' os teus dias foraõ ,
Devias ser eterno.

Belmiro Transtag.

Ce grand home , cet Albuquerque le grand , aussi heureux et redoutable pendant la guerre , que craint et révéré pendant la paix , fut regretté de plusieurs Princes qui avoient connu sa valeur , et de toutes les Nations , qui avoient éprouvé sa clemence.

Neufille Histoire Generale de Port.
Tom. II. Liv. 8. pag. 466^m
ODE

(119)

A BELMIRO TRANSTAGAMO.

O D E.

EM vaõ , cáro Belmiro, em vaõ ressurgem
Fantásticos Heróes , que o mundo assolaõ ,
Das desertas Cidades sóbe aos Astros
Ondada lavareda .

Do carro triunfal desbaratadas
Aos talhos da Fortuna as rodas faltaõ ,
Varre a poeira o desabrido Boreas
Dos ignotos sepulcros .

Arrancados no ár choquem os montes ,
Convertaõ-se em coriscos as estrellas ,
Os soberbos padrões fortes resistem
Da proficua sciencia .

No regaço da paz , do intonso Nume
Os arrojados filhos te faudaõ
Emtorno boqui-abertos decorando
Teus versos numerosos .

Quando pintas Lyeo descendo á terra
De vermelhas Donzellas rodeado,
Densa falange de brincões Amores ,
Rasgando os limpos ares .

Ou

Ou na margem da fonte mudo , e quedo
O Fauno amante qu' a Nayáde espreita
O sincero villaõ cos bois tardios
Arroteando a veiga.

Ou embocando a sonoroza tuba
Do pó valentes capitães revocas ;
Alvejaõ no Oriente as prenhes gaviãs ;
Do bellicoso Gama.

Nas ribeiras d' Ormus ardendo vâraõ
Arrombados parâos , fustas , galeras ;
Na medrosa Côchim alça Pacheco
O guiaõ da victória .

De balde o genio da cruenta guerra
Dõ loire ao Ganges o terror difunde
No dourado Pagode as mãos aperta
O Bonzo espavorido.

Nos bosques do Premesso descansando
Repentina desgraça não te affusta ,
Em pedaços os bronzes se desfazem ,
Vivem Delficos louros.

Arfante Galleaõ timido boia ,
Entre as ondas azues do manso pego ;
E na leve canõa o nú Tapuia
Ri dos medonhos austros .

Affim apos dos Evos nebulosos
Teu nome voará de bocca em bocca,
Os caminhos mostrando d' alta gloria
Ao erratico vulgo.

Facindo Olysiponense.

*licce almirante Inacio da Costa
Telio (o grande Inaccucio)*

A BELMIRO TRANSTAGANO

Applicando-se aos Estudos Mathematicos,
com especialidade á Astronomia.

O D E.

HOnrai, ò Mufas, a brilhante scena,
Que o Genio vos prepara:
A agreste cantilena,
A flauta rouca se emudece, e pára.

Sinto cahir do pé o humilde focco,
E que o grave cothurno
Eu calço, quando tóco
A portentosa casa de Sathurno.

Sa-

Sábio Belmiro , cuja vóz celeste
Os ouvidos encanta ,
Sim , o teu genio he este ;
Que a minha Musa té aos Ceos levanta.

O Tempo não fará , q̃ tu te escondas
Na sombria caverna ,
Em que Estigias ondas
A imagem mostraõ d'uma Noite eterna.

Cobre teus braços de ligeiras pennas ,
E verás ao teu lado
O Amigo de Mecenas ,
Que tambem foi em cisne transformado.

Já d'um rápido vôo ao Ceo te lanças,
Medes sua grandeza ,
E com a vista alcanças,
Quantos mysterios cobre a Natureza.

Vês rodar junto a ti massas enormes ,
E observas nas esferas
Essas leis uniformes ,
Que nossos Pais tiveraõ por chimeras .

Vês dos Planetas movimentos mil
De elliptica atracção ,
E que n'um ar subtil
Vão rodando atravez do turbilhão .

Cada qual te descobre do seu lado
As opacas entranhas ,
E vês hum agregado
De mares , terras firmes , e montanhas.

De Jupiter seguindo a alta carreira
Teu tubo crystallino
Vê de Huygens a poeira ,
Ou as pastas de neve de Cassino.

O' ! Deosa que me inspiras ! Tu Minerva ,
Que a Belmiro amas tanto ,
Hum altar lhe reserva ,
Em que receba os cultos do meu canto.

Ao bipartido Monte quando corro ,
De subir sinto a pena ,
Musas , a meu socorro ,
Honrai , ó Musas , a brilhante scena.

Casidro Lisbonense.

Jerônimo Martins

E P I S T O L A

P Edes-me, cáro amigo, que te mande
 Alguns Versos, que há pouco tenha feito;
 Que tens saudades dessas toscas rimas,
 Que costuma inspirar-me o negro genio,
 Que me guiou ao Pindo, nesses dias,
 (Saudosos dias!) da primeira idade.
 Que resposta hei-de dar-te, meu Filandro?
 A mesma que se dá aos mendicantes,
 Que esmolla pedem pelo Deos Supremo;
 Aos quaes, quando não podem soccorer-se
 Dizemos, que por Deos também perdoem.
 Perdôa, pelo amor do loiro Apollo,
 Perdôa, amigo, agora não há troco,
 Quero dizer, agora não há Versos.
 E quando não, contenta-te com estes,
 Estropeados, máos, sem rima, ou graça,
 Quasi rasteira proza, que te escrevo.
 Há tempos, que a estrada ja não pizo
 Do alcantilado Pindo: da Hypocrene,
 Não fei ja que sabor as agoas tenhaõ.
 Não he perguiça, ingraticidãõ, ou medo
 Quem das Musas me traz taõ retirado.

He respeito , he decencia . Tu bem sabes ,
 Que as Musas sempre amei , amo-as ainda .
 Mas com que cara , dize , hei-de ir busca-las ,
 Rogar-lhes que passeem muito airozas
 Comigo pelas ruas da Cidade ,
 Se as vou expôr ao barbaro desprezo
 De Lapões , Hotentots , ou Samoiedas ?
 Finge tu , qu' eu entrava muito inchado ,
 Com a formosa Clio pelo braço ,
 Na soberba assembléa , augusta casa
 D' algum Milord destes , que a Fama canta ,
 Cujos robustos hombros já curvaraõ
 C' o pezo do barril , fardos , caixotes ,
 E que depois , subindo a largos passos
 Pela entrada do crime , e da avareza
 Poude chegar ao Templo da Fortuna .
 Elle , e a gorda mulher que vendeo fructa
 Presidem nesta sabia Academia ,
 Brilhaõ em roda agaloadas vestes ,
 Rissadas testas de cabeças oucas .
 As lindas filhas do Milord sebento ,
 (Por quem á geração vem mil venturas ,)
 Daõ ao circulo tom : se ellas approvaõ ,
 Approvaõ todos : se ellas desapprovaõ ,
 Todos condemnaõ ; saõ huns infalliveis
 Oraculos do Pai , da Mái , de todos .
 Ora pois , nesta casa taõ notavel ,
 Penfa , que eu entro , com a Musa ao lado ,
 A curiosidade , que em senhoras

He

He dom taõ natural , faz que o rebanho
 Dos rissados , das toucas , e penachos
 Queira saber , que tal estylo , ou graça
 A minha Musa tem , pedem que cante .
 Eu , que de improvisar nada percebo ,
 Puxo pelo caderno , e folhas tantas ,
 Leio huma Ode altisonante , Augusta
 Aos annos de hum Fidalgo , ou d' huma Freira ,
 Declamada n' hum tom de Missionario .
 Alguns , os olhos fixos em mim tendo ,
 Duvidaõ se deliro , ou sou possesso .
 As Madamas , as duas palhetadas ,
 A cochixar começaõ , e entre dentes
 A fallar sobre huns novos chapellinhos ,
 Chefe d' obra de Londres , ou de Italia .
 Bocejaõ humas , e furrin-se outras ,
 Até que eu chego ao fim do meu Poema :
 Páro , muito suado , e escuto attento
 Para ver se ouço hum *bravo* compassivo
 Porém nada de novo : toda a chusma
 Começa a desdenhar , humas com outras
 Da sem fabor Poesia , e dos máos Versos ,
 E lidos por papel , ah ! que miseria !
 „ Ai mana , que differença deste tollo
 (Aquella diz) ao Rimador *Termanio* , *
 „ Q^c

* Termanio . O A. desta Epistola pede enca-

„ Q' huma noite (eu ouvi-o, não lhe minto)
„ Quatro horas fallou em Verso sempre .
„ Que lindas quadras ! pareciaõ mesmo
„ Diçtadas por paixãõ E o meu Josino
„ (A outra lhe interrompe) o mêz passado
„ No dia em que fez annos minha Prima
„ Achou-se lá , e fez tanto Soneto ,
„ Com mottes , e sem mottes, q̃ mais portas
„ Não tem a rua Augusta . Aquillo , mana ,
„ Aquillo he que são Versos . Taõ depressa
„ O motte se lhe dá , como elle lança
„ Subito pela bocca o seu Soneto .
„ Este , semfaboraã ! . . . eu dos seus Versos
„ Nada entendi : vejaõ que bellos Versos !
„ E como he incivil , que vem diante
„ De senhoras dizer Versos escuros ,
„ Que não fallaõ em *settas* , em *saudade* ,
„ Em *pyra* , em *corações* , mais em *Cupido* !
Em

*encarecidamente aos seus Leitores , que não
queiraõ fazer malignas applicações desta , e
das outras pinturas , e caractéres , puramen-
te ideaes , que usou nestes , e nos seguintes
Versos , ainda quando encontrem pessoas ,
que com elle se pareçaõ .*

Em quanto assim o amavel , bello Sexo
 Contra mim se conjura , d' outra parte
 Me julgaõ os Milords da Sociedade ,
 Doutores no famoso Voltarete ,
 No Baston , e no Whist . Hum diz , mofando ,
 Que saõ frouxos meus Versos . Outro exclama ,
 Que disse *Campo raso , e branca cara ,*
Alma minha , e outras mais cacofonias ,
 E que devo por tanto ser levado
 Com baraço , e pregaõ ao pelourinho
 Do sacro Pindo , e alli ser açoitado
 Por taõ horrendos crimes . D' outra parte
 Exclama hum cel'bre velho , que roncára
 Em quanto eu repetia = Meus senhores
 „ Gósto mais dos Romances do bom Chagas ,
 „ Do engraçado Bahia , tempos aureos !
 „ Hoje depois que veio o tal Garcaõ ,
 „ Com seus magicos Versos dar-nos opio ,
 „ Toda a rapaziada o vai seguindo .
 „ Acrofticos não há , não há Romances ,
 „ Já tudo se acabou , mas todavia
 „ As doutas Collecções de *Vigilancio*
 „ Inda lá trazem coizas que se estimem ,
 „ Romances , e Oitavas jocosas ,
 „ E mais Velho q diz , q está fallando ?
 (Lhe diz hum Mathematico profundo ,
 Que junto d'elle estava) tudo isso ,
 „ E tudo isto , e tudo o que saõ Versos
 „ Huma alface não vale , tudo he nada .
 „ Todo

„ Todo o papel em que se não descrevem
 „ Linhas , Circulos , Senos , e Tangentes ,
 „ E as mais figuras da Rainha augusta ,
 „ De todas as Sciencias , Geometria ,
 „ He perdido papel , perdido tempo .
 „ Ah não , de-me licença (o Velho torna)
 „ Rainha das Sciencias só chamar-se
 „ Deve a sagrada augusta Theologia .
 E sobre qual devera ser Rainha
 Armaõ huma questãõ , que não poderaõ
 Desenvolver em mais de vinte mezes .
 Junto ao meu lado estava hum Petimetre ,
 Que tinha lido as Odes de Nisseno ,
 E as sabia de cór ; e mui sezudo
 Me pergunta , porque eu não ufava
 De palavras *antigas , e compostas* ,
 Que sempre davaõ tom de magisterio
 A quem sabia usa-las Meu senhor,
 Eu fallo a lingua , que hoje fallar ouço ,
 E em quanto ás palavrinhas de cadea ,
 Não vejo que as usasse o meu Horacio,
 Malherbe , nem Rosseau , nem usou dellas
 Nosso Mestre Garçaõ , e o sábio Elpino .
 Entrava neste tempo pela sala
 O graõ *Gecabo* , Rimador famoso ,
 Que mil vezes a sabia Padaria
 Nos devotos Oiteiros de Oratorios ,
 De carrafco , de malvas , e de ortigas
 Alegre caroára : que fallava
 Em verso de ouze syllabas , ou oito

Tres horas ; quatro horas : cujos versos
 Eraõ o mimo das Peraltas todas ,
 Por seu extremo ardor , pelos transportes
 Elevados , que sempre respiravaõ.
Gecabo pois , o graõ *Gecabo* novo ,
 E sublime Quixote destas eras ,
 Despotico Sultaõ da Poesia ,
 Que a todos fere , e só a si perdõa ,
 Que para pasto dar ao negro genio
 Da Satyra malvada que o devóra ,
 A começa a empregar naquelles mesmos
 Generosos amigos , que o acolhem :
 Que antes da bocca quer perder hum dente
 Do qu' o fel d'hũ Soneto contra hũ homem :
 Este convulso pois , caustico genio
 Ouvindo que huma Ode eu repetira
 Franzio o beicho , enverrugou a testa ,
 E sabio desta tripode Cumana
 Este cruel Oraculo , ou sentença :
 „ Disse versos o Franco ? pobre moço !
 „ Bom rapaz , bom rapaz ! porém de versos
 „ Nada pesca coitado ! entusiastou-se
 „ Co' a semsabor Tragedia de *Sesostris* ,
 „ (Tragedia, qu' Entremêz chamarei antes)
 „ Q' imprimio mui contente, e quér por força
 „ Matar a gente com seus frouxos versos .
 „ Não haverà huma alma caridosa ,
 „ Quo desabuse este teimoso Vatte ?
 „ Que lhe diga se deixe de Poesia ,
 „ Que deixe os versos, de que nada entende ,
 „ Para

„ Para quem tem hum estro como eu tenho,
„ Ardente , inextinguivel , infinito ,
„ A que nunca já mais se vio o fundo
„ Em oiteiros , e salas de Assembléas ;
„ E que escreva Novenas para os cégos ,
„ Entremezes , e Autos semsabores ;
„ Eu fallo sem paixãõ : porém não soffro ,
„ Q' onde estou mais ninguem repita versos ;
„ Pois eu sei de memoria os que hei já feito ,
„ Os que faço , e até mesmo aquelles versos ,
„ Que hei de escrever daqui a vinte annos .
„ Os meus versos são versos animados
„ Pelo fogo do amor , e do ciume ,
„ Ciume universal que me devora .
„ E mais logo o veraõ . Venha já Motte ,
„ Ou colchêa , ou heroico , o que quizerem ,
„ Franco que toque a sua mã Rabeca ,
„ Que da Rabeca do Delfim parece
„ Ser filha , ou neta , e que os ouvidos quebra
„ Aquelles desgraçados , que o escutaõ . „

Em quanto assim fallava o chá se avista .
Começa o rancho todo a revolver-se ,
Os tafuis a servir as senhoritas ;
Sãoõ só as palavras costumadas ,
De *meu Prazer* , *minha Prizaõ* , *meu Tudo* ,
Meu filho , *minha Mãi* , *minha Ternura* ,
E outros mais parentesco deste lote ,
Que a tolice inventou : sãoõ nos ares

Entre o tinir das chavenas , lustrozas
 Senhorias aos pares , que revôão
 Sobre aquellas cabeças miseraveis ,
 Que morrem pela doce Senhora ,
 Tratamento maldito , que no mundo
 Tem causado mais mal , q̃ a Peste, e a Guerra;
 A Musa , vendo aquelle rebuliço ,
 Puxa-me pelo braço , e me aconselha ,
 Que me vá escoando para a rua
 Sem ruido fazer de despedidas .
 O seu conselho tomo . Saio , e desço
 A's escuras na escada tropeçando ;
 E ella apenas na rua me vê salvo
 Salta comigo , e diz : E's bem pateta !
 „ Não tornes a levar-me a estas orgias ,
 „ Que tu chamas polidas Assembléas .
 „ Quando comigo conversar quizeres
 „ Procura hum verde bosque, hũ manso rio ,
 „ Que solitario corre murmurando
 „ (Talvez destas funções de que sahimos ,)
 „ E alli na margem sua socegada
 „ Cantar ouvindo as aves nos raminhos
 „ Te ensinarei os versos , que ensinava
 „ A Malherbe , a Garçaõ , ao teu Horacio;
 „ Foge do brutal vulgo , vê que Apollo
 „ Te póde castigar severamente ,
 „ Se a sua Arte divina profanáres
 „ Com barbaros Ouvintes , com Madamas ,
 „ Que de amores, e caës sómente entendem;
 Assim me falla , e foge desdenhosa

Cortando o ár co' as azas rutilantes.

Aqui do meu disgosto tens a causa,
E a causa porque versos já não faço.
As Musas temo, temo o sacro Apollo,
Não quero profanar sua candura.
Quando me sóbe ao cerebro esquentado
O Apolineo estro, tómo hum livro
D' algum desses famosos Poetassos,
Que os grandes Genios amaõ, e respeitaõ;
E com elle me enlévo, e me transporto.
Toma o conselho meu, o mesmo faze;
E nos versos mais velhos do Universo,
Nos Poemas de Homero, acharás Arte,
Genio, e Saber, que possaõ recrear-te.

Por Coridon Neptunino

J. F. de A.

(João Francisco d' Ar. Freire Barbosa)

(134)

C A R T A

CONTRA OS INTRUSOS POETAS
DO PRESENTE SECULO.

Ao Sr. Eelchior Manoel Curvo Semmedo Torres de Siqueira , Fidalgo da Casa de Sua Magestade Fidelissima.

Qui nescit tamen Versus audet fingere
Horat. Art. Poet. V. 382.

DE donde vem, Belmiro, essa mania,
De rimar , que grassando geralmente ,
A nossa Profissão nobre injuria ?

Tem sido esta loucura tão vehemente ,
Tão geral , que até oiço a cada passo
Fallar em trova a mais grosseira gente. *

Clas

* *A esta qualidade de trovas dá o Vulgo o nome de Chalassas.*

Clama com sem igual desembaraço
N'hum oiteiro hum pedante = Venha Motte,
Heroico , que eu só Verso , heroico faço.

Eisque parte ; e embuçado no capote ,
Mil narizes de cera revolvendo ,
Lá engendra hum Soneto ; e de que lote !

Hum Verso á redea solta vai correndo ;
Outro hum passo não dá por alejado ,
Com o motte nenhum conexão tendo :

Hum Quarteto com outro mal cazado
Fazem com os Tercetos sem coherencia
De rodilhas hum fujo apontoado.

Falta-me , Amigo, falta-me a paciencia
Vendo palmas bater a hum Motte frio ,
Sem ter de Verso ao menos a apparencia.

Querer atravessar hum largo Rio ,
N'hum Taboa sem leme , vela , e remos ,
Não ha maior loucura , e desvario .

Se hum Edificio levantar queremos ,
Do fundamento sólido esquecidos ,
Hum Edificio vão levantaremos.

Affim , Charlatães cegos , e atrevidos ,
Não deveis de Vate o nome honroso
Do nescio Vulgo aos vivas repetidos.

Não consiste n'hum Verso harmonioso
Da Divina Poesia a Magestade ;
Pede hum continuo estudo, e o mais copioso:
Pede hum Estro, que espalhe a heroicidade,
E a gloria verdadeira pelo mundo
Nas azas da maior sublimidade.

Pede

Pede em fim hũ engenho alto, e profundo,
Que louve tudo o que louvor merece
Em estylo grandi-loquo, e jucundo.

Ah! se hum Charlaraõ destes conhecesse,
Quanto he raro hum Poeta verdadeiro,
Talvez de nós, e de outros s' escondesse!

Se visse as Leis Poeticas primeiro,
Ainda que de passagem, fugiria
Até de apparecer em hum oiteiro.

Mas quaõ pasmosa foi sempre a ouzadia
D' aquelle que ja mais vio o perigo!
Quanto, se o conhecesse, tremeria!

Desengano a estes nescios, cáro amigo,
Cada vez mais, e taõ inutilmente,
Que nunca o desengano seu consigo:

Antes, pelo contrario de repente,
Armados da maior mordacidade,
Vaõ atacar meu nome cruelmente:

Este clama, qu' em mim tudo he vaidade:
Por aquelle os meus Versos saõ notados
De ranço, de máo gosto, e de humildade,

Mas temo tanto aquelles loucos brados,
Como o ladrar dos cães temêo a Lua:
Serão baixos meus Versos, não errados.

Apregoem embora pela rua
Os cegos mil papeis de taes Autores;
Qu' envejar ninguem deve a gloria sua!

Traquem esses vís contractadores;
Que nunca frias trovas, e Entremezes
Os farão dignos de immortaes louvores.

Tão enfadonhas Obras duas vezes
Não lerà , quem houver lido algum dia
Os melhores Poetas Portuguezes.

O Sábio Venuzino bem dizia ,
Que o combatente nescio , e sem destreza
Largar as armas marciaes devia *

Com tudo sem saber , sem natureza ,
Nem sombra de Arte hũ Charlatao èprehende
A mais difficil litteraria empreza ,

Mas de Poeta o nome em vaõ pertende :
Engane embora ao Vulgo com patranhas ;
Que só honra o louvor de quem entende.

Homero merecêo honras tamanhas ,
Porque foubе cantar perfeitamente
Do Valoroso Aquilles as Façanhas.

Com elle foi Platao sempre indulgente,
Bem que do seu Imperio desterrasse
Os mais Poetas , como inutil gente.

Se ao mundo este Filosofo tornasse ,
E de taes nescios , chêos de ousadia
As insipidas trovas escutasse ,

Da Republica logo os lançaria
A pontapés , e ao menos o castigo
De nunca mais fallarem lhes daria.

Mas que coiza ha no mundo , cáro Amigo,
Por má em que não ache utilidade
O Sábio discorrendo bem comfigo.

No

* *Ludere qui nescit , campestribus absti-*
net armis. Horat. Art. Poet. V. 379.

Entre erros tanto , tanta obscuridade ,
Como a Luz mais nas trevas resplandece ,
Nossos Versos terãõ sublimidade.

Que nos faõ favoraveis là parece ;
Pois se cresce o seu cego atrevimento ,
A nossa gloria ainda mais alta cresce.

Mas eu antes quizera deste intento
Tira-los , só por não ver condemnada
A Poesia a hum taõ grande abatimento .

Em Satyras , * em trovas empregada
Quem a vê , clama irado , que já deve
Ser do Paiz das Letras desterrada.

Affim succederà ; pois que se atreve
A rimar hum taõ misero Pedante ,
Que nem de medir Versos lições teve.

Este , além de grosseiro , e de ignorante ,
Aos bons Poetas , que imitar devia ,
Fere com vóz mordáz , e petulante,

Mas quanto a minha penna em vaõ profia
Em querer desterrar inteiramente
Do Lusó Imperio taõ geral mania !

A ti , Belmiro , que és mais eloquente ,
Esta Empresa encarrego , já cançado :
Reprehende, e ensina huma taõ nescia Gente ;
Que talvez ceda ao teu mais doce brado .

Melizeu Cyllenio , Arcad. Lusit.

* Fallo das que tem por objecto pessoas certas com expressa declaração dos seus nomes, a que se chama Libellos infamatorios , prohibidas pelas Leis .

Luiz Correa de Franca Aureol

O I T A V A S

F E I T A S E M O B S E Q U I O
D O N A S C I M E N T O
D O I L L U S T R I S S I M O S E N H O R

D. JOSE' THOMAS DE MENEZES,
FILHO DO ILLUSTRISSIMO , E EXCELLENTIS. SR.
D. RODRIGO JOSE' DE MENEZES ,
Governando a Capitania
de Minas Geraes.

Pelo Dr. Ignacio José de Alvarenga.

I.

B arbaros filhos destas brenhas duras,
Nunca mais recordeis os males vossos ,
Revolvaõ-se no horror das sepulturas
Dos primeiros Avôs os frios ossos ;
Qu' os Heróes das mais altas cataduras
Principiaõ a fer Patricios nossos ,
E o vosso fangue , que esta terra ensopa ,
Jà produz frutos do melhor da Europa .

II.

II.

Bem que venha a semente á terra estranha,
Quando produz , com igual força gera ;
Nem o forte Leão fóra de Hespanha
A fereza nos filho degenera :
O que o Estio n'humas terras ganha ,
Em outras vence a fresca Primavera ,
E a raça dos Heróes da mesma forte
Produz no Sul , o que produz no Norte.

III.

Romulo por ventura foi Romano ?
E Roma a quem devêo tanta grandeza ?
Naõ era o Grande Henrique Lusitano ?
Quem dêo principio a gloria Portugueza ?
Que importa que José Americano
Traga a honra , a virtude , e a fortaleza
De altos , e antigos Troncos Portuguezes ,
Se he Patricio este Ramo dos Menezes.

IV.

Quando algum dia permittir o Fado ,
Que elle o mando Real moderar venha ,
E que o bastaõ do Pai com gloria herdado
Do pulso invicto pendurado tenha ;
Qual esperais que seja o seu agrado ?
Vós exp'rimentareis , como s' empenha
Em louvar estas ferras , estes ares ,
E venerar gostozo os Patrios Lares .

V.

Isto que Europa Barbaria chama
Do feio das dilicias taõ diverso ,
Quaõ differente he para quem ama
Os ternos laços de seu patrio verso !
O Pastor loiro , que o meu peito inflamma ,
Darà novos alentos ao meu Verso ,
Para mostrar do nosso Heróe na bocca ,
Como em grandezas tanto horror se troca.

VI.

Aquellas Serras na apparencia feias
Dirà José , oh ! quanto saõ formosas !
Ellas conservaõ nas occultas veias
A força das Potencias Magestosas :
Tem as ricas entranhas todas cheias
De prata , oiro , e pedras preciosas :
Aquellas brutas , e escavadas serras
Fazem as pazes , daõ calôr as guerras.

VII.

Aquelles matos negros , e fechados ,
Que occupaõ quasi a Regiaõ dos aróes ,
Saõ os que em edificios respeitados
Repartem raios pelos crespos mares :
Os Corintios Palacios levantados ,
Dos ricos Templos Jonicos Altares ,
Saõ obras feitas desses lenhos duros ,
Filhos desses sertões feios , e escuros.

VIII.

A c'roa de oiro , que na testa brilha ,
E o Sceptro que impunha na mão justa
Do augusto José a Heroica Filha
Nossa Rainha Soberana Augusta ;
E Lisboa da Europa maravilha ,
Cuja riqueza todo o mundo affusta ,
Estas terras a fazem respeitada
Barbara terra , mas abençoada.

IX.

Estes homens de varios accidentes
Pardos , e pretos , tintos , e tostados ,
São os escravos duros , e valentes
Aos penosos trabalhos costumados :
Elles mudaõ aos rios as correntes ,
Rasgaõ as ferras , tendo sempre armados
Da pezada alavanca , e duro malho
Os fortes braços feitos ao trabalho.

X.

Por ventura , Senhores , pode tanto
O Grande Heróe , que a antiguidade a clama ?
Porque aterrou a féra de Hirimanto ,
Vencêo a Hydra com o ferro , e chamma !
Ou esse , a quem da tuba Grega o canto
Fez digno de immortal , e eterna fama ?
Ou ainda o Macedonico Guerreiro ,
Que soube subjugar o mundo inteiro !

XI.

Eu fô pondero , que essa força armada
Debaixo de acertados movimentos ,
Foi sempre huma com outra disputada
Com fins correspondentes aos intentos :
Isto que tem co' a força disparada
Contra todo o poder dos Elementos ?
Que bate a forma da terrestre Esfera ,
A pezar d' huma vida a mais austerá.

XII.

Se o justo , e util pode taõ sómente
Ser o acertado fim das acções nossas ;
Quaes s' empregão , dizei , mais dignamente
As forças destes , ou as forças vossas ?
Mandaõ a destruir a humana gente
Terriveis Legiões , Armadas grossas ;
Procurar o metal , que acode a tudo ,
He destes homens o cansado estudo.

XIII.

São dignos de attenção . . . ia dizendo ,
A tempo que chegava o Velho honrado ,
Que o povo reverente vem benzendo
Do Grande Pedro co' o poder sagrado ,
E já o nosso Heróe nos braços tendo
O breve instante , em que ficou calado ;
De amor em ternas lagrymas desfeito
Estas vozes tirou do amante peito .

XIV.

Filho , que assim te chamo , Filho amado ,
Bem que hum Tronco Real teu berço enlaça ;
Porque fostes por mim regenerado
Nas puras fontes da primeira Graça ,
Deves o nascimento ao Pai honrado ,
Mas eu de Christo te alistei na praça ;
E estas mãos por favor de hum Deos Eterno
Te restaurarão do poder do Inferno .

XV.

Amado Filho meu , torna a meus braços ,
Permitta o Ceo , que a governar prosigas ,
Seguindo sempre de teu pai os passos ,
Honrando as suas paternaes fadigas ;
Não recês que encontres embarços ,
Aonde quer que o teu destino figas ,
Que elle pizou por todas estas terras
Matos , Rios , Sertões , Morros , e Serras ;

XVI.

Valeroso , incansavel , diligente ,
No Serviço Real promovêo tudo ,
Jà nos Paizes do Purê valente ,
Jà nos Bosques do bruto Buticudo :
Sentirão todos sua mão prudente
Sempre debaixo de acertado estudo ;
E quantos viraõ seu sereno rosto ,
Lhe obedeceraõ por amor , por gosto

XVII.

Assim confio ; o teu destino seja
Servindo a Patria , e augmentando o Estado
Zelando a honra da Romana Igreja ,
Exemplo illustre de teus Pais herdado.
Permita o Ceo , que felizmente veja ,
Quanto espero de ti desempenhado ;
Assim contente acabarei meus dias ,
Tu honrarás as minhas cinzas frias.

XVIII.

Acabou de fallar o honrado Velho ,
Com lagrymas as vozes misturando ,
Ouvio o nosso Heróe o seu conselho :
Novos projectos sobre os seus formando ,
Propagar as Doutrinas do Evangelho ,
Hir os Patricios seus civilizando ,
Augmentar os Theouros da Reinante ,
São seus disvelos des-de aquelle instante.

XIX.

Feliz Governo , queira o Ceo sagrado ,
Que eu chegue a ver esse ditoso dia ,
Em que nos torne o seculo doirado
Os tempos de Rodrigo , e de Maria ;
Seculo que será sempre lembrado
Nos instantes de gosto , e de alegria ,
Até os tempos , que o destino enferra
De governar José a patria Terra.

F E S T A S

NA REAL QUINTA DE QUELUZ,

DESCRITAS EM HUMA CARTA

DE LERENO SELYNUNTINO

P Ois chega a Moda ao Pindo, eu figo a Mo-
 Defato os Versos das prizões da Rima,
 E soltos correrão mais facilmente
 A appresentar-te as mal lançadas linhas
 Com que eu emprendo o portentoso quadro
 Do sincero prazer, Nacional gloria,
 Com qu' aos fie s ditosos Portuguezes
 A viçosa Queluz brindou tres Dias,

Para aqui, meu Albano, he qu' eu careço
 Do pincel delicado, e finas côres,
 De que te serves quando o esmero d' arte
 Mostras nas tuas naturaes pinturas.
 Mas talvez do rascunho tirar possas
 Coiza qu' a melhor forma reduzida,
 C' os toques magistraes, que dar costumás,
 Do augusto original mais digna seja.

Eu mal desenho os tres formosos Dias ,
Q' o almo Tempo havia preparado
Para offertar ao Principe da Lysia ,
Que o tinha destinado ao prazer Luso.

Vai attento comigo , e pensa hum pouco,
Ao qu' o Principe amavel os destina ;
E verás como he digno do alto Imperio ,
Que lhe dá seu direito , e nosso gosto .

Já do amor do seu Povo persuadido ,
E da gloria , que delle em nós transfunde ;
Bem como o convidamos , nos convida
A festejar a dadiva celeste ,
Q' o Ceo dera á Nação , quando lha dera
C' os Vassallos igual neste interesse ,
Por quanto o bem do Throno he bem do Povo
Quiz co' o Povo fiel congratular-se.

O Mèz , que vio nascer o Grande Augusto ,
E que a gloria da Lysia agora marca ,
Nunca nas margens do famoso Tejo
Apparecêo com dias taó formosos.
E nem Porcio , nem Syrio os perturbárao
Com o usado furor raivofo , e ardente ;
Antes benignas nuvens interpostas
Entre o Sol , e a Terra moderarao
O calor proprio da estação adusta.

Os furiosos ventos recolhidos
A' gruta Eolia livres sós deixaraõ,
Dos brincadores Zefiros as chufmas
Mover as folhas , menear os fructos ,
E beijar brandamente as tenras flores.

Vê, como se enfeitou a linda Aurora ,
Que já vem o primeiro conduzindo;
Eicuta, como as aves a faûdaõ :
Sobre as azas das horas estendida
A ferena manhã lá vem passando :
Em quanto o Genio tutelar dos Lusos ,
Afasta os sonhos , que revôaõ ledos
Entre o Real Joaõ , Real Conforte ,
E em meio dos amores , e das graças
Os chama para a pública alegria.

Entraõ primeiro no sagrado Templo,
Eu os vejo, eu os oiço agradecidos
Curvados ante o Throno honrar humildes
Ao que governa a forte dos Imperios ,
E ajuntar sua vóz aos sacros Hymnos
De Amor, de Gratidaõ , e de Fé pura ,
Q' os Portuguezes ao feu Deos enviaõ :
Oiço o Ministro da Palavra santa ,
Que lhes diz , que nos diz , qual seja o modo
De merecer-mos tanto ao Ceo piedoso ,
Q' ouviu , que despachou as nossas preces.

Há tempo para tudo, diz a lenda ;
Há tempo de rezar, de brincar tempo.
Sempre foi a Eutrapelia huma virtude.

Assim passou esta manhã festiva
Devota, mas devotamente alegre;
Eis já o dia a declinar começa
E o sol do seu Zenith já vai descendo,
A tarde o lindo rosto defronta,
E nos mostra o prazer qu' inda lhe cabe.

Em larga praça ressoar se escutaõ
Os sonoros clarins, marciaes tymbales,
E os outros instrumentos sempre proprios
Para privar da multidaõ o gosto,
Era o signal de que chegava aquelle
De Portugal delicias, e esperança.

Tu Augusto Joaõ, tu mesmo ouviste,
A vóz geral do coração dos Lusos
Por huma, e muitas vezes explicar-se:
Tu viste c' os reais afaveis olhos,
O modêlo qu' o Mundo hoje carece
De fieis servos, de leaes Vassallos.

Perdôa, caro Albano, arrebatei-me,
Cuidei qu' o meu bom Principe me ouvia ?
Por

Por illusão de amor tenho-o presente ,
He mais meu, do que teu , eu provo á pressa:
Do Throno Portuguez he inda herdeiro ,
Mas he Principe ja da Patria minha.

Debuxemos a Praça , ai qu' eu não posso ,
Cahe-me o lapis da mão , eu me confundo ,
Nem posso figurar quanto alli vejo.

Mentiraõ os Poetas , sim mentiraõ ,
Albano , não são tres sómente as graças :
Se ouvesse hum Paris para dar hum pombo
Em premio da belleza, hoje perplexo ,
Muito mais que o do Ida aqui se achara!

Alli estavaõ . . . não , não tas nomeio ,
Que talvez não conheces , colhe os votos,
E a maioral de Bellas (vou contigo ,
E repito o que tu ja propuzeste :)
He mais bella que Venus , e em virtudes
A's que chamaraõ Deofas fei qu' excede.

Eu mal rascunho a multidaõ daquelles
De Illustre nome, e illustre fangue herdeiros,
Netos d' Herôes, q' o Reino , e q' os dominios
A' custa do seu fangue dilataraõ ,
E ao Throno proprio assim restituirãõ.
Os Augustos Avôs de quem o occupa ;
Os que servem na paz , na guerra servem
A Deos , ao Principe , á Naçaõ inteira.

Esteios propios a suster o pezo
Da abobeda fatal da Monarchia,
Propria ao abrigo de hum prudente Povo.

Agora os semi-circulos qu' eu traço
São para desenhar o gyro, e as voltas,
Que vem a dar airofos cavalleiros
No jogo marcial nunca esquecido.
Da Portuguezza ardente mocidade.

Dezasseis airofissimos mancebos
Gyraõ a Praça em voltas concertadas,
Dos soberbos ginetes vaõ medidos
Os passos na gentil escaramuça,
E o freio mastigando não se avançam
Mais do que quer o cavalleiro destre.
A mistura das côres dos veltidos,
E das plumas qu' ondeaõ engraçadas,
Fazem o jogo muito mais vistoso.

Uso antigo he dos nossos o ensaiar-se
Nesta guerra de brinco a fera guerra:
Correm-se airofamente as longas lanças,
Corta afiado ferro as leves canas,
Tomaõ-se nos broqueis as alcancias,
E mostraõ ao seu Principe, brincando,
Q' os tem ja promptos, quando forem veras.

Ficaõ no Campo quatro a quem se lançaõ
Os bravos animaes das meias luas,

Eis

Eis qu' o toiro ferôz solta hum mugido,
 E co' a rachada unha rasga a terra,
 Curva a cabeça, e furioso parte,
 E o destro Cavalleiro esquiva o golpe,
 E de tal arte o ferro agudo encrava,
 Q' a borbotões despeja o sangue, e a vida.

De pé também não falta quem se arroje
 Ao animal raivoso qu' o procura:
 A destreza do pé salva o Capinha,
 E a destra forte mão embebe a espada
 No peito d' outro bruto, que cahe morto

A noite parecia que esperava,
 Que este guerreiro jogo se acabasse,
 Para apagar da luz do dia o resto:
 Já começava a desdobrar seu manto
 Recamado de nitidas Estrellas
 Com qu' ao digno louvor vinha assistir-nos.

Mas que pasmo, ó amigo, o seu seria,
 Vendo que a previnirão mãos humanas,
 E a arte poude em fim desvanecella?

Parecia, qu' o Ceo na terra estava,
 E a clara habitação do Pai das Luzes
 Eu vi no plano de Queluz viçosa:
 As Pilastras de luz, de-luz cornijas
 Plintas, e Capiteis, Bases, e Socos;
 Era fonte de-luz, a que foi d' agua,

Esta-

Estatuas , Pedestaes , Arvores , Flores ,
De huma materia lucida era tudo.

Muito mais m' enganei, quando de hum vôo
Eu vi subir hum Globo além das Nuvens ,
Ao som das ajustadas harmonias :
Então cuidei que de prazer a impulsos
Os Globos das Esferas desatados ,
Soltos vagavaõ pelo Ceo , e terra.

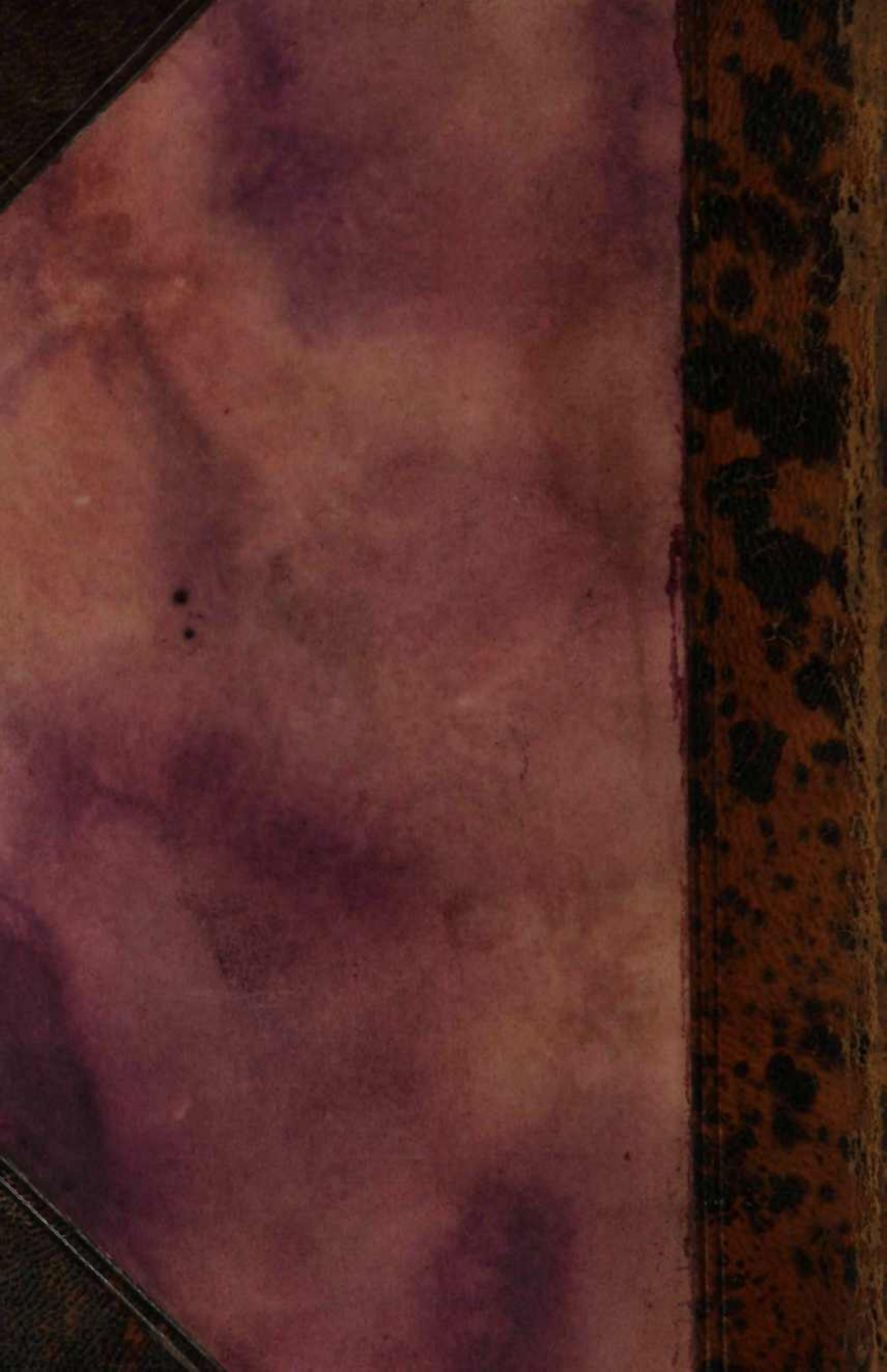
Mas acordei em fim do alegre sonho ,
Quando vi passeando afaveis gratos ,
O Augusto J o a ã co' a Augusta Esposa,
A que os servos fieis as mãos beijavaõ.

Vês essa Nuvem qu' eu desenho a hum lado,
Os estais de gosto ahi confundo ,
Q' inesperada honra fez em todos ,
E demos este dia assim por findo,
Porqu' eu confesso naõ poder com tanto
Temo que a rouca vôz deshonre o Canto.

Ler. Selinunt.

E R R A T A S.

Pag.	Lin.	Erros.	Emendas.
14	3	Delos ?	- Delos !
16	28	nlulem -	- ululem
28	6	aitas -	- átras
42	22	trifulco	- trifulco
46	6	iniquitas	- inquietas
51	1	Frandelio	- Frondelio
ibid.	6	ve - -	- ves
55	1	amores -	- Amores
59	16	fervirme	- firva-me
64	12	Plebo -	- Phebo
71	19	Crande	- Grande
96	25	nella -	- nelle
128	5	Baston -	- Boston
129	29	Caroàra	- Coroara
ibid.	30	ouze -	- onze
131	27	parentesco-	parentescos
132	1	chavenas, lustrozas	chavenas lustro- zas,
138	1	tanto -	- tantos
140	12	a gloria -	- á gloria



BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).